FREEDOM COMES AT A PRICE

LADY SMOKE



LAURA SEBASTIAN

The sequel to the *New York Times* bestseller *Ash Princess*

LIVROS DE LAURA SEBASTIAN
Ash Princess (Princesa das Cinzas)
Lady Smoke
Ember Queen (2020)

This is a work of fiction. Names, characters, places, and incidents either are the product of the author's imagination or are used fictitiously. Any resemblance to actual persons, living or dead, events, or locales is entirely coincidental.
Text copyright © 2019 by Laura Sebastian
Cover art copyright © 2018, 2019 by Billelis
Map illustrations copyright © 2019 by Isaac Stewart
All rights reserved. Published in the United States by Delacorte Press, an imprint of Random House Children's Books, a division of Penguin Random House LLC, New York.
Delacorte Press is a registered trademark and the colophon is a trademark of Penguin Random House LLC.
Visit us on the Web! GetUnderlined.com
Educators and librarians, for a variety of teaching tools, visit us at RHTeachersLibrarians.com
Library of Congress Cataloging-in-Publication Data
Names: Sebastian, Laura, author.
"Title: Lady smoke / Laura Sebastian.
Description: First edition. | New York : Delacorte Press, [2019] | Sequel to: Ash princess. | Summary: "After fleeing Astrea and regaining her freedom, Theo searches for new allies to help her reclaim her throne, although that comes at a steep price. And with her enemies closer than she thinks, Theo's fight to win back Astrea may prove not only impossible, but deadly"—Provided by publisher.
Identifiers: LCCN 2018022932 (print) | LCCN 2018029203 (ebook) | ISBN 978-1-5247-6712-9 (el) | ISBN 978-1-5247-6710-5 (hc) | ISBN 978-1-9848-5191-8 (intl. tr. pbk.)

Subjects: | CYAC: Princesses—Fiction. | Courts and courtiers —Fiction. | Kings, queens, rulers, etc.—Fiction. | Adventure and adventurers—Fiction. | Fantasy.
Classification: LCC PZ7.1.S33693 (ebook) | LCC PZ7.1.S33693 Lad 2019 (print) | DDC [Fic]—dc23
Ebook ISBN 9781524767129
Random House Children's Books supports the First Amendment and celebrates the right to read.
v5.4 ep

PRÓLOGO

Minha mãe uma vez me disse que o único jeito de Astrea sobreviver era através da paz. Nós não precisávamos de grandes exércitos, ela dizia, não precisamos forçar nossas crianças a se tornarem soldados. Nós não íamos a guerra como outros países, em um esforço para pegar mais do que precisávamos. Astrea era o suficiente, ela disse.

Ela nunca imaginou que a guerra era quem viria até nós, desejada ou não. Ela viveria apenas tempo suficiente para ver quão medíocre a paz parecia contra as lâminas de aço forjadas na ganância selvagem dos Kalovaxianos.

Minha mãe era a Rainha da Paz, mas eu sei muito bem que paz não é suficiente.

SOZINHA

Antes que eu possa entender o significado das palavras dela, a iluminação muda, o sol fica cada vez mais forte até que ela esteja totalmente iluminada, cada centímetro dela. Seu pescoço lascado e queimado, queimado de preto pelo Encatrio que eu a servi, cabelos brancos e quebradiços, seus lábios cinzentos como a coroa ersatz que eu costumava usar.

O medo e a culpa me dominam quando as peças se encaixam. Eu me lembro do que fiz a ela; Eu me lembro do porquê fiz; Eu me lembro do rosto dela do outro lado das barras da minha cela, cheio de raiva quando ela me disse que iria torcer pela minha morte. Eu me lembro que as barras estavam escaldando quentes onde que ela as tocou.

Eu tento puxar minha mão, mas ela segura com força, seu sorriso de princesa de contos de fadas se transformando em presas com cinzas e sangue. A pele dela queima contra a minha, mais quente que a de Blaise. É o próprio fogo contra minha pele, eu tento gritar, mas nenhum som sai. Paro de sentir minha mão por completo e fico aliviada por um segundo antes de olhar para baixo e ver que ela se transformou em cinzas, desintegrada em pó pelas garras de Cress. O fogo sobe pelo meu braço e desce pelo outro, espalhando-se pelo meu peito, meu tronco, minhas pernas e meus pés. Minha cabeça fica por último e a última coisa que vejo é Cress com seu sorriso de monstro.

— Isso. Não é melhor assim? Agora ninguém confundirá você com uma rainha.

—

Minha pele está encharcada quando acordo, os lençóis de algodão estão emaranhados em volta das minhas pernas e úmidos de suor. Meu estômago revira, ameaçando vômito, embora não tenha certeza de que comi algo para vomitar, fora algumas crostas de pão na noite passada. Sento-me na cama, colocando a mão no estômago para firmar e piscando para ajudar meus olhos a se adaptarem à escuridão.

Levo um momento para perceber que não estou na minha cama, nem no meu quarto, nem no palácio. O espaço é menor, a cama é pouco maior que um berço, com um colchão fino, lençóis surrados e uma colcha. Meu estômago gira, rolando de um jeito que me deixa enjoada, antes que eu perceba que não é meu estômago - quarto em si está balançando de um lado para o outro. Meu estômago está apenas repetindo o movimento.

Os eventos dos últimos dois dias voltam para mim. A masmorra, o julgamento do Kaiser, Elpis morrendo aos meus pés. Me lembro de Søren me resgatando apenas para ser preso. Tão rapidamente quanto esse pensamento me vem, eu o empurro para longe. Há muitas coisas das quais tenho que me sentir culpado - tomar Søren como refém não pode ser uma delas.

Estou em *Smoke*, lembro, indo em direção às ruínas de Anglamar para começar a recuperar Astrea. Estou na minha cabine, segura e sozinha, enquanto Søren está acorrentado na prisão.

Fecho os olhos e deixo a cabeça cair nas mãos, mas no mesmo instante, o rosto de Cress me vem à mente, as bochechas e covinhas rosadas e olhos arregalados e cinzentos, assim como ela me olhou quando a conheci.

Meu coração se aperta em meu peito com o pensamento da garota que ela era, a garota que *eu* era, a garota que a agarrou porque ela era minha única salvação no pesadelo que era a minha vida. Rapidamente, a imagem de Cress é substituída por ela em como eu a vi pela última vez, com ódio em seus frios olhos cinzentos e a pele de sua garganta carbonizada e descamada. Ela não deveria ter sobrevivido ao veneno. Se eu não a tivesse visto com meus próprios olhos, não acreditaria. Parte de mim está aliviada por isso, embora a outra parte nunca esqueça como ela olhou para mim quando prometeu arrasar Astrea, como ela disse que iria pedir para o Kaiser para ficar com minha cabeça depois que ele me executasse.

Eu caio de costas, batendo no travesseiro fino com um baque. Meu corpo inteiro dói de exaustão, mas minha mente está a mil e não mostra sinais de que irá se acalmar. Ainda, eu fecho os meus olhos e tento banir todos os pensamentos sobre Cress, embora ela insista em permanecer, sua presença como um fantasma.

O quarto é muito silencioso - tão silencioso que parece ter um som próprio. Eu o ouço na ausência das respirações das minhas Sombras, seus movimentos cuidadosos enquanto eles se remexem, seus sussurros um para o outro. É um tipo ensurdecedor de silêncio. Viro para um lado e depois para o outro. Eu tremo e aperto a colcha com mais força; Sinto o fogo do toque de Cress novamente e chuto a colcha completamente, para que ela caia no chão.

O sono não está vindo. Saio da cama e encontro a grossa capa de lã que Dragonsbane deixou na minha cabine. Eu visto sobre a camisola. Pântano, pendurado nos tornozelos, aconchegante e sem forma. O material está desgastado e foi remendado tantas vezes que duvido que ainda exista algo da

capa original, eu ainda prefiro usar isso aos tecidos finos que o Kaiser me obrigava a usar.

Como sempre, pensar no Kaiser faz a chama de fúria na minha barriga queimar mais forte, até que queima através de mim, transformando meu sangue em lava. É um sentimento que me assusta, mesmo que eu goste. Blaise me prometeu que eu acenderia o fogo que transformaria o corpo do Kaiser em cinzas e não acho que esse sentimento diminuirá até que aconteça.

SALVA

Os corredores do *Smoke* estão desertos e quietos, sem sinal e uma alma sequer. O único som é o leve ruído de passos no alto e o barulho calmo das ondas batendo contra o casco. Viro em um corredor, depois outro, procurando um caminho até o convés antes de perceber que irremediavelmente perdida. Embora eu tenha pensado ter uma idéia decente do layout do navio durante o tour de Dragonsbane no início da noite, parece um lugar totalmente diferente agora. Olho por cima do ombro, esperando ver um lampejo de uma das minhas sombras antes de perceber que elas não estão lá. Ninguém está.

Por dez anos a presença de outras pessoas foi um peso constante que me sufocava. Eu ansiava pelo dia em que finalmente poderia ficar sozinha. Agora, porém, há uma parte de mim que sente falta da presença constante. Eles, pelo menos, me impediria de me perder.

Finalmente, depois de mais algumas voltas, encontro uma escada íngreme subindo para o convés. Os degraus são frágeis e altos e eu subo devagar, aterrorizada de que alguém vá ouvir e vir atrás de mim. Preciso me lembrar de que não tenho que me esgueirar para lugar nenhum. Estou livre para passear como quiser.

Abro a porta e o ar do mar bate no meu rosto, soprando meu cabelo em todas as direções. Eu o seguro com uma mão para mantê-lo fora dos meus olhos e puxo minha capa mais forte ao meu redor com a outra. Não percebo como o ar é abafado embaixo do convés até que o ar fresco esteja nos meus pulmões.

Aqui em cima, há alguns membros da tripulação trabalhando, uma tripulação esquelética para garantir que *Smoke* não saia do curso ou afunde no meio da noite, mas eles são muito turvos e focados em suas tarefas para olhar para mim enquanto passo.

A noite está fria, especialmente com o vento tão cruel quanto a água. Cruzo os braços sobre o peito enquanto caminho até a proa do navio.

Eu ainda posso estar me acostumando a ficar sozinha, mas acho que nunca vou me cansar disso: o céu aberto ao meu redor. Sem paredes, sem restrições. Apenas ar, mar e estrelas. O céu acima está transbordando estrelas, tantas que é difícil escolher uma em particular. Artemisia me disse que os navegadores usam as estrelas para guiar o navio, eu não faço ideia de como isso é possível. São muitas delas para fazer algum sentido.

A proa do navio não está tão vazia quanto eu esperava. Há uma figura solitária em pé no parapeito, ombros curvados enquanto ele olha o oceano abaixo. Mesmo antes de estar perto o suficiente para distinguir qualquer um dos traços dele, sei que é Blaise. Ele é a única pessoa que conheci que pode relaxar com uma energia tão frenética sobre ele.

O alívio surge através de mim e eu acelero meu passo em sua direção.

— Blaise.— eu digo, tocando seu braço. O calor de sua pele e vê-lo acordado a essa hora puxam minha mente, puxando-a em varias direções, mas eu me recuso a deixá-la tomar tais direções. Agora não. Agora, só preciso do meu mais velho amigo.

Ele se vira para mim, surpreso e depois sorri, de forma mais tentadora do que eu estou acostumada.

Não nos falamos desde que chegamos a bordo, no início da tarde e, sinceramente, uma parte de mim teme isso. Ele deve saber que eu troquei nossas xícaras na viagem para cá, dando a ele o chá que ele havia amarrado com um sonífero para mim. Ele deve saber por que eu fiz isso. Essa não é uma conversa que eu quero ter agora.

— Não conseguiu dormir? — Ele me pergunta, olhando em volta antes de olhar para mim. Ele abre a boca, mas a fecha novamente. Ele limpa a garganta. — Pode ser difícil se acostumar a dormir em um navio. Com o balanço e o som das ondas...

— Não é isso —, eu digo. Quero contar a ele sobre meu pesadelo, mas já posso imaginar sua resposta. "Foi apenas um sonho," ele dirá. "Não era real. Cress não está aqui e ela não pode machucá-la."

Por mais que seja verdade, não consigo acreditar. Além do mais, não quero que Blaise saiba como Cress permanece em meus pensamentos, como me sinto culpada pelo que fiz a ela. Na mente de Blaise, é claro: Cress é inimiga. Ele não entenderia minha culpa e certamente não entenderia o desejo que se enraizou na boca do meu estômago. Ele não entenderia o quanto eu sinto falta dela, mesmo agora.

— Eu não contei sobre Dragonsbane —, ele diz depois de um momento, incapaz de olhar para mim. — Eu deveria ter te avisado. Não deve ter sido uma surpresa agradável encontrar uma estranha com o rosto da sua mãe.

Eu me inclino no parapeito ao lado dele, nós dois olhando as ondas baterem no casco do navio.

— Você provavelmente teria me dito se eu não tivesse trocado nossas xícaras — aponto.

Por um momento, ele não diz nada, e o único som vem do mar. — Por que? — Ele pergunta calmamente, como se não tivesse certeza de que quer saber a resposta.

Não tenho certeza se quero responde-lo, mas há uma parte de mim que tem a esperança de que ele ria disso e me diga que estou errada.

Eu respiro fundo. — Antes de deixarmos Astrea, quando Erik estava me dizendo o que eram os berserkers, ele mencionou os sintomas — digo lentamente.

Ao meu lado, Blaise endurece, mas ele não olha para mim e não me interrompe, então eu continuo.

— Ele disse que à medida que a loucura das minas piora, a pele fica quente e eles começam a perder o controle de seus dons. Ele disse que eles não dormem.

Blaise deixa escapar uma respiração estremecida. — Não é tão simples assim—, diz ele calmamente.

Balanço a cabeça para limpar a mente, depois me desencosto da grade, cruzando os braços sobre o peito. — Você é abençoado —, digo a ele. — É como sobreviveu à mina, como sobreviveu desde que partiu. Você não pode ser... — Não posso me forçar a dizer as palavras. Louco. É apenas uma palavra, duas sílabas, cada uma inócua por si só. Juntos, porém, eles são muito maiores.

Eu quero tanto que ele me diga que estou certa, que é claro que não é a loucura das minas, é claro que não é fatal. Em vez disso, ele não diz nada. Ele permanece parado, curvado sobre a grade nos cotovelos, as mãos apertadas firmemente na frente dele.

— Eu não sei, Theo —, diz ele finalmente. — Eu não acho que estou... doente.— diz ele, incapaz de expressar “louco” também. — Mas também nunca me senti realmente abençoado.

A confissão sai em um sussurro, perdido no ar da noite, para nunca mais ser mencionado. Será que é a primeira vez que ele pronuncia essas palavras em voz alta?

Toco seu ombro, forçando-o a me encarar antes de colocar minha mão em seu peito, onde sei que ele tem uma marca, bem acima de seu coração. — Eu vi o que você pode fazer, Blaise. — digo a ele. — Glaidi te abençoou, eu sei disso. Talvez o seu poder seja diferente dos outros guardiões, mas não é... não é aquilo. É algo mais. Tem de ser.

Por um segundo, ele parece querer discutir, mas depois coloca a mão sobre a minha e a segura lá. Eu tento ignorar o quão quente é a pele dele.

— Por que você não conseguiu dormir? — Ele me pergunta finalmente.

Não posso contar a ele sobre meu pesadelo, mas também não posso mentir para ele. Me contento com algo no meio, uma meia verdade.

— Não consigo dormir sozinha.— digo a ele, como se fosse tão simples assim. Nós dois sabemos que não é.

Espero que o julgamento chegue, que ele me diga o quão ridículo isso é, que não devo sentir falta de ter as Sombras para assistir todos os meus movimentos. Mas é claro que ele não diz nada disso. Ele sabe que não é isso que estou dizendo.

— Vou dormir com você.— diz ele e um segundo depois percebe o que disse. Está escuro demais para ter certeza, mas acho que as orelhas dele ficaram vermelhas. — Quero dizer... bem, você sabe o que eu quero dizer. Eu posso ficar lá, se isso a ajudar.

Eu sorrio levemente. — Isso vai ajudar.— eu digo, e porque não consigo resistir, não paro por aí. — Eu dormiria ainda melhor se você tentasse dormir também.—

— Theo... — ele diz com um suspiro.

— Eu sei, — eu digo. — Não é tão simples assim. Eu só queria que fosse.

—

Enquanto Blaise e eu caminhamos para minha cabine, sinto os olhos da tripulação em nós. Eu posso imaginar o que isso parece para eles, nós dois juntos a essa hora. De manhã, todos estarão sussurrando que Blaise e eu somos amantes. Eu preferiria que as pessoas não cochichassem sobre mim, mas se esse boato eclipsar aqueles sobre Søren e eu, eu não me importarei.

Um caso com Blaise é um boato muito melhor, porque é o que a equipe apóia de todo coração, se por nenhuma outra razão a não ser por ele ser Astreano. E quanto mais apoio tripulação, melhor. Eu não consigo deixar de lembrar o quão desdenhosa Dragonsbane parecia quando cheguei, como ela falou comigo, como se eu fosse uma criança perdida em vez de uma rainha. A rainha dela. Eu me pergunto se isso vai piorar.

Eu me forço a parar essa linha de pensamento. Quando me tornei tão conivente? Eu tenho sentimentos por Blaise e sei que ele os tem por mim também, mas eu nem pensei nisso. Fui direto para a conspiração, direto para como ele poderia ser usado para a minha vantagem política. Quando me tornei esse tipo de pessoa?

Estou pensando como o Kaiser. A realização envia um calafrio através de mim.

Blaise sente isso. — Você está bem? — Ele pergunta quando eu abro a porta da minha cabine e o conduzo para dentro.

Viro-me para olhá-lo e empurro a voz do Kaiser para fora da minha mente. Não penso em quem nos viu entrar, no que eles dirão ou em como posso trabalhar isso em meu proveito. Não penso no que conversamos há alguns momentos atrás. Eu só penso em nós, sozinhos em uma sala juntos. — Obrigado por ficar comigo.— digo em vez de responder a pergunta dele. Ele sorri brevemente antes de desviar o olhar. — É você quem está me fazendo um favor. Estou dividindo uma cabine com Heron, e ele ronca alto o suficiente para balançar o navio todo. Eu ri. — Vou deitar no chão enquanto você dorme.— diz ele.

— Não.— eu digo, surpreendendo a mim mesma.

Seus olhos se arregalam um pouco quando ele olha para mim. Parece que vamos ficar aqui em um silêncio estranho e congelado por eras, então eu o quebro. Dou um passo em sua direção e o pego pela mão.

— Theo.— diz ele, mas eu pressiono um dedo nos lábios dele antes que ele possa estragar isso com mais avisos que não quero ouvir.

— Só... me abraça?— Eu peço.

Ele suspira e eu sei que ele vai dizer não, que ele deve manter distância porque eu não sou mais só sua amiga de infância. Eu sou a rainha dele, e isso faz tudo muito mais complicado. Então eu faço uma jogada baixa, uma que eu sei que ele não vai negar.

— Vou me sentir mais segura, Blaise. Por favor.

Seus olhos suavizam e eu sei que venci. Sem uma palavra, deixei minha mão cair dos lábios dele e o puxei comigo para a cama. Nós nos encaixamos perfeitamente, seu corpo enrolado em volta do meu, seus braços em volta de mim. Mesmo aqui no mar, ele cheira a fogo de lareira e especiarias - como em casa. Sua pele está escaldante, mas tento não

pensar nisso. Em vez disso, sinto o batimento cardíaco dele vibrando através de mim, entrando em um ritmo com o meu, e deixei que eu acalmasse até o sono.

FAMÍLIA

Quando eu acordo, Blaise já se foi e o quarto está muito frio sem ele. Há uma nota no travesseiro ao lado da minha cabeça.

Tive um serviço de limpeza esta manhã. Verei você hoje a noite.

Seu, Blaise

Seu. A palavra fica comigo enquanto tento transformar meu cabelo frizado em algo apresentável e ajustar minhas roupas amarrotadas. Em outra vida, eu provavelmente flutuaria sobre uma palavra como essa, mas agora isso me desconcerta. Demoro um momento para descobrir por que: é a mesma maneira que Søren assinava suas cartas para mim.

Eu tento não pensar muito em Søren. Ele está vivo e seguro e é tudo o que posso fazer por ele agora. É mais do que ele merece depois do que fez em Vecturia, depois que suas mãos ficaram ensopadas em sangue para jamais ficarem limpas novamente. *E quanto as suas mãos?* uma voz sussurra em minha mente. Cress.

Eu calço as botas que Dragonsbane me deu. Elas são muito grandes e fazem muito enquanto eu ando, mas não posso reclamar, especialmente considerando que, ao contrário de Blaise, não tenho tarefas a bordo. Ontem, durante a apresentação de Dragonsbane, ela explicou que todos a bordo têm algumas tarefas diárias designadas para ganhar seu sustento. Heron tem um turno diário nas cozinhas e Artemisia terá que cuidar das velas algumas horas por dia. Até as crianças realizam pequenas tarefas, como despejar água nas refeições ou trazer e levar recados para

Dragonsbane. Eu perguntei a Dragonsbane o que eu poderia fazer mas ela apenas sorriu e me deu um aperto de mão condescendente.

— Você é nossa princesa, é tudo o que precisa fazer.

Eu sou sua rainha, eu queria dizer, mas as palavras não saiam da minha boca.

Quando saio para o convés, o sol está surpreendentemente alto no céu, tão brilhante que é ofuscante. Quanto tempo dormi? Deve estar perto do meio dia e o navio está cheio de atividades. Procuro um rosto que conheço no convés lotado, mas tudo o que encontro é um mar de estranhos.

— Majestade.— diz um homem com um arco enquanto passa correndo, carregando um balde de água. Abro a boca para responder, mas antes que eu possa, uma mulher faz uma reverência e segue seu caminho.

Depois de um tempo, percebo que é melhor apenas sorrir e acenar em resposta. Atravesso o convés, acenando com a cabeça, sorrindo e procurando alguém que conheço, mas assim que encontro um par de olhos familiar, gostaria de não ter procurado tanto.

A mãe de Elpis, Nadine, está de pé embaixo da vela grande, esfregando a mão enquanto lava o convés, embora ela esteja congelada agora, o esfregão suspenso e pingando água cinza. Seus olhos estão presos nos meus, mas seu rosto continua em branco. Ela se parece tanto com a filha que fiquei surpresa na primeira vez que a conheci - o mesmo rosto redondo e olhos escuros e profundos.

Quando contei a ela sobre Elpis na noite passada após a apresentação de Dragonsbane, ela disse todas as coisas certas, mesmo com lágrimas. Ela me agradeceu por tentar salvar sua filha, por ser amiga dela, por prometer vingança

contra o Kaiser, mas as palavras pareciam vazias e eu preferia que ela se rebelasse contra mim e me acusasse de matar Elpis. Acho que seria um alívio ouvir alguém dar voz aos meus próprios pensamentos de culpa.

Ela tira os olhos de mim e se concentra em esfregar novamente, esfregando com força o convés, como se ela quisesse fazer um buraco nele.

— Theo —, diz uma voz atrás de mim, e estou tão agradecida pela distração que levo um momento para perceber que é Artemisia me chamando.

Ela está encostada na balaustrada do navio em uma roupa parecida com minha - calças marrons finas e camisa de algodão branca - embora a dela pareça melhor, como se fosse algo que ela usasse por opção e não porque não há outras opções. Seu corpo está de frente para a água, com os braços estendidos, embora ela olhe para mim.

Seus cabelos caem em volta dos ombros em ondas brancas e desarrumadas que se transformam em pontas brilhantes de cerúleo. O alfinete de Pedra da Água que roubei de Crescentia está embutido no cabelo dela, e as pedras azuis brilham à luz do sol. Sei que ela é autoconsciente sobre o cabelo e tento não encará-lo, mas é difícil. No seu quadril está uma adaga embainhada com um punho de filigrana de ouro. No começo, acho que pode ser meu, mas não pode ser. Vi o meu momentos atrás no meu quarto, escondido debaixo do meu travesseiro.

Levo um momento para perceber o que ela está fazendo. A jóia da água no cabelo não está brilhando à luz do sol - está realmente brilhando. Porque ela está a usando. Quando olho para os dedos dela quase vejo a mágica fluindo deles, tão fina quanto a névoa do oceano.

— O que você está fazendo? — Pergunto a ela quando me aproximo cautelosamente. Eu gosto de pensar que não tenho medo da Artemísia, mas seria tola por não ter. Ela é uma criatura assustadora, mesmo sem sua mágica.

Ela me dá um sorriso travesso e revira os olhos. — Minha mãe acha que deveríamos ir mais rápido, caso os Kalovaxianos estejam seguindo — diz ela.

— Então ela pediu sua ajuda?

Com isso, Artemisia ri. — Oh não, minha mãe nunca pediria ajuda a ninguém, nem mesmo a mim.— diz ela. — Não, ela ordenou.

Eu me inclino contra a grade ao lado dela. — Eu achava que você não recebia de ninguém — digo.

Ela não responde a isso, apenas encolhe os ombros.

Olho para a grande extensão azul, que se estende mais longe do que posso ver. Consigo distinguir os outros navios da frota de Dragonsbane que seguem o curso de Smoke.

— O que exatamente você está fazendo? — eu pergunto.

— Virando as marés a nosso favor —, diz ela. — Assim elas vão conosco, não contra nós.

— Esse é um uso considerável do poder. Tem certeza de que pode lidar com isso sozinha?

Não queria ofende-la com a pergunta, mas Artemisia se irrita. — Não é tão difícil quanto parece. Estou empurrando um corpo de água natural, de qualquer maneira, apenas mudando de direção. Literalmente, virando a maré, por assim dizer. E não é como se eu estivesse mudando todo o mar de Calodean - apenas uma pequena parte em volta da nossa frota.

— Eu confio no seu julgamento —, digo a ela. O silêncio cai e eu a observo trabalhar, suas mãos girando

graciosamente no ar diante de nós, a fina névoa de magia escorrendo de seus dedos.

Lembro-me de repente que ela é minha prima, embora pense que esse pensamento não se tornará menos ridículo um dia. Somos tão diferentes quanto duas pessoas podem ser, mas nossas mães eram irmãs. Gêmeas.

A primeira vez que a vi, ela mudou o cabelo do azul e branco que marca o dom da água, para um marrom profundo, tingido de ver melho, como o meu. Eu pensei que ela estava zombando de mim ou tentando me deixar desconfortável, mas essa deve ter sido a cor do cabelo dela antes de ser marcada, a mesma da mãe dela, da minha mãe e da minha. Ela provavelmente sempre soube que éramos primas, mas nunca disse uma palavra.

O mesmo sangue corre nas nossas veias, eu penso, *e que sangue.*

— Você já acha estranho que descendamos do deus do fogo, mas você foi escolhida pela deusa da água? — Pergunto a ela depois de um momento.

Ela olha de soslaio para mim. — Não particularmente —, diz ela. — Eu não sou muito espiritual, você sabe disso. Talvez descendamos de Houzzah, ou talvez seja apenas um mito para reforçar a reivindicação de nossa família ao trono. De qualquer maneira, não acho que a mágica tenha algo a ver com sangue. Heron diz que Suta me viu em seu templo, que de todos os que estavam lá, ela me escolheu e me abençoou com esse presente, mas também não sei se gosto dessa resposta.

— E de que resposta você gosta?

Ela não responde, concentrando-se no mar à sua frente, movendo as mãos pelo ar com a graça de uma dançarina.

— Por que você está tão curiosa sobre o meu dom? — Ela pergunta.

É a minha vez de dar de ombros. — Nenhuma razão em particular. Eu imagino que a maioria das pessoas ficariam curiosas.

— Não, na verdade não — diz ela, franzindo a testa enquanto aperta as mãos repentinamente para a esquerda e depois de novo na frente dela. — As pessoas sempre me dizem como eu sou abençoada. Às vezes eles dizem isso enquanto passam os dedos pelos meus cabelos - eu odeio isso. De qualquer maneira, ninguém nunca me faz perguntas sobre isso. Isso daria muito trabalho para falar, porque eu teria de falar sobre a mina, e eles não querem ouvir sobre isso. Melhor que eles pensam nisso como algo místico que existe além do domínio de sua curiosidade.

— Não achei que você ficaria surpresa ao descobrir que existem poucas coisas além do domínio da minha curiosidade — digo levemente, embora as palavras dela ainda me atormentem.

Se Artemisia percebe meu desconforto, ela o ignora. — Você dormiu muito tarde —, diz ela. Há uma farpa lá em algum lugar, mas não incomodam quanto as farpas que ela lança normalmente. Foi o mesmo ontem, depois que entramos no Smoke - ela murmurou e se remexeu, e eu nunca vi Artemísia fazer qualquer uma dessas coisas. Não há nenhuma mordida ou sarcasmo que eu não estou acostumada com ela. Na sombra de sua mãe, ela se tornou menos de si mesma. — Eu não quis dormir demais. Fiquei acordado a maior parte da noite...

— Blaise disse que você não estava se sentindo bem —, ela interrompe, mas o olhar presunçoso que ela me dá diz

que acha que é um eufemismo para algo completamente diferente. Os rumores já devem ter começado a se espalhar.

Minhas bochechas queimam. — Estou bem—, digo a ela antes de procurar uma maneira de mudar de assunto. Depois de um momento, aceno em direção à adaga embainhada em seu quadril. — Para que é isso?

Ela abaixa as mãos e o fluxo de magia cessa. Ela toca o punho casualmente, da mesma maneira que vi mulheres na corte mexendo com suas jóias. — Eu queria tentar praticar depois do meu turno —, ela admite. — Não tive muitas oportunidades de usá-la depois de remover suas sombras, então estou enferrujada.

— *Você* os matou?—, Pergunto.

Ela bufa. — Quem você acha que foi? Heron diz que é contra o seu dom causar danos, e Blaise não gosta de sujar as mãos, a menos que seja necessário. Ele provavelmente teria feito se eu pedisse, mas... — ela se interrompe.

— Mas você gosta de fazer isso —, termino.

Seus olhos brilham e seu sorriso é sombrio. — É bom— diz ela. — Tomar algo de volta.

Ela abre a boca e eu me preparo para um comentário afiada sobre como eu não pude matar Søren quando tive chance, mas não é o que ela diz. — Eu posso ensinar você — ela diz, me surpreendendo — Como usar uma adaga, quero dizer.

Eu olho para a arma no quadril dela e tentei me imaginar empunhando-a, não como fiz no túnel com Søren, com mãos trêmulas e uma dúvida paralisante, mas como alguém que sabe o que está fazendo. Lembro-me da respiração do Kaiser no meu pescoço, sua mão segurando meu quadril, subindo minha coxa. Eu me senti impotente naqueles momentos e

nunca mais quero me sentir assim novamente. Afasto o pensamento. Eu não sou uma assassina.

— Depois de Ampelio ... acho que não tenho..—, digo finalmente a ela, desejando que não fosse o caso.

— Acho que você ficaria surpreso com o que tem em você —, diz Artemisia.

Antes que eu possa responder, somos interrompidos pelo barulho de botas que se aproximando no convés de madeira, o som mais forte e mais cortante do que o passo de qualquer outra pessoa. Art deve reconhecer a marcha, porque ela quase parece se encolher antes de se voltar para ela.

— Mãe — ela diz, a mão no punho da adaga novamente. Um hábito nervoso, eu percebo, embora ontem eu tivesse rido da idéia de alguém que deixasse Artemisia nervosa.

Preparando-me, eu me viro para encará-la também. — Dragonsbane.—, eu digo.

Ela para alta e equilibrada, ocupando mais espaço do que parece, devido ao seu tamanho. Ela veste a mesma roupa que o resto da tripulação, além dos sapatos. Em vez das botas de trabalho enormes, ela usa botas até o joelho com um salto grosso. Eu me perguntei, a princípio, como elas seriam práticas em um navio, mas ela nunca tropeça, e elas lhe dão alguns centímetros extras de altura, que eu imagino fazê-la parecer mais imponente diante sua tripulação.

Quando seus olhos encontram os meus, ela sorri, mas não é o mesmo sorriso que minha mãe costumava me dar. Em vez disso, ela me olha da maneira que Cress olhava para um poema que estava tendo problemas para traduzir.

— Eu fico feliz de ver vocês duas se dando bem— Ela diz mas não parece feliz de verdade. Ela soa quase enojada, o que eu acho que é como ela sempre parece.

— Claro — eu digo, tentando sorrir. — Artemisia foi inestimável para me tirar do palácio e matando o Theyn. Não teríamos sido capazes de fazer nada sem ela. — Ao meu lado, Art não fala. Ela olha para as tábuas de madeira sob as botas de sua mãe.

— Sim, ela é muito especial. Ela é a única filha que me restou, por isso é particularmente valiosa para mim.

Há algo em seu tom que faz Art se encolher. Ela tinha um irmão. Ela me disse que ele estava com ela na mina, que ele ficou louco e foi morto por um guarda que ela matou mais tarde. Antes que eu possa pensar muito sobre a energia entre elas, Dragonsbane vira sua atenção para mim.

— Nós temos planos para fazer Theo, vamos conversar na minha cabine.

Antes que eu possa dizer alguma coisa Art responde por mim.— *Sua Majestade!*— diz baixo, embora ela ainda não olhe para a mãe.

— Hmm? — Dragonsbane diz, mas a julgar pela maneira como seus ombros ficaram tensos, ela ouviu perfeitamente.

Artemisia finalmente olha para a mãe. — Você deve chamá-la de 'Sua Majestade', especialmente em lugares que os outros possam ouvi-la.

O sorriso de Dragonsbane em resposta é extremamente tenso. — Claro, você está certa—, diz ela, embora as palavras pareçam forçadas. Ela se vira para mim e se inclina superficialmente.

— Majestade, sua presença é solicitada na minha humilde cabine. Assim é melhor, Artemisia? — Ela pergunta.

Artemisia não responde. Suas bochechas estão vermelhas e seu olhar cai novamente.

— Está tudo bem—, digo a ela, desviando a atenção de Dragonsbane antes que ela reduza a filha a um montinho de poeira.

Dragonsbane franze a testa para mim, depois olha de novo para Artemisia. — E eu lhe designei para cuidar das marés até o meio dia. Você tem mais uma hora, se achar que pode fazer isso.

O desafio em sua voz é claro e Art aperta a mandíbula. — Claro, capitã—, diz ela, levantando as mãos em direção ao mar mais uma vez.

Sem outra palavra, Dragonsbane se vira e faz um gesto para que eu a siga. Eu olho nos olhos de Artemisia e tento dar a ela um sorriso tranquilizador, mas acho que não percebe. Pela primeira vez desde que a conheci, ela parece perdida.

CONFRONTO

Assim que entramos na cabine de Dragonsbane, eu percebo que gostaria que Art tivesse vindo comigo. É um desejo egoísta, ela estava claramente ansiosa para sair da presença da mãe, mas desejo mesmo assim. Os dois homens que esperam lá são completamente devotos a Dragonsbane, e parece que eu entrei em uma armadilha. Não é o que eu sentia ao redor do Kaiser e do Theyn, como um cordeiro na cova dos leões, como a Kaiserin disse, mas não está tão longe assim. Não terei aliados nesta sala.

Eu sou a rainha, lembro-me, quadrando meus ombros. Eu sou minha própria aliada, e isso será suficiente.

Os homens se levantam quando me vêem, embora a demonstração de respeito possa, de fato, ser para Dragonsbane.

Eriel, um pouco mais velho que Dragonsbane, com barba ruiva e sem pelos na cabeça, lidera a frota de Dragonsbane. Ontem à noite, ele me disse que perdeu o braço esquerdo na batalha há alguns anos atrás. Desde então, foi substituído por um pedaço de madeira preta polida com dedos esculpidos congelados em punho. A perda de um membro significaria aposentadoria para a maioria dos soldados, mas as proezas estratégicas de Eriel o tornam inestimável, mesmo que ele não possa mais lutar. O pequeno exército de Dragonsbane se manteve contra os batalhões Kalovaxianos três vezes maior, e isso se deve em grande parte ao seu planejamento cuidadoso com os capitães dos outros navios. Ao lado dele está Anders, um Elcourtiano que fugiu de sua vida fácil há duas décadas, quando era um adolescente em busca de aventura. E ele

certamente encontrou. Ele me disse ontem que mal havia sobrevivido sozinho aos seus primeiros anos, pois não tinha habilidades reais para falar e pouca compreensão de dinheiro. Não era o recurso interminável que ele acreditava ser; era algo pelo qual ele tinha lutar - roubar, se necessário. Então, ele passou de país para país e depois treinou outros para fazer o roubo por ele. Quando ele ficou entediado com isso, decidiu que queria ser um pirata e fez seu caminho para o navio de Dragonsbane.

—Vocês podem se sentar — diz Dragonsbane antes que eu tenha a chance de falar.

Talvez Artemisia tivesse razão em corrigir a mãe por me chamar de Theo. Talvez Dragonsbane esteja me minando de propósito. Ela não terá dificuldades com esses dois. Embora todos tenham sido perfeitamente educados comigo desde que eu cheguei, não há dúvidas de que não estou de acordo com a idéia que eles tiveram da rainha rebelde de Astrea. Mas fui subestimada por pessoas muito mais intimidantes e, pela primeira vez, não cabe a mim me encolher e evitar aviso prévio. Em vez disso, levanto-me a toda a minha altura, mesmo que Dragonsbane em suas botas de salto alto me faça parecer pequena.

— Obrigada por se encontrarem comigo — eu digo, acenando para os dois homens antes de deixar minha atenção cair em Dragonsbane, desafiando-a a corrigir minha afirmação. Eu adoço meu sorriso. — E obrigada, tia, por providenciar isso. Está na hora de discutirmos o nosso próximo passo. Algum de vocês poderia fazer o favor de encontrar Blaise e Heron também?

As narinas de Dragonsbane se abrem tão levemente que eu não teria visto se não estivesse procurando uma reação.

Seu queixo fica tenso antes que ela force sua boca em um eco do meu sorriso.

— Não acho necessário, Theo —, diz ela. — Reuni nossas melhores mentes estratégicas e diplomáticas.— Ela faz um gesto para os homens. — Blaise e Heron fizeram muito por nossa causa, mas são meninos com pouca experiência nesses assuntos.

Seus olhos escuros estão implacáveis contra os meus e é preciso tudo o que tenho para não recuar. Eles são os olhos de minha mãe, afinal, e olhar para eles me faz com que eu me sinta uma criança novamente. Mas eu não sou uma criança e eu não posso me permitir me sentir como uma outra vez. Há muito em jogo. Então eu sustento o olhar dela e não me permito vacilar.

— Eles são *meu* conselho —, digo a ela, mantendo minha voz suave, mas nivelada. — Eu confio neles.

Dragonsbane inclina a cabeça para um lado. — Você não confia em nós, Majestade?—, Ela pergunta, arregalando os olhos. — Temos seus melhores interesses no coração."

Os homens murmuram em acordo atrás dela.

— Tenho certeza que sim—, eu digo, dando-lhes um sorriso tranquilizador. — Mas nos conhecemos há tão pouco tempo, receio que vocês ainda não saiba meus melhores interesses. Em breve, tenho certeza, mas você concorda que não temos tempo a perder.

— Não, não temos—, diz Dragonsbane. — É por isso que não nenhum faz sentido procurar outras pessoas pelo navio quando o grupo que eu montei é mais do que suficiente...

Eu a interrompo, afiando minhas palavras. — Se algum de vocês já tivessem ido buscar Blaise e Heron quando eu pedi, eles já estariam a caminho. Agora, você gostaria de perder

mais tempo enquanto os Kalovaxianos montam um batalhão para nos destruir definitivamente?

Por um momento dolorosamente longo, ela não diz nada, mas eu posso sentir o ressentimento fluindo dela. Eu sustento seu olhar, sua fúria alimentando a minha. Estou vagamente ciente de uma queimação na ponta dos meus dedos, mas não me atrevo a quebrar o contato visual para olhar para eles. Algo parece familiar, a minha pele está do mesmo jeito que estava depois que acordei do pesadelo sobre Cress. Cruzo os braços, pressionando as pontas dos dedos nas mangas da minha túnica, esperando que, se eu os ignorar, eles parem de queimar.

Depois do que parece uma eternidade, Dragonsbane se vira para Anders, embora todos os músculos de seu corpo pareçam protestar.

— Vá buscar os meninos— diz ela, a voz tensa. E volte rápido.

Os olhos azuis de Anders disparam entre nós, incertos, antes que ele se incline levemente na direção de Dragonsbane, depois na minha e então ele sai correndo pela porta sem outra palavra, deixando-nos em um silêncio desconfortável.

Triunfo canta através de mim e eu esqueço meus dedos ardentes.

— Você é muito diferente de sua mãe—, diz Dragonsbane depois de um momento.

E assim, a sensação de triunfo se esvai. As palavras me acertam como um soco forte, mas não são tão dolorosas quanto a percepção de que ela está certa. Antagonizando aqueles que vão contra mim, torcendo suas próprias palavras contra eles, apegada ao meu modo de fazer as coisas, essas não são táticas que minha mãe usava como rainha. Ela

encantou, mediou, comprometeu-se e deu o que podia, porque tinha muito a dar.

Outra percepção toma conta de mim, enviando um calafrio por todo o meu corpo que tento reprimir.

Eu não lidei com isso como minha mãe; Eu lidei com isso como o Kaiser.

—

Alguns minutos tensos se passam antes de Anders retornar com Blaise e Heron. Os dois parecem confusos ao entrar no espaço cada vez mais apertado.

— Finalmente —, Dragonsbane dispara quando eles param ao meu lado, um de cada lado sem dizer uma palavra.

Eles devem ter juntado as peças e percebido o que aconteceu, pelo menos um pouco. Eles devem ter percebido que essa reunião foi convocada sem eles, que Dragonsbane tentou deixa-los de fora. Ou talvez Blaise esteja olhando furiosamente para ela por um motivo completamente diferente. Heron, por sua vez, não olha para ninguém. Seu olhar é pesado e solene, mas distante. Tem sido assim desde que chegamos a bordo, e eu me preocupo com a morte de Elpis que pesa ainda mais na consciência dele do que na minha. Afinal, era seu trabalho buscá-la depois que ela envenenou o Theyn e trazê-la para a segurança do navio.

Eu sorrio amplamente para Dragonsbane. — Agora que estamos todos aqui, podemos continuar. Estamos indo em direção às ruínas de Anglamar para lançar um ataque à Mina de Fogo e libertar os escravos de lá.

Eriel limpa a garganta, olhando para mim com cautela. — Eu sou contra esse curso de ação, Vossa Majestade—, diz ele, sua voz rouca com um sotaque que eu não consigo identificar, fazendo com que as palavras soem melódicas e perigosas. — Simplificando, chegar aos Kalovaxianos com tão poucos

guerreiros seria uma tarefa tola. Eles nos destruiriam com facilidade, independentemente das estratégias que façamos. Seriamos superados facilmente ao fazer algo assim.

— Isso é o que combinamos antes de eu aceitar sua ajuda —, eu digo, olhando de Eriel para Dragonsbane. Mais uma vez, sinto meu temperamento aumentar.

— A chave,—Anders interpõe,— é obter mais forças. — As elegância de suas palavras não foram completamente apagadas por anos de roubo e pirataria.

Blaise dá uma bufada irônica. — Mais forças? Por que não pensamos nisso? Por que Ampelio não pensou? Certamente teria nos poupado muitos problemas. Oh, espere, nós pensamos. Nenhum outro país enfrentará os Kalovaxianos.

— Não, por generosidade, eles não vão. O resto do mundo tem muito medo do Kaiser para ajudar, então teremos que fazer valer a pena.— diz Dragonsbane, com os olhos em mim. — E eu imagino que a única coisa que eles querem de nós é algo que a Ampelio não teria negociado.

Minha boca fica seca. — E o que seria?

— Você. — ela diz simplesmente. — Sua mão em casamento.

— Rainhas não se casam. — Heron diz, parecendo espantado. Sou grata por ele dizer alguma coisa, pois eu não sou capaz de formar uma palavra.

— Não vamos fingir que essa é uma situação normal, querido –, diz Dragonsbane. A Heron é muito mais alto que ela, mas ela ainda faz parecer que está falando com uma criança. — Eu acho que Theo pode deixar seu orgulho de lado pelo bem de seu país.

— Não é orgulho. — Eu digo tentando manter a voz calma e esconder o pânico crescente em meu peito. — Esses

homens não querem mais do que seu próprio pedaço de Ástrea e de nossa magia.

Dragonsbane encolhe os ombros como se isso fosse uma questão trivial. — Se deixarmos os Kalovaxianos ficarem por muito mais tempo, não haverá mais magia. É um sacrifício necessário.

— É fácil para você dizer, considerando que você não é quem sacrifica nada —, eu rebato.

— Não sabemos o que é necessário —, diz Blaise antes que Dragonsbane possa responder. — Existem outras opções...

— Tais como? – Ela pergunta, arqueando as sobrancelhas.

— Ainda nem aproveitamos o Prinz. Se o trocarmos por uma das minas...

— Infelizmente, ele não é exatamente o refém que esperávamos que ele fosse —, diz Eriel. — O Kaiser não o quer de volta. Ele o vê como uma ameaça e um inimigo. Fizemos um favor ao Kaiser tirando o Prinz de suas mãos. Ele já está espalhando rumores de que o Prinz foi com você voluntariamente, Majestade.

Isso não está muito longe de ser verdade, eu penso.

— Então, não o usamos como refém — digo, embora minha voz pareça desesperada até para meus próprios ouvidos. — O plano era usá-lo como uma barreira entre o pai e o povo Kalovaxiano. Matá-lo e enquadrar um dos guardas do Kaiser iria causar caos na corte, mas não vejo por que não podemos contar a história dele fugindo conosco para um resultado igual.

— O Kaiser garantirá que o resto da corte o veja como traidor —, diz Blaise, embora ele não esteja me contradizendo; ele está seguindo minha linha de

pensamento, me dando uma oportunidade para resolver o problema.

— Mas a corte viu como Søren se posicionou contra o pai no banquete —, digo. — Eles seriam tolos em aceitar o Kaiser e as palavras dele. Se houvesse uma maneira de adicionar alguns rumores, poderíamos mudar a história. Façamos pensarem que Søren não os abandonou, que o Kaiser talvez o tenha exilado. A corte me ouviu acusar o Kaiser de assassinar o Kaiserin; eles também devem estar sussurrando sobre isso agora. Não será difícil colocá-los contra ele se tivermos as vozes certas para sussurrar nos ouvidos certos.

Blaise assente lentamente antes de se voltar para Dragonsbane. — Nós temos?— Ele pergunta.

— Eu tenho um punhado de espiões—, ela admite com cautela. — Mas eles passam informações para mim, não interferem na corte. É a única razão pela qual consegui mantê-los não descobertos e vivos por tanto tempo.

Não posso deixar de pensar em Elpis, que estava segura até que eu pedi para ela interferir. Eu vejo seu corpo carbonizado sendo arrastado para fora da sala do trono, irreconhecível. Eu a ouço gritar de dor em seus últimos momentos. Eu engulo, me odiando, mesmo quando digo as palavras que preciso.

— O tempo para ficar seguro já passou. Se não nos arriscarmos, tudo o que faremos é sobreviver por pouco. Quero mais do que isso para Astrea, e você também deveria.

A mandíbula da Dragonsbane se aperta.

— Tudo bem —, diz ela. — Vou começar a espalhar seus 'sussurros', mas ainda nos deixa desigualmente igualados para uma batalha na Mina do Fogo. Eriel me disse que levará quatro dias para chegar à Sta'Crivero.

Eriel, que estava ouvindo atentamente a conversa enquanto balançava de um lado para o outro na ponta dos pés como uma criança impaciente, parece surpreso ao ouvir o nome dele, embora acene com a cabeça rapidamente.

— Em Sta'Crivero, nos encontraremos com o rei Etristo —, continua Dragonsbane.

Leva apenas um segundo para eu entender para onde isso está indo. — Não vou me casar com esse rei Etristo — digo, endurecendo cada palavra, como se tudo que importasse era ela me ouvir. Ela apenas ri. — Oh, meu bem, não. Etristo é velho demais para você, sem mencionar o fato de que ele já tem uma esposa. Não, ele teve a gentileza de hospedar um ... tipo de evento. Os chefes de países de todo o mundo é que virão ao seu encontro e oferecerão seus exércitos em troca da sua mão.

— Não sou uma joia para ser leiloada pelo melhor lance — digo, incapaz de impedir que meu tom de voz suba. Meu corpo começa a ficar muito quente, da mesma forma que ficou quando acordei do pesadelo. Gotas de suor na minha testa, mas eu as limpo. Não sei por que Dragonsbane mantém sua cabine tão quente. Não sei por que pareço ser a única a perceber isso. — Sou uma rainha e tomarei minhas próprias decisões.

Dragonsbane franze os lábios, me olhando por um momento em silêncio pensativo.

— Claro, a decisão é sua. — diz ela finalmente, com um sorriso tenso e um olhar calculista. — Mas peço que pense nisso. Enquanto isso, continuaremos a caminho de Sta'Crivero. No mínimo, poderemos nos refugiar no caos do porto deles enquanto formulamos outro plano.

Concordo em pensar no assunto mesmo que isso me deixe enjoada.

CONFISSÃO

Quando eu volto para o convés, o ar fresco me atinge e minha pele começa a esfriar. Eu limpo novamente o suor da minha testa e lábio superior, olhando para Heron e Blaise ao meu lado. Os dois parecem perfeitamente bem, nada afetados pela temperatura na cabine de Dragonsbane. Talvez eu esteja ficando doente - depois de tudo, não seria surpreendente. Ou talvez fosse apenas minha imaginação, ou uma reação ao estresse e raiva.

— Tem que haver um plano melhor do que casamento —, diz Blaise, tirando-me dos meus pensamentos.

Eu engulo. — Tem que haver —, eu concordo sem olhar para ele, ou para Heron à minha esquerda. Em vez disso, olho para as pessoas correndo para lá e para cá, fazendo o navio funcionar, se movendo com força total em direção a um futuro que foi mais uma vez tirado das minhas mãos. Dragonsbane pode ter me dado a ilusão de uma escolha, mas não sou tola o suficiente para acreditar que será tão fácil.

— Não posso acreditar que ela tentou te encurralar sozinha para essa reunião— , diz Heron.

Eu bufo. — Eu posso. Deuses, estou cansada de jogos - digo a eles, balançando a cabeça. — Joguei os jogos do Kaiser por dez anos e não escapei apenas para ser forçada a jogar os dela.

Eu me viro para encara-los.

Eu disse a Dragonsbane que vocês dois são meu conselho. Achei melhor não ter Art lá hoje, dado o efeito que a mãe dela parece ter nela, mas também a incluo nisso. Vocês são as pessoas em quem mais confio aqui.

Blaise assente, mas Heron parece incerto, seus olhos se demorando em mim por um momento. O que ele quiser dizer falará.

— Blaise, eu sei que você precisa voltar ao trabalho, mas você me acompanha para o almoço, Heron?

Blaise inclina a cabeça na minha direção antes de voltar para a proa do navio, onde ele estava limpando o convés.

Heron assente, mas parece relutante então eu passo meu braço no dele e o guio em direção ao refeitório.

— Está tudo bem? — Eu pergunto.

— Claro. – Ele diz de um jeito que me faz ter mais certeza de que não está.

É tarde para o almoço e a sala de jantar está quase vazia. As poucas pessoas reunidas me observam enquanto tomo minha ração. Estou acostumada com as pessoas me observando - os Kalovaxianos também olhavam -, mas agora não há malícia por trás disso. Apenas expectativa, que de alguma forma parece pior. Um nó endurece no meu estômago enquanto espero Heron encher seu prato.

Não temos problemas para encontrar uma mesa vazia no canto, longe dos ouvidos. Dou-lhe um momento para comer em silêncio, encarando sua comida para evitar me olhar. O Heron que conheço nunca me ignoraria; ele acharia isso desrespeitoso. Não há nada desrespeitoso agora, eu percebo. Ele tem medo de mim. Ele poderia pensar que eu o culpo pela morte de Elpis?

Eu limpo minha garganta. Talvez contar a ele meu segredo o faça se sentir melhor. — Eu tive uma chance de matar Søren –, eu digo. Ele faz uma pausa, um pedaço de carne seca na metade da boca aberta. — Eu estava com a faca nas costas dele antes que ele soubesse o que estava acontecendo. Não havia saída para ele. Eu sabia, ele sabia. Ele até me disse

para mata-lo. Eu acho que ele queria que eu o matasse. Eu acho que ele pensou que de alguma forma nos deixaria quites. Mas eu não consegui.

Ele finalmente encontra meu olhar, uma expressão de incredulidade.

Eu continuo. — Eu não contei a mais ninguém, nem mesmo Blaise. Tenho certeza de que ele e Art acham que não tive a chance, mas tive. Eu apenas não fui forte o suficiente. E é bom contar para outra pessoa. É bom te contar.

Heron mastiga a carne lentamente, olhando para o prato. Ele quebra o pedaço de um biscoito seco e depois quebra esse pedaço no meio.

— Eu te falei sobre Leonidas –, ele diz calmamente. — Nós nos conhecemos na mina aérea quando fomos levados para lá, nos tornamos amigos imediatamente. Ele era uma das únicas coisas que tornavam a sobrevivência ali suportável. Ele estava lá quando mataram minha mãe na minha frente; ele estava lá quando minha irmã perdeu muitas cotas e a levaram ao submundo. Ele estava lá quando eles trouxeram o corpo dela de volta. E eu estava lá quando eles levaram seu irmão, e depois seu amigo mais velho. Nos abraçamos e choramos e, de alguma forma, naquele pesadelo feio de uma existência, encontramos amor. Não era uma história como as que os pais contam aos filhos sobre romance e felizes para sempre, mas era amor. Era tudo o que me fazia acordar de manhã.

Ele esmaga o pedaço de biscoito em migalhas sob o polegar, os olhos sem foco e estreitos.

— Os sintomas começaram a aparecer aos poucos mas nós dois sabíamos o que era. A pele quente, como de estivesse sempre com febre. Ele dormia cada vez menos, até que não dormia mais. Nós nunca conversamos sobre isso, não com

muitas palavras, mas nós fazíamos o melhor possível para esconder dos guardas, o 'melhor possível' não foi o suficiente, não da pra esconder a Loucura das Minas para sempre.

O peso nos ombros dele não é sobre Elpis, então. Eu me aproximo dele. — Eles o mataram no lá mesmo? – Eu pergunto, esperando que eles o tenham matado no local. Pelo menos teria sido uma morte rápida, menos dolorosa. Um assassinato de misericórdia, embora eu saiba que os Kalovaxianos não são capazes de misericórdia.

Mas Heron balança a cabeça em negativa, engolindo. — Eles o levaram embora. Para sua execução, eles disseram. Mas agora sabemos que isso pode não ter sido verdade.

Meu estômago está embrulhado. É possível que o tenham enviado para a batalha, mas há destinos ainda piores do que isso. Houve experimentos - eu mesmo os vi, realizados nos últimos três guardiões de minha mãe, mantidos nas masmorras do palácio por uma década. Sangue foi derramado, dedos amputados, pele rasgada. É possível que isso tenha acontecido com Leonidas, mas é algo que eu nunca contarei a Heron.

Ele continua. — Eu lutei com os guardas quando eles o levaram, eu até mesmo deixei um inconsciente. Então, eles me mandaram para o subterrâneo.— Ele diz, fungando.— Eu espero que você nunca tenha que ver um lugar como aquele, eu ainda tenho pesadelos. Tem sangue seco nas paredes e eu sei que parte dele talvez tenha pertencido a minha irmã, Imogen. E o cheiro... enxofre e podridão tão fortes que você nunca se acostuma. Quando eles traziam outros, seus gritos perfuravam as paredes da caverna, mas eu nunca gritei. Eu me enrolei e esperei morrer. Eu não tinha mais nada –, ele me diz, inclinando-se sobre a mesa para pegar minhas mãos nas suas muito maiores. A expressão dele é estranha, não

horrorizada ou triste, do jeito que eu esperava que ele parecesse. Em vez disso, ele está cheio de esperança pela primeira vez desde que eu o conheci. — Foi quando os deuses me abençoaram, quando Ozam me deu seu dom. Eu pensei que era um dom para que eu pudesse me vingar, mas e se for para que eu possa salvá-lo?

— Você que Leonidas pode estar vivo.

— É possível. – Seu aperto nas minhas mãos fica mais forte. Eu nunca senti como se ele estivesse realmente morto. Nunca pareceu real. Eu sei que teria sentido se ele estivesse morto.

Parte de mim quer dizer a ele que isso não é necessariamente verdade. Parte de mim quer dizer a ele que às vezes ainda não sinto que minha mãe está realmente morta, mesmo que eu a tenha visto morrer com meus próprios olhos. Um sentimento não é uma prova. Mas não suporto matar o pouco de esperança que ele encontrou, embora eu não queira que esse pedaço de esperança o destrua quando também não o leva a nada.

— A maioria das pessoas com a Loucura das Minas não vive mais do que algumas semanas.— aponto com cuidado.

— Eu sei —, ele diz rapidamente antes de me dar um olhar pesado. — Mas nós dois sabemos que é possível sobreviver por muito mais tempo.

Eu balanço minha cabeça. Não é de surpreender que Heron tenha visto os sintomas de Blaise - ele suspeita de Loucura das Minas, eu suponho -, mas ainda tem o peso de um segredo, e não estou interessado em falar com ninguém. Nem mesmo com Heron.

— É possível, é tudo o que estou dizendo—, diz Heron. Seu aperto em minhas mãos ficou tão forte que não consigo mais sentir meus dedos.

— É possível —, eu concordo gentilmente. — Mas não sei o que podemos fazer, Heron.

Ele fica quieto por um momento, e posso dizer que ele está tentando descobrir as palavras certas. — Søren pode saber alguma coisa. Sobre a Loucura e os bersekers. Sobre o que poderia ter acontecido.

Balanço a cabeça. — Ele usou berserkers, mas acho que ele não sabia muito sobre eles. Ele estava seguindo ordens.

— É possível —, ele diz, sua voz ficando mais desesperada.

Balanço a cabeça. — Não é uma boa ideia falar com ele, Heron. —, digo. — Mas se você perguntar...

— Eu tentei. Ele não fala comigo—, diz ele. Parece que alguém jogou água fria nas minhas costas. Heron visitou Søren? Ignorando minha surpresa, ele continua. — Um de seus guardas me disse que ele não disse uma palavra desde que o trouxemos a bordo.

— Ele está sendo mantido refém.—, eu digo. — Isso geralmente não deixa pessoas como Søren muito tagarelas. Duvido que ele também fale comigo.

Heron olha para mim como se pudesse ver através dos meus pensamentos mais profundos.

— Ele falaria com você—, diz ele. — Por favor. Eu sei que pode ser um beco sem saída, eu sei que é provável que Leo já esteja no After, me chamando de tolo agora, mas se ele não estiver - se houver a menor chance de que ele ainda esteja vivo - eu preciso saber. Se alguém pode entender isso, é você.

Minha mãe nunca está longe dos meus pensamentos, mas agora ela os domina e eu não consigo deixar de pensar no que poderia ter acontecido se eu não a tivesse visto morta com meus próprios olhos, se eu não sentisse sua mão em

volta da minha ficar mole quando a vida a deixou. Se houvesse uma chance de que ela ainda estivesse viva, o que eu faria para encontrá-la?

A resposta é simples: não há nada que eu não faria.

— Vamos visitá-lo hoje à noite—, digo a Heron.

—

Blaise tem um turno a noite, mas concorda em ficar comigo até eu adormecer. Embora eu seja grata pela companhia, minha conversa com Heron pesa muito nos meus ombros. Não pretendo mentir, mas também não consigo contar a Blaise sobre ir ver Søren hoje à noite. Não quero saber o que ele vai dizer.

— Se chegarmos a Sta'Crivero e Dragonsbane ainda tentar empurra-la para esse negócio de casamento, — diz ele, mantendo as costas para mim enquanto eu visto uma camisola, — podemos fugir. Existem muitos outros navios em Sta'Crivero. Você, eu, Heron e Art, trabalhando nas cozinhas.

Ele não menciona Søren, o que apenas confirma minha decisão de não contar a ele sobre meu plano. Na sua opinião, Søren é problema de Dragonsbane agora e nada mais. Ele não entenderia. Ele só se perguntaria se haveria alguma verdade nos rumores sobre o nosso envolvimento.

— Precisamos de Dragonsbane para mais do que seus navios—, eu o lembro com um suspiro, puxando a camisola de algodão por cima da minha cabeça. — E ela sabe disso. Você pode se virar, eu já estou decente.

Ele se vira, e seus olhos correm pelo meu corpo antes de encontrarem os meus. Ele sorri levemente.

— Você nunca está decente.—, ele me diz, me fazendo sorrir de volta. É outro vislumbre fugaz de uma vida mais simples e divertida que poderíamos ter. Seu sorriso desaparece rápido demais, e nós voltamos à vida que é

realmente nossa. — E você realmente não deve considerar a proposta dela.

— Claro que não.—, eu zombo. — Mas não é tão fácil assim, você sabe disso. Qualquer pessoa que aceitamos ajuda sempre quer algo. Todos querem algo de mim.

Não havia o quão verdadeiras são essas palavras até ter de dize-las em voz alta, mas depois de ditas, elas são inegáveis.

Estico-me sob as cobertas e me viro para a parede em que minha cama está encostada, ouvindo-o tirar as próprias botas antes que o colchão afunde ao meu lado.

Ainda sinto a mentira pairando desconfortavelmente entre nós, mesmo quando ele ajusta seu corpo ao meu, seu peito pressionando contra as minhas costas, seus joelhos dobrados se curvando atrás dos meus, sua testa tocando a parte de trás da minha cabeça. Timidamente, o braço dele envolve a minha cintura, a pele quente.

Ele cheira a Astrea, como especiarias, lareira e lar.

— Eu só quero você.— Ele sussurra, as palavras hesitantes.

Eu traço as pontas dos meus dedos sobre o braço dele, as palavras que eu quero dizer presas na minha garganta.

CORRENTES

Eu finjo que estou dormindo até que Blaise saia para o turno dele, tentando ignorar a de ansiedade que tomou conta do meu intestino. Vou ver Søren hoje à noite e, apesar de gostar de fingir que minha maior preocupação é ser pega, essa não é a verdade. A última vez que o vi, eu o traí e ele disse que me amava de qualquer maneira. Ele não ama. Ele não pode me amar. Mas algo me diz que este encontro não vai ser tão confortável.

Fiz o que tinha que fazer, fico repetindo para mim mesma, embora isso possa ser verdade, não diminui a culpa que surgiu sob a minha pele.

Felizmente, não tenho muito tempo para pensar sobre isso antes de Heron chegar com uma batida tão suave que quase não percebo. Afasto as palavras de Blaise da cabeça e saio da cama.

— Entre!—, eu grito, calçando minhas botas de volta. A porta se abre e depois se fecha, e eu acharia que era apenas o vento se não soubesse que é Heron.

— Você contou a Blaise o que vamos fazer? - Heron pergunta. O brinco que roubei de Crescentia, A Pedra do Ar, agora está presa na sua camisa, logo acima do coração como um distintivo. Após o seu uso, as minúsculas gemas claras brilham na escuridão por um momento, dando luz suficiente para ver o rosto de Heron, marcado pela preocupação e um tipo sombrio de esperança.

— Você contaria? – Eu respondo, amarrando os cadarços de uma bota, depois a outra antes de vestir minha capa sobre minha camisola. — Nós dois sabemos que ele teria tentado me impedir. Ninguém pode me ver descer até lá.

Heron estende a mão para mim para me ajudar a levantar, e quando a seguro, nossos dedos juntos começam a desaparecer. com uma sensação de formigamento, como se tivessem adormecendo. O sentimento viaja pelo meu braço, apagando-o assim como o de Heron. Todos os nossos membros, torsos, cabeças e pernas desaparecem, até a sala parecer vazia e todo o meu corpo vibrar.

— Eu não vou conseguir manter isso sobre nós dois por muito tempo, então é melhor nos mexermos agora.—, diz ele, mudando o aperto para que nossos dedos estejam ligados antes de me puxar para fora da porta e deixá-la bater atrás nos.

Fico perto dele enquanto ele se apressa pelo corredor, agilmente evitando o punhado de membros da tripulação que passam por nós.

Alguns deles parecem nos sentir quando passamos: eles olham ao redor, incertos, um arrepio de medo dançando por suas espinhas enquanto imaginam fantasmas e dizem a si mesmos que é apenas o vento.

Tenho apenas uma vaga idéia de onde Søren está sendo mantido, mas Heron conhece o caminho bem o suficiente, passamos por corredores e escadas em espiral. Eu só tenho que acompanhar e evitar que meus pensamentos se demorem muito em Søren.

Só vou fazer perguntas, lembro a mim mesma. *Não vamos falar sobre a sugestão dele de que Blaise era louco ou de como ele insinuou que eu poderia ter sentimentos reais por ele.*

Talvez eu tenha, uma vez, mas isso foi antes de ele levar seus homens para massacrar milhares na Vectúria. Isso foi antes de eu o ver por quem ele realmente era. Mas, mesmo pensando nisso, sei que não é a verdade completa. Não, eu

não o amo, mas me importo com ele. Eu não quero vê-lo acorrentado. Não quero saber que fui eu quem o colocou lá.

Dois homens ficam de guarda do lado de fora de uma porta no final do corredor, ambos segurando lanças grosseiras ao lado, ambos parecendo sonolentos. Vê-los deixa todo o meu corpo tenso, embora eu esperasse por eles - não há como Dragonsbane ter deixado Søren desprotegido.

Heron sente meu pânico e aperta minha mão antes de desenrolar seus dedos dos meus e mover minha mão para seu antebraço. Ele continua andando na direção deles, então eu imagino que ele deve ter um plano. Saindo das sombras, ele deixa sua invisibilidade desaparecer para que ele entre em foco diante dos guardas, assustando-os.

Também espero que a visibilidade tenha voltado para mim, um punhado de desculpas esfarrapadas voando pelos meus lábios, mas minha invisibilidade se mantém. Eu agarro seu braço com força, meu coração batendo forte no meu peito.

— Boa noite –, diz Heron, acenando para cada um deles.

— Vai tentar um tiro nele? – Um deles pergunta.

Não sei o que ele quis dizer, mas Heron apenas assente. — Vou demorar apenas dez minutos.—, diz ele.

Os dois guardas se afastam e deixam Heron passar, eu passo logo atrás dele, tentando entender suas palavras.

Um tiro nele. Não é o que parece. Não pode ser. Dragonsbane nunca permitiria - mas assim que começo a pensar, sei que ela permitiria. Heron teria me dito se soubesse.

Ele teria tentado impedir. Tenho certeza disso.

Mas quando a porta se fecha atrás de nós e meus olhos se ajustam à sala pouco iluminada, meu estômago afunda.

Søren está encostado na parede oposta, um buraco aberta do tamanho da minha mão acima da cabeça é a única fonte de ar fresco. Algemas de ferro pesadas e enferrujadas estão presas ao redor de seus pulsos, sangue novo e velho na pele ao redor deles. Ele está usando as mesmas roupas da última vez que o vi, embora agora estejam esfarrapadas e sangrentas. Ele não se parece o mesmo apenas dois dias atrás; o cabelo cortado curto parece mais vermelho do que loiro e o rosto está coberto de hematomas e cortes abertos.

Bile sobe na minha garganta e eu me afasto de Heron, quebrando nossa conexão quando o faço. Eu me viro e vomito no canto, esvaziando meu estômago.

Sinto Heron atrás de mim e ele estende a mão para tocar meu ombro, mas o empurro para longe.

— Você sabia disso. — eu acuso baixo. Mesmo com a raiva e náusea assolando meu corpo, estou ciente dos guardas do outro lado da porta.

Os olhos de Heron não deixam os meus; ele não se esconde da minha raiva. Ele deixa isso tomar conta dele.

— Sim.— Ele não parece o Heron que eu conheço. É como se ele tivesse sido dividido em duas metades irregulares, afiadas o suficiente para tirar sangue.

Engulo as ondas de enjoo que caem sobre mim, colocando uma mão no meu estômago.

— Você participou disso? – Pergunto, embora não tenha certeza se quero saber a resposta.

— Não –, diz ele, e soltei um suspiro de alívio. — Embora tenha sido tentador.

— Você não me disse...

— Eles fizeram o mesmo com você Theo.— diz ele.

Mas não Søren, eu penso, mesmo sabendo que é uma má defesa. Entendo como isso aconteceu, quantas pessoas neste

navio gostariam de vir aqui e sentir sua fúria e tristeza com a única pessoa que podem alcançar que é responsável. Entendo o desejo de tirar algo dos Kalovaxianos, mas não está certo.

— Thor... Theodosia? — A voz de Søren está rouca e rachada, pouco mais forte que um sussurro. Ele tenta levantar a cabeça, mas estremece de dor e deixa cair novamente.

Eu passo por Heron e corro até Søren, caindo de joelhos ao lado dele. Houve momentos em que o odiei tanto que queria matá-lo - quase o fiz -, mas isso é algo mais. Eu sei tudo sobre o sangue em suas mãos, as vidas que ele tirou, as guerras que ele travou contra pessoas inocentes. Não perdoei nem esqueci isso, e não consigo imaginar se algum dia o farei. Talvez ele mereça isso. Talvez seja justiça.

Mas não é um mundo em que quero viver.

Estendo a mão para tocar seu rosto, e ele se encolhe.

— Theo. – diz Heron atrás de mim, embora não tenha certeza se é um aviso ou uma tentativa de pedir desculpas.

— Você vai cura-lo –, eu digo, sem olhar para Heron, minha voz tremendo. — Use seu dom. Cure-o.

— Não –, ele responde.

— Isso não foi uma pergunta. — eu digo por cima do ombro. — É uma ordem. Da sua rainha.

Heron fica quieta por um momento.

— Não – , ele diz finalmente, embora não pareça tão certo.

— Você precisa de mim para obter respostas, e eu não vou perguntar nada até que ele esteja curado.

— Você sabe o que ele fez, Theo – diz Heron. — Você sabe o que ele é.

— Eu sei –, eu digo. — Mas também sei que somos melhores que eles. Temos que ser, senão é o ponto da guerra que estamos lutando?

Ele hesita novamente. — Se eu curá-lo, eles farão isso de novo.

— Vou impedi-los. – digo, embora não tenha certeza de como.

— A mãe de Elpis parece encontrar algum conforto aqui. É algo que você quer tirar dela?

Lágrimas ardem nos meus olhos e eu corro para limpá-las.

— Cure ele –, eu digo novamente. — Ou não vou lhe dar suas respostas.

Com uma expiração alta, Heron se agacha do outro lado de Søren, segurando a mão frouxa e quebrada dele.

Quando o poder curativo de Heron começa a vazar para seu corpo, Søren força seus olhos a abrirem e eles encontram os meus. Há tanta dor lá que tira o meu fôlego.

— Eu vou consertar isso, Søren. Eu prometo.

Não devia fazer promessas que não faço ideia de como cumprir, mas as palavras se espalham antes que eu possa impedi-las.

— N-Não é t-tão ruim –, ele diz com uma tentativa de sorrir. — P-Poderia ser pior.

Com o toque de Heron, a pele rasgada dos pulsos e mãos de Søren se fecha e suaviza sob as algemas pesadas; as contusões que cobrem sua pele ficam amarelas antes de desaparecer completamente. Os ossos quebrados de seu rosto, o lábio cortado, os olhos negros, todos desaparecem diante dos meus olhos como se tivessem passado semanas. Quando Heron termina, Søren quase parece com ele mesmo novamente. Mas não há maneira de curar magicamente o

cansaço, ou a maneira como seus olhos estão afundados profundamente em sua pele pálida, sublinhada com meias luas roxas.

— Você quer algo –, diz ele calmamente, tentando se endireitar. Heron não fez o trabalho completo de curá-lo, ele ainda estremece de dor. Costelas quebradas, talvez.

— Eu não sabia...–, digo a ele. — Eu não fazia ideia.

Søren me olha incrédulo antes que seu olhar se suavize. — É guerra –, diz ele. — É assim que funciona. Seu amigo está certo. Nós dois sabemos que fiz coisas piores.

Não posso negar isso. Penso nele usando bersekers na batalha vecturiana.

Penso em como, quando ele perdeu essa batalha, ele ordenou que as fontes de alimento dos vecturianos fossem destruídas quando elas se retirassem. Quantos deles estão morrendo agora, morrendo de fome enquanto o inverno toma conta da área e suas colheitas param de crescer? Talvez seja um tipo de justiça, o único tipo de pessoa que a mãe de Elpis tem na ponta dos dedos.

Na minha opinião, quase faz sentido, mas eu estive no lugar dele. Lembro-me do Kaiser me espancando sempre que outros astreanos lhe causavam problemas. Somente na semana passada paguei pelas mortes Kalovaxianas na batalha vecturiana. Parece a mesma coisa, mas eu sei que não é.

— O que você quer? –, Pergunta Søren. — Você não veio aqui para ter pena de mim.

Não tenho pena de você, quero dizer a ele. *Estive onde você está e sei que ninguém merece isso, nem mesmo você com as mãos ensopadas de sangue*. Mas não posso dizer nada disso, não com Heron aqui ouvindo. Pressiono meus lábios em uma linha fina e me endireito, colocando uma pequena distância entre nós.

— O que você sabe sobre os bersekers? –, Pergunto a ele. — O que acontece entre as minas e o campo de batalha?

Os olhos cansados de Søren olham entre Heron e eu. — Os guardas das minas sequestram aqueles com sintomas de loucura. Às vezes, eles estariam longe demais para usar em batalha ou seus corpos seriam fracos demais. Aqueles foram executados no local. Às vezes, alguém aparecia com sinais de um dom em vez de loucura. Eles seriam mantidos em algum lugar separado.

— Para experimentos –, eu digo.

Søren assente, olhando para longe e engolindo. Não gostei de pensar nisso", diz ele, mas as palavras saem fracamente.

— Leonidas não tinha um dom – Heron diz calmamente. — E quando os guardas finalmente o descobriram, ele estava delirando, ele não podia mais ficar sozinho. Conseguimos mantê-lo escondido por tanto tempo.

Søren não diz nada, apenas balança a cabeça.

— Você o matou, então – diz Heron, passando as costas da mão nas bochechas para pegar lágrimas que eu não percebi terem caído.

— Eu não –, diz Søren. — Mas os guardas talvez.

Isso acontece tão rapidamente que não tenho tempo para decidir reagir. Um momento, Heron está congelado em choque, no próximo, ele se lança em direção a Søren e então eu estou entre eles, protegendo Søren, mesmo que eu não tenha certeza absoluta de que ele merece proteção.

Coloquei minhas mãos nos ombros de Heron e, embora saiba que ele poderia passar por mim facilmente, ele não o faz. Seu olhar é assassino e odioso, sentimentos dos quais não o considerava capaz.

— Theo, saia – , diz ele com os dentes cerrados.

— Não –, digo a ele, pronunciando a palavra com cuidado para que pareça mais forte do que me sinto. — Não vai ajudar ninguém.

— Você não sabe disso eu gostaria de ter certeza –, diz ele.

— Você está certo –, diz Søren antes de engolir. — Não importa se eu não fiz isso sozinho. Fiquei parado enquanto acontecia, não apenas para ele, mas para milhares de outros. Eu vou acabar com isso.

Heron zomba dele. — Você não pode terminar nada, Prinkiti. Você está acorrentado, em um navio cheio de pessoas que odeiam você.

Søren não tem uma resposta para isso, então ele não diz nada. Depois de um momento, os punhos de Heron se abrem lentamente.

— Depois que vocês vieram e destruíram tudo, eu não queria mais nada no mundo. Eu só queria minha casa de volta –, diz ele, cada palavra afiada como uma adaga. — Leonidas era diferente. Ele ainda queria viajar, após o cerco. Ele me disse que tinha que haver mais de nós lá fora. Ele achava que o mundo era composto principalmente de pessoas boas. Gostaria de saber se ele diria a mesma coisa agora.

Ele termina com uma risada vazia. — Ele provavelmente acreditaria –, ele admite, balançando a cabeça. — Ele perdoaria você. Ele era uma pessoa muito melhor do que eu.

Søren não diz nada, mas Heron não espera que ele diga. Heron se vira e se dirige para a porta. — Você pode vir comigo, Theo, ou pode ficar, mas se você ficar, terá muito o que explicar quando for encontrada.

Os olhos de Søren disparam em minha direção e se afastam novamente, pousando nas pedras na frente dele. Ele parece tão perdido que por um momento eu vacilo.

Eu sei melhor do que a maioria como é uma pessoa que desistiu. Examinando a sala, vejo algumas maneiras de ele acabar com sua própria vida - batendo a cabeça no chão de pedra, enrolando as correntes no pescoço, cortando os pulsos na unha que ficava na parede de madeira. Tenho certeza de que Søren poderia encontrar meia dúzia a mais se ele se dedicasse a isso. Deixá-lo fazer isso pode até ser uma espécie de misericórdia.

Mas o mundo ainda não terminou com ele, e eu também não.

— Eu vou voltar – eu digo para ele. — Eu prometo.

Ele assente, embora seus olhos estejam distantes e sua mandíbula esteja firme.

JUNTOS

— VOCÊ FEZ O QUÊ? - pergunta Blaise, mal lembrando de manter a voz baixa.

Com ele, Heron e Artemisia aqui, minha cabine parece menor do que nunca. Não há espaço para se movimentar. Artemisia e eu sentamos lado a lado na minha cama, enquanto Heron se encosta na parede ao lado da porta e Blaise se senta em cima da minha cômoda. Posso dizer que ele gostaria de se levantar, andar pela sala para limpar a mente, mas ele não pode ficar de pé sem pisar nos pés de Heron e não há lugar para passear.

— Eu não sabia o que estavam fazendo com ele, embora suponha que todos vocês sabiam –, digo, mantendo a voz calma e nivelada enquanto olho entre Artemisia e Blaise.

Heron não olha para mim - ele não olhou desde que deixamos Søren na cela - e também não quero olhar para ele. Blaise olha para baixo, a culpa estampada em seu rosto, mas Artemisia segura meu olhar, sem vergonha.

— Sabíamos que, se você descobrisse, faria algo estúpido. E infelizmente, aqui está você, querendo fazer algo estúpido – ela entoa.

Fora da presença de Dragonsbane, ela é espinhosa como sempre, e por mais que suas palavras se arrepiem, fico feliz em tê-la de volta.

— Quem somos se o deixarmos ficar lá? – Pergunto a eles. — Como somos diferentes dos Kalovaxianos se agirmos como eles? Eu estive na posição dele, só com tratamento pouco melhor. Pelo menos me deram um quarto. Eu não estava presa. Recebi roupas limpas e boa comida.

— Você não fez nada para merecer isso –, diz Blaise.

— Você não liderou nenhum batalhão, não terminou nenhuma vida. Você era uma criança.

Ele tem razão, e não posso discutir com isso.

— Søren pode ser um aliado forte do nosso lado –, eu digo.

— Se ele estiver do nosso lado, Artemisia ecoa.

— Ele pensou que estava, antes que eu o traísse –, eu indico. — Ele estava pronto para enfrentar seu pai e ir para a guerra.

— Ele estava pronto para Astrea unir forças com os Kalovaxianos –, corrige Artemisia. — Isso não vai acontecer.

— E eu não quero.– eu digo.

— Você quer. – diz Heron, falando pela primeira vez. Sua voz ainda está rouca, mas a maior parte da raiva se dissipou. Tudo o que resta é sofrimento, o que é ainda mais difícil de suportar. — Você quer que a gente se junte a ele.

— Ele quer ser diferente,– eu digo. — Você viu isso, Heron.

Heron não responde, mas sua mandíbula fica rígida.

— Temos todo o poder aqui – continuo. — Ele pode nos ajudar e nem precisamos oferecer nada a ele em troca, sem trégua ou piedade.

— Ele só quer a alma dele. Ele só quer provar para si mesmo que não é seu pai. E podemos usar isso a nosso favor.

— Theo...–, Blaise começa com um suspiro.

— Não é uma situação legal–, interrompo. — Mas agora, estamos indo para um país estrangeiro, onde minha mão em casamento está sendo vendida pelo maior lance. Nada sobre isso é legal.

Nenhum deles responde, e uma emoção de poder corre através de mim. Estamos do mesmo lado, lembro-me, embora

tenha passado tanto tempo do meu próprio lado que às vezes é fácil esquecer.

— Minha mãe não o deixaria ir –, diz Artemisia. — Ela lutará com você a cada passo do caminho e terá muito apoio por trás dela. Não estou dizendo que você está errada, também não estou dizendo que você está certa, mas não pode se dar ao luxo de transformá-la em sua inimiga.

— Dragonsbane não é a melhor aliada, eu sei – acrescenta Blaise. — Mas agora ela é a mais forte que temos. Temos que escolher nossas batalhas.

Lembro-me de pensar a mesma coisa sobre o Kaiser, que eu tinha que escolher sobre o que eu lutaria com ele e sobre o que eu não lutaria, e como eu aprendi rapidamente que eu não tinha chance de vencer nenhuma batalha, então eu não nem tentei lutar. Não estou sob o polegar dele, não estou mais impotente, mas me sinto assim agora. Pensar em Søren naquela masmorra, espancado e sozinho, me faz sentir doente. Fiz isso com ele, coloquei-o lá e agora não consigo tirá-lo.

— Tudo bem –, eu digo. As palavras têm um gosto amargo. — Mas enquanto ele estiver lá em baixo, eu o quero o mais seguro possível. Heron...– Eu paro. Não tenho o direito de pedir a ele, não depois do que ele perdeu, mas estou pedindo mesmo assim, mesmo que não diga as palavras.

Heron engole e segura meu olhar. — Vou curá-lo todos os dias –, diz ele. — E apenas os piores. Mais do que isso e será suspeito.

—

Depois que Blaise e Heron saem da cabine para voltar aos seus respectivos deveres, Artemisia fica ao meu lado na minha cama, puxando um fio enrugado na colcha e me

olhando com cautela. Ela parece ter medo de mim, o que é estranho, pois geralmente é o contrário.

— Você não me levou para a reunião com minha mãe.– ela diz depois de um momento, cada consoante afiada o suficiente para cortar.

— Eu pensei que seria cruel, pedindo que você ficasse do meu lado assim –, eu digo, mas é uma meia-verdade que ela vê imediatamente.

Os olhos dela se estreitam e ela se levanta bruscamente. — Eu não de pena, muito menos de você.– Sua voz é baixa e perigosa.

As palavras doem. — Não tenho pena de você. –, digo, embora não tenha certeza se isso é verdade ou não. Mas Artemisia não quer palavras bonitas, amolecidas e fáceis de ouvir. Ela quer uma verdade difícil e desconfortável, e eu entendo isso.

— Você é inútil na presença de sua mãe.– Encontro o olhar dela enquanto digo. — Preciso de pessoas que possam dizer a ela que está errada, que lutarão contra ela e não se acovardem.

Por um momento, ela me encara em choque. — Você não sabe do que está falando.– diz ela finalmente.

— Você acha que eu não queria você naquela sala?–, Pergunto. — Claro que sim. Eu precisava de você lá. Blaise e Heron têm seus pontos fortes, mas Heron é um sonhador de coração partido e Blaise tem dificuldade para ver o quadro geral, o foco dele é sempre eu, não Astrea como um todo. Eu precisava de alguém para dizer o que precisava ser dito, e nenhum deles pode fazer isso. Mas você também não pode quando sua mãe está por perto. Você se torna uma sombra amedrontada com olhos de corça e eu não era o que eu precisava.

Ela permanece imóvel, uma expressão dura e inescrutável. Espero que ela discuta, espero que ela revide. Mas, em vez disso, ela solta um suspiro e a ferocidade deixa seu rosto de uma vez.

— O que aconteceu na reunião? – Ela pergunta.

Conto a ela sobre os planos de sua mãe de me casar com um governante estrangeiro, sobre como ela já está nos levando para Sta'Crivero. Conto a ela sobre o evento que o rei está hospedando. Eu digo a ela que não concordei com nada.

— Isso foi inteligente da sua parte.

— Rainhas não se casam", digo a ela.

Artemisia bufa. — Oh, essa é a única escolha que temos se quisermos garantir um exército grande o suficientes.– ela me diz. — Mas conheço minha mãe e tenho certeza de que ela está conseguindo algo mais com esse acordo. Por não concordar com o noivado ainda, você tem algo que minha mãe quer e, portanto, tem um pouco de controle.

Não é o que eu quero ouvir, mas raramente ouço o que quero de Artemísia, ouço o que preciso. É exatamente por isso que preciso dela ao meu lado.

— Não tenho poder suficiente para libertar Søren. – digo.

— Não o suficiente. – diz ela antes de fazer uma pausa. — Mas pode ser um começo.

Eu considero isso por um momento. Então eu digo a ela: — Seja o que for que há entre você e sua mãe, tome o controle.

Artemisia hesita, depois assente. Ela desvia o olhar, mordendo o lábio inferior. — Ela subestima você e isso é algo que você pode usar para sua vantagem, mas não seja tola o suficiente para cometer o mesmo erro. Não subestime a subestime também.

QUEIME

Cress está do outro lado das barras enferrujadas da cela, segurando-as com seus dedos minúsculos e brancos como ossos. Ela só chega à minha cintura agora, embora uma parte de mim saiba que ela sempre foi um pouco mais alta, um pouco mais velha, um pouco mais sábia. Ela não é mais, ela é uma criança de rosto redondo, com cabelos amarelos em duas tranças que pendem dos ombros. Seus olhos estão arregalados e cheios de preocupação.

— Você está bem? – Ela pergunta, falando as palavras kalovaxianas lenta e claramente, para que eu possa entendê-las. Do jeito que ela diz as palavras ecoam em algum lugar profundo da minha mente, fora de alcance. Há uma dor familiar e distante na boca do meu estômago, mas é abafada pelo alívio de vê-la.

Ela poderia ser Evavia, deusa da segurança, eu acho, mas isso também não parece o meu próprio pensamento. Na verdade não é. Mas isso não importa. Tudo o que sei é que preciso de ajuda, que estou me afogando e aqui está ela, uma respiração desesperada e ofegante.

Cress alcança as barras, seus pequenos dedos envolvendo meu pulso. Eu luto para não soluçar de alívio.

O sorriso dela se alarga, revelando dentes que foram afiados e estão com pontas finas. Surpresa, eu me afasto, saindo do seu alcance.

Uma mancha cinza na garganta dela cresce e se espalha até o pescoço inteiro ficar com a pele carbonizada. Tento dar outro passo, mas minhas costas batem em pedra fria e úmida.

Cress segura as barras novamente, mas desta vez elas derretem sob o toque dela. Ela caminha em minha direção

com as mãos minúsculas estendidas, palmas de um vermelho vivo com chamas lambendo as pontas dos dedos. Eu me agacho e me pressiono mais contra a parede, desesperada para me afastar dela, mas não há para onde ir. Ela deve perceber isso também, porque ela pára bem na minha frente, inclinando-se perto do meu ouvido.

— Nossos corações são irmãos, Thora.– ela sussurra, pairando sua mão ardente logo acima do meu peito. — Vamos ver se eles combinam?

***

Meus próprios gritos me acordam e me viro, enterrando meu rosto no travesseiro para abafá-los. Estou ciente do espaço vazio ao meu lado e do fato de o travesseiro ainda estar quente. Blaise deve ter saído apenas momentos atrás. Respiro algumas vezes para me acalmar, fechando os olhos antes de abri-los rapidamente quando vejo o sorriso grotesco de Cress atrás das minhas pálpebras. Os lençóis emaranhados em volta das minhas pernas estão encharcados de suor, e levo um momento para me livrar deles. A trança que coloquei meu cabelo na noite passada se desfez; pedaços de cabelo estão agora grudados na minha testa e bochechas.

Trêmula, levanto-me e busco a bacia no canto do quarto, despejando um pouco de água na jarra ao lado e espirrando no meu rosto e pescoço. Está gelada e não faz muito para acalmar o fantasma do fogo que ainda sinto rastejando sobre minha pele.

Depois de secar meu rosto com uma toalha surrada, volto para a cama e mal consigo reprimir um grito. Ali, contra os lençóis brancos, há duas marcas de mãos pretas do tamanho das minhas.

Apenas sombras do meu sonho, agarradas a mim, digo a mim mesma. Eu tento afastá-las, mas não há como apagá-las, não importa quanto eu tente.

É uma invenção da minha cabeça, tem que ser, mas quando estendo a mão para tocar em uma delas, o algodão carbonizado lasca-se sob meus dedos e desmorona, transformando-se em cinzas.

Eu tropeço para trás, minha mente é um turbilhão em pânico e negação e pensamentos que não fazem sentido. E o que faz sentido? Que eu fiz isso? Queimei meus lençóis? Viro minhas mãos para olhar para as palmas das mãos, apenas para encontrá-las em vermelho vivo, apesar de não doerem. Há apenas um leve e quente formigamento dançando sobre a pele. Parece mágica, do jeito que senti na corte quando cheguei muito perto de uma Pedra de Fogo.

Eu engulo o pânico. Meus pensamentos estão confusos demais para entender. Pressiono minhas mãos contra minha camisola, como se isso pudesse resolver alguma coisa.

O que está acontecendo comigo? Pensei ter imaginado o calor que me atingiu no escritório de Dragonsbane, mas não posso fingir que estou imaginando isso, não quando há provas bem diante dos meus olhos.

Eu sempre senti uma afinidade com Houzzah, o deus do fogo; Eu sempre me senti atraída por gemas de fogo. Eu pensei que era porque sou descendente dele, mas isso não pode ser verdade. Eu compartilho seu sangue tanto quanto Artemisia e Dragonsbane, mas nenhuma delas parece se sentir atraído por Houzzah. Dragonsbane não acredita em nenhum dos deuses, e Artemisia foi abençoada por Suta, a deusa da água. Não pode ser apenas o meu sangue. Isso é outra coisa, algo perigoso. Penso em Cress quando a vi pela última vez na masmorra, sobrevivendo a uma dose de veneno

que mataria um homem com duas vezes o seu tamanho, mas parecia que a morte deixara suas impressões digitais nela. Como ela sobreviveu? E não apenas isso, seu toque quente o suficiente para escaldar. Isso também deveria ter sido impossível, mas eu a vi com meus próprios olhos e senti aquelas barras com minhas próprias mãos. Quente como meu próprio toque estava apenas momentos atrás.

Não sei como isso é possível, mas não consigo acreditar que meu deus acharia conveniente salvar um Kalovaxiano - para abençoá-la com seu dom -, enquanto milhares de seu próprio povo enlouqueciam nas minas.

Eu tenho que me forçar a respirar.

Eu ainda sinto a mão de Cress no meu peito logo acima do meu coração, sinto o fogo do seu toque enquanto ela me transforma em cinzas. Não tenho certeza, mas posso jurar que minhas próprias mãos começam a esquentar novamente.

Sem pensar, puxo os lençóis da cama, colocando-os nos braços para que as marcas de queimadura não apareçam. Eu tento acalmar minhas mãos trêmulas enquanto vou para o corredor. Não demoro muito para encontrar um membro da tripulação esqueleto esfregando o chão - um garoto apenas um pouco mais velho que eu.

— S-Sua Majestade –, ele gagueja.

— Boa noite – digo a ele, dando um sorriso envergonhado quando um plano se encaixa. — Receio que tenha ocorrido um ... incidente com meu sangramento mensal.

Por um instante, ele me olha perplexo antes de seu rosto ficar vermelho e ele desviar o olhar. — Oh, er...

— Pode pedir a alguém que me traga novos lençóis? Não há pressa, mas amanhã à noite seria maravilhoso.

— Ah... é claro –, diz ele cautelosamente. — Devo... er... pegar isso? – Ele pergunta, acenando com a cabeça em direção aos lençóis que estou carregando. Ele parece aterrorizado com eles, como se eles fossem algum tipo de animal perigoso, em vez de roupas arruinadas.

— Não há necessidade, eu posso levá-los para a lavar eu mesma.– digo a ele, não esconde o alívio.

Ele assente e felizmente não faz mais perguntas. Mas eu não vou à lavadora. Em vez disso, levo os lençóis arruinados para a cozinha vazia e os jogo na fornalha, observando-os pegarem fogo e queimarem até que não restem nada além de cinzas. Observando a prova desaparecer, eu quase posso acreditar que imaginei tudo, mas sei que não. Ainda sinto minhas palmas formigarem e aquecerem. Não estou imaginando; Eu não sou louca. Não sei o que sou. Eu não sei o que fazer. Eu não sei de nada

A idéia de voltar para o meu quarto vazio e ficar sozinha com meus pensamentos é insuportável. Por mais infantil que seja, quero que alguém me abrace e me diga que tudo ficará bem, mesmo que eu imagine que não consiga falar sobre isso em voz alta. Blaise é meu primeiro pensamento, mas ele deve ter ido para o turno de trabalho e não quero incomodá-lo. Artemisia não é alguém familiarizado com simpatia, e eu também não quero ir para Heron, depois de tudo o que aconteceu entre nós.

Existe outra opção, embora eu não precise da Artemisia para me dizer que é tolice. Mas minha mente já está produzindo mentiras e desculpas pela minha presença na masmorra, e por mais tola que seja, é até lá que meus pés me levam.

SØREN

É difícil andar pelos corredores do navio por conta própria, mas depois de algumas curvas erradas, eu me encontro no corredor estreito e familiar, caminhando em direção a uma porta ladeada pelos mesmos dois guardas da noite passada. Embora eles não tenham hesitado em deixar Heron passar, quando me vêem, seus olhos se estreitam e eu sei que não será tão fácil.

— Sua Majestade.– ambos murmuram.

— Estou aqui para ver o prisioneiro –, digo, tentando fazer minha voz parecer fria e desapegada, embora eu ache que não consiga.

— O prisioneiro não pode receber visitantes. — diz um guarda com tanta certeza que quase acredito nele, apesar de ter visto a verdade com meus próprios olhos.

Eu engulo e fico um pouco mais ereta. — Não sou visitante,– digo. — Como sua rainha, estou lhe dizendo para me deixar passar.

Os guardas trocam um olhar.

— Para sua própria segurança, Vossa Majestade, você não deve...– o outro guarda começa.

Mas assim que ele diz que não deve e não pode, sei que ele perdeu o terreno.

— Ele está acorrentado à parede, – digo antes de acrescentar rapidamente, — eu presumo.

— Sim, mas ele é um homem perigoso. — insiste o guarda.

— E, felizmente, tenho vocês dois aqui fora, caso precise. Esse é o seu trabalho, não é?

Mais uma vez, os guardas trocam um olhar antes de hesitarem e se afastarem para abrir a porta para mim. Eu passo por eles na brigada, imediatamente atingida por uma nuvem de ar rançoso e pelo cheiro de sangue fresco. Como ontem, Søren está caído contra a parede oposta, amarrado em torno dos tornozelos e pulsos. A cura que Heron fez ontem já foi desfeita, com cortes e machucados frescos cobrindo grande parte de sua pele.

Diferente de ontem, ele olha quando eu me aproximo. Embora sua boca esteja sangrenta demais para ter certeza, acho que ele tenta sorrir.

— Você voltou.– diz ele, as palavras mais respiração do que voz.

— Eu te disse que voltaria. – eu digo, tentando injetar um pouco de vitalidade, embora o sentimento pareça superficial. Quase pergunto como ele está, mas é uma pergunta tão ridícula que não consigo expressar isso. Em vez disso, olho ao redor da sala, meus olhos pousando na prancha ensanguentada de madeira, as correntes mordendo sua pele, uma bandeja de comida ao lado dele. Deve ser a ração do jantar, alguns pedaços de carne dura e seca. Não foi tocado.

— Você não comeu? – Eu pergunto, olhando para ele.

Ele balança a cabeça lentamente, os olhos ainda cautelosos. O olho direito está machucado e inchado e há um corte ao longo da bochecha.

Eu dou um passo mais perto dele, perto o suficiente para que, se ele se aproximasse de mim, ele pudesse simplesmente agarrar a barra da minha camisola. Não tenho medo dele, mas hesito em me aproximar. — Quando foi a última vez que você comeu?– Pergunto.

Ele pensa nisso por um momento. — Aquele banquete abandonado pelos deuses quando voltei da Vecturia. – diz

ele, com a voz rouca. — Meu estômago não aguentou muito, com tudo aquilo.

Tudo aquilo. Acho que nunca esquecerei o vestido revelador que o Kaiser me fez usar naquela noite, a maneira como ele me tratava, como se eu fosse dele para exibir. Suas mãos em mim, queimando como uma marca. Søren parecia furioso, embora eu imaginasse que era muito mais fácil testemunhar do que suportar.

— Você deveria estar recebendo rações como todo mundo –, eu digo. — Dragonsbane me prometeu que você seria alimentado.

Ele desvia o olhar. — As rações são entregues três vezes por dia sem falhas. Eles forçam a água na minha garganta, mas ainda não me obrigaram a comer.

Ele ainda não olha para mim, então eu me permito olhar para ele. Em apenas alguns dias, sua pele se esticou com força sobre os ossos, fazendo-o parecer mais espectro do que pessoa. Espontaneamente, me pergunto o que sua mãe pensaria se pudesse vê-lo agora, mas afasto esse pensamento antes que a Kaiserin possa me envergonhar do além-túmulo.

— Por que você não está comendo? – Pergunto a ele.

Ele puxa os joelhos para cima, enrolando-se. Eu dou um passo mais perto.

— Muitos anos atrás, meu pai mandou o Theyn me treinar para ser refém. – diz ele. Falar parece machucá-lo, mas ele continua. — Meu pai disse que tínhamos muitos inimigos e que tínhamos que estar preparados. A primeira coisa que o Theyn me ensinou foi não comer a comida deles.

Não posso deixar de bufar. — Você acha que a envenenamos?

Ele balança a cabeça. — É sobre controle. Enquanto eu me recusar a comer, você estará nos meus termos. Você não

me quer morto ou já teria me matado, o que significa que precisa de mim. Mas no segundo em que aceito sua comida, fico dependente de você e perco esse controle. É um jogo mental. – Ele faz uma pausa por um segundo. — Eu já fiquei três dias sem comida. Desta vez, é mais fácil, estou com muita dor para lembrar de estar com fome.

Ele não diz isso como se estivesse procurando pena ou desculpas, apenas afirmando um fato simples. Eu fecho a distância entre nós e pego a bandeja, colocando-a na frente dele.

— Eu preciso que você coma, Søren. – eu digo, mas ele não se mexe. — Eu não sou sua inimiga.

Com isso, ele ri, mas o som é fraco.

— Amigos, inimigos, acho que não importa mais. As correntes são igualmente pesadas, não importa quem tenha a chave. – diz ele.

— Eu sei bastante sobre correntes, mesmo que as minhas fossem geralmente metafóricas. – digo a ele.

Ele tem a graça de parecer envergonhado por isso, seus olhos finalmente encontrando os meus. —É tudo o que você pensou que seria? A Liberdade?

Deveria ser uma pergunta simples, mas se aloja no meu intestino, uma adaga deslizando entre as minhas costelas.

Eu costumava sonhar com o dia em que finalmente deixaria o palácio, como ficaria sob um céu aberto sem inimigos por todos os lados, como respiraria sem esse peso no peito.

— Avisarei quando eu descobrir. – digo a ele.

Algo brilha em seus olhos. — A mulher que me trouxe aqui embaixo. Eu a vi algumas vezes. Os outros a respeitam. A capitã, eu diria, é a notória Dragonsbane?

Eu hesito antes de concordar. — Minha tia. – eu admito. — Gêmea da minha mãe.

O choque brilha em seu rosto, claro como palavras em uma página.

— Você está trabalhando com ela? – Ele pergunta.

— Esse era o plano, mas... é mais complicado do que eu pensava. – digo a ele. — Quero tirar você daqui, mas ela não vai deixar você ir com facilidade. Quando você sair, eu vou precisar de você forte. Eu preciso que você coma. Eu cutuco a bandeja em sua direção novamente.

Seus olhos permanecem nos meus por um momento antes de ele desdobrar as pernas e olhar para a bandeja.

— Comece do começo. – Ele diz, pegando um pedaço de biscoito seco e tentando quebrá-lo ao meio. É preciso mais esforço do que deveria, mas ele acaba conseguindo. — E diga a verdade desta vez.

Espero que tenha uma farpa nas palavras dele, mas não tem. Mais uma vez, ele diz isso como um simples fato.

Então eu conto tudo para ele. Falo para ele sobre matar Ampelio, que sempre achei que seria o único a me resgatar. Eu digo a ele como eu decidi me salvar. Conto a ele sobre Blaise aparecer e quão pior as coisas estavam em Astrea do que eu imaginava, quantas milhares de pessoas o Kaiser havia matado. Eu digo a ele como percebi que me salvar não era suficiente.

Embora as palavras grudem na minha garganta, eu me forço a contar a ele sobre o plano que Blaise e eu planejamos, como eu deveria seduzi-lo para obter informações e colocá-lo contra o Kaiser. Eu me forço a admitir que fui eu quem decidiu matá-lo para colocar os Kalovaxianos um contra o outro e iniciar uma guerra civil. Espero que ele se frustre com isso, me olhe como se ele não me conhecesse, mas sua mente

já está trabalhando. Eu posso ver isso no olhar distante em seus olhos, na maneira como sua boca é franzida e torcida para um lado.

— Se você tivesse feito isso, poderia ter funcionado. – ele admite.

— Eu sei.

Nenhum de nós fala sobre o momento nos túneis sob o palácio, quando eu segurei minha adaga nas costas dele e ele estava tão cheio de culpa pelas vidas que havia tirado na Vecturia que ele me disse para mata-lo. Nenhum de nós fala sobre por que eu não fiz.

— O que aconteceu com Erik? – Ele pergunta.

Erik. Não penso nele desde a última vez que o vi.

— Eu disse para ele pegar Hoa e sair do palácio. Imagino que ele deva ter feito isso ou o Kaiser o teria trazido com Elpis. Espero que eles esteja em algum lugar seguro, onde quer que esteja. – digo.

Ele assente lentamente, as sobrancelhas juntas. — Ele é meu irmão. – ele diz lentamente, e me pergunto se é a primeira vez que ele diz isso em voz alta.

— Meio. – eu digo.

— Sim, *e que metade.* – ele concorda, a voz pingando de escárnio. — Conte-me sobre Dragonsbane.

Digo a ele como ela tenta me minar todas as chances que tem, como me pinta como uma criança bem-intencionada, mas incompetente, que não pode governar, e como ela age como minha tia amorosa, que só quer o melhor para mim e para Astrea.

— O que você acha que ela quer? – Ele pergunta.

— Eu não sei. – eu admito. — Acho que ela quer ajudar Astrea, afinal, é o país dela, mas também quer lucrar com isso. Blaise disse que guiou as famílias Astreanas pela

passagem segura para outros países. Ajudando-os, mas lucrando. E ela está tentando me casar com alguém da realeza. Ela disse que eles teriam as tropas necessárias para conseguir Astrea de volta, mas tenho certeza de que há mais alguma coisa nisso tudo.

Pra isso, Søren dá um sorriso irônico. — Mas ela não sabe o quão difícil você é de.

— Acho que ela está começando a descobrir.

Ele come o último pedaço de carne seca e seu estômago ronca, já exigindo mais.

— Então começamos por aí. – diz ele. — Se tivéssemos partíssemos para Sta'Crivero quatro dias atrás, estaríamos lá em três dias. Podemos usar esse tempo para criar estratégias. Conheço um pouco dos outros governantes e tenho uma idéia decente de quem enviará seus herdeiros para cortejá-la.

— Não quero ser cortejada. — digo antes de hesitar. — Mas hipoteticamente, haveria escolhas decentes no lote?

Ele considera por um momento. — Depende do que você está procurando.

— Idealmente? Uma maneira de recuperar meu país sem dar total soberania a um estranho com a maior oferta. – digo a ele.

Ele balança a cabeça. — Ninguém vai se opor ao meu pai se não tiverem nada a ganhar com isso."

— Eu estava preocupada que você fosse dizer isso. – eu digo, pegando a bandeja dele.

Olho para o pequeno buraco acima de sua cabeça, onde a luz do amanhecer penetra. — Vou tomar café da manhã, mas voltarei logo depois. Também trarei mais um pouco de comida e você pode me dizer mais sobre os possíveis pretendentes.

Por um instante, acho que ele pode protestar, mas ele assente.

Eu começo a me levantar, mas antes que eu possa, ele estende a mão e agarra meu pulso. Seus dedos ensanguentados a envolvem completamente e mantêm-se firmes de uma maneira que deixa minha respiração presa, apesar da atmosfera da prisão e das correntes e do sangue. Eu esqueci o efeito que o toque dele tem em mim. Eu quero me afastar, mas também não.

— Yana Crebesti, Theodosia. – diz ele.

As palavras ficam presas na minha garganta. *Eu confio em você.* Depois de tudo o que eu fiz para ele, tudo o que fizemos um para o outro, a confiança não deveria existir entre nós. Mas aqui está ele, confiando em mim.

Olho para a mão dele em volta do meu pulso e depois de volta para ele. — Theo. – digo a ele. — Você pode me chamar de Theo.

— Theo. – ele repete antes de soltar meu pulso.

Eu saio da prisão rapidamente, ouvindo sua voz ecoar em minha mente, enquanto me despeço dos guardas e tento limpar o sangue do meu pulso antes que eles possam ver.

Eu o ouço dizer meu nome repetidas vezes, e eu queria que Artemisia estivesse aqui para me dizer para sair dessa. Eu sempre pensei que meus sentimentos por Søren não eram realmente meus, mas de Thora, a garota quebrada e retorcida que o Kaiser havia criado das ruínas de mim. Eu pensei que eles eram mantidos separados o suficiente para não se sobreporem. Eu pensei que quando deixei o palácio, eu a tivesse deixado também.

Mas aqui estou eu, a centenas de quilômetros de distância, e meus sentimentos por Søren são tão complicados quanto na noite em que saí.

LIÇÃO

Não volto direto para Søren. Sei que ele ainda está com fome e precisa de mais companhia de alguém que não queira machuca-lo, mas o pensamento de ficar sozinha com ele novamente me paralisa. Não é que eu não confie em mim perto dele. É que a maneira como ele olha para mim destaca minhas vulnerabilidades e traz de volta pequenos pedaços de quem eu era no palácio. Estar perto dele me faz esquecer que sou uma rainha e que existem dezenas de milhares de outras pessoas dependendo de mim. É preciso tudo o que tenho para não mandar os guardas me darem suas chaves e tirá-lo de lá, independentemente das consequências.

Mudando de rumo, ando em direção à popa do barco, a bandeja equilibrada em meus braços enquanto procuro a garota de cabelos azuis.

Artemisia é fácil de encontrar no caos, com os cabelos brilhantes em meio aos vários tons de cabelos castanho e preto que a maioria dos astreanos tem. Ela está de pé no meio de um espaço aberto no convés com uma espada em cada mão. Elas são menores do que as espadas Kalovaxianas, embora não sejam suficientemente pequenos para serem chamados de punhais. Elas medem o comprimento do cotovelo ao dedo médio estendido, com punhos de filigrana em ouro que brilham à luz do sol.

Não reconheço o oponente dela, mas ele parece alguns anos mais velho do que ela e é muito mais alto, com ombros largos e rosto com ângulos afiados como cacos de vidro. Seus olhos escuros estão voltados para Artemisia enquanto eles se circundam, sua boca firme em uma linha reta. Artemisia parece dançar em vez de andar, os movimentos graciosos

como os de um gato. Ela até sorri para o garoto, se é que o que ela faz realmente pode ser chamado de sorriso.

De repente eles investem um contra o outro, metal batendo contra metal. Fica imediatamente claro que é uma luta desigual. Embora o garoto seja duas vezes maior e mais forte que Artemisia, seus movimentos são lentos e desajeitados, e Artemisia é rápida o suficiente para que ele erre com mais frequência, desperdiçando a energia que precisa para acompanhá-la.

Ela está se exibindo, jogando um giro aqui, um arco desnecessário, mas dramático, para seu balanço lá. É mais uma performance do que luta pra ela, até que não é mais. Ela vê o momento em que a respiração dele fica muito difícil, os passos dele se arrastam, e nesse momento ela dobra seus próprios esforços. Seus ataques chovem um após o outro, embora ele bloqueie todos eles. Ela parece querer que ele se distraia e usa sua distração contra ele cada vez mais, até que ele tropeça em uma prancha irregular no convés e cai para trás. Antes que ele possa registrar o que está acontecendo, Artemisia está em cima dele, suas espadas cruzadas sobre o pescoço dele e seu sorriso é triunfante.

Eu não sou a única assistindo. Dezenas de outras pessoas pararam o trabalho para ficar boquiabertas com o espetáculo, e agora estão torcendo por ela.

— Eu diria que senti falta de brigar com você. – diz o garoto, mais divertido do que irritado com sua perda. — Mas eu estaria meio mentindo. Ficarei dolorido amanhã, você sabe.

Artemisia clica em sua língua. — Você está enferrujado.– ela retruca, embainhando as espadas nos quadris e estendendo a mão para ajudá-lo.

Ele é orgulhoso o suficiente para ignorár, levantando-se com um gemido. Ele pega suas espadas e as embainha. — Eu não esperava que você fosse voltar tão boa – diz ele. — Você teve tempo de praticar nas minas?

Ela encolhe os ombros, embora uma nuvem escura passe por seu rosto. — Não, mas consegui guardar muita raiva, e isso compensava os músculos enferrujados, pelo menos um pouco.

O garoto parece que quer dizer alguma coisa, mas então seus olhos me encontram e se arregalam.

— S-Sua Majestade. – ele gagueja, mergulhando em uma reverência apressada antes que eu possa dizer a ele para não fazer isso.

Artemisia se vira para me encarar, as bochechas rosadas de esforço.

— Isso foi impressionante. – digo a ela.

— Seria mais divertido com um oponente que tenha levantado uma espada no ano passado. – diz ela, lançando um olhar indiferente ao parceiro.

Ele revira os olhos. — Vou praticar mais. – diz ele. — E você vai desejar que eu não tivesse quando eu vencê-la.

Ela bufa. — Como se você pudesse. – diz ela. — Theo, este é Spiros.

— Prazer em conhecê-lo. – digo a ele. — Confie em mim, você fez muito melhor do que eu poderia ter feito.

— Eu me ofereci para consertar isso. – Artemisia me lembra antes de perceber minha bandeja. — Tomando café da manhã no seu quarto?

— Não exatamente. – eu digo. — Você tem um momento?

Ela assente antes de voltar para Spiros. — Vejo você no jantar.

— Se eu puder andar até lá. – diz ele.

Artemisia e eu não falamos até ficarmos fora do alcance dos ouvidos. Quando confesso sobre minha visita a Søren, ela não perde tempo me dizendo como eu fui tola.

— Assim que o turno dos guardas terminar, eles falarão com minha mãe sobre sua visita e ela encontrará uma maneira de usá-lo contra você. – diz ela.

— Eu sei. – eu respondo. — Mas eu tenho uma idéia sobre isso.

Artemisia arqueia uma sobrancelha escura e franze os lábios, esperando que eu continue.

— Seu dom pode mudar sua aparência. Será que pode mudar a minha?

Ela parece surpresa por meio segundo antes de sua boca se curvar em um sorriso. — Pode. Mas, em troca, vou colocar uma espada na sua mão e ensiná-lo a usá-la. Combinado?

Começo a protestar novamente, mas depois penso na maneira como ela lutou alguns minutos atrás, sem medo, poderosa e pronta para enfrentar qualquer inimigo. Ainda não sei se tenho isso em mim, mas gostaria de descobrir. — Combinado. – eu digo.

Artemisia dá um breve aceno de cabeça. — Bem, então, qual rosto você gostaria de experimentar?

***

É estranho estar usando o rosto da minha mãe. Lembro-me do rosto de Dragonsbane, embora não pareça com o de Dragonsbane. Tento imitar sua postura enquanto Artemisia e eu caminhamos em direção aos guardas. Art conseguiu mudar a aparência das minhas roupas, mas ela não conseguiu fazer nada em relação às minhas botas, espero que minha postura de costas retas ajude a disfarçar o fato de que sou um par de centímetros mais baixo que o Dragonsbane.

Quando os guardas nos veem se aproximar, eles se levantam um pouco mais retos.

— Capitã. – eles dizem em sincronia.

— Estou aqui para ver o prisioneiro.– respondo, as minhas palavras cortantes como as de Dragonsbane.

— É claro. – diz um dos guardas, tentando abrir a porta o mais rápido possível. — Há algo que você gostaria de denunciar? – Eu pergunto, sabendo a resposta.

Os guardas não decepcionam. Eles tropeçam um no outro para me contar sobre minha própria visita, quanto tempo fiquei, o que ouviram pela porta. Faço uma anotação comigo mesmo para falar mais suavemente, mesmo que eles não tenham escutado nada particularmente danoso dessa vez. Apenas minha preocupação, apenas eu convencendo-o a comer.

— Você não falou disso com ninguém, certo? – Digo, olhando entre os dois com o que espero que seja a mesma intensidade de Dragonsbane.

Ambos acenam freneticamente e se afastam, deixando Artemisia e eu passarmos.

-

Eu deveria ter trazido papel e uma pena comigo. Eu não esperava muito de Søren - os nomes de vários outros países semelhantes a Astrea dispostos a se juntar a nós contra o Kaiser -, mas ele lista quase uma dúzia, e Artemisia tem muito mais a acrescentar. Acontece que crescer em um navio tripulado por pessoas de todo o mundo deu a ela uma visão única dos elementos de suas culturas que Søren nunca percebeu durante suas visitas as cortes.

Cada país parece ter uma estrutura diferente. Nenhum deles é matriarcado, como Astrea é, embora muitos sigam a mesma estrutura patriarcal que a Kalovaxia, mesmo que os

nomes dos governantes mudem. Existem reis, imperadores e potentados, mas, tanto quanto posso dizer, todos significam a mesma coisa, mais ou menos.

— Eu nunca entendi o conceito de rastreamento de linhagem através de herdeiros do sexo masculino.– admito depois que Søren me conta sobre o príncipe Talin de Etralia, cuja legitimidade como herdeiro é, na melhor das hipóteses, questionável.

— É assim que a maior parte do mundo funciona. – diz Søren. Embora Artemisia não possua os poderes curativos de Heron, ela conseguiu usar o Dom da Água para limpá-lo e enxaguar suas feridas para evitar que elas fossem infectadas. Novamente, é apenas temporário. Depois que partirmos, será apenas uma questão de horas antes que ele seja agredido novamente. O pensamento pesa muito na minha consciência, mas eu sei que Art está certa: não há nada que eu possa fazer sobre isso. Não agora, pelo menos.

— Os patriarcados são terrivelmente falíveis. – eu digo. — É fácil pôr em dúvida a paternidade de um herdeiro, mas quase impossível se você seguir a linha materna. Ninguém pode dizer com certeza quem era meu pai, mas a identidade de minha mãe nunca foi posta em causa. Ninguém jamais duvidaria da minha legitimidade como herdeira de seu trono.

Artemisia faz um barulho no fundo da garganta. — A menos que haja gêmeos, é claro. – diz ela.

Quando Søren e eu nos viramos para olhá-la, ela suspira e senta-se em seu lugar, encostada na parede na diagonal em frente a Søren. — Há uma história sobre quando nossas mães nasceram. – ela me diz. — Eles dizem que amarraram uma fita no tornozelo da primogênita. Por mais frágil que fosse o sistema, não havia precedentes, então eles fizeram o melhor possível. É claro que os bebês se contorceram e a fita caiu

depois de menos de uma hora. Então a rainha - nossa avó - escolheu uma delas. Foi uma escolha aleatória, com base em sua intuição. – disse ela. — Foi assim que o destino do nosso país foi decidido.

Ela diz claramente, uma história que ouviu tantas vezes que se tornou seu próprio tipo de mitologia, mas formiga na parte de trás do meu pescoço como um mosquito. Søren pega meu olhar e vejo as peças se juntando para ele também. É quase um alívio, Dragonsbane ter algum tipo de objetivo além de criar o caos e o controle da acumulação, mas se ela quiser minha coroa, terá que retirá-la dos dedos do meu cadáver.

— Conte-me sobre os Bindorianos novamente. – digo a Søren, mudando de assunto, embora guarde esse pouco de conhecimento no fundo da minha mente. — Você disse que eles eram... religiosos...?

— Oligarquia. – ele termina. — Governado por cinco sumos sacerdotes, que por sua vez são eleitos por delegações menores de padres regulares, um para cada sub-país. Embora a crença comum seja a de que cada sumo sacerdote é escolhido por Deus.

— Deus? – Artemisia pergunta.

— Eles são monoteístas. – diz ele.

Ela revira os olhos. — Apenas diga que há só um deus. Você não está na corte, suas palavras chiques não impressionam ninguém.

Suas bochechas ficam rosadas. — Há apenas um. – , ele altera. — Existem alguns países que são mono... que têm apenas um deus. Em algumas religiões, ele é benevolente e gentil, protegendo seu povo. Em outras, ele é vingativo, pronto para estender a mão e puni-los por qualquer tipo de indiscrição.

— Então, como isso funcionaria? – Artemisia pergunta. — Se um oli...religioso... o que quer que seja, aparece para tentar a mão de Theo. Um deles se casaria com ela?

Um bônus deste momento é uma lição de imersão em manter minha expressão plácida enquanto eles trocam palavras como casamento e marido e casamento. É tudo hipotético, eu me lembro. Não concordei com nada e não concordo, mas seria tolice entrar cego na corte de Sta'Criveran. — Acho que não. – diz ele. — Eles são todos celibatários. Eles estariam interessados apenas em Astrea e em governar lá.

— Parcialmente governar. Hipoteticamente. – eu o corrijo, embora até esse seja um pensamento horrível. —Algo me diz que eles não estariam muito interessados em respeitar nossas crenças.

Søren hesita antes de balançar a cabeça. — Eu visitei o Bindor uma vez há alguns anos e não tive uma única conversa com nenhum deles que não foi voltada a tentar me converter.

— Adorável. – eu digo com uma expiração. — Eles estão fora, então.

É a mesma coisa que eu disse sobre a maioria dos herdeiros que Søren mencionou, e mesmo aqueles que não rejeitei completamente não pareciam opções válidas. Mas eu sabia que Søren e Art estavam frustrados comigo, então eu disse que pelo menos os consideraria. O problema não é nenhum dos parceiros em potencial. Eu sei disso e eles devem também. O problema é que não suporto o pensamento dos países que foram devastados. Eles são um dos poucos países fortes demais para os Kalovaxianos atingirem.

— Não há mais nada? – Eu pressiono, mas Søren e Artemisia balançam a cabeça.

— E ele pessoalmente? – Eu pergunto. — Ele é gentil ou cruel, sábio ou sombrio?

Søren encolhe os ombros, mas Artemisia contrai os lábios.

— Não sei mais sobre o rei, mas sei que Sta'Crivero é um país rico. Eles não travam uma guerra há séculos. Eles não precisam valorizar coisas úteis, então valorizam coisas bonitas.

A implicação é clara. — Uma eu não sou. – eu digo.

— Eu sei disso, você também.– diz Artemisia, revirando os olhos. — Mas eles não. E eles não se importam o suficiente para fazer a distinção.

ATAQUE

O som crescente atravessa a neblina do sono em torno da minha mente e me arrasta de volta para o mundo real depois do que parece serem apenas alguns minutos, embora a luz do amanhecer atravessando pela janela da vigia signifique que devem ter passado horas. Eu pisco para afastar o sono dos meus olhos e sento antes de perceber que algo está errado.

Não é o som que sinaliza uma mudança de equipe ou refeições ou um anúncio da Dragonsbane. Esses são todos um único gongo, atingido apenas uma vez. O que ouço agora são três sinos diferentes, tocando em conjunto, sem sinal de parada.

É um alarme.

Jogo o cobertor e fico de pé, puxando a capa sobre a camisola e enfiando os pés rapidamente nas botas grandes demais. Meu coração bate contra a minha caixa torácica enquanto milhares de pensamentos fluem pela minha mente, aumentados pelo toque constante dos sinos.

Os homens do Kaiser me encontraram.

Eles vão me arrastar de volta.

Acabou.

Eu falhei.

Afasto essas preocupações e sigo para a porta, decidida a descobrir o motivo de toda essa confusão, mas quando a abro encontro Spiros do outro lado, espadas embainhadas nos quadris e punho fechado pronto para bater.

— S-Sua Majestade,– ele gagueja, olhando em volta e olhando para qualquer lugar, menos para mim quando sua mão cai ao seu lado.

— O que está acontecendo? – Pergunto a ele. Eu tenho que gritar para ser ouvido através dos sinos.

— Vimos o sinal de um navio comercial Kalovaxiano a alguns quilômetros a leste, e a capitã decidiu persegui-lo. Agora todos estão no convés enquanto nos preparamos para um ataque.

Meu relaxa com alívio e eu tenho que segurar o batente da porta para ficar de pé. Estamos atacando-os, e não o contrário.

— A capitã disse que você deve ficar na sua cabine até que seja seguro.

O pedido me envolve como um espartilho apertado, embora eu saiba que é o melhor. Não tenho utilidade em um ataque. A melhor coisa que posso fazer por alguém é ficar fora do caminho.

— E você está encarregado de ser minha babá? – Pergunto em vez de discutir.

Ele faz uma careta. — Eu sou seu guarda, Majestade.

— Sim, eu já tive guardas como você antes. –, digo, embora me arrependa imediatamente. Isso não é culpa de Spiros. — Isso acontece com bastante frequência, não é? – Pergunto.

Ele concorda. — A cada duas semanas.

— Haverá baixas? Dos nossos? – Eu pergunto.

Mais uma vez ele hesita. — Geralmente há um custo. – diz ele com cuidado.

Ampelio achava que o custo era muito alto, lembro-me de Blaise dizendo uma vez, sobre Dragonsbane e seus métodos.

Abro mais a porta. — É melhor você entrar. Vai ser uma manhã longa.

Spiros assente, a nuvem negra não deixa seu rosto quando ele entra na minha cabine.

— Quanto tempo isso costuma durar? – Pergunto a ele.

— Algumas horas. Ela é bastante eficiente, provavelmente poderíamos tomar o navio com os olhos vendados. Aproxime-se pelos lados e chegue o mais perto possível antes de virar o canhão para eles, você quer evitar virar muito rápido, porque então se torna um alvo maior. – explica ele. — É muito mais difícil causar danos à proa de um navio.

Concordo e espero que ele continue.

Às vezes eles se rendem antes mesmo de atirarmos. Eles já conhecem a reputação de Dragonsbane e há um boato de que ela é misericordiosa com os que se rendem, que os deixa navegar para Esstena, Timmoree ou algum pequeno país e viver se jurarem nunca voltar à Astrea. Mas a capitã nunca demonstrou piedade para nenhum Kalovaxiano.

— E se eles não se renderem?

Spiros encolhe os ombros. — Atiramos neles até que o façam ou até o navio afundar. Se eles se renderem, nós os saqueamos e afundamos o navio e todas as pedras espirituais a bordo.

Ele faz uma pausa, mas posso dizer que ele não terminou, então não o interrompo.

Eu costumava pensar que era um insulto aos deuses, deixar todas essas pedras preciosas no fundo do oceano, mas acho que é a coisa mais gentil que podemos fazer. Não é como se pudéssemos colocá-las de volta nas minas. Pelo menos assim, ninguém pode abusar delas.

Por um momento, não digo nada, mas só posso segurar minha língua por um tempo. — Estou mais preocupada com os escravos que afundam com os navios que se recusam a se render.

Ele não está surpreso com a minha resposta. Em vez disso, ele apenas parece cansado. Não é um argumento

novo. — É um preço alto que temos que pagar. – ele admite, embora pareça distante, perdido em seus próprios pensamentos. — Às vezes parece valer a pena, às vezes não.

***

Quando *Smoke* dispara seu primeiro canhão, sacode o navio com tanta força que minha vela apagada cai da mesa, Spiros não pula de surpresa como eu. Ele mal parece ouvir, embora isso deixe meus ouvidos zumbindo. Ele se inclina contra a minha porta como se esperasse que eu passasse por ela a qualquer momento.

— Há quantos anos você está com Dragonsbane? – Pergunto a ele do meu poleiro na beira da minha cama. Sinto que tenho que gritar para ele me ouvir. Uma vez que o canhão começa, é constante, embora pelo menos tudo pareça estar saindo do nosso navio.

Ele encolhe os ombros e desliza pela porta até estar sentado no chão, com os braços apoiados em ambos os lados para se preparar para a próxima explosão de canhão.

— Desde antes do cerco, – diz ele. — Eu não me lembro da vida antes, honestamente, mas sei que meu pai se juntou à sua equipe depois que minha mãe morreu. Antes disso, nós éramos de Naphia. – Ele diz, nomeando uma cidade Astreana na base da cordilheira de Grulain.

— Naphia é linda.– eu digo. — Eu só fui lá uma vez, com minha mãe antes do cerco, mas os campos de lavanda tinham acabado de florescer e era tão adorável.

Spiros apenas encolhe os ombros novamente. — Eu suponho que sim. Voltamos alguns anos atrás, Dragonsbane havia sido contratada por refugiados escondidos nas montanhas e passamos por Naphia a caminho. Foi...– Ele faz uma pausa. — Não restava nada. A vila havia sido arrasada e queimada. Os campos de lavanda também. Era apenas terra

árida, como se ninguém tivesse pisado lá antes de nós. Dezenas de gerações, destruídas.

Meu peito aperta. — Sinto muito.– digo a ele. — Eu sei o que é perder sua casa.

Ele balança a cabeça. — *Smoke* é minha casa.

Outro canhão dispara, fazendo o navio estremecer. Eu estremeço junto, apertando minhas mãos ao meu lado até que pare. — Eu não consigo imaginar como é crescer assim. Sempre sob ataque.

Ele me lança um olhar engraçado e eu percebo o que disse.

— Bem, não como esses, pelo menos.– eu emendo. — Esses ataques eram...– Paro por outra explosão de canhão. — Mais silenciosos.

— Eles não estão revidando. – diz ele após alguns instantes. — É apenas fogo nosso. Devemos te-los pego de surpresa e agora eles estão lutando. Será um transporte fácil.

É difícil imaginar os Kalovaxianos lutando. Na minha experiência, eles sempre foram guerreiros estoicos e de aço sempre dois passos à frente de seus inimigos, mas há uma razão pela qual Dragonsbane conseguiu evitá-los por tanto tempo. Apesar de tudo, eu a respeito.

— O que vai acontecer agora? – Pergunto.

Ele considera por um momento, olhos escuros ficando pensativos. — Eles acenam a bandeira branca em breve, isso significa render-se.

— Eu sei o que é uma bandeira branca. – eu digo. — Os Kalovaxianos usam isso como uma metáfora, eu sempre ouvi que os navios deles nem são equipados com elas - morte antes de rendição e essa coisa toda.

Ele da risada. — Essas são palavras fortes, mas são apenas palavras. Os Kalovaxianos têm um instinto de sobrevivência,

como qualquer um. Eles voam de apenas com as roupas de baixo se precisarem.

Os deuses sabem que vi cortesãos Kalovaxianos em excesso pisoteando uns aos outros para salvar suas reputações e orgulho - só posso imaginar como eles agiriam se suas vidas estivessem em risco. Mas, mesmo pensando nisso, lembro-me de estar naquele túnel com Søren e segurando minha adaga nas costas dele. Lembro-me dele me dizendo para mata-lo.

— Suponho que Søren esteja seguro em sua cela? – Pergunto a Spiros.

Spiros franze a testa. — Ele tem seus guardas para mantê-lo lá.

— Assim como eu tenho você?

Ele bufa. — Os dele não são tão amigáveis como eu.

— E depois que os Kalovaxianos se rendem? – Pergunto. — Qual é o próximo passo?

Spiros se recosta na porta à minha frente, cruzando os braços sobre o peito. — Vamos parar até eles garantir que o navio é nosso. Não preciso dizer que os Kalovaxianos são astutos - eles têm homens esperando para nos surpreender quando embarcarmos. Suponho que eles acham que é uma manobra inteligente, mas todos fazem isso. Enviamos o nosso mais forte primeiro, pronto para uma luta, e a resistência que eles têm é eliminada rapidamente. Geralmente esse é o meu trabalho.

— Parece perigoso. – eu digo. — Especialmente porque Artemisia bateu você com muita facilidade quando vocês duelaram.

Spiros sorri timidamente e esfrega a nuca. — Duelo é diferente de batalha - Art também sabe disso. Não há graça na batalha, não há necessidade de estilo. Você só precisa se

mover mais rápido e bater mais forte que seus oponentes. Duelo é mais como uma dança - você respeita seu parceiro, você o entende. É tanto uma partida de xadrez quanto um esporte físico. Essa é a parte com a qual fiquei enferrujada.

— E depois?

— Ele encolhe os ombros. — Depois o resto da tripulação embarca. Pegamos o que precisamos - dinheiro, roupas, objetos de valor. A capitã tenta extrair algumas informações deles, mas mesmo com a faca na garganta deles, eles ainda temem mais o Kaiser. Eles raramente dizem uma palavra útil e, quando o fazem, geralmente é informação falsa.

— Então ela os mata.– Eu termino. É quase um esporte, mas também não está conquistando os países indefesos.

— Tudo vai acabar em pouco tempo. – diz Spiros.

Concordo, mas mal estou ouvindo. Uma idéia tênue está tomando forma em minha mente, lentamente se tornando corporal. Significará agir rapidamente e significar ir contra as ordens de Dragonsbane, mas eu só me deixei hesitar por alguns segundos antes de dar a Spiros meu sorriso mais encantador. — Imagino que seja difícil para você, Spiros, ficar preso aqui comigo enquanto toda a ação está acontecendo.

Spiros franze a testa, encolhendo os ombros mais uma vez. — Eu não me importo. – diz ele, mas seus olhos revelam a mentira.

— Pelo menos você está muito mais seguro aqui. – eu digo.

Em vez de aplacá-lo, minhas palavras apenas o agitam ainda mais, e ele se afasta da porta, começando a andar.

— Vai acabar logo. – ele diz novamente.

Eu finjo considerar por um momento. — Não seria algo,– digo devagar, — se a última coisa que os Kalovaxianos vissem antes de morrerem fosse eu?

Spiros fica quieto por um momento. — Dragonsbane deu ordens específicas para que você ficasse em sua cabine. – diz ele.

— Claro. – eu digo. — Minha tia quer me manter segura, eu entendo. Mas não correrei nenhum perigo depois que os embarcarmos. Você mesmo disse isso.

Ele hesita e posso ver minhas palavras chegando até ele - sem mencionar seu próprio desejo de fazer parte da ação - mas não é suficiente. Sua lealdade a Dragonsbane é inabalável. Eu tento outra tática, deixando minha voz baixa.

— Art me disse que quando ela mata os Kalovaxianos, ela retira deles um pouco do que eles tiraram dela. – digo a ele. O estremecimento dele é leve, mas está lá. Eu continuo. — Gostaria de tirar algo deles também, Spiros. Por favor.

— Se eu deixasse, – ele diz lentamente, — você não faria nada tolo? Art diz que você é propensa a tolices.

Não consigo deixar de rir, sabendo que Artemisia chamaria o que estou prestes a fazer de o ponto máximo da tolice. — Prometo que não. – digo a ele. — Mas também precisamos trazer Prinz Søren conosco.

Ele fica alarmado com a ideia. — O Prinz é um prisioneiro, um prisioneiro Kalovaxiano. – diz ele. — Por que o levaríamos para interrogar outros Kalovaxianos?

Eu sorrio. — Porque esses homens respeitam Søren tanto quanto você respeita Dragonsbane. E ele estará do nosso lado.

— Você não pode garantir isso. – diz Spiros, balançando a cabeça. — Ele é um inimigo. Dragonsbane obterá informações dos Kalovaxianos, como ela sempre faz.

— Ela vai? – Eu pergunto, e ele hesita. — Você disse que raramente o que eles dizem é verdade. Porque eles estão conversando com um inimigo, não com alguém que eles

acreditam ser um aliado. Como Søren. Ele está enfraquecido e desarmado, fácil para seus guardas lidarem com ele, mesmo sem correntes.

— Não vou contra as ordens da minha capitã. – diz Spiros em voz baixa, mas isso não é um não.

— Com certeza não. – digo a ele. — Você estará seguindo ordens da sua rainha. Você vai buscar o Heron. Ele não gosta de violência, então você o encontrará em sua cabine. Depois, vocês vai me encontrar na prisão.

REFÉNS

Quando os gritos e saudações de vitória surgem do convés - Spiros diz que assumimos oficialmente o controle do outro navio -, tenho Heron de um lado e Søren e seus guardas do outro. Não tivemos tempo para Heron curar todos os ferimentos de Søren, mas os piores foram tratados, pelo menos. O único sinal externo de que ele não seja um hóspede a bordo é que ele está mancando mas ele disfarça tão bem que eu não notaria se não estivesse procurando por algo. Minha adaga está embainhada no meu quadril, embora pareça um pouco boba amarrada na minha camisola cinza. Demorou um pouco para os guardas deixarem Søren sair sem correntes, mas minha influência como rainha ajudou a convence-los. Não é uma carta que poderei jogar para sempre, o Kaiser me ensinou isso. Um título é muito bom, mas não garante respeito. Ações sim.

— Você gostaria de me contar o que está planejando? – Søren sussurra para mim enquanto subimos as escadas, Spiros, Heron e os guardas seguindo alguns passos atrás.

Hesito por apenas um segundo antes de falar. — Quando Dragonsbane ordenar que os Kalovaxianos sejam mortos, você não pode dizer uma palavra sobre isso.

Embora a iluminação abaixo do convés seja fraca, posso ver Søren ficar um pouco mais pálido.

— Theo... – ele diz. — Entendo que isso é guerra, mas não me peça para *assistir*.

— Você precisa provar que está do nosso lado se quisermos tirá-lo da prisão. – Olho para trás para os guardas antes de voltar o olhar para Søren e abaixar minha voz. — Por favor. Yana Crebesti.

Seus olhos encontram os meus por um instante antes que ele abaixe o olhar e assinta.

Respiro fundo, firmemente, antes de abrir a porta e sair para o convés do Smoke. É surpreendente que o navio não tenha tombado, considerando quantas pessoas estão reunidas no parapeito ao lado do porto, olhando para onde eu posso ver o mastro e as velas vermelhas do navio Kalovaxiano.

Søren luta para ver além da multidão - mais fácil para ele do que para mim. Depois de um momento, ele pragueja baixinho.

— O que é foi? – Pergunto.

— O navio. É o *Orgulho do Dragão.*

O nome não significa nada para mim, mas Søren parece abalado.

— Treinei nele. – explica ele. — Para que eu pudesse entender as rotas comerciais.

— Você conhecerá alguns dos homens. – eu percebo.

Ele assente, mas não fala mais, sua expressão tensa.

— Isso significa que eles o conhecerão. – ressalto. — Será mais fácil fazer com que eles falem.

E mais difícil vê-los morrer.

Spiros e os outros guardas se movem na nossa frente, abrindo caminho para o passadiço - uma prancha grossa de madeira que leva do navio ao outro. A visão disso faz meu estômago apertar e imagino todas as maneiras que eu poderia cair. Spiros vai primeiro, a prancha sacudindo sob seus pés a cada passo que ele dá, embora ele mal pareça notar. Ele já fez isso antes, é claro. Søren também - sou a única nova nisso.

— Se isso ajuda, – Søren murmura para mim, — nunca vi alguém cair, a menos que alguém os empurrasse.

— Obrigado. – eu respondo secamente, antes de dar o meu primeiro passo na prancha precária.

Fiz coisas mais difíceis do que isso, lembro a mim mesma quando coloco um pé na frente do outro. Lembro-me de escapar do palácio, nadar contra aquela corrente gelada e escalar aquelas pedras irregulares, minhas palmas e solas sangrando. Tento não pensar na prancha tremendo embaixo de mim ou no que aconteceria se caísse, direto na água escura e agitada. Eu mantenho minha mente vazia até meus pés encontrarem o solo sólido da navio Kalovaxiana. Minha mão trêmula encontra a de Spiros e ele me ajuda a me firmar.

Mas assim que minha mente clareia, quase anseio pela prancha trêmula novamente, porque de repente me deparo com dezenas de astreanos e kalovaxianos, olhando para mim e Søren, perplexos, alarmados e expectantes. Nenhum deles fala, no entanto. Em vez disso, eles olham entre nós e Dragonsbane, esperando para seguir seu exemplo. Encontro Blaise e Artemisia na multidão, ambos me encarando com a boca escancarada. A maioria da tripulação está armada, suas facas apontadas para as gargantas pálidas dos Kalovaxianos ajoelhados diante deles. Não tenho tempo para contar todas, mas acho que cinquenta Kalovaxianos, muitos feridos e um punhado de mais Astreanos. Pela primeira vez, superamos em número.

— Theodosia. – A voz de Dragonsbane corta meus pensamentos. Sua voz é um aviso misturado a confusão, mas não combina com a fúria em seus olhos. Mas isso é uma coisa boa - significa que, por mais zangada que ela esteja ao ver Søren fora da prisão, ela está tentando esconder. Mostrar suas emoções seria perder a compostura na frente da sua tripulação e dos Kalovaxianos. Eu quase posso ver a mente dela trabalhando: Søren está livre, sim, mas há um número

suficiente de membros da tripulação armada ao redor dele, ele ainda está efetivamente sem poder. Ela tem mais a ganhar deixando isso acontecer do que me confrontando e colocando-nos em uma posição difícil. Ela sabe que, se fosse o caso, parte de sua tripulação seguiria uma rainha no lugar de uma capitã - não muitas, insuficientes para provocar uma verdadeira rebelião, mas ainda assim demais para seus padrões. Então ela joga junto. Ela fica na proa elevada do navio, Eriel atrás dela. De joelhos diante dela, está um homem Kalovaxiano mais velho e de ombros largos, que suponho ser o capitão. Se o tom cinza em seus cabelos é alguma indicação, há muitos anos que ele não perde uma batalha. Agora, esta perdendo mais do que apenas seus cabelos. Ele sabe disso. Enquanto a maioria dos homens de sua equipe está olhando em volta com medo, seus olhos estão baixos e vazios, um homem que já desistiu.

Pelo menos, até Søren atravessar a passarela e ficar ao meu lado.

— Min Prinz. – diz o homem, sua voz rouca acentuando as palavras Kalovaxianas. *Meu Prinz.*

— Capitão Rutgard. – diz Søren, impassível. Dou uma olhada de soslaio, apenas para descobrir que seus olhos são tão sem emoção quanto sua voz. Ele poderia muito bem estar falando com um estranho, mas ele não está.

Dragonsbane limpa a garganta. Seus olhos são adagas perfurando Søren. — Você deveria ficar no navio, querida – diz ela em Astreano, e eu percebo que ela está falando comigo e não com Søren, por causa de quão melosa sua voz se tornou. É assim que uma pessoa fala com uma criança ou com uma pessoa inválida.

Eu xinguei minha decisão de não tirar a camisola. Que visão eu devo ter com minhas botas muito grandes e meu

cabelo solto e bagunçado. Devo parecer algum tipo de fantasma, não uma rainha. Luto contra o desejo de me encolher e, em vez disso, levanto-me mais ereta, levantando meu queixo e forçando minha voz a permanecer nivelada.

— Spiros me garantiu que tudo estava seguro e ele estava certo. – digo, também falando em Astreano, já que os Kalovaxianos não entendem. Eu olho lentamente ao redor do navio para as dezenas de homens Kalovaxianos se ajoelhando diante de Astreanos. Não é uma visão que estou acostumada e a saborear. Começo a dar voltas no convés, com Søren e seus guardas seguindo um passo atrás, e examino cada Kalovaxiano por que passo. Um garoto de talvez quinze anos olha para mim com medo nos olhos. Eu sustento seu olhar até ele desviar o dele.

— Que notícias eles nos trazem de Astrea? – Eu pergunto, olhando para Dragonsbane.

— Nenhuma. – ela admite, com os dentes cerrados. — Ainda.

— Eu pensei e acho que eles poderiam ser um pouco mais abertos com o Prinz. – eu digo, gesticulando para Søren ao meu lado.

Søren também não entende o que estou dizendo, mas ele reconhece seu título, com a testa enrugada.

— Eles vão nos dizer o que queremos saber, eventualmente. – diz Dragonsbane, acenando a mão com desdém.

— Eles vão mesmo? – Eu pergunto a ela. — Tenho a impressão de que normalmente, é o que acontece.

Os olhos de Dragonsbane encontram Spiros atrás de mim, mas antes que ela possa repreendê-lo, eu continuo. — Søren é o Prinz deles; eles dirão a verdade se ele puder convencê-los a se voltar contra o Kaiser. Muitos desses homens o

conhecem, ou pelo menos conhecem suas habilidades lendárias na batalha. Eles podem ser mais leais a ele do que a seu pai.

Volto minha atenção para Søren, mantendo meu Kalovaxiano em um sussurro. — Precisamos de notícias de Astrea e elas não nos dizem nada, então, ela vai matá-las.

Sua expressão tremula brevemente antes de voltar à placidez. — É sensato. – ele gerencia. — É por isso que ninguém foi capaz de descrever ela ou o navio. É por isso que ninguém sabe quem ela é.

— Ninguém será capaz de espalhar boatos sobre você se rebelando contra seu pai em uma corte onde você ainda tem aliados. — acrescento.

Faíscas de entendimento brilham em sua expressão.

— Consiga as informações e podemos poupar alguns deles. Transforme-os em nossos próprios espiões.

Ele assente antes de encarar Dragonsbane.

— Capitã. – diz ele, tropeçando na palavra astreana. — É uma tentativa admirável, mas é o máximo que ele consegue, então ele muda para o Kalovaxiano. — Se você me deixar ajudar, posso provar minha lealdade.

Dragonsbane hesita, olhando para a multidão que a encara agora. — Seja rápido. – diz ela em Kalovaxiano antes de mudar para Astreano. — Tudo acabara do mesmo jeito.

Os membros da tripulação Astreana riem. Embora Søren não consiga decifrar o que exatamente ela disse, ele entende o suficiente. Ele respira fundo antes de olhar em volta para os homens Kalovaxianos de joelhos. Demoro alguns segundos para perceber que ele está procurando um rosto familiar. Demora um pouco mais antes que ele encontre um.

Søren se agacha na frente de um homem de vinte e poucos anos, com cabelos loiros o tempo suficiente para tocar

a clavícula dele. O homem olha com olhos raivosos verdes brilhantes. Seus braços estão torcidos atrás dele, amarrados por cordas desgastadas, e um homem astreano que não reconheço fica em cima dele, uma faca no pescoço do homem.

— Mattin. – diz Søren, sua voz baixa e suave. Suponho que ele esteja tentando parecer reconfortante, mas o homem parece estar longe de querer ser reconfortado. — Ajude-me a ajudá-lo, Mattin.

Mattin fica quieto, com os olhos fixos no convés aos pés de Søren.

— Você quer ver sua esposa novamente? – Søren pergunta, sua voz afiada. — Sua filha, quantos anos ela tem agora? Quatro?

Isso chama a atenção de Mattin e ele finalmente olha para Søren, com a expressão vacilante, mas ainda não diz nada.

Søren se levanta. — Bem. Falarei com outro. – ele diz, começando a se afastar de Mattin, embora o faça devagar.

— Espere. – diz Mattin depois de alguns segundos. — Eu vou falar com você. Se você me deixar viver, eu falo com você.

Os olhos de Søren disparam para mim por um breve segundo, um lampejo de incerteza, antes que ele se vire para Mattin e assinta.

Os outros Kalovaxianos entram em zombaria, chamando Mattin de traidor e palavras muito mais baixas que eu meio que entendo. Mas nem todos eles, eu noto. Alguns olham silenciosamente para o chão, pensativos.

MATTIN

É mais difícil obter informações de Mattin do que Søren previa e, a cada momento que passa, sinto sua frustração crescer. Minha paciência está se esgotando, e Dragonsbane nem se incomoda em tentar mascarar sua irritação enquanto caminha pelo convés na frente dela. Alguns dos tripulantes que estavam dispostos a conversar foram levados para baixo do convés, para que as informações fornecidas pudessem ser corroboradas, mas muitos homens Kalovaxianos ainda estão aqui, ajoelhados diante de seus captores Astreanos com as lâminas pressionadas contra o pescoço.

— O grupo de busca do Kaiser já voltou para Astrea? – Søren pergunta pela quinta vez.

Mais uma vez, Mattin encolhe os ombros o máximo que pode com os pulsos amarrados nas costas. Embora ele tenha se voluntariado, as zombarias de seus companheiros de navio tiveram algum efeito sobre ele.

O homem astreano que segura Mattin - cujo nome eu aprendi ser Pavlos - cava a ponta da lâmina um pouco mais forte no pescoço de Mattin, fazendo-o recuar.

— Estou dizendo, eu não estava a par dos planos do Kaiser em relação à Princesa das Cinzas Pagã e ao Prinz sequestrado. – diz Mattin, com tom calmo. Embora não seja nenhum tipo de resposta, alguns Kalovaxianos ainda gritam insultos contra ele, ignorando os captores de Astreanos que tentam acalmá-los.

Os lábios de Dragonsbane se curvam e, por um instante, espero que ela atinja ele, mas ela olha para o homem com olhos estreitos, como se ele fosse uma equação que ela não

conseguiu descobrir como resolver. Ela faz um gesto para um dos membros da tripulação, que arrasta a adaga pelo pescoço de um Kalovaxiano zombador sem hesitar. Sangue escorre do corte e o corpo cai no chão. Não há tempo para ele gritar, e eu tenho que morder minha língua para não gritar de surpresa. Søren nem sequer pisca. Ele não tira os olhos de Mattin.

Depois de um momento, o olhar de Dragonsbane muda para Søren.

— Você está se mostrando um interrogador inútil, Prinz Søren. – diz ela em Kalovaxiano, extraindo cada palavra para que todos os que estão reunidos possam ouvi-la.

Søren balança a cabeça e abre a boca para falar antes de fechá-la rapidamente novamente.

— Não é inútil. – eu digo, dando um passo à frente. — Ele não está respondendo à pergunta que você fez, mas disse muito.

Dragonsbane inclina a cabeça. — Não sei o que foi que você escutou.

— A Princesa das Cinzas Pagã e o Prinz sequestrado.– repito. — Essa é a história que está sendo contada. Mas você não é um prisioneiro, é Søren? Você não usa correntes, está livre para andar. Você está do nosso lado de bom grado.

Søren encontra meu olhar, seus olhos brilhando de entendimento.

— Eu não fui sequestrado, Mattin. – ele mente, descansando a mão no ombro do homem. Mattin encolhe os ombros.

— Então a vadia deve ter enganado você, usou sua magia pagã para colocar um feitiço em você. – ele morde, alto o suficiente para que todos os que assistem possam ouvir. —

Prinz com quem servi nunca trairia seus irmãos dessa maneira.

Sussurros surgem do outro lado do convés, mas leva um momento para eu perceber que ele está falando de mim. Søren estremece com a palavra vadia, mas não sei se dou risada ou respondo. Não ajudaria. Nada do que eu disser levará Mattin a acreditar que Søren é confiável o suficiente para conversar. Também não há nada que Dragonsbane possa fazer, além de tortura, embora eu tenha certeza de que ainda assim ele não desistiria. Não, Søren é o único que pode passar por ele, então eu fico quieta e deixo que ele faça isso.

— Não existe magia sobre mim, – diz Søren. – A Única verdade é a que eu estava com muito medo de ver antes. Verdade que acho que você também conhece: meu pai é um covarde tirano.

Por um longo momento, Mattin fica em silêncio. — O Kaiser expandiu nosso alcance durante seu reinado e abriu mais o mercado. – diz ele finalmente.

— Não, Mattin. – diz Søren, olhando para a multidão reunida e amplificando suas palavras para que todos possam ouvir. — Meu pai sentou-se no trono e ficou preguiçoso. Ele está contente fazendo festas e sendo adorado como um deus. Mas que tipo de deus envia seus homens para lutar uma batalha que ele mesmo está com muito medo de lutar? Ele não está em guerra há mais de duas décadas porque acha que a própria vida é mais preciosa que as de vocês, mas não acho que seja verdade. Sua esposa e filha também discordariam.

Mattin se endireita antes de virar a cabeça para encarar Søren. — Você acha que isso seria melhor? Quando você coloca uma vadia astreana acima de seu próprio povo?

Antes que eu possa sentir a picada dessa palavra novamente, o punho de Søren colide com o lado do rosto de

Mattin e ele se dobra, sangue escorrendo da boca. Søren agarra seus pulsos amarrados e o puxa de pé novamente, virando-o para me encarar.

— Você vai se desculpar. – diz ele, puxando os braços de Mattin até que eles quase sejam arrancados do lugar. Mattin estremece. Quando ele encontra meus olhos, há ódio puro lá.

— Não. – Mattin cospe.

Søren aperta a mandíbula e puxa os braços do homem até ele gritar. — O nome dela é Rainha Theodosia, e se você não se desculpar por desrespeitá-la, deixarei os homens dela o peguem e descreverei seus últimos momentos para a sua esposa, para que ela saiba o quão pateticamente você morreu.

Mattin grunhe, os olhos se afastando. — Peço desculpas. – diz ele entre dentes.

Søren parece tentado a extrair algo mais sincero dele, mas isso dificilmente seria produtivo. Eu limpo minha garganta. — Eu aceito suas desculpas. – digo friamente.— Espero que você veja que uma mulher pode exercer poder além do que está entre suas pernas, pelo amor de sua filha, se nada mais.

Ele se encolhe antes que Søren o vire com força para encará-lo.

— Estou tentando ajudá-lo, Mattin. – diz Søren. — Quando eu estava no Orgulho do Dragão, você se queixava mais do Kaiser do que qualquer um. Ele aumentou os impostos e seus pais tiveram que se esforçar para trabalhando mais na fazenda para pagar. Seu pai trabalhou até a morte, foi o que você disse, porque todos os cinco filhos foram chamados para lutar as guerras dos Kaiser. Quando você recebeu a notícia de que sua filha nasceu, você me disse que estava feliz por não ser um garoto para que ele não... quais

foram suas palavras? Morrer pelo egoísmo de um velho sádico?

Mattin não responde no começo, mas eu posso vê-lo vacilar. — Você não seria melhor. – diz ele finalmente.

Søren olha para mim antes de olhar para ele. — Eu nunca tive nenhum desejo de ser Kaiser, eu sempre fui aberto sobre isso, inclusive quando éramos tripulantes. Eu queria um navio e o mar a minha volta. Nada mais. Eu ainda quero isso. Se eu pudesse, nunca mais voltaria a corte, mas liderei homens que morreram pelo egoísmo de meu pai, assim como seus irmãos, assim como seu pai. O Kaiser nunca ficará satisfeito até que o mundo inteiro seja arrasado. Ou até que alguém o pare.

— Então você está se juntando a eles? – Mattin pergunta, olhando para Dragonsbane, Pavlos e eu. — Eles gostariam de ver todos os Kalovaxianos mortos.

Com isso, Søren hesita, seus olhos encontrando os meus. Ele não pode mentir, eu percebo. Então eu faço.

— Queremos Astrea de volta. – eu digo. — Isso é tudo. Estamos juntando nossas forças para remover o Kaiser e, em troca de nossa ajuda, Søren prometeu levar seu povo para longe de nossa casa.

Eu meio que espero que Dragonsbane - ou qualquer outro Astreano reunido - ria ou me contradiga, mas todos permanecem misericordiosamente calados. Søren assente. — Os tempos mudaram. – ele completa. — Podemos não ser aliados perfeitos, mas somos melhores juntos do que por conta própria.

Mattin olha para todos nós antes de suspirar, caindo para frente. — Eu já disse: não sei nada sobre os planos do Kaiser. Estou muito longe da corte.

O rosto de Søren murcha, mas ele assente.

— Você vai poder voltar para casa, no entanto. – eu digo. — Garanta que as mentiras do Kaiser não sejam a única história que as pessoas ouvirão. Deixe que eles saibam que Søren está vivo e bem, lutando contra seu pai.

— Se eu fizer isso, você vai me deixar ir? – Ele pergunta, olhando para Dragonsbane cético.

— Sim. – eu digo antes que ela possa responder. Sei, mesmo quando digo, que é uma promessa que não estou em posição de fazer.

Dragonsbane estreita os olhos. — Pavlos, leve-o até nossa prisão. – diz ela, parecendo entediada. — Vamos comparar a história dele com o resto e descobrir quem é o mais útil de sobra.

Pavlos abaixa a faca e dá um passo à frente para segurar o ombro de Mattin e arrastá-lo para longe no momento em que Søren vem em minha direção, olhos atentos com um olhar que reconheço apenas um instante antes que o grito de Pavlos penetre no ar. Com Søren bloqueando minha visão, só consigo distinguir um lampejo de prata e Pavlos caindo no chão com um baque antes de Mattin se lançar em direção a Dragonsbane.

Gritos de pânico da tripulação perfuram o ar, mas Dragonsbane é mais rápida do que eu pensava e sai do caminho um instante antes de Mattin enterrar uma adaga no mastro em que ela estava inclinada. Um segundo antes e a lâmina teria encontrado sua garganta.

Antes que eu possa processar o que está acontecendo ou de onde Mattin pegou a adaga, Søren está pegando minha adaga de punho no meu quadril e, sem hesitar, ele a atira pelo ar. Ela se encaixa na parte de trás do pescoço de Mattin, assim que ele se aproxima novamente de Dragonsbane.

Ele morre rapidamente, com apenas um gorgolejo enquanto cai no chão aos pés de Dragonsbane.

Por alguns instantes, ninguém se move, nem Søren, nem eu, nem a tripulação Astreana, nem mesmo os Kalovaxianos ainda de joelhos. O único som é a nossa respiração e as ondas batendo contra o casco do navio. Tudo aconteceu tão rápido, mas, tanto quanto posso dizer, quando Pavlos pegou Mattin, deu-lhe a oportunidade de agarrar a adaga, cortar suas próprias amarras e esfaquear Pavlos antes de se virar para Dragonsbane, mesmo que Søren e eu estivéssemos mais perto. Søren salvou a vida de Dragonsbane quando ele tinha muitas razões para não fazer nada. E uma boa razão para fazer exatamente isso.

HONRA

Depois disso, não há mais salvação para os outros Kalovaxianos, e suas mortes são rápidas e sangrentas, manchando o convés do navio. Dragonsbane instrui um parte de sua equipe para cuidar dos corpos. A voz dela não vacila. Ela poderia muito bem estar pedindo que limpassem cerveja derramada.

Os homens e mulheres fazem o que ela pede sem hesitar antes que ela dispense a multidão restante. Anders vem de baixo do convés, os olhos examinando o convés cheio de corpos com um distanciamento frio. Quando ele vê Pavlos, ele congela. Ele abre caminho através da multidão em nossa direção enquanto todos saem, chegando mais perto de Dragonsbane do que eu acho que é inteiramente apropriado, com a testa franzida em preocupação.

Ela parece se sentir desconfortável com a aproximação pois da um passo para trás.

— O que aconteceu? Você está bem? – Ele pergunta.

Ela acena afastando a preocupação dele. — Estou bem. – diz ela antes de fazer uma pausa, estreitando os olhos para Søren. — Um dos reféns me atacou, mas o Prinkiti o deteve. – É um esforço para ela admitir sua própria fraqueza ao mesmo tempo em que elogia Søren.

Embora Søren não entenda as palavras, ele parece adivinhar o sentimento. Ele acena para Dragonsbane, mas sabiamente não diz nada.

— Ele salvou você. – diz Anders lentamente, descrença evidente em cada palavra.

Dragonsbane se arrepia com a frase. Ela olha para Søren, sua curiosidade vencendo. — Por quê? – Ela pergunta em Kalovaxiano.

Søren encolhe os ombros. — Eu disse: estou do seu lado.

Dragonsbane franze a testa e posso dizer que ela ainda não acredita nele.

— Podemos usá-lo. – digo novamente em Astreano. — A culpa dele é real e ele está arrependido. Ele é muito mais útil para nós como aliado do que como prisioneiro.

As narinas de Dragonsbane se alargam. — Ele é um deles. Ele nunca pode ser um aliado. – ela diz antes de se virar para Anders. — Preciso falar com a família de Pavlos o mais rápido possível. Você recebeu informações de algum dos reféns que fizemos abaixo do convés?

Por um momento, acho que Anders vai ignorar sua pergunta e pressionar por mais sobre o quase assassinato de Dragonsbane, mas ele finalmente concorda. — Cada um deles deu informações com bastante facilidade, mas no final, a maior parte não pôde ser verificada ver com os outros prisioneiros, como sempre.

— O que poderia ser verificado? – Ela pergunta.

Os olhos de Anders passam por mim, depois para Søren, depois de volta para Dragonsbane.

— Não sei se é sensato discutir na frente de uma companhia mista, capitã. – ele diz com cuidado.

— O Prinkiti quer ajudar. – diz ela em Astreano. — Talvez devêssemos deixá-lo tentar descobrir qual informação é verdadeira. Ele e Theo conhecem os Kalovaxianos melhor do que ninguém, afinal.

— Prinkiti' sou eu, não é? – Søren sussurra para mim em Kalovaxiano. — Eu realmente não gosto desse apelido.

— Eu acho que você não tem escolha. – eu sussurro de volta.

— Silêncio. – Dragonsbane dispara para nós. — Que informação, Anders?

Ele ainda hesita, olhando incerto para Søren. — A história que viaja pelo país é que a Prinkiti foi sequestrado pela rainha depois que ela matou o Theyn e fugiu. O Kaiser está oferecendo um milhão de peças de ouro pela cabeça dela, cinco milhões se ela for levada viva.

A implicação desliza pela minha pele. Juro para mim mesma que tirarei minha própria vida antes de deixar alguém me levar vivo ao Kaiser.

— Ouvimos o mesmo, mais ou menos. Há alguma recompensa para os Prinkiti? – Dragonsbane pergunta.

Søren solta um bufo irritado.

— Dez milhões pelo Prinkiti. – diz Anders. — Desde que ele seja entregue vivo e ileso. Se ele faltar um dedo no pé, a recompensa é perdida.

— O Kaiser realmente não quer seu filho de volta, mas as pessoas amam seu Prinz, então ele está criando essa ilusão para manter sua boa imagem, o tempo todo, garantindo que é muito arriscado para a maioria dos caçadores de recompensa. – digo. Dragonsbane e Anders se viram para mim, surpresos por eu ter falado. Eu continuo. — Todo mundo sabe que Søren é um guerreiro. Se ele fosse sequestrado, não teria ido sem luta. Lesões são uma certeza, Søren é uma causa perdida. Eles estarão concentrando seus esforços em mim, assim como o Kaiser quer.

As sobrancelhas de Dragonsbane se erguem, mas ela assente, voltando-se para Anders. — Existem rumores sobre onde eles estão procurando mais?

— Havia um boato de que ela escapou para um campo de refugiados em Timmoree. – ele diz.

— Ótimo. – diz Dragonsbane. — São três dias até o norte de Sta'Crivero, e tenho certeza de que, quando estivermos na cidade, o rei Etristo protegerá Theo com sua própria vida."

— Falar é fácil. – eu indico. — Você confia nele?

Ela encolhe os ombros. — Confio que ele seja motivado por dinheiro. – diz ela. — E eu acredito que o seu dote lhe trará muito mais do que cinco milhões de peças de ouro.

Não posso argumentar com a lógica disso, embora meu estômago esteja doendo com a palavra dote. Era um costume também na corte Kalovaxiana, meninas sendo vendidas por uma pilha de ouro para mostrar seu valor. Isso me incomodou na época, quando eram garotas que eu não conhecia e de quem não gostava em princípio. Agora, porém, sou eu quem está sendo vendida, obtendo um lucro não apenas para Astrea, mas também para o rei Etristo e, presumivelmente, para Dragonsbane. Eu me sinto como uma coisa em vez de uma pessoa, do jeito que sempre me senti ao redor do Kaiser.

— E os reféns? – pergunto a Anders, tentando afastar o sentimento e me concentrar no presente. – Eles estão dispostos a virar espiões para nós?

— Eles estão dispostos a não serem executados. – diz Anders, palavras cortadas, mas Dragonsbane já está balançando a cabeça.

— Não. – diz ela. — Era um plano ridículo e esse negócio com Pavlos apenas confirmou isso. Eles não podem ser confiáveis. Anders, dê a ordem.

A ordem para matá-los. Olho para Søren, que não entende nada disso, mas protestaria se pudesse.

— Não foi esse o acordo. – digo, olhando para Dragonsbane. – Eles fizeram um acordo por suas vidas.

— Um acordo tão honroso quanto as pessoas que o fizeram. – diz Dragonsbane. — E todos sabemos que os Kalovaxianos não têm honra.

— Eu preciso aprender Astreano rápido. – Søren murmura para si mesmo.

Eu o ignoro. — Você tem honra? – Pergunto Dragonsbane.

Ela mostra os dentes no que pode parecer um sorriso, mas não é. — Não. – ela me diz. — É por isso que permaneci viva pelo tempo que permaneci. Os homens não valem o risco e, portanto, eles morrem. É por isso que o Prinkiti será devolvido à prisão, por mais útil que você ache que ele possa ser.

Olho para Søren. Eu não o arrastei até aqui e o fiz assistir o seu próprio povo ser massacrado só para que ele pudesse ser acorrentado. As palavras de Artemisia ecoam em minha mente.

Ainda não concordando com um casamento arranjado, você tem algo que minha mãe deseja e, portanto, tem um pouco de controle. Sinto-me doente, mas sei o que tenho que fazer.

— Søren não vai voltar para a prisão. – digo a Dragonsbane, engolindo minhas dúvidas e encontrando seu olhar surpreso. — Não sei muito sobre o mundo fora de Astrea e precisarei da ajuda de Søren para selecionar o marido mais adequado quando chegarmos a Sta'Crivero.

Dragonsbane olha para mim em choque. — Para isso você tem a mim e Anders, Theo. Não há necessidade de confiar em um Prinz traidor.

— Eu confio em Søren. – insisto. — Se você quer que eu continue com esse seu enredo, eu o quero fora da prisão e sendo tratado como meu conselheiro.

Ela considera minhas palavras, seus lábios apertando. — Muito bem. – diz ela depois de um momento, sua voz perigosamente baixa. — Suponho que ele tenha demonstrado alguma lealdade hoje, embora eu sempre tenha achado a lealdade dos homens uma coisa inconstante. Ele é sua responsabilidade, Theo, e ao primeiro sinal de traição, vida dele está perdida, entendeu?

— Ao primeiro sinal de traição, eu mesmo o matarei.– eu digo.

A expressão de Dragonsbane é azeda, mas ela assente.

— Havia alguma outra informação? – Pergunto a Anders.

Ele limpa a garganta, parecendo que prefere pisar em pregos enferrujadas do que se intrometer em nossa conversa. — Havia apenas mais uma coisa que poderíamos verificar. – ele admite. — Sobre o Kaiser."

Até o pensamento do Kaiser faz todo o meu corpo se agitar, embora eu tente manter minha expressão nivelada e distante. Estou a um oceano de distância, me lembro. Ele não pode me tocar, nem por cinco milhões de peças de ouro.

É outra palavra rara que Søren reconhece e ele endurece ao meu lado, olhando de um lado para o outro entre Anders e eu com uma expressão cautelosa.

— Ele se casou depois que você fugiu - um casamento apressado que foi atormentado por alguns rumores desagradáveis.

Por um segundo, minha respiração me deixa.

— Quem? – Eu finalmente consigo perguntar.

— A filha do Theyn, – diz Anders. — Lady Crescentia.

CONFIANÇA

Søren está ficam em silêncio enquanto caminhamos pelo corredor que leva à minha cabine. Eu mal o noto. Minha mente é um redemoinho, espiralando meus pensamentos até que eles fiquem confusos e sem sentido.

— Ele disse Crescentia. – diz Søren finalmente, quando estamos perto do meu quarto. — E a cor sumiu do seu rosto. Ela está... – Ele para.

— Ela não está morta. – digo a ele, e seu rosto relaxa. Não digo a ele que acho que a morte seria um destino preferível.

— Estou feliz. – diz ele. — Quando voltei para a corte, meu pai havia planejado toda a minha vida, inclusive Crescentia. Eu me ressenti por isso, mas nunca foi sobre ela. Você realmente se importa com ela, não é?

Penso em Cress, quando a vi pela última vez do outro lado da minha cela, de olhos arregalados e quebradiços, com pele chamuscada e cabelos brancos e um toque que deixou as barras da cela escaldantes. Minha amiga, uma vez, irmã do meu coração. Mas não mais.

"Um dia, quando eu for Kaiserin, terei seu país e todas as pessoas nele queimadas até o chão", ela me disse com sua voz crua e dolorida. Agora ela é Kaiserin, e não há nada para impedi-la de cumprir esse voto.

— Eu não a conheço, – digo a Søren. — E ela não me conhece.

Abro a porta da minha cabine apenas para encontrar Blaise, Heron e Artemisia já me esperando. Assim que eles me veem, Blaise pula de onde ele está sentado na minha cama.

— Você está bem? – Ele pergunta em Astreano. — Estávamos abaixo do convés lidando com outros interrogatórios, mas ouvimos dizer que um refém atacou...

— Estamos bem. – asseguro-lhe, mudando para o Kalovaxiano para que Søren também possa entender. — Ele matou Pavlos e tentou matar Dragonsbane, mas Søren o deteve.

Todos os três pares de olhos vão para Søren, que está logo atrás do meu ombro. Nenhum deles fala, mas eu posso ouvir uma dúzia de perguntas não ditas.

— Ele salvou a vida de Dragonsbane e provou sua lealdade a nós. – digo.

Artemisia não se enganada. Seus olhos estreitam, fazendo-a parecer assustadoramente como sua mãe. — E? – Ela pergunta.

Eu olho para longe. — E apontei que a experiência diplomática de Søren o tornaria um trunfo necessário para mim se eu concordasse em me casar com um desses pretendentes em Sta'Crivero. – digo, embora as palavras saiam com dificuldade.

A expressão de Blaise é uma nuvem tempestuosa. — Você é uma rainha, não pode se casar com um estranho.

— Isso teria acontecido de qualquer maneira. – aponto, sentando na beira da minha cama. — Dragonsbane teria me instigado, me empurrado e me empurrado até que eu estivesse encurralada em um canto sem escolha. Ia parecer que ela estava me controlando. – eu enrolo meu cobertor nos meus ombros. — Oferecendo eu mesma, pude impor meus termos.

Blaise faz um barulho de desaprovação no fundo da garganta, mas não diz nada. Eu olho para Søren, ainda na porta. A cura que Heron fez com ele, embora apenas

superficial, foi suficiente para parecer que ele era um convidado e não um prisioneiro, mas longe da platéia, é claro que ele ainda está sofrendo. Ele não força a perna direita e faz uma careta sempre que move um dos braços.

— Este refém, ele não tentou ir atrás de você? – Artemisia me pergunta, afastando minha atenção de Søren.

Não posso deixar de bufar. — Obrigada, Art, mas não.

Ela revira os olhos. — Só quero dizer que é estranho, considerando que o Kalovaxiano que interroguei disse que há uma recompensa pela sua cabeça.

— Não consigo imaginar que ele tinha na cabeça. Suponho que ele deveria saber que não iria sobreviver, mas se pudesse matar Dragonsbane, pelo menos morreria como herói. Acho que a recompensa nem passou pela cabeça dele – digo, embora algo sobre essa explicação me incomode.

— Mattin sempre teve fantasias de heroísmo, mas nunca o cérebro para vê-las. – diz Søren, balançando a cabeça. É uma explicação plausível, mas Søren é um mentiroso fácil de ler e, com certeza, porque percebo que as narinas dele se abrem levemente.

— Portanto, existem recompensas por nossas cabeças. – digo, desviando o olhar de Søren. — E há forças Kalovaxianas nos procurando em Timmoree. E o Kaiser casou-se com Crescentia. Foi tudo o que aprendemos?

— Ele o quê? – Søren pergunta, o rosto se contorcendo de nojo.

— Eles se casaram dois dias depois que saímos de Astrea, e ela foi coroada no dia seguinte. – confirma Blaise. — Cada um dos prisioneiros que interrogamos disse a mesma coisa."

— Mas... ele estava tentando empurra-la para mim. – diz Søren, parecendo enjoado.

— Você é uma causa perdida. — digo a ele. Mesmo que meu estômago esteja revirando, empurro meus sentimentos e tento permanecer lógico. — O Theyn estava se tornando mais popular entre as pessoas do que o Kaiser. Ser assassinado foi acrescentado a isso, o transformou em um herói popular. Essa popularidade teria feito Cress ganhar a simpatia da corte e essa simpatia agora também se espalhará para o Kaiser, que poderia usar um pouco disso.

— Sem mencionar que ela é linda. – acrescenta Søren. — Havia dezenas de homens tentando ganhar a mão dela. Meu pai gosta de ter o que todo mundo quer.

Ela não é mais tão bonita, quero dizer. Não de uma maneira que o Kaiser apreciaria, pelo menos. Embora talvez ele ache o poder dela assustador. Talvez esse horror seja o seu próprio tipo de beleza, do tipo que o Kaiser gostaria de se apropriar. Não me permito dizer nada disso em voz alta. Mesmo esse pensamento me fazendo sentir doente. — Por que ela faria isso? – pergunta Søren, o horror ainda claro em sua voz.

Por minha causa, novamente, guardo o pensamento para mim.

— Cress foi criada para ser Kaiserin, – É o que digo. — Tenho certeza que ela preferiria se casar com você, mas isso não era mais uma opção. Ela fez o que precisava, para conseguir o que queria.

— Você não pode ter pena dela. – diz Art, embora eu não saiba se ela está dizendo isso com descrença ou como um comando.

— Ela era minha amiga. – eu digo. É a primeira vez que eu admito isso para eles, embora eles devam saber que isso é verdade. — E como alguém que chegou perigosamente perto de se casar com o Kaiser, é claro que tenho pena dela.

— Você chegou perto de quê? – Blaise pergunta, os olhos arregalando-se até quase pularem pra fora do rosto dele.

Eu estremeço. Esqueci que não havia compartilhado essa informação com minhas sombras.

— Se você soubesse na época, teria insistido em me tirar do palácio mais cedo. – eu digo, mantendo minha voz nivelada. — Eu não contei e ainda saímos antes que algo acontecesse.

É verdade, embora eu não consiga deixar de pensar naquele último banquete e na mão do Kaiser na minha coxa, seu fôlego em mim. Eu reprimo um arrepio e olho para Søren. Eu acho que ele está se lembrando daquela noite também. Se tivéssemos saído um dia depois... não, não pensarei nisso. O Kaiser nunca mais me tocará.

Mas ele está tocando em Cress, eu me lembro. Ela é esposa dele agora e, embora eu tenha certeza de que se casou com ele de bom grado, não consigo imaginar que ela estivesse muito disposta sobre o que veio a seguir.

Afasto o pensamento da mente e concentro-me no presente, sobre o que tenho controle.

— Søren, você precisa dormir. – digo a ele antes de me virar para Heron. Embora eu odeie pedir mais dele, eu faço. — Você pode terminar de curá-lo? Por favor?

As sobrancelhas de Heron se franzem e ele abre a boca para responder, mas Søren o impede. — Estou bem. – ele diz, embora perceba o quanto isso soa falso. — Eu vou ficar bem, – ele diz. — Nada fatal, nada que tempo e cuidado não vão consertar.

Heron expira devagar, balançando a cabeça. — Eu posso cura-lo.

— Não vou aceitar mais nada de você. – diz Søren. — São algumas costelas quebradas, um tornozelo torcido. Eu tive

pior. O resto do mundo se recupera de ferimentos como esses sem mágica.

Por um momento, Heron não diz nada, apenas olha para Søren como se não tivesse muita certeza de qual jogo está jogando. Finalmente ele encolhe os ombros.

— Você precisará de ajuda com os curativos. – diz ele. — Sem mencionar roupas limpas. A minha será muito grande, a de Blaise será muito pequena, então você terá que se virar.

Søren assente. — Obrigado.

Art olha para Søren por alguns segundos, como se estivesse tentando decidir alguma coisa. — Eu sei onde minha mãe guarda as roupas extras. Eu posso roubar alguns conjuntos para você amanhã e algumas botas. — Obrigado – diz Søren novamente.

Blaise não olha para Søren, mesmo quando ele fala com ele. — Você pode ficar com meu beliche. Eu estou passando minhas noites aqui com Theo.

Quero espancar Blaise pela maneira como ele diz isso, como se ele estivesse apostando algum tipo de reivindicação sobre mim. Como um cachorro urinando em uma árvore favorita. Abro a boca para dizer o mesmo, mas Søren interrompe.

— Isso é sábio? – Ele pergunta, preocupado. Seus olhos disparam para os outros, sobrancelhas franzidas. — Eu quero dizer... com tudo o que conversamos. – ele acrescenta para mim.

Mordo o lábio, olhando para Blaise, que está lentamente juntando as peças, depois para Artemisia e Heron. Lembro-me de minha conversa com Søren quando estávamos a caminho de Smoke, como ele me disse que pensava que Blaise era Louco e eu lhe disse que ele estava errado, que não era possível, mesmo quando eu pensava que poderia ser.

Heron ficou intrigado por conta própria e eu ficaria surpresa se Artemisia não fizesse o mesmo, mas não é algo que muitos de nós já tenhamos reconhecido. — Você está errado. Blaise não é perigoso – digo depois de um momento, olhando para Blaise enquanto digo. Eu meio que espero que Søren proteste, mas ele não. Artemisia não pergunta sobre o que estamos falando e um rápido olhar para ela confirma que ela não está tendo problemas para decifrar o que não está sendo dito.

— Foi um longo dia para todos nós. – digo depois de um momento de silêncio desconfortável. — Heron, por favor, leve para Søren algo antes de dormir esta noite. Blaise, mostre a ele o caminho da sua cabine. Art, veja se você consegue convencer quem está trabalhando na cozinha a fornecer alguns pedaços extras de hardtack e um cantil de água. Discutiremos mais amanhã.

Eu tenho tempo suficiente apenas para trocar minha camisola e passar uma toalha úmida sobre o rosto antes de Blaise voltar, com a expressão tensa. Ele devia ser ilegível, mas eu o conheço o suficiente para ver a raiva escondida nos cantos da boca. É fácil adivinhar porquê. — Eu não contei a ele, – digo antes que ele possa me acusar. — Ele já viu berserkers de perto antes; ele conhece os sintomas melhor do que qualquer um de nós.

Sua boca aperta ainda mais, mas ele assente. — E Heron e Artemisia também sabem?

Eu dou de ombros. — Heron mencionou. Artemisia não disse nada para mim, mas ela parecia entender o que Søren estava dizendo e não pareceu surpresa com isso.

— Todos sabem então. — Ele ri, mas não há alegria no som. As paredes e o chão da cabine subitamente ganham vida, batendo como um coração irregular - como o coração

de Blaise agora, eu imagino. No começo, acho que estou imaginando, mas quando coloco a mão na parede, o zumbido fica mais forte e meu próprio batimento cardíaco acelera. O dom da Terra de Blaise, percebo com um nó no estômago. Está se conectando com a madeira do navio, afetando-a, embora ele não tenha a intenção. Ele nem percebe, seus olhos estão fixos em mim. É um tremor bastante sutil agora, mas ele começou um terremoto uma vez. Com que facilidade ele poderia transformar o navio em lascas?

Engulo meu pânico e tento manter minha voz calma e suave. — Blaise. – eu digo, bloqueando meus olhos nos dele. — Eles conhecem você. Eles sabem que não devem ter medo de você.

Mesmo quando digo as palavras, sei que elas não são verdade. Talvez eu conheça Blaise melhor do que ninguém, mas neste momento tenho medo dele. Não de Blaise - não necessariamente -, mas do que ele é capaz. O que ele pode fazer sem querer. Eu me forço a respirar, a falar baixinho. Eu não quero ter medo dele, mas o medo corre através de mim da mesma forma.

Ele nunca me machucaria, lembro a mim mesma, mas o medo não é algo que pode ser controlado pela lógica.

Blaise se recupera, fechando os olhos e respirando fundo até que a sala pare mais uma vez. Mesmo quando isso acontece, não consigo relaxar. Eu ouço a voz de Søren novamente em minha mente, me dizendo que Blaise é perigoso. *Ele não é,* eu argumento. Mesmo que ele perca a paciência de vez em quando, ele sempre esteve no controle o suficiente para deter a si mesmo antes que as coisas fiquem sérias. Blaise disse ele mesmo: o dom dele pode não parecer uma bênção, mas também não parece a loucura das minas.

Ele morde o lábio inferior e hesita por um momento antes de um pouco da tensão deixar seu corpo. — Se Dragonsbane descobrir... – diz ele depois de um momento, sua voz tão baixa que mal consigo ouvi-lo. — Ela não me deixará ficar no navio. Supondo que ela não me mate aqui mesmo, ela vai me exilar.

— Eu também não a deixaria fazer algo assim. – eu digo.

Blaise balança a cabeça. — Você acabou de usar a única vantagem que tinha para libertar os Prinkiti. – ressalta. — O navio inteiro estará dizendo que você está apaixonado por ele de manhã. – diz ele.

Afasto-me dele e fico de frente para a cama, embora saiba que ele está certo. Concordar em me encontrar com os pretendentes era a única carta que tinha para usar contra Dragonsbane, e agora estou totalmente à sua mercê. Afasto as cobertas e deslizo por baixo delas antes de me permitir encará-lo, com cuidado para manter meu rosto impassível. — Não posso controlar o que as pessoas dizem.

Quero que ele deixe isso lá, mas conheço Blaise muito bem e não fico surpresa quando ele pergunta: — Você está?

— Não. – eu digo sem perder o ritmo. — Mas também não gosto que você me trate como um brinquedo em que está gravando seu nome para mantê-lo longe de outra pessoa.

— Eu não-

— Foi o que você fez sim. – eu interrompo. — Você disse a ele que estávamos passando nossas noites juntos.

— Nós estamos.

— Não foi assim que você disse e você sabe. – eu digo.

Ele não disse nada por um momento, parado no meio da minha cabine parecendo ferido e com raiva.

— Você concordou em se casar com um estranho para salvá-lo. Ele. Um Kalovaxiano.

Meu estômago revira novamente mas eu mantenho minha voz calma. — Estou concordando em me casar com um estranho para salvar Astrea, porque é a melhor chance que temos de nos igualar aos Kalovaxianos em batalha. – digo. — Mas não vi por que não deveria tirar o máximo proveito possível do acordo.

Blaise balança a cabeça. — Você coloca seus próprios desejos acima dos desejos do seu povo, e eles se lembrarão disso.

As palavras são uma facada no meu intestino.

— Foi a coisa certa a fazer. – eu digo, minha voz pouco mais alta que um sussurro. — Por Søren, sim, mas também por Astrea. Era o único jeito.

Ele olha para mim por um longo momento, os olhos brilhantes e inflexíveis. — Continue dizendo isso a si mesma, Majestade.

Sem outra palavra, ele se vira e sai pela minha porta, me deixando sozinha.

—

— Você desamarrou Mattin. – digo a Søren na manhã seguinte, quando tomamos café da manhã na cabine que ele agora compartilha com Heron. Os outros estão todos de serviço, mas Søren e eu não temos tarefas, então, ao invés disso, estou tentando lhe ensinar um pouco de Astreano antes de chegarmos a Sta'Crivero amanhã. Ele olha para o pedaço de pergaminho que eu lhe dei, onde escrevi os sons que compõem nossa língua, traduzidos para a fonética Kalovaxiana.

— Eu não faço ideia do que você está falando. – diz ele, mas suas narinas se abrem novamente e ele olha para longe, concentrando-se novamente no pergaminho.

— Foi inteligente. – eu digo. — E funcionou, você está livre, de certa forma. Desencadeado, pelo menos. Pavlos está morto, no entanto, assim como todos os outros reféns que tentamos transformar em espiões.

Ele não responde a princípio, apesar de seu rosto empalidecer com a menção dos outros reféns. Ele balança a cabeça.

— Se eu tivesse desamarrado Mattin, teria sido um risco calculado. – diz ele finalmente, sem olhar para o pergaminho. — Eu teria escolhido o pior espadachim da equipe do Orgulho do dragão, mas um com uma história de fazer coisas tolas em nome da bravura. Eu saberia que, ao desamarrá-lo, diria a ele que estava do lado dele e, ao protegê-lo, assegurei que a proteção também se aplicaria a você. Eu sabia que ele pegaria a arma de Pavlos e o atacaria primeiro, mas, como Mattin era um péssimo espadachim, eu esperava que não fosse uma lesão fatal. Eu teria certeza de que poderia pegar seu punhal e detê-lo antes que ele matasse Dragonsbane.

Mesmo que ele se apegue a suas hipóteses, ele sabe que eu sei que essa é a verdade.

— Você matou um na equipe da Dragonsbane para provar que ela podia confiar em você. – digo lentamente. — Você percebe como isso é complicado? Por que eu deveria me importar com o que você esperava que acontecesse? Você estava errado e um homem morreu por causa de um risco que ele nunca consentiu em correr.

Ele não diz nada, apenas olhando para o chão, com vergonha deixando as bochechas vermelhas.

— Sacrificar alguém para melhorar seu próprio destino - parece algo que seu pai faria. – digo.

— Eu sei. – ele admite, embora cada palavra lhe custe. — Quando eu estava em pé naquele convés, analisando tudo isso em minha mente, foi a voz dele que ouvi.

A confissão paira no ar entre nós, nenhum de nós sabendo o que dizer.

— Às vezes também ouço. – digo depois do que parece uma eternidade. — Sempre que confronto Dragonsbane ou uso a palavra de rainha como arma para conseguir o que quero. Eu o ouvi quando convenci Spiros a deixar você sair da prisão.

Søren solta uma risada triste. — A diferença é que meu pai teria me deixado morrer naquela cela sem pensar duas vezes.

Balanço a cabeça. — Não se tirar você desse a ele uma vantagem tática, mesmo que machucasse as pessoas que dependiam dele para ajudá-las. – digo. — Tirar você foi a coisa certa a fazer, eu sei disso, mas não foi por isso que fiz isso. Isso é o que me assusta.

Søren hesita. — Muitas coisas terríveis podem ser ditas sobre meu pai - já dissemos a maioria delas. A idéia de compartilhar qualquer coisa com ele é suficiente para me fazer querer rasgar minha pele dos meus ossos. Mas não se pode negar que ele vence suas batalhas. Ele é um monstro, mas talvez entendê-lo seja a única maneira de vencê-lo.

Suas palavras me tranquilizam mais do que deveriam. Eu ainda odeio a idéia de ser como o Kaiser de alguma forma, e não tenho certeza de que isso vá mudar, não importa como Søren tente justificar isso. Ainda assim, há algo a ser dito para alguém que vê suas partes mais sombrias e o aceita assim mesmo.

ETRISTO

Smoke fica o mais perto possível da costa de Sta'Criveran, sem o risco de encalhar. A maioria da tripulação permanecerá no navio durante a nossa visita, mas Dragonsbane e eu devemos ficar no palácio como convidados do rei Etristo. Não posso negar que estou ansioso para dormir em terra firma novamente - sem balanços violentos, sem cheiro de mofo, sem se preocupar com a possibilidade de uma tempestade.

Como meus conselheiros, Søren, Blaise, Artemisia e Heron podem se juntar a mim no palácio, assim como o conselho de Dragonsbane está se juntando a ela. Embora ela não seja a Dragonsbane aqui. Ela será a princesa Kallistrade, minha amada tia, que saiu do esconderijo quando eu escapei e me ajuda desde então. Essa é a história que Dragonsbane contou para o rei Etristo em sua correspondência para manter em segredo sua identidade pirata. Todos devemos lembrar de chamá-la de tia ou princesa, mas nunca de capitã.

Embora isso fosse uma diretiva, não perdi o fato de que isso me dá um poder sobre ela. Com uma palavra, eu poderia revelar sua identidade de pirata procurada e mudar seu destino para sempre.

Entro em um pequeno barco a remo com meu conselho, olhando para Dragonsbane, Anders e Eriel em um segundo barco à frente.

— Qualquer sinal de problema e nós vamos tirá-la daqui imediatamente. – diz Blaise enquanto Heron e Søren nos levam em direção à costa. Blaise se ofereceu para remar, mas Heron e Søren são visivelmente mais fortes e Blaise concordou em deixá-los fazer isso.

— Estamos em guerra. – digo a ele. — Problema são inevitáveis, estou pronta para lidar com eles.

— Correr é a última opção. – acrescenta Artemisia. — É bom agir como se Theo fosse feita de vidro, mantenha essa ilusão quando chegarmos à corte de Etristo, mas ela não é. E, por mais que não desejemos admitir, precisamos de Etristo. Precisamos da ajuda dele muito mais do que ele precisa de qualquer coisa de nós, e você pode ter certeza de que ele está profundamente ciente disso. – Ela se vira para mim. — Você é doce, gentil e burra.

Eu recuo. — Perdão?

Ela sorri. — Outro papel pra você interpretar. Você é muito boa em interpretar papéis.

Fico tentada a olhar para Søren, que está muito ocupado remando para conversar, mas certamente pode ouvir cada palavra.

— Deixe-os acreditar que você é um mistério. — continua Artemisia. — O rei, sua corte, os seus pretendentes. Se eles acreditam que você é idiota, eles vão subestimá-la. Deixe eles acreditarem nisso.

Eu engulo antes de concordar. A ideia de voltar a fingir ser alguém que não sou é irritante, mas sei que ela está certa.

-

Sta'Crivero é um país de areia. Ao nos aproximarmos da costa, vasculho o horizonte mas há pouco para ver. As dunas crescem por todo o horizonte, intactas por árvores ou qualquer tipo de folhagem. Não parece o tipo de lugar onde qualquer coisa poderia sobreviver.

Enquanto o barco chega até à costa, vejo uma movimentação no horizonte. Uma linha de carruagens brancas se aproxima, embora os raios do sol tornem a sua forma nebulosa e clara demais.

A primeira coisa que noto quando Blaise me ajuda a sair do barco e chegar à costa de Sta'Criveran é o calor. Estava quente no barco, mas a água ao nosso redor esfriou o ar um pouco. Na praia, não há consolo. O sol é tão forte que preciso apertar e proteger os olhos para ver qualquer coisa.

As carruagens param a uma boa distância, se espalhando em um semicírculo. Agora que estão mais perto, posso ver os topos abertos, cobertos apenas por toldos de pano branco. Cada carruagem é preenchida com um punhado de homens e mulheres vestidos da cabeça aos pés em roupas brancas largas. — O rei e sua comitiva. – diz Søren, ficando ao meu lado.

— O branco é de importância cultural? – Pergunto, arrastando as costas da mão pela testa para enxugar as gotas de suor.

— Não. – diz Artemisia, aparecendo do meu outro lado. — Ele desvia os raios do sol para mantê-los frescos enquanto estão fora do palácio. Quando estiverem lá dentro, usarão mais cores.

Eu posso ver o apelo das roupas mais leves. Meu vestido roxo escuro é sem mangas e feito de seda arejada, mas já estou suando sob o calor do sol. Embora Heron o tenha costurado e Artemisia tenha usado seu dom da Água para limpá-lo, ele ainda me lembra a última vez que o usei, de volta à masmorra. Art e Heron fizeram um bom trabalho em consertá-lo - parece o mesmo que no dia em que Cress me deu, o que parece injusto de alguma forma, considerando o quanto mudei desde então.

— Eles não estão se mexendo. – aponto, observando os Sta'Criverans me observando.

— Eles esperam que a gente vá até eles. – diz Dragonsbane, aproximando-se do barco com Anders e Eriel.

Ela parece desconfortável em seu próprio vestido, seda preta e gola alta, que parece estar sufocando. — Etristo quer que lembremos quem está no controle aqui.

Ela não parece feliz com isso. Artemisia se afasta quando sua mãe se aproxima, dando espaço a Dragonsbane para enlaçar seu braço no meu e me puxar para junto dela.

— Você me deixa falar. – diz ela, sem se preocupar em suavizar o comando em uma solicitação. — Sorria e acene com a cabeça e mantenha suas respostas curtas e charmosas. Você pode fazer isso, não é?

Resisto à vontade de puxar meu braço do dela, mas estou ciente de que todos estão assistindo. O que ela está dizendo não é tão diferente do que Artemisia disse momentos atrás, mas parece um mundo à parte. Artemisia me disse para ser estúpido; Dragonsbane está me tratando como se eu fosse estúpida.

— Claro, tia. – eu digo com um sorriso sacarino. Afinal, não há razão para que estúpida não deva se estender a Dragonsbane também. Não consigo imaginar que ela me subestimar não seja estupidez.

À medida que nos aproximamos, vejo melhor os Sta'Criverans. Embora suas roupas sejam semelhantes, as pessoas são muito diferentes umas das outras. Ao contrário dos Kalovaxianos, que são uniformemente de cabelos claros e de pele clara, ou os Astreanos, de pele marrom com cabelos castanhos escuros ou pretos, os Sta'Criverans têm uma variedade de tons de pele diferentes, de um quase preto a preto a outro. cor da areia ao nosso redor. E os cabelos! Embora os chapéus cubram a maior parte para bloquear os raios solares, o que sobressaem são todas as cores imagináveis. Preto azulado profundo, loiro branco, vermelho fogo e tudo mais.

À medida que nos aproximamos, percebo que os cavalos atrelados às carruagens têm jóias tecidas em suas crinas e caudas que brilham à luz do sol. Meu primeiro pensamento é que eles são jóias espirituais para ajudá-los a ir mais rápido, mas não. Existem muitas cores diferentes Eles são apenas para mostrar.

Lembro-me do que Artemisia disse sobre os Sta'Criverans - eles não precisam de coisas úteis, valorizam coisas bonitas.

Quando estamos no meio do caminho entre a costa e as carruagens, Dragonsbane para rapidamente e eu sigo o exemplo. Os outros param atrás de nós.

— Nós não podemos parecer muito ansiosos, podemos?– Ela me pergunta. — Eles virão o resto do caminho.

Concordo, embora não tenha certeza de que ela esteja certa. Por alguns instantes desconfortáveis, os Sta'Criverans permanecem em suas carruagens, nos observando como se fôssemos um grupo de novas e estranhas bestas trazidas para eles jogarem. Um punhado deles traz telescópios dourados aos olhos para uma melhor visão. Sob o olhar expectante e o sol quente no céu, começo a suar mais através do meu vestido. Essa não é a primeira impressão que quero causar ao rei Etristo. - Abro a boca para sugerir a Dragonsbane que renunciemos ao pouco orgulho que ainda temos e andemos o resto do caminho até eles, quando a atenção dos Sta'Criveranos é desviada para algo acontecendo do lado deles, fora da minha opinião.

— Finalmente. – Dragonsbane murmura baixinho.

Quatro homens vestidos de branco estão agora caminhando em nossa direção, carregando uma grande caixa coberta de tecido entre eles. Eles se movem rapidamente, a caixa equilibrada entre eles em hastes de metal, marchando

com tanta facilidade pelas dunas de areia que eu imagino que eles façam isso regularmente.

O resto dos Sta'Criverans se apressa atrás deles.

Quando estão a três metros de nós, todos os homens param perfeitamente em sincronia antes de baixar sua carga, todos juntos. É impressionante, não acho que um dos cantos da caixa toque a areia meio segundo antes do outro.

Por um longo momento, nada acontece. Dragonsbane e os Sta'Criverans reunidos atrás da caixa assistem com expectativa, então eu faço o mesmo. Finalmente, as partes brancas de tecido no centro se abre e uma mão de cobre desgastada emerge, puxando o pano para trás. Depois vem uma bengala de lápis-lazúli esculpido. Com um grunhido de dor, uma figura surge, curvada e vestida do mesmo branco que todos os outros. A única diferença é a coroa que circunda sua cabeça careca e manchada, uma coisa ornamentada de arabescos dourados e jóias de tantas cores diferentes que eu não posso citar todas.

O próprio homem é despretensioso, e se não fosse a coroa, acho que não olharia duas vezes para ele na multidão. Envolto em branco e curvado sobre a bengala brilhante, ele quase me lembra um padre de uma das minas, antes do cerco. Os palpites de Søren e Artemisia estavam errados, ele tem oitenta anos, pelo menos, talvez até noventa e, a julgar por sua respiração ofegante e quão doloroso cada passo parece ser, eu não ficaria totalmente surpresa se ele desintegrasse em algum lugar ao longo da caminhada dez passos até nós. Os Sta'Criverans que o carregaram parecem pensar a mesma coisa, pairando logo atrás dele como se ele pudesse cair a qualquer momento. Eles devem ser seus guardas pessoais e, seu transporte.

Com um chiado, ele acena e dá os últimos passos sozinho, até ficar em frente a Dragonsbane e eu. Curvado como está, ele mal chega ao meu ombro, e Dragonsbane se eleva sobre ele ainda mais em suas botas de salto alto.

— Sua Alteza. – diz Dragonsbane em Astreano, inclinando a cabeça. — É um prazer conhecê-lo pessoalmente. Você parece muito bem.

O rei chia de novo, o que parece ser uma tentativa de um bufo de descrença. Ele olha para Dragonsbane por apenas um segundo.

— Eu nunca tive a honra de conhecer sua irmã, me disseram que vocês eram gêmeas. – diz ele.

Dragonsbane hesita apenas por um instante, mas é tempo suficiente para vislumbrar seu desconforto. — Sim, Majestade. Eu sou a princesa Kallistrade. Como Dragonsbane disse em suas cartas, recentemente decidi sair do esconderijo para proteger minha sobrinha, a rainha Theodosia Eirene Houzzara, de Astrea.

Ela gesticula para mim. Meu nome completo soa estranho vindo dela.

— É uma pena que ele não tenha conseguido vir. – diz o rei Etristo para Dragonsbane. — Eu gostaria de conhecer esse pirata indescritível.

— Mas então ele não seria indescritível, Alteza. — diz Dragonsbane com um sorriso.

O rei Etristo faz um barulho irritado na garganta antes de finalmente se virar para mim. Seus olhos lacrimejantes me percorrem da cabeça aos pés. Eu me forço a ficar ereta e parecer orgulhosa.

— Rainha Theodosia. – diz ele depois de um momento, sua voz rouca e calma o suficiente para que quase desapareça no ar. Embora a ação lhe custe, ele tenta se curvar.

— Rei Etristo. – eu respondo, mergulhando em uma reverência. Eu decido falar Astreano também, já que ele parece entender. — Sou muito grata por sua generosa hospitalidade e seu interesse em minha situação.

— Você passou por uma situação bem ruim, disseram-me. – ele responde. Seu Astreano é aceitável, mas desajeitado, pesado demais para ser falado por um falante nativo. — Estamos felizes em ajudá-la contra esses animais Kalovaxianos, embora eu veja que você traz um com você. Que peculiar.

Seus olhos disparam por cima do meu ombro direto para onde Søren está parado, ao lado de Heron, Blaise e Artemisia. O rei Etristo o analisa da mesma maneira que fez comigo, como se tentasse decidir exatamente o que ele poderia lhe valer. Ele nem sequer dá uma olhada nos meus outros conselheiros, imagino que ele pense que eles não lhe valham nada sem um pedigree para apoiá-los.

— O melhor aliado é aquele que conhece bem o inimigo, você não concorda? – Eu digo, olhando para o rei com o tipo de sorriso que não uso desde Astrea. — Quem entende o Kaiser melhor que o seu próprio filho?

— Mmm – diz o rei Etristo, embora seus olhos permaneçam em Søren e sua boca se contraia.

— Ele provou sua lealdade. – diz Dragonsbane, atraindo os olhos do rei Etristo para ela. — E se essa lealdade vacilar, ele será rapidamente eliminado. Não é, Theodosia?

Seria uma tola por não perceber o tom de sua voz, o sorriso condescendente, a maneira como ela olha para o rei Etristo, como se dissesse que crianças são crianças, o que se pode fazer? Eu quero responder, mas eu seguro minha língua. Deixe que ele me ache uma criança boba, deixe que *ela* me ache uma criança boba.

— Claro, tia. – eu digo.

O rei Etristo grunhe antes de olhar de volta Søren e mudar para Kalovaxiano. — A última vez que te vi, Prinz Søren, você estava respondia a outro soberano. Claro, você dificilmente é o primeiro homem a ser influenciado por um rosto bonito.

Eu me preocupo que Søren vá dizer algo de que todos lamentaremos, mas o rei Etristo não lhe dá uma chance de responder antes de continuar em Astreano.

— E que rosto bonito, querida. – diz ele, levantando minha mão para seus lábios secos. — Uma pena que uma garota como você esteja sozinha neste mundo... mas é para isso que estamos aqui, não? – Ele pergunta, olhando para trás. Parece ser uma pergunta retórica, mas a multidão murmura de acordo. — Nossos outros convidados de honra chegarão amanhã e todos vocês ficarão no palácio comigo.

Sem outra palavra, ele solta minha mão e se afasta de nós, mancando em direção a sua transportadora e subindo para dentro. Assim que o tecido branco desce atrás dele, ele é levantado no ar, e nós somos conduzidos a uma carruagem vazia liderada por uma dupla de cavalos cheios de joias. Depois de nos acomodarmos, o motorista puxa as rédeas e, com um sobressalto, começamos nossa jornada pela areia.

STA'CRIVERO

A parede que cidade capital de Sta'Crivero é tão alta que não consigo dizer onde termina e o céu começa. Durante a jornada de uma hora, havia pouco mais do que areia para ver. A areia estendia-se em todas as direções, ondulando sobre a terra em padrões de ondas. Apenas duas vezes, vi sinais de uma vila à distância, não grande o suficiente para mais de cinquenta pessoas.

— Oito em cada dez Sta'Criverans moram na capital. – dissera Søren durante nossa aula. — As condições externas são brutais, verões escaldantes com poucas oportunidades de encontrar comida e água, e os invernos não são muito melhores.

— Por que os dois em cada dez permanecem do lado de fora? – Eu tinha perguntado.

Artemisia encolheu os ombros. — É o lar deles. – ela disse.

Agora, olhando para a parede de fora, me pergunto se é mais do que isso. A cidade dificilmente parece convidativa e sei que os muros são geralmente construídos por uma razão principal: manter as pessoas afastadas.

Mas não nós. Paramos em frente a portões pesados e ornamentados e eles se abrem, guiados por um conjunto elaborado de cordas e polias. É um processo lento, mas quando a capital gradualmente aparece, eu suspiro.

Embora a capital de Astrea, tal como existe nas minhas memórias de infância, seja o lugar mais bonito do mundo, tenho que admitir que a capital de Sta'Criveran possa ser sua igual.

Na viagem até aqui, meus olhos se acostumaram à luz do sol, mas o esplendor da capital os faz doer novamente. Não

importa para onde eu olhe, tudo é dourado polido ou ricamente colorido, uma beleza ofuscante que é quase avassaladora. Dezenas de torres finas erguem-se sobre as ruas como lâminas douradas de grama, tão delicadas que me preocupo que um vento leve as derrubará. Não existem duas da mesma cor exata e, no topo de cada uma, uma bandeira pendura frouxa no ar parado. Mais perto do chão, há filas de casas e lojas com telhados planos e janelas grandes, cada parede pintada com sua própria obra de arte. Um mostra duas figuras humanas dançando em roupas brilhantes, enquanto outra mostra o céu noturno, cheio de estrelas que parecem realmente brilhar. Algumas são pintadas de maneira mais simples, com cores girando sobre a superfície.

Até as estradas parecem estar em exibição, cada tijolo está brilhando branco e sem nem uma marca de arranhão que eu possa ver, apesar da massa de carruagens e multidões de pessoas pisando nelas.

— Eles têm mágica. – digo, porque não há outra explicação. — Eu pensei que Astrea era o único país que tinha.

A risada de Dragonsbane é de zombaria. — Não há magia.– diz ela, balançando a cabeça.

— Mas as ruas são tão limpas. – eu argumento — E o ar é melhor aqui, e essas torres... não podem ficar de pé por conta própria.

— Você está certa, nenhum outro país além da Astrea tem magia além das jóias que eles compram da Kaiser. – diz Anders. — Mas porque eles não têm mágica, eles se esforçam para replicar seus efeitos com avanços na ciência e... – Ele faz uma pausa, procurando por uma palavra astreana. Depois de um momento, ele desiste. — Tecnologia. – ele termina. Não sei ao certo qual é o idioma, mas certamente não é o

Astreano. Ele continua. — As ruas ficam limpas porque são revestidas com um composto que repele marcas e manchas. O ar é mais frio porque a capital foi construída em cima de uma nascente subterrânea. As torres são mantidas no alto porque foram construídas com as especificações exatas que uma equipe de matemáticos criou.

— Ciência e *tecnologia*. – repito lentamente, a segunda palavra soando estranha. Ciência é pelo menos um conceito familiar, o estudo de materiais orgânicos, química e medicamentos, plantas e animais. Apesar de achar que esse tipo de ciência é algo completamente diferente do que estou familiarizada. No entanto, não consigo adivinhar o que ele quer dizer com tecnologia e fico com vergonha de perguntar. Isso parece algo que eu deveria saber. Uma coisa é agir como tola, mas estou dolorosamente ciente de quão pouco sei sobre o mundo fora da Astrea. Artemisia e Søren podem ter me preparado para os pretendentes, mas eles não me prepararam para isso.

—

Não imaginava que o palácio podia ser mais requintado que o resto da cidade, mas é. Em vez das torres isoladas espalhadas por toda a cidade, aqui existe um aglomerado de pelo menos duas dúzias de torres finas de várias alturas e cores, cada uma com um telhado em forma de cone com sua própria bandeira em cima. A torre mais alta fica bem no centro, pintada com um vermelho vivo e tem uma bandeira branca com um sol laranja no centro.

Não preciso perguntar a ninguém para entender que as bandeiras são símbolos de diferentes famílias que moram nessas torres e que as maiores, portanto, devem pertencer à família real.

— É realmente alguma coisa.– murmuro para Blaise. Nossa discussão permanece em minha mente, embora nenhum de nós tenha falado sobre desde então. Acho que nenhum de nós quer. Por mais que eu tente, não posso esquecer o barulho da madeira ao nosso redor quando Blaise perdeu a paciência, como se todo o navio estivesse prestes a se partir em nada além de lascas.

— É muito... pontudo. – diz ele, encolhendo os ombros. — Eu prefiro o de casa.

Casa. O que eu disse a Blaise quando saímos? "*São apenas paredes, telhados e pisos.*" E talvez essa seja verdade, mas agora que ele disse isso, não posso deixar de sentir a dor no meu estômago pelo *meu* palácio - não como estava da última vez que estive lá, com o jardim queimado e os vitrais sujos e rachados e o Kaiser sentado no trono de minha mãe, mas como era antes do cerco. O palácio de Sta'Criveran seria menor, mas Blaise está certo; Eu prefiro, com suas salas redondas e tetos abobadados, o ouro, os mosaicos e os vitrais em todos os lugares que você olha. Sta'Crivero é lindo, mas nunca se compara à memória do lar em que me apego.

Depois que nós sete saímos da carruagem, somos escoltados pela entrada do palácio por um quarteto de guardas vestidos com uniformes ceruleanos prensados com dragonas de ouro. A entrada é dominada por uma grande escada em espiral com escadas de azulejos em um arco-íris de cores e uma grade de ouro. Quando olho para cima, as escadas espiralam alto o suficiente para não ver onde elas terminam.

— Vocês devem ser nossos convidados astreanos. – uma voz feminina chama, ecoando no espaço amplo. Olho em volta, mas é impossível dizer de onde vem a voz. Finalmente, meus olhos caem em uma mulher que contorna a beira da

escada, vestida com um vestido de algodão pêssego amarrado na cintura com uma fita amarela grossa. Ela é talvez cinco anos mais velha que eu, com pele bronzeada e cabelos castanhos escuros que caem sobre os ombros em cachos soltos. Ela tem um rosto gentil, mas aprendi a não confiar nas aparências.

Ela sorri, mostrando duas fileiras de dentes brancos e brilhantes. — Meu nome é Nesrina. O rei Etristo pediu que eu lhes mostrasse seus quartos para que vocês possam se instalar antes do jantar. O palácio pode ser bastante confuso para os recém-chegados.

Nesrina dá uma risadinha leve que parece ensaiada, e eu me pergunto quantas vezes ela fez esse passeio.

Dragonsbane limpa a garganta. — Sou a princesa Kallistrade. – diz ela, embora não consiga dizer princesa sem estremecer. – Estes são Anders e Eriel – diz ela, apontando para eles; eles dão um aceno de reconhecimento. — Artemisia, Blaise, Heron, Prinz Søren... e, é claro, minha sobrinha, rainha Theodosia.

Nesrina acena para cada um de nós quando Dragonsbane nos aponta, mas quando é a minha vez, ela mergulha em uma graciosa reverência com alguns floreios extras trabalhados.

— Majestade. – diz ela. — Se todos vierem comigo, vamos subir as escadas.

Mais uma vez, olho para a escada em espiral aparentemente interminável. Minhas pernas já doem com o pensamento de subi-las. De repente, a perspectiva de dormir no navio não é tão desagradável quanto nesta manhã.

— Qual é a distância? – Pergunto, esperando não parecer rude. A última coisa que quero fazer é insultar meus anfitriões.

Nesrina ri e balança a cabeça. — Não se preocupe, Majestade. Temos um *elevador* não somos selvagens. – Ela se vira e faz um gesto para seguirmos.

Eu pareço ser o única que não sabe o que é um *elevador* e não quero mostrar minha ingenuidade perguntando. Cautelosamente, sigo atrás dela até que ela pare diante de uma grande gaiola de latão na base da escada, aninhada no centro de sua espiral. No interior, há um tapete vermelho de pelúcia e um homem sem camisa, com a pele da mesma cor das barras atrás dele, parado. Seus ombros são largos e seus braços são os maiores que eu já vi - acho que cada um pode ser mais largo que a minha cintura.

Nesrina entra na gaiola e gesticula para seguirmos, mas eu recuo, minha mente circulando sobre todas as maneiras pelas quais isso pode dar errado. É uma armadilha. O rei Etristo acha que sou tola o suficiente para entrar em uma jaula para que ele possa me entregar ao Kaiser e coletar suas cinco milhões de peças de ouro. Eu sei que devo fazer o papel de tola, mas não tanto assim, certamente.

Søren fica ao meu lado. — Os elevadores são a maneira mais rápida e fácil de chegar ao topo das torres. – ele murmura. — Aquele homem usa essa manivela para levantar a caixa, pouco a pouco.

Olho de soslaio para ele, incapaz de esconder a descrença do meu rosto. — Nós cairemos em em direção às nossas mortes. – eu digo.

Ele encolhe os ombros. — Os Sta'Criverans os usam há décadas e venderam o design para outros países ao redor do mundo. Nós até adaptamos o design para usar nas minas de Astrea. Nenhuma morte foi relatada. Dizem que é mais provável que você caia subindo as escadas.

Embora meu estômago ainda esteja revirando, sigo os outros para dentro da gaiola. Quando a porta se fecha atrás de mim com um estrondo, meu corpo inteiro fica tenso. Eu me forço a respirar fundo, mas sei que será difícil até que eu fique fora dessa engenhoca. Com os oito de nós dentro dos, dando muito espaço ao 'guia', mal há espaço para eu mover meus braços.

— Para o vigésimo quinto andar, por favor, Argos. – diz Nesrina. – Ela está perfeitamente relaxada, como se fizesse isso o tempo todo. Ela provavelmente faz.

O assistente de subida - Argos - assente e segura a manivela grande, começando a girá-la. Seus músculos tensionam com o esforço.

— Há uma sacudida no começo. – Søren sussurra para mim um instante antes da sacudida. Mesmo com o aviso de Søren, ainda me assusto e dou pulo, estendendo a mão para agarrar o que posso, que acaba sendo o braço de Søren e o ombro de Artemisia. Art encolhe os ombros e, a princípio, acho que Søren também, mas depois de um segundo, ele pega minha mão, entrelaçando seus dedos nos meus. O elevador está tão cheio que ninguém consegue ver, sinto que devo me afastar. Embora eu *saiba* que devo, não consigo me convencer de fazê-lo.

Primeiro, subimos devagar, mas gradualmente aumentamos o ritmo e aumentamos a velocidade, subimos muito mais rápido do que subiríamos se tivéssemos usado as escadas. As escadas passam em um borrão de cores, mas, embora seja mais fácil do que eu esperava, não consigo relaxar. Sinto meus ombros dobrados até as orelhas e aperto a mão de Søren como se estivesse tentando quebrá-la. Para seu crédito, ele não se afasta e não posso deixar de pensar na última vez que fizemos isso, nas masmorras escuras sob o

palácio Astreano, correndo pelos corredores com os guardas Kalovaxianos e seus cães se aproximando. Os segundos se passam. Não quero pensar nisso, mas acho que é preferível imaginar o que aconteceria se a manivela quebrasse e a gaiola caísse no chão.

— A última vez que estive aqui,– diz Søren em voz baixa, embora eu imagine que todos os que estão no elevador possam ouvi-lo, — foi quando meu pai me enviou em uma expedição diplomática para tentar fazer dos Sta'Criverans aliados. Foi a primeira vez que subi e acho que quase desmaiei, o que não era exatamente a imagem de força que meu pai queria projetar. Obviamente, os Sta'Criverans não tinham interesse em uma aliança, como vim a descobrir. Mas eles queriam ter certeza de que eu e meu pai entendíamos o quão fortes eles eram e como, mesmo que não fôssemos aliados, seria um erro considerá-los inimigos.

— É verdade. – diz Nesrina, olhando para nós por cima do ombro. — Os Kalovaxianos nunca ousariam invadir Sta'Crivero. É exatamente por isso que é o lugar mais seguro para você, Majestade.

— Eu fico muito agradecida. – digo com meu sorriso mais doce, como se ela tivesse me dado um presente, o que deveria ser uma cortesia humana básica. — Sua gentileza comigo nunca será esquecida.

O elevador finalmente para, meu estômago revira, não posso deixar de imaginar o quanto a bondade de Sta'Crivero me custará.

PALÁCIO

Nesrina nos escolta por um corredor comprido, passando por meia dúzia de portas antes de parar em uma delas no final. Ela torce a maçaneta de ouro e cristal e abre a porta.

— Para a rainha. – ela diz, inclinando a cabeça em minha direção. — Esperamos que seja do seu agrado.

Eu entro e a sala me engole. É um espaço amplo, com tetos altos e abobadados pintados com nuvens e querubins, tão grande que acho que caminhar de um lado para o outro exigiria algum esforço. No centro, está a maior cama que eu já vi - uma família de seis pessoas pode dormir confortavelmente - envolta em cetim coral-fogo com uma variedade de travesseiros cobrindo a maior parte dela. Dosséis de seda combinando sobre ele, dançando na brisa que entra pelas janelas abertas que se alinham em três das paredes. A luz do sol do meio da tarde penetra no quarto, fazendo o piso de ladrilhos de lápis-lazúli brilhar sob meus pés.

Em um canto, há um conjunto de cadeiras de pelúcia em torno de uma mesa de mosaico, com uma jarra de vidro e quatro xícaras. Do outro lado da sala, há um armário lacado com portas embutidas e puxadores de marfim. Há também uma escrivaninha e uma cadeira, uma mesa com bacia de água e uma cesta de esponjas e sabão que foram esculpidas em formato de pássaros que parecem tão reais que eu meio que espero que voem pelas janelas. Ao lado da bacia há uma grande com um espelho e gavetas com mais pássaros esculpidos na borda de mogno.

Até o Kaiser consideraria demais a luxuosidade desta sala. Eu certamente me sinto deslocada, como um gato de rua que

foi jogado no meio de um salão de festas. Embora o palácio de Astrea fosse opulento, não era nada assim. Eu tento não deixar meu desconforto aparecer.

— Serão trazidas camas para meus conselheiros? – Pergunto a Nesrina.

A testa dela se enruga e ela balança a cabeça. — Você me entendeu mal: este é o seu quarto. Eles estarão perto o suficiente, no final do corredor, mas o palácio Sta'Criveran é certamente grande o suficiente para lhe proporcionar seu próprio espaço, Sua Majestade.

As palavras irritam. Em um palácio estranho, em um país estranho, a última coisa que quero é ficar sozinha e em uma sala desse tamanho - sinto que poderia me perder nela e ninguém jamais me encontraria.

— Não há guardas do lado de fora. – diz Blaise, soando tão alarmado quanto eu. — O rei Etristo garantiu a segurança da rainha, mas sem guardas.

— Crime de qualquer tipo não é tolerado no Sta'Crivero. – Nesrina interrompe com um sorriso paciente. — Até pequenos furtos são puníveis com a morte há muitas décadas. Como resultado, eliminamos completamente o crime. Garanto-lhe que não há lugar mais seguro que este palácio.

— Eu não acho que o Kaiser se importaria com suas leis ou a vida dos assassinos que ele enviaria atrás dela. – rebate Blaise. O sorriso de Nesrina vacila apenas por um instante. — É claro que posso levar sua preocupação ao rei Etristo. – diz ela.

— Não há necessidade de preocupar o rei com os medos infundados de um menino. – diz Dragonsbane, dando a Blaise um olhar severo. — Para um assassino entrar no quarto de Theo, eles teriam que passar pelos guardas no portão, passar pelos guardas nas portas do palácio e passar

pelo operador do elevador. Pelo que entendi, este é o mesmo nível de segurança dado ao próprio rei.

Nesrina assente em concordância. — O rei não desejaria à rainha Theodosia menos segurança do que ele exige para si mesmo – diz ela. — Ela está em boas mãos aqui conosco.

Blaise parece pronto para discutir, mas eu o paro com uma mão no braço. Embora possa ser minha imaginação, sua pele fica ainda mais quente que o normal.

Só percebo que fiz algo errado quando o sorriso de Nesrina desliza de seu rosto completamente. Seus olhos estão presos na minha mão, onde repousa sobre o braço de Blaise. Eu posso praticamente ver os pensamentos dela mudando. Eu tiro minha mão, mas o estrago já foi feito. Embora no Smoke não tenha sido nada demais tocar Blaise - ou Heron ou qualquer outra pessoa - não estamos mais no Smoke. Minhas ações serão monitoradas mais de perto aqui e preciso me lembrar disso. É difícil não sentir que estou de volta ao palácio Astreano, onde eu precisava estar constantemente ciente de como estava sendo observada.

— Este quarto vai servir muito bem. – digo a Nesrina. — Por favor, transmita minha gratidão ao rei Etristo.

Blaise fervilha ao meu lado, mas ele não diz nada.

Nesrina assente, seu sorriso de volta no lugar, mas mais rígido nos cantos. — Vou deixar você se refrescar e mostrarei os outros para os quartos deles.

Enquanto eles saem, Blaise olha pra mim, sua expressão carregada de preocupação. Dou-lhe um sorriso tranquilizador, mas não parece fazer muito para melhorar o humor dele.

Eu os vejo caminhar de volta pelo corredor estreito em direção aos outros quartos de hóspedes antes de fechar a porta, deixando escapar um suspiro de alívio. Pelo menos não

há buracos nessas paredes, nem espiões me observando no meu próprio quarto. Isso é uma espécie de melhoria.

Andando de um lado para o outro, examino toda a decoração e móveis finos, passando os dedos sobre o armário lacado e o dossel de seda sobre a cama. Sinto-me um pouco como um mármore rolando pelo espaço muito grande, mas não posso negar a beleza avassaladora dele.

Sta'Criverans valorizam coisas bonitas, Artemisia me disse, então eu não deveria estar tão surpreso, mas ainda assim. Os cortesãos Kalovaxianos raramente encontravam uma superfície que não queriam dourar ou embelezar, mas esse é um tipo de beleza diferente - mais efêmero, sem força ou propósito por trás. É bonito por uma questão de beleza, uma flor de seda sem vida e sem perfume

Antes que eu saiba o que estou fazendo, caio na montanha de travesseiros e cetim, ainda com o vestido e os sapatos. Depois de uma semana em uma cama estreita com um colchão fino, essa cama parece uma nuvem. Eu nunca quero me levantar. Certamente, há uma maneira de salvar Astrea daqui?

Antes que eu possa relaxar muito, uma batida aguda soa na porta. Eu volto e aliso meu vestido, tentando parecer um pouco apresentável. Não consigo me levantar completamente da cama, mas corro até a beira e cruzo os tornozelos, colocando as mãos no colo do jeito que me lembro que Kaiserin Anke costumava sentar. — Entre. – eu digo, tentando ignorar a pontada provocada pela memória dos Kaiserin.

Espero que uma mulher entre para me ajudar a me vestir, mas, em vez disso, a porta se abre e um pequeno exército entra. Deve haver mais de dez pessoas, mas todas elas andam tão rapidamente que é difícil fazer uma contagem adequada.

Duas mulheres cruzam para o guarda-roupa, enquanto outras três se instalam perto da penteadeira, descarregando vários potes, pós e pincéis das cestas que carregam. O resto delas flutuam para frente e para trás, algumas me cercando e passando os dedos pelos meus cabelos emaranhados, circulando minha cintura, peito e braços com uma fita métrica, inclinando meu rosto em direção a luz do sol e me olhando criticamente sem nunca dizer muito, nenhuma palavra.

— Rainha Theodosia. – uma mulher finalmente diz, parando na minha frente para mergulhar em uma reverência. Seu cabelo cinza é puxado para trás do rosto em um coque severo que pouco ajuda a suavizar as rugas ao redor da testa, dos olhos e da boca. Ela tem olhos castanhos escuros e agudos que voam do topo da minha cabeça para as minhas botas, suas narinas se estreitando mais à medida que ela olha para mim. — Meu nome é Marial e eu serei o chefe de sua equipe enquanto você estiver conosco.

— É um prazer conhecê-la, Marial. – eu digo.

A boca comprimida e os olhos estreitos não se mexem e ela não se incomoda em dar uma resposta. — Você vai acompanhar o rei e sua família hoje à noite em um jantar. Tome um banho primeiro, depois tentaremos fazer algo com seu cabelo. Entendo que você não trouxe roupas adequadas?

Não deixo meu sorriso vacilar. — Eu tive que deixar Astrea com pressa para evitar minha própria execução. – digo a ela. — Infelizmente, não tive tempo de levar nada além do vestido que estava usando. Este.

O sorriso dela é tão apertado que dificilmente é um sorriso. — Sim, bem, nós nos preparamos para tal ocorrência. – Ela gesticula para o guarda-roupa, onde as mulheres que acabaram de fazer minhas medições agora estão puxando

vários vestidos cobertos e os atacando com agulhas, seus dedos ágeis se movendo mais rapidamente do que eu pensava ser possível. — Teremos algumas opções prontas quando você estiver fora do banho. Venha. – Ela estala os dedos e duas mulheres aparecem, uma de cada lado meu me colocando de pé e ajudando a tirar meu vestido, enquanto outra mulher torce uma maçaneta na banheira. Depois de um momento, há um gorgolejo e a água começa a vomitar do tubo curvo para a banheira.

É difícil não olhar para ele maravilhado, especialmente quando o vapor começa a subir da água. De onde vem a água? Em Astrea, a água fervente era trazida de um balde de cada vez, de modo que, quando estava cheia, a água estava fria. Os Kalovaxianos usavam Pedras de Fogo para manter a água quente, mas o Kaiser nunca confiou em mim o suficiente para chegar tão perto deles, não que eu os tivesse usado de qualquer maneira. O pensamento traz de volta a memória das marcas de queimadura nos meus lençóis, e eu rapidamente a empurro. É surpreendentemente fácil fingir que isso nunca aconteceu. Na maioria das vezes, fica nos arredores da minha mente como um sonho bizarro que apenas parecia sangrar em realidade. É impossível que isso realmente tenha acontecido. Mas sei o que vi e toquei com minhas próprias mãos.

Quero perguntar que tipo de mágica os Sta'Criverans têm para convocar água do nada, mas lembro-me do que Anders disse anteriormente, o que lhes falta de mágica eles compensam com a ciência e a tecnologia. Algo me diz que fazer perguntas a Marial só me renderá olhares mais impacientes, então engulo minha curiosidade e decido perguntar a alguém mais tarde.

As mulheres me despem, e uma parte distante de mim sabe que eu deveria me sentir desconfortável por estar nua na frente de estranhos, mas acho que meu senso de modéstia se partiu há muito tempo.

Quando finalmente entro no banho, a água quente me envolve e eu quero apenas afundar no fundo e ficar lá para sempre, envolto em calor. O sentimento não dura muito, no entanto. Assim que meu cabelo está molhado, três mulheres começam a atacá-lo, vasculhando os emaranhados e ninhos que cresceram durante a minha semana no Smoke. Quando terminam, meu couro cabeludo está esfolado, mas meus cabelos molhados caem em um lençol pesado, finalmente liso.

Mas elas ainda não terminaram comigo. Elas se movem para o meu corpo, esfregando cada centímetro da minha pele com esponjas ásperas e sabão e ásperas, até que a água fique suja e escura. Elas me ajudam a sair do banho e me limpam antes de esfregar óleos para acalmar a pele que acabaram de escovar até que eu fique tão lisa e brilhante como uma pérola e cheire a jasmim e toranja.

Marial desvia a atenção de onde inspeciona a obra das costureiras, as mãos entrelaçadas com força na frente dela e a testa ainda mais enrugada. Ela franze os lábios e me olha criticamente. Meu senso de modéstia pode estar partido, mas ainda sinto a necessidade de apertar mais a toalha em volta do meu torso sob o olhar dela.

— Melhor. – ela proclama. — Mas ainda há muito o que fazer. Venha.

Eu a sigo de volta para a área do guarda-roupa, correndo para acompanhar seu ritmo acelerado.

— Quem mais se juntará a mim neste jantar? - pergunto, tentando fazer minha voz comandar, mesmo que Marial me aterrorize.

— Eu já te disse – ela diz lentamente, com um suspiro bem elaborado, apesar de não me dar uma olhada. Toda a atenção dela é focada em examinar uma das costureiras das costureiras que têm um vestido azul-safira com um corpete intrincado de miçangas.

Depois que a costureira dá um nó e corta o fio, Marial pega o vestido e o traz para mim. — O rei e sua família.

— E os meus conselheiros?

Ela dá uma fungada irônica, me ajudando a vestir o vestido pesado, puxando suas tiras finas sobre meus ombros. As cicatrizes na metade superior das minhas costas estão à mostra, saindo da seda do vestido como cobras vermelhas e brancas. Ninguém abre a boca, mas sinto o olhar deles em mim da mesma forma e isso é ainda pior.

— A presença deles é desnecessária para esse evento. – diz ela, cada palavra nítida. — Mas um convite foi estendido ao Prinz Kalovaxiano. – acrescenta ela depois de um momento.

Eu me sentiria melhor se Blaise, Artemisia e Heron também estivessem lá, mas pelo menos terei Søren.

— E minha tia? – Pergunto, embora ao fazer a pergunta não tenha certeza de qual resposta prefiro.

— Ela deixou claro que sua presença é necessária onde quer que você esteja. – diz Marial, embora não faça nenhum esforço para esconder seu desdém. Ela amarra as costas do meu vestido com força, e depois disso eu mal posso respirar, muito menos manter uma conversa.

PURA

De alguma forma a decoração da sala de jantar real é ainda mais elaborada que a do meu quarto. Três de quatro paredes estão cobertas por murais com afrescos de querubins descansando em nuvens pastéis, comendo uvas e bebendo em taças de vinho douradas. A quarta parede não é muito parecida - a metade superior é aberta, com cortinas violetas afastadas para mostrar o pôr do sol à distância. Um lustre pendurado no teto, mas em vez de cristais, é decorado com pedaços de vidro azul e verde-mar que lançam um brilho frio na sala. A mesa de jantar comprida de carvalho esculpido é decorada com folhas de ouro e sete cadeiras combinando.

Seis dessas cadeiras já estão ocupadas. O rei Etristo senta-se em uma extremidade, curvado, com a coroa ornamentada escorregando desajeitadamente na testa, mas os outros ficam de pé quando eu entro. Etristo é ladeado de um lado por um homem de trinta e poucos anos - que suponho ser seu filho - Avaric, e do outro lado, por uma mulher apenas alguns anos mais velha que eu, que é loura como uma Kalovaxiana, mas com um rosto mais redondo e gentil. Ela também está grávida. À direita de Avaric, há uma mulher com a pele cor de mel e cabelos pretos em tranças elaboradamente enroladas. Dragonsbane fica ao lado da loira; Søren fica entre o moreno e um assento vazio no outro extremo da mesa, o que eu assumo é para mim. Fico satisfeita ao ver que Dragonsbane e Søren também se vestiram com os estilos desconfortáveis, mas ornamentados, que os Sta'Criverans parecem gostar. Eles até conseguiram colocar Dragonsbane em um vestido de cetim preto sem alças.

Ando em direção ao assento vazio, embora seja difícil atravessar até mesmo um espaço tão pequeno usando esses sapatos de salto que Marial me deu. Talvez fosse mais fácil se eu não estivesse tão preocupada em tropeçar na bainha do meu vestido pesado e carregado de pedras preciosas. Preciso tomar pequenos e cuidadosos passos, e uma eternidade se estende antes que eu chegue ao meu assento, entre Søren e Dragonsbane.

— Espero não ter deixado vocês esperando. – digo quando me sento. É tão difícil falar quanto andar usando esse vestido, mas acho que consigo controlar se respirar superficialmente.

Os outros retomam seus lugares assim que eu me acomodo.

— Não muito minha querida. – diz o rei Etristo em Astreano. — Esperar para ver tanta beleza é uma honra.

Para os Sta'Criverans, eu sou só uma coisinha bonita de vestido brilhante, um investimento que eles esperam um bom retorno, se a teoria de Artemisia sobre o meu preço nupcial for verdade. Eu sou uma ferramenta que eles acham que podem usar, e Art estava certa quando ela disse que é melhor deixa-los pensar assim. Por enquanto.

Então eu coloco um sorriso no meu rosto. Não parece nada real, mas duvido que alguém esteja olhando o suficiente para perceber isso. É bonito e isso será suficiente.

— Sou muito grata por sua hospitalidade, rei Etristo. – digo. — É mais bondade do que eu esperava encontrar de estranhos.

— Ontem éramos estranhos, minha querida. – ele responde, levantando seu cálice de vinho dourado em um brinde que eu me apressei em encontrar com minha própria taça, apesar de estarmos muito distantes para que nossos

copos cheguem perto de se tocar. — Hoje somos amigos. – Ele toma um gole antes de apoiar o cálice na mesa e eu faço o mesmo, não fazê-lo seria interpretado como um insulto. O vinho é mais escuro do que o que bebemos em Astrea, mais especiarias que frutas. Queima minha garganta quando engulo.

O rei Etristo tosse antes de falar. — Todos os Sta'Criverans falam Astreano, é claro, além de algumas outras línguas, embora eu sugira que continuemos com Astreano, pois essa parece ser a língua mais comum aqui.

Olho para Søren, que não entende uma palavra do que está sendo dito. Ele mantém os olhos à frente e a expressão séria.

— Gostaria de apresentá-la ao meu filho. – continua Etristo, gesticulando primeiro para sua direita. — Avaric, e sua esposa, Amiza. – diz ele, apontando para o filho e a mulher de cabelos trançados. Etristo gesticula para a esquerda. — E minha esposa, Lilia.

Eu luto para esconder minha surpresa. Eu supus que a mulher loira fosse uma de suas filhas, embora eles não se pareçam. O rei Etristo tem pelo menos oitenta anos e Lilia tem praticamente a minha idade. Ela deve ser sua segunda esposa, ou mesmo sua terceira ou quarta. O bebê que ela está carregando não pode ser dele.

— É um prazer conhecê-los. – eu digo, sorrindo para os três. — Você tem outros filhos também, não é? – Pergunto ao rei.

Ele acena com desdém. — Todas as minhas filhas saíram de casa quando eram mais jovens que você. – diz ele. — Elas nos garantiram maravilhas, assegurando alianças e contratos comerciais com outros países em todo o mundo. Nós nos

escrevemos de tempos em tempos, mas visitar um ao outro é... difícil.

Eu aceno e faço o que espero que seja um ruído simpático, embora descubra que tenho pouca pena de um homem que vende suas filhas a terras estrangeiras para facilitar sua vida. Fui um estranho em uma corte estranha e, embora saiba que essa é um tipo de experiência diferente, ainda me lembro de como é estar cercado por rostos desconhecidos, sem poder me comunicar, sentindo falta da minha família.

— Bem, não vamos demorar com conversa. – diz o rei antes de bater palmas duas vezes. — Estou faminto.

Ao som de sua convocação, os servos entram pela porta lateral, cada um carregando uma grande bandeja de ouro. Os cheiros que saem da louça são diferentes de tudo que já experimentei, e não sei bem como descrevê-los.

Picante, sim, mas há uma doçura também e outra coisa que eu não consigo entender. Quando um dos criados coloca um prato cheio na minha frente, minha boca fica molhada ao ver a comida, uma variedade de legumes maravilhosamente preparados, arroz temperado da cor do céu noturno e algum tipo carne grelhada.

— Devagar. – Søren sussurra para mim. – A cozinha Sta'Criveran tem temperos fortes, é preciso um tempo para se acostumar.

Sorrio em agradecimento, mas depois de semanas de carne seca, é difícil seguir o conselho dele. Quero devorar tudo o mais rápido possível, mas me forço a comer devagar, saboreando cada tempero e textura. Não devo comer devagar o suficiente, porque Avaric me observa atentamente, inclinando-se para a frente com olhos brilhantes e curiosos.

— Eles a faziam passar fome em Astrea? – Ele me pergunta.

Eu engulo um pedaço de peixe. — Não, nunca. – eu digo. — No palácio, eu comia o mesmo que qualquer cortesão Kalovaxiano, embora a maioria dos meus conselheiros tenha passado anos nas minas, fazendo trabalhos físicos exaustivos e com escassez de ração. E eles pioraram nos últimos meses, eu ouvi dizer.

— É claro. – diz Avaric, tentando e deixando de parecer simpático. - Mas... bem... sua tia nos contou tantas histórias de seu sofrimento nas mãos do Kaiser.

Eu tomo um momento enxugando a boca com um guardanapo, lutando contra o desejo de encarar Dragonsbane.

— Foi uma década muito difícil. – digo devagar, esperando que continue assim.

Mas a Avaric não entende a dica.

— Eles a espancavam? – Ele pergunta. — Isso deve ter sido horrível. Quantas vezes aconteceu?

— Sim. – eu digo, a raiva escorrendo pelo meu peito. Estou mais consciente do que nunca das minhas cicatrizes, em exibição total, quão severas e bárbaras são em meio a toda a beleza dos Sta'Criveran. Eu gostaria que o vestido tivesse algum tipo de mangas - alguma maneira de escondê-las, esconder a história que elas soletram na minha pele. Meus braços começam a esquentar e luto contra o desejo de arranhá-los. Parece o que aconteceu quando acordei do meu pesadelo e vi meus lençóis queimados. Parece que o fogo está pressionando contra a minha pele por dentro, desesperado para vazar. Não é real, digo a mim mesma, como se eu pudesse acreditar nisso. Eu me forço a respirar através da raiva; Imagino gelo nas veias.

Essas pessoas não se importam comigo. Eles só se importam com o que aconteceu comigo, como se fosse algum

tipo de história doentia escrita para chocar, horrorizar e entretê-los. Seguro os braços da minha cadeira com tanta força que meus dedos ficam brancos, embora pelo menos isso distraia meus braços e mãos formigando. Eu mantenho meu rosto suave, abaixando a cabeça e olhando para o príncipe através dos cílios.

— Sinto muito. – eu digo, deixando uma pitada de tristeza penetrar na minha voz. — Ainda é muito difícil falar sobre isso. Mas acontecia com bastante frequência, sempre levarei as cicatrizes, tanto as físicas quanto as mentais. – admito com um suspiro triste. — Eu sobrevivi, graças aos meus conselheiros e à minha tia. – Dou um sorriso triste à minha tia, que não a comove muito. Ela vê através dele, mas os Sta'Criverans não.

— Isso é tão horrível. – diz Lilia, segurando o colar de pérolas enrolado em sua garganta pálida. O Astreano dela não é tão fluente quanto "os outros", ainda um pouco afiado nas consoantes. — Eu não posso imaginar o quão horrível isso foi. – Ela faz uma breve pausa. — O que eles usavam? – Ela pergunta, abaixando a voz. — Um chicote? Uma bengala?

Minha mandíbula aperta e eu seguro o olhar dela por alguns segundos antes de responder. — Tudo o que lhes era útil – eu digo. — Embora eu suponha que o chicote era o favorito do Kaiser.

Sinto um vislumbre de satisfação quando ela desvia os olhos de mim e volta para a comida sem dizer outra palavra.

— E, é claro, – continua Avaric. — sua tia também nos disse o que o monstro fez você matar... qual era o nome do homem que morreu?

— Ampelio. – responde Dragonsbane sem hesitar, com a voz nivelada. — Guardião Ampelio.

Minha mão aperta mais o braço da cadeira até que eu tenha medo de quebra-los completamente mas não consigo relaxar minhas mãos. Eu não posso falar sobre Ampelio; Não posso dar a eles esse pedaço do meu coração, não importa o que eles estejam me dando. Não contei a Blaise nada mais do que o básico. Não posso detalhar o que fiz para o entreter essas pessoas.

Algo quente repousa sobre a minha mão esquerda e olho para baixo para ver os dedos pálidos e ásperos de Søren cobrindo os meus, embora seus olhos permaneçam firmemente presos à comida. Ele não entende muito do que está sendo dito, mas ouviu o nome de Ampelio e suponho que ele possa adivinhar o resto. Ele estava lá, afinal, quando enfiei a espada nas costas de Ampelio, e talvez ele não tenha entendido que tipo de tortura era, e talvez ele ainda não saiba que Ampelio era meu pai, mas viu em primeira mão quão horrível foi para mim.

— O Kaiser deixou claro que era a vida dele ou a minha. – digo devagar, lutando para manter minha voz suave. — Por mais necessário que fosse, acho que nunca me perdoarei por isso.

A mesa fica quieta por um momento, embora seja um tipo de silêncio gravíssimo que sugere que coisas piores estão por vir. Eu me preocupo com meu jantar, esperando estar errada e que o assunto seja abandonado.

— O Kaiser é um demônio encarnado. – diz o rei Etristo finalmente. — Pelo que ele fez com você, ele certamente passará a eternidade sofrendo no submundo. – Ele faz uma pausa, mas há um peso no silêncio que implica que ele ainda não terminou. Ele olha para mim como se estivesse medindo cada centímetro com seu olhar. — Você ainda é uma... – Ele hesita, procurando a palavra. Ele não deve encontrá-lo em

Astreano, porque ele muda para o Kalovaxiano. — Uma virgem?

Eu congelo no meio da mordida, forçando-me a engolir, mesmo tendo certeza de que voltará a qualquer momento. Ao meu lado, Søren endurece; ele conhece essa palavra e deve ter entendido o contexto. — Você está perguntando se ele me estuprou? – Pergunto lentamente em Astreano, segurando o olhar do rei Etristo. Avaric, Amiza e Lilia se encolhem com a palavra e olham para os pratos, mas Etristo não tem vergonha.

— Sim. – diz o rei Etristo depois de um momento. — Suponho que sim, embora também tenha havido rumores de seu envolvimento com Prinz Søren, dos quais também tenho curiosidade.

Ao som do nome dele, Søren parece ainda mais confuso. Seguro o olhar do rei Etristo por mais um momento antes de desviar os olhos para Søren.

— O rei Etristo está se perguntando se seu pai me estuprou ou se você me deflorou – explico em Kalovaxiano, sem me preocupar em abaixar a voz.

O rosto de Søren fica vermelho, mais com raiva do que com vergonha, eu acho.

— Não. – diz ele ao rei Etristo, arriscado em Astreano. Deve ser uma das poucas palavras que ele pegou.

O rei Etristo joga as mãos no ar como se estivesse sendo atacado. — Peço desculpas se você se ofendeu com a minha pergunta. – diz ele, o que não soa muito como um pedido de desculpas. — Mas você deve entender que devo perguntar antes de continuarmos em nosso caminho para encontrar um marido para você. A maioria dos homens de alto nascimento nunca aceitaria uma mulher manchada como esposa.

Eu franzo a testa, sem saber por onde começar com esse tipo de lógica. Eu decido o pior de tudo. — Eu seria considerada manchada mesmo que tivesse sido estuprada?

O rei Etristo sorri forçado e encolhe os ombros. — É assim que as coisas funcionam. – diz ele. — Os homens casam-se com mulheres castas e tomam mulheres que não são como amantes. Certamente isso não é surpreendente para você, eles têm os mesmos costumes na corte Kalovaxiana, pelo que sei.

— Sim. – eu admito. — Mas certamente você não aceitou nada do que eu disse como uma recomendação do comportamento deles?

Com isso, o rosto do rei Etristo fica vermelho. — Não há necessidade de se ofender, minha querida. – diz ele. — Se o que você diz é verdade, você não tem nada a temer. Afinal, minhas próprias esposas - ambas, a que partiu e a que ainda esta conosco - passaram por um exame antes de nos casarmos para garantir sua virtude. Minhas filhas fizeram isso antes do casamento. Amiza também, não é? –, Ele pergunta.

— É tradição. – diz Amiza, mas ela não olha para mim. Em vez disso, ela mantém os olhos no prato.

— O exame é simples, fácil de suportar. – diz o rei Etristo, acenando com a mão.

Eu forço um sorriso sacarina. — Você já passou por isso, Alteza? – Pergunto. — Isso faz sentido. Se homens nobres de nascimento devem se casar apenas com mulheres castas, então certamente as mulheres nobres de nascimento devem se casar apenas com homens castos.

— Theodosia. – Dragonsbane assobia para mim, seu rosto afiado e apertado.

Estou tentado a apontar sua própria hipocrisia ao ficar do lado dele. Afinal, ela dificilmente pode reivindicar ser virgem,

tendo tido dois filhos. Mas seguro a língua e sorrio inocentemente para o rei Etristo.

— Me desculpe, Alteza. – digo a ele, agitando meus cílios. — É um costume tão estranho para um mundo tão civilizado. Há uma razão para você não encontrar a palavra virgindade em Astreano. O conceito não existe. "

A mesa ficou quieta por um momento. — Bem, aqui não é Astrea. – diz o rei Etristo. — Os pretendentes começarão a chegar amanhã, por isso esperamos que você faça o exame antes de conhecê-los.

Não sei o que esse exame implica, mas não preciso. Mesmo que prove o que for, nunca fui tocado dessa maneira, não preciso provar isso. Não deveria importar. Sei que devo ser gentil, flexível e despretensiosa para manter o favor dos Sta'Criverans, mas essa é uma linha que não irei cruzar, nem mesmo por Astrea.

— A menos que todos eles passem por exames semelhantes antes de me encontrarem, eu não farei tal coisa. – digo. Casar comigo trará riquezas incalculáveis a esses homens quando reconquistarmos Astrea. Se eles querem perder essa riqueza porque estão muito preocupados com a tradição, são bem-vindos. Tenho certeza de que muitos que prefeririam ter o dinheiro.

JOGO

Dragonsbane consegue segurar sua língua pelo resto do jantar tenso e até mesmo durante o passeio de volta ao nosso andar. Sua boca fica firmemente franzida o tempo todo, os olhos duros e olhando para a frente. Porém, quando estamos no corredor, e somos apenas ela, Søren e eu, ela agarra meu braço e me gira para encará-la, unhas cravando na pele macia da parte de baixo do meu braço.

— Amanhã, você vai pedir desculpas ao rei Etristo e consentir em quaisquer exames que julgarem necessários.

Søren fica entre nós.

— Se você não remover a mão. – ele diz em Kalovaxiano, sua voz baixa. — Eu farei isso por você, e será uma experiência desagradável para nós dois, mas certamente pior para você.

Dragonsbane aperta sua mandíbula e o encara por um momento, como se estivesse debatendo se sua honra o deixaria realmente machucar uma mulher. Sabiamente, ela decide não correr o risco e solta meu braço.

— Você vai se desculpar pelo seu desaforo. – diz ela novamente, sem tirar os olhos de mim.

— Claro, tia. – eu digo finalmente, lançando minha voz mais alta e mais suave. — Estou certo de que o rei Etristo entenderá o quão assustada fiquei com o pensamento de ter minha pessoa cutucada novamente depois de todos os abusos que sofri nas mãos do Kaiser. E tenho certeza de que ele concordará que seria melhor esperar pelo menos até que eu me recuperasse mais. Se o marido que eu escolher insistir em um exame, eu cumprirei antes do meu casamento.

Ela me olha com olhos estreitados. — Você está jogando um jogo perigoso. – diz ela.

É preciso esforço para conter uma risada. — Já joguei piores.

—

Blaise, Heron e Artemisia já estão esperando no meu quarto. Suponho que deveria ter esperado isso - é claro que eles querem saber sobre o jantar. É claro que vou ter que contar a eles.

Mas primeiro eu preciso sair desse dispositivo de tortura de vestido.

— Uma ajudinha, por favor, Art. – peço, pegando uma camisola do armário e indo para trás da tela dobrável de três partes. — E você pode querer trazer sua adaga.

Artemísia me tira do vestido que a costureira me costurou, embora o faça com menos graça, jogando contas de vidro pelo chão, o som como uma tempestade oca.

Puxo a camisola por cima da cabeça, saboreando algumas respirações profundas. Embora eu estivesse usando o vestido apenas algumas horas, esqueci como é trazer o ar completamente para meus pulmões, em vez de suspirar aqui e ali. Talvez seja por isso que Amiza e Lilia ficaram tão quietas no jantar - elas não conseguiam respirar, quando menos falar.

— Tudo bem. – eu digo, dando um passo atrás da tela. Estou ciente de como devo parecer ridícula agora, com minha camisola folgada de algodão e meu rosto totalmente pintado, mas há assuntos mais importantes. Eu me junto aos outros na área de estar, me sento na cadeira aberta ao lado de Blaise. — Teremos que falar em Kalovaxiano, por Søren. Tudo bem pra vocês?

Os outros gemem, mas finalmente concordam. Não posso culpá-los, falar Kalovaxiano me faz sentir como se estivesse de volta à corte do Kaiser.

— Precisamos continuar ensinando a você Astreano. Isso nos poupará muito tempo, para dizer o mínimo. – digo a Søren.

Ele concorda. — Eu me sinto um idiota, mas acho que estou pegando pedaços. Lentamente.

— O que aconteceu hoje à noite? – Blaise me pergunta em Kalovaxiano. — Tentamos ir com você, mas não fomos autorizados.

— Os Sta'Criverans valorizam sua exclusividade. – diz Søren. — Fiquei surpreso que eles tenham me convidado, embora suponha que tenham achado divertido, já que eu não entendi uma palavra que eles disseram.

Digo a eles sobre a família real e seu interesse no que o Kaiser fazia comigo, como eles pareciam não apenas curiosos, mas fascinados pelos detalhes de meu cativeiro e punições.

— É como se eles não me vissem como pessoa, apenas um colecionável raro com uma história anexada. – resmungo.

— Os funcionários da capital tendem a levar uma vida encantada e fácil. – diz Søren. — Especialmente a família real. Eu imagino que eles se atraiam por sua miséria, porque não conseguem entender que seja real. É como se você fosse um personagem de uma peça.

Franzo a testa, mas antes que eu possa responder, ele continua.

— Sobre o que foi a discussão no final? – Ele pergunta, embora pareça desconfortável. — Eu entendi pedaços, mas ... bem, parecia importante.

Parte de mim não quer responder - especialmente porque vou ter que explicar a Blaise, Heron e Artemisia o que a

virgindade significa - mas Søren está certo. É importante. A discussão ainda não acabou e não consigo mais guardar segredos deles.

Então, explico o conflito da maneira mais simples possível, apesar de sentir minhas bochechas avermelhadas. É preciso tudo o que tenho em mim para não estremecer quando digo a eles sobre o exame proposto pelo rei. Embora ele não tenha dado os detalhes, eles são fáceis de entender.

— É prática comum. – diz Søren quando termino, parecendo um pouco verde. — Embora você estivesse certa em recusar.

Artemisia assente, mas há um vinco entre as sobrancelhas. — Isso tornará tudo mais significativo quando você finalmente consentir.

Eu a encaro, minha boca escancarada. — Não concordo com isso. – digo. — Eu pensei que você de todas as pessoas entenderia. – Eu paro. Artemisia me contou - em segredo - sobre o ataque que sofreu nas minas, embora Heron estivesse lá também.

Duvido que ela queira que isso seja de conhecimento comum. — Você também é uma mulher. – digo. — Você deixaria eles te examinarem como algum tipo de experimento?

— Não. – diz ela, encolhendo os ombros. — Mas eu não quero me casar.

— Nem eu! – Exclamo, mais alto do que pretendia.

Artemísia permanece imperturbável com a minha explosão, apenas arqueando as sobrancelhas.

— Bem. Não preciso me casar para usar o exército de outro país para recuperar meu trono. Isso é melhor? – Ela pergunta.

Reviro os olhos, mas não consigo responder. — É outro problema, para outro dia. – digo.

— Parece que eles estão se acumulando. – diz Heron, sua voz calma e instável em torno das palavras Kalovaxianas que ele provavelmente ouviu mais vezes do que falou.

— Eu sei. – eu digo, esfregando minhas têmporas. — E o rei Etristo disse que os pretendentes chegarão amanhã, então tenho certeza de que haverão cada vez mais problemas.

Um pesado silêncio cai sobre nós, empurrando por todos os lados. Amanhã, os pretendentes chegarão, e meu país e eu seremos expostos como uma das lembranças de guerra do Theyn. A conversa no jantar desta noite será repetida dez vezes com cada um deles, imagino, cada rei e imperador procurando por detalhes do meu sofrimento, cada um me examinando como o porco que eles estão prestes a massacrar para o seu banquete.

— Logo. – Artemisia diz com um suspiro, levantando-se para ficar de pé. — Mas não esta noite.

Ela atravessa a sala até um pequeno armário no qual não prestei muita atenção. Quando ela abre as portas com um movimento dos pulsos, vejo três prateleiras de garrafas de vinho. Ela pega uma aleatoriamente e a traz de volta, usando sua adaga para retirar a rolha da boca.

— Estamos fora de Astrea. – diz ela, despejando o vinho nos copos de água sobre a mesa. — Estamos seguros, em um belo palácio em Sta'Crivero, e a rebelião está viva por nossa causa. Isso é motivo de comemoração, você não acha?

O otimismo de Artemisia é inesperado, mas bem-vindo e eu sorrio quando ela me passa um copo. Um a um, ela as distribui para todo mundo, até Søren, que parece surpreso com o gesto.

— À Astrea. – diz Artemisia, levantando a garrafa. — O que era uma vez. O que será novamente. E tudo o que sacrificamos por isso.

E assim, as palavras de Artemisia penetram na minha pele. Já sacrifiquei o suficiente por Astrea, quero dizer, não dar mais. Mas isso não é verdade e nós sabemos disso. Se tudo se resume a isso, não há nada que eu não dê para salvar meu país.

Não é a minha vontade.

Não é o meu corpo.

Não é a minha vida.

Não chegará a isso, eu digo a mim mesma, mas no fundo eu sei que muito bem poderia. Um mundo justo não pediria mais nada de mim, mas este não é um mundo justo.

Nós batemos nossos copos com a garrafa de Art e bebemos.

— Não vamos falar sobre o quão absurdo é esse lugar? – Pergunta Heron, me surpreendendo. Ele tem ficado quieto com mais frequência desde que tiramos Søren da prisão, mas ele parece estar tentando. — Tudo está encharcado de ouro, jóias e cores. O vestido que você usava deve ter custado o suficiente para alimentar uma família por um ano em Astrea, Theo.

Não posso deixar de rir, afundando mais na minha cadeira e tomando outro gole de vinho. Como o vinho do jantar, é escuro e picante e não é o que estou acostumado, mas está crescendo lentamente em mim. — Você tem sorte de não precisar usá-lo. Era sufocante e pesava mais do que um alqueire de tijolos. E essa engenhoca! – acrescento. — O... o que é mesmo? O levantador?

— O elevador. – diz Søren com uma risada. — Os homens que os operam, esse é o trabalho deles. A maioria dos

homens não tem forças para fazê-lo, então quem o faz é generosamente pago por isso.

— Eles usam camisas? – Pergunta Heron. — Não estou reclamando, mas é um uniforme muito... estranho.

— As camisas atrapalham, aparentemente. – diz Søren.

— Uma desculpa provável. – diz Artemisia com um bufo. — Ouvi falar de alguns casos entre os operadores e as mulheres nobres daqui. É bastante comum. Uma das vantagens do trabalho, por assim dizer.

— Pelo menos até que os maridos descubram. – acrescenta Søren, rindo. — Aconteceu quando eu estava visitando alguns anos atrás. Esse senhor ficou furioso e pediu a execução do operador do elevador, mas o rei teve que negar seu pedido, porque um operador de elevador é mais valioso do que um nobre.

— Apenas espere alguns anos até que as torres sejam invadidas por crianças com peito largo que se recusam a usar camisa. – digo com um sorriso.

Os outros começaram a rir da imagem e ela continua por muito tempo. Assim que nos controlarmos, alguns de nós farão contato visual e então o riso começará de novo.

É bom rir disso livremente, nós cinco juntos. Para deixar tudo fora da sala ser esquecido por apenas alguns momentos - e até algumas coisas dentro da sala. Heron e Søren não estão falando diretamente um com o outro, mas não estou mais preocupado que Heron tente atingi-lo novamente, e suponho que seja o melhor que posso esperar, considerando todas as coisas.

Quando terminamos a primeira garrafa, considero encerrar a noite e enviar os outros de volta para seus quartos, mas não consigo me obrigar a fazê-lo. Eu não quero ficar sozinha. Eu não quero parar de rir. Assim que eu fizer, a

realidade do que o amanhã trará se estabelecerá, e eu não quero pensar nisso ainda.

Eu me levanto da minha cadeira para pegar outra garrafa, um vinho mais leve desta vez, passando para Artemisia para desarrolhar.

Brindamos aos operadores de elevador.

Brindamos aos deuses.

Brindamos àqueles que perdemos.

Brindamos para nós mesmos.

Brindamos ao passado.

Brindamos ao futuro.

No momento em que a luz do amanhecer está passando pelas janelas, eu mal estou consciente. Estou esparramado na minha cama, com Artemisia de um lado e Heron do outro, ambos roncando bem alto. Blaise está esticado no pé da cama, lutando com as longas pernas de Heron para abrir espaço. Ele não está dormindo, apenas olhando para o teto com olhos vidrados e distantes, mas é o mais perto que eu o vi desde que tomei seu chá. Søren dorme no sofá, um dos travesseiros decorativos sobre o rosto para bloquear a luz e o som.

A última coisa que penso antes de deixar minha mente desaparecer na escuridão é imaginar se algum dia chegaremos a um ponto em que ele realmente será um de nós.

PRETENDENTES

Tudo parece estar dormente, menos minha cabeça, que está latejando, se intensificou dez vezes pela luz do sol batendo nos degraus do palácio. Minha boca está seca como areia, e mesmo tendo sido escovada, polida e pintada por Marial e sua equipe novamente, sinto que a noite passada está claramente escrita no meu rosto. Minha mente está um nevoeiro, mas, de certa forma, acho que é uma coisa boa - estou exausta demais para lembrar de estar ansiosa.

Os pretendentes estão chegando em uma longa procissão de carruagens cobertas que se entrelaçam pelas ruas de pedra branca.

— Não se preocupe, minha querida. – diz o rei Etristo de seu assento ao lado do meu, interpretando mal minha expressão. — Existem muitos deles, mas isso será apenas uma breve apresentação. Todo o evento deve levar uma hora, duas no máximo.

Uma hora ou duas. Eu sufoco um gemido. Não consigo me imaginar sentada aqui por mais de alguns minutos, mesmo que as cadeiras trazidas para a família real e para mim sejam confortavelmente acolchoadas e um pouco sombreadas por folhas de palmeira. Com o sol quente, minha cabeça dolorida e o vestido apertando minhas costelas, sinto que vou desmaiar.

Mas sorrio para o rei Etristo de uma maneira que espero que pareça natural. O jeito dele em relação a mim esfriou desde a minha explosão na noite passada, embora exteriormente ele não tenha sido nada além de educado. Quando pedi desculpas pelas minhas palavras, ele aceitou com um sorriso tenso.

— Maravilhoso. – digo a ele. — Estou muito animada para conhecer todos. Muito obrigado por fazer tudo isso para mim.

Parece demais para meus ouvidos, mas o rei Etristo apenas devolve meu sorriso e dá um tapinha na minha mão com a dele, a pele de sua palma enrugada e pegajosa. — É um prazer ajudar, minha querida, depois de tudo o que aconteceu com você.

Recosto-me na cadeira e olho para Søren, que está de pé atrás de mim e ligeiramente para o lado. Os outros estão pressionados mais para trás na multidão de Sta'Criverans reunidos atrás de nós, até Dragonsbane, para seu desgosto. Mas Søren está em exibição total, embora não esteja claro se ele está sendo mostrado como um aliado ou apenas como um troféu. Como o rei Etristo ainda fala Astreano e não se importa em traduzir, é difícil imaginar que ele o veja como algo além de decoração.

Traduzo o que o rei disse e Søren assente, mas seu rosto está mais pálido do que o normal e há sombras escuras sob seus olhos. Meus olhos também estavam assim essa manhã, antes de ser pintados e pulverizados no esquecimento.

— Ontem à noite, pareceu que eu estava ficando fluente em Astreano. – diz ele. — Mas não me lembro de uma palavra hoje.

Eu rio, embora isso faça minha cabeça doer ainda mais. — Seja o que for que você começou a falar na noite passada, não era Astreano. – digo a ele. — Você continuou falando sobre amineti, mas fora isso, eu não ouvi uma única palavra astreana.

Suas bochechas ficam vermelhas. — Suponho que essa seja um dos única que me lembro. – ele admite.

Meu rosto fica quente quando me lembro da noite em que lhe ensinei a palavra, demonstrando com mais amineti - beijos - do que eu poderia contar.

— Bem, você está sóbrio agora. – eu indico. — Você pode me falar sobre os pretendentes quando eles chegarem? – Eu abaixo minha voz, lançando um olhar para o rei Etristo, que está profundamente distraído conversando com seu filho. — Sinto que as apresentações oficiais feitas a mim serão muito mais positivas para eles do que a verdade.

Ele assente, embora um vinco apareça entre as sobrancelhas.

Volto ao rei Etristo, afastando sua atenção do filho e de mim.

— Depois que as apresentações forem feitas, eu gostaria de visitar o campo de refugiados. – digo a ele.

O rei Etristo olha para mim como se eu tivesse acabado de sugerir que pulássemos na lava. — Por que diabos você quer fazer isso?

É uma luta segurar meu sorriso. — Você tem sido muito gentil em acolher meu povo e o de outros países ao longo dos anos. Gostaria de ver as pessoas de Astrea e acho que ajudaria se me vissem, saber que estou tentando nos levar de volta para casa.

Mais uma vez, o rei Etristo dá um tapinha na minha mão e sorri para mim como se eu fosse um filhote de cachorro encantador e mal comportado.

— Você é bondade encarnada, minha querida, mas o acampamento não é lugar para uma garota como você.

Abro a boca para discutir mas rapidamente a fecho. Depois da noite passada, eu preciso assistir meu passo com mais cuidado, mesmo que a tentação de dar um tapa na mão dele seja quase demais para suportar.

O que isso significa, ‘uma garota como eu’? Ele pode realmente me considerar uma garota enquanto, ao mesmo tempo, planeja meu casamento com homens que, de acordo com as informações de Søren, são na sua maioria muito, muito mais velhos do que eu? Os Kalovaxianos acreditavam que as crianças se tornavam adultas aos quinze, embora pelo menos fossem consistentes. No Sta'Crivero, sou infantilizada e sexualizada, e não tenho certeza do que fazer com isso.

—

A fila de carruagens serpenteia para a frente até a primeira parar em frente ao palácio. Eu me endireito na minha cadeira, me pegando em um desleixo muito pouco comum. Finalmente, parece que esta começando.

A fila de carruagens serpenteia para a frente até a primeira parar em frente ao palácio. Eu me endireito na minha cadeira, me pegando em um desleixo muito pouco comum. Finalmente, parece que esta começando.

Dois homens saem do seu lugar ao lado do rei Etristo e vão ao encontro da chegada. Rola-se um tapete vermelho fino que leva desde os degraus do nosso estrado até os degraus projetados da carruagem. O outro abre a porta da carruagem com uma reverência mais profunda do que parece necessário.

Vários segundos tensos passam antes que um homem saia da porta da carruagem, renunciando aos degraus e simplesmente pulando no tapete. Ele é alto - mais alto que Søren até - e de ombros largos, com pele úmida e cabelos pretos cortados que já estão recuando na frente, embora não possa ter mais de vinte e cinco anos. Ele tem um rosto severo, com ossos afiados e uma boca que parece estar permanentemente virada para baixo. Seus olhos são castanhos escuros e atentos sob as sobrancelhas grossas.

Ele desce pelo tapete vermelho e sobe as escadas do tablado, uma mão estendendo a mão até o quadril, onde eu imagino que uma espada normalmente repouse na bainha. Ele deve ter sido instruído a deixar isso para trás hoje - é contra a lei de Sta'Criveran abordar o rei com uma arma.

Ao meu lado, Søren faz um barulho de reconhecimento quando o homem se aproxima. — Arquiduque Etmond de Haptania. – ele sussurra para mim, sua voz tingida com reverência. — Irmão do rei, mas todo mundo sabe que o rei é estéril. Etmond é o próximo na fila. Uma das melhores mentes militares que já conheci: ele virou a mesa em batalhas, onde estava em desfavorecido numericamente, dez contra um.

Søren já parece meio apaixonado por Etmond, mas há algo sobre o homem que eu não consigo identificar. Ele parece ter problemas para olhar alguém nos olhos, mesmo quando ele se aproxima de mim com um arco rígido.

— Arquiduque Etmond, devo apresentar a famosa beleza de Astrea, rainha Theodosia. – diz o rei Etristo.

Os olhos do arquiduque disparam em direção a Søren e se estreitam antes de voltar para mim. — Rainha Theodosia. – diz ele, estendendo a mão para a minha, que eu ofereço. Ele se inclina para mim novamente, beijando meus dedos. Seu bigode grosso arranha minha pele. — Sua beleza é realmente lendária. É uma honra conhecê-la.

Ele fala como se tivesse memorizado o que deveria dizer, divagando em um tom plano, seus olhos não encontrando os meus.

— É uma honra conhecê-lo também, arquiduque Etmond. – eu digo. — Estou tão feliz que você veio até aqui.

Suas sobrancelhas espessas se entrelaçam. — Haptania é apenas uma jornada de um dia, Majestade. – diz ele. — Não

precisei ir muito longe. – Ele parece ouvir a implicação em suas palavras enquanto as diz, porque se endireita e limpa a garganta. — O que eu quero dizer é que qualquer jornada para ter a chance de conhecê-la seria considerada curta, e eu teria viajado de bom grado por muito mais tempo se tivesse que fazê-lo.

O arquiduque é conduzido ao palácio, sua comitiva de cortesãos haitianos seguindo atrás dele como patinhos.

— Acho que ele não se importava muito comigo. – sussurro para Søren.

Ele ri. — Eu não levaria para o lado pessoal. A mente dele não funciona da mesma maneira que a sua ou a minha. Ele entende gráficos, figuras e diagramas - ele é um craque no xadrez -, mas tem mais dificuldade com as pessoas. "

Eu sorrio. — Talvez você deva se casar com ele. – digo a Søren. — Você já parece bastante apaixonado.

Søren encolhe os ombros. — Ele é brilhante, embora, do ponto de vista pessoal, eu não pense que ele seria um bom marido para qualquer pessoa, você e eu.

Eu suspiro. — Bem, não estamos olhando para isso do ponto de vista pessoal, estamos?

— Apenas espere. – Søren me diz, acenando com a cabeça na direção da próxima carruagem. — Tenho certeza que o pior ainda está por vir.

É difícil para meus olhos não se esvaírem à medida que as apresentações se arrastam, principalmente porque muitas delas parecem idênticas e não consigo imaginar concordar em me casar com nenhum desses homens.

O rei Wendell de Grania, por exemplo, tem cinquenta anos e já tem três esposas e pelo que Søren me diz, é o maior harém do mundo. Ele é baixo em estatura, com cabelos ralos que já ficaram grisalhos e pele como leite velho. Quando ele

se inclina e beija minha mão com os lábios encharcados, seu olhar lascivo me faz querer tomar um banho imediatamente, mas eu me contentaria em limpar sutilmente as costas da mão no meu vestido. Grania tem um grande exército, Søren me diz com algum arrependimento.

São tantos reis! Dez saem da próxima carruagem, todos brigando entre si, dando apenas uma pequena pausa para se apresentarem a mim.

Os nomes deles são um borrão, e não me lembro de nenhum. Todos eles são rudes e precisam de um bom barbear. Quando eles desaparecem no castelo, os cortesãos de Sta'Criveran oferecem um amplo espaço para eles.

— Esstena é uma nação de clãs. – explica Søren quando eles já se foram. — Cada um desses homens é um rei menor tentando controlar o país inteiro. Todos eles estão em guerra há séculos. Sem dúvida, eles pensam que se um deles se casar com você, eles poderão se chamar de rei supremo.

— Difícil imaginar que eles estarão ansiosos para levar Astrea de volta com tanto em suas mãos.– murmuro. Outra causa perdida. O arquiduque está começando a parecer muito atraente.

O príncipe Talin de Etralia é o próximo, acompanhado por seu pai, czar Reymer - ou, como Søren diz que é conhecido, Reymer, o Bonito. Ele deve ter sido uma vez - mesmo agora, na casa dos quarenta, ele é bastante ousado. Seu filho é notavelmente menos. Ele é o que Søren disse que havia rumores de ser ilegítimo. Eu posso entender o motivo, olhando-os lado a lado: onde o czar é moreno e de ombros largos, com uma forte mandíbula quadrada e maçãs do rosto altas, o príncipe Talin é magricela e pequeno, com cabelos cor de trigo e um rosto redondo e desestruturado. Ele também

recua, olhando para o chão enquanto seu pai faz apresentações e beija minha mão.

— Ele é uma criança. – digo a Søren quando eles se vão. — Quantos anos ele tem? dez?"

— Onze, eu acho. – diz Søren, mas está lutando contra o riso. — Não se preocupe, duvido que haja pressão para consumar o casamento por alguns anos.

Eu luto contra o desejo de vomitar. — Não. – eu digo com firmeza.

Em seguida é outro príncipe, este de Brakka. O príncipe Tyrannius parece velho demais para continuar sendo um príncipe - mais ou menos cinquenta, com a pele bronzeada e cabelos castigados pelo tempo, que ficaram prateados. Segundo Søren, esse é exatamente o problema.

— O pai dele não vai desistir do trono. Ele está na casa dos noventa e raramente sai da cama, mas está segurando a coroa com força. Dizem que Tyrannius está planejando um golpe. Imagino que você faça parte desse plano.

Dou um bufo dramático e assisto Tyrannius trocar gentilezas com o rei Etristo. É muito rude de todos tentarem me usar para seus próprios fins, quando estou tentando fazer exatamente isso com eles.

Quando a próxima carruagem se abre e a porta se abre, tenho que segurar um suspiro. Após o desfile dos homens, a mulher que sai é um choque bem-vindo antes que eu lembre que ela também está competindo pela minha mão. Outras mulheres nunca me atraíram dessa maneira, embora eu perceba que ela é linda - forte e de pele dourada, com longos cabelos castanhos presos em tranças elaboradas. Até Søren parece um pouco encantada por ela.

— Imperatriz Giosetta de Doraz. – ele sussurra para mim quando ela se aproxima, soando tão surpreso quanto eu. — Eu não achei que ela viria.

Eu tenho muitas perguntas, mas antes que eu possa perguntar, ela se aproxima de mim e beija minha mão, oferecendo as apresentações e lisonjas habituais - *o rei Etristo enviou linhas para serem recitadas com seus convites?* - antes de passar um olá para o nosso hospedeiro.

— Uma imperatriz é como uma rainha? – Eu sussurro para Søren.

— Doraz não é matriarcado, embora também não seja patriarcado. Os pais de Giosetta não eram governantes, o último imperador a escolheu quando criança e a adotou. Ele a criou como imperatriz, assim como ela escolherá e criará seu próprio sucessor.

Eu mordo meus lábios. — Isso é sensato, não é? – Digo. — Escolher um sucessor em vez de deixar seguir a linhagem. O que ela vai querer de mim?

Søren encolhe os ombros. — O casamento em Doraz não se limita a ser entre homens e mulheres...

— Também não se limitava em Astrea. – digo a ele.

— Nesse caso específico, não tenho certeza de qual seria o protocolo. Provavelmente seria aberto à discussão; você poderá fazê-la concordar que vocês duas sejam governantes parceiras.

— Isso certamente é preferível aos outros. – digo a ele.

Ele encolhe os ombros. — Tenho certeza que ela ainda quer um pedaço de Astrea. Por mais que todos digam como sua beleza é famosa, eles não viriam até aqui só por isso.

Em seguida, Bindor e um dos sumos sacerdotes que Søren mencionou. Ele é mais jovem do que eu esperava, com membros nos quais ele não cresceu e uma cabeça de bronze

raspada que brilha à luz do sol da tarde. Ele olha para mim com o nervosismo claramente escrito em seu rosto.

— Sua Santidade, o Sumo Sacerdote Batistius, foi criado em um mosteiro. – Søren sussurra para mim. — E na capital, Bindor, as mulheres são estritamente proibidas. É bem provável que ele não se lembre de ter visto uma antes.

Eu tenho que reprimir uma risadinha quando ele se aproxima de mim, incerto. Diferente dos outros, ele não beija minha mão, apenas se curva.

— Que Deus sorria para você, rainha Theodosia. – ele me diz, com a voz trêmula.

— E a você também. – eu digo, o que parece ser a resposta certa. Ele acena rapidamente antes de se virar para o rei Etristo.

— Ainda não. – eu sussurro para Søren. — E vamos tentar manda-lo para casa o mais rápido possível - algo me diz que Sta'Crivero pode ser o suficiente para matá-lo.

Eu quase me sinto aliviada quando percebo que chegamos à última carruagem.

Um homem sai em um conjunto de jaqueta e calça sob medida que combina perfeitamente com o violeta de sua carruagem. Ele deve ter cerca de trinta anos, pele clara como o leite e cabelos escuros, decorados com tanta pomada que parece difícil de tocar. Ele se mantém com um tipo de ar praticado que parece estranho, embora leve um momento para identificar exatamente o porquê - ele se mantém como um homem que teve que aprender a parecer poderoso, e não a quem o poder era uma primogenitura natural. Durante nossas aulas no navio, Søren e Artemisia mencionaram que havia alguns países cujos líderes foram escolhidos pelos próprios cidadãos, e aposto que ele é um deles.

— Chanceler Marzen de Oriana. – Søren sussurra para mim, confirmando meu palpite. Os chanceleres são escolhidos por votação e, portanto, podem subir de qualquer lugar. — E essa é sua irmã, Salla Coltania.

Coltania segue seu irmão de perto em um vestido violeta que abraça sua figura. Ela é mais nova que ele, mas mais velha que eu - talvez vinte -. Seu olhar é afiado e sério, seus lábios cheios e pintados em uma linha permanentemente reta.

Abro a boca para perguntar a Søren o que Salla quer dizer, mas antes que eu possa, o chanceler vira o olhar para mim. Ele tem o tipo de sorriso contagioso que provoca um em troca. Mesmo antes de ele abrir a boca, há algo intrinsecamente convincente nele. Suponho que seja uma característica útil se você for convencer as pessoas a votar em você.

— Nossos vizinhos a oeste, minha querida. – explica o rei Etristo. — De fato, eles costumavam estar sob nosso domínio antes de exigirem que as coisas fossem modificadas vários séculos atrás. – Ele se volta para o chanceler. — Pelo que ouvi, Marzen, muitos de seus compatriotas podem sentir falta do nosso país unificado após o estresse das eleições.

Embora o tom dele seja bastante jovial, não há como disfarçar a mordida nas palavras do rei Etristo. O sorriso do chanceler congela, mas nunca vacila.

— Não posso imaginar que seria esse o caso, a menos que quadruplicássemos seus impostos e causássemos um impacto em todas as importações e exportações, como seu avô fez. diz ele.

Os dois homens se calam e eu meio que espero que o rei Etristo pule da cadeira - ossos frágeis e tudo - e ataque o chanceler, mas depois de um momento ele ri, um som alto e

ofegante. O Chanceler se junta e eu forço uma risada também, mesmo não tendo certeza do que é engraçado.

— Este tem um senso de humor. – me diz o rei Etristo. — E charme, é por isso que quase metade das pessoas em seu país votou para elegê-lo.

A amargura é inconfundível, mas, novamente, o chanceler continua sorrindo como se todos no país o estivessem observando.

— Certifique-se de fazer da minha casa sua casa, Marzen. – diz o rei Etristo, estendendo a mão para apertar a mão do chanceler. — Vou mandar alguém explicar como o banho funciona. Eu sei que é um conceito estranho em Oriana.

— Ah, mas estou simplesmente empolgado em experimentar um pouco desse vinho Sta'Criveran de que ouvi falar. – diz Marzen, combinando com o tom do rei. — É verdade que também pode ser usado para limpar tapetes? Que magnífico ter tantos usos para um único produto!

Novamente, os dois homens riem e apertam as mãos, embora suas garras estejam com os nós dos dedos brancos.

Quando Marzen desaparece no palácio, eu me inclino para Søren.

— Adormeci em algum momento e senti falta da parte em que comparavam o tamanho da sua...

— Você vê, minha querida. – interrompe o rei, puxando-me de volta para ele. — Encontrei boas perspectivas para você. Quais são seus pensamentos até agora?

Eu considero minhas palavras cuidadosamente antes de responder. — Eles foram todos maravilhosos, com certeza. – digo com um sorriso. — E estou tão satisfeito que todos eles deixaram suas casas para virem me conhecer.

— Você conhecerá alguns deles melhor no jantar hoje à noite. – diz ele.

Sem esperar pela minha resposta, ele acena com a mão e um grupo de atendentes corre para levantá-lo da cadeira e entrar em um transporte semelhante ao que ele usava quando nos conhecemos no deserto. Eles o carregam para dentro e os Sta'Criverans reunidos o seguem.

— Pensamentos? – Søren me pergunta quando nos levantamos também.

Acho que minha expressão consegue dizer tudo melhor do que as palavras jamais poderiam, porque Søren reprime uma risada. Ele me olha por um longo momento. — Por mais que eu queira voltar para o meu quarto e dormir com essa dor de cabeça infernal, parece que você tem outros planos.

— Eu esperava visitar o campo de refugiados. – admito. — Mas o rei Etristo recusou. Ele disse que não era lugar para uma garota como eu.

— Algo me diz que isso não é suficiente para dissuadi-la. – diz Søren.

Eu sorrio. — Diga aos outros. Vamos sair daqui a uma hora.

DE FININHO

Marial não parece surpresa quando digo que não estou me sentindo bem e gostaria de descansar, o que me faz pensar que devo parecer tão horrível quanto me sinto depois da noite passada. O que significa que os pretendentes eram mentirosos terríveis por me dizerem como eu estava adorável a manhã toda.

Depois que Marial e o resto dos minhas ajudantes tiram meu vestido sufocante e soltam meus cabelos, elas me deixam na cama em outra camisola transparente. Quando a porta se fecha atrás deles, espero um momento para garantir que ninguém volte antes de jogar a colcha de cetim e sair da cama novamente. Confortável como minha cama é, estou preocupada que, se ficar nela por mais um pouco, adormeço e não posso fazer isso.

Meu guarda-roupa está tão cheio que não consigo mover os cabides mais do que a largura de um fio de cabelo, e quase todos os vestidos são embelezados e pesados com camadas e mais camadas de material, com tantos ganchos, botões e fitas que eu nunca poderia colocar um eu mesma. Depois de procurar por alguns minutos, finalmente consegui encontrar um que talvez possa ser descrito como simples, mesmo que apenas pelos padrões da Sta'Criveran. Seda verde-garrafa com mangas e um corpete um pouco mais folgado que os outros vestidos que já usei. A saia se destaca em uma cascata de chiffon, enfeitada com pequenas jóias ao longo da cintura e da bainha. Mesmo com os enfeites, é muito mais leve e simples do que qualquer outra coisa no guarda-roupa. Terá que servir.

É uma luta prender os fechos de gancho e olho que percorrem a parte de trás do vestido sem ajuda e, por um instante, quase peço ajuda de uma das minhas Sombras antes de lembrar que este é um palácio completamente diferente. sem buracos nas paredes.

Acabei de conseguir o último fechamento quando há uma batida suave na porta e, sem esperar uma resposta, Artemisia entra. Ela está usando sua túnica e leggings do Smoke novamente, e seu cabelo cerúleo está preso em um coque bagunçada no topo de sua cabeça. As sobrancelhas escuras dela arquearam quase na linha dos cabelos quando ela me olhou do alto da minha cabeça até os dedos dos pés.

— Nós estamos indo para o campo de refugiados. – diz ela lentamente. — Não um baile

Minhas bochechas esquentam. — Se você encontrar algo menos chamativo, eu me trocarei de bom grado. – digo, apontando para o guarda-roupa.

— Hmmm. – ela diz com o que pode ser um escárnio ou uma risada - é difícil dizer. — É quase como se o rei não quisesse que você escapasse do palácio para visitar o acampamento. Você não trouxe suas roupas do Smoke?

— Não me ocorreu. – eu admito. — E até o vestido roxo que eu usava na praia teria sido melhor, mas acho que eles o enviaram para a lavadora de roupas quando cheguei aqui. Ou a fornalha, talvez. – Acrescento, pensando no desdém com que os ajudantes de Marial lidavam com o vestido remendado e desgastado que passara por muito mais do que aquilo que era feito para suportar.

— Vou tentar conseguir algo para você no futuro, mas desta vez-

Ela interrompe quando a porta se abre novamente e Blaise, Søren e Heron entram, todos vestidos com roupas simples da Smoke e mantos compridos.

— Ah, perfeito. – Artemisia diz antes que eles possam dizer olá. Ela vai até Heron e tira a capa dele. Sua perplexidade é clara, mas ele a deixa pega-la.

— Vai ficar muito grande. – digo quando ela me entrega. Ele caiu nos joelhos de Heron e ele é pelo menos um pé e meio mais alto do que eu, com ombros duas vezes mais largos.

— O que significa que o vestido será bem e verdadeiramente coberto. – ela responde.

Dou de ombros, rindo quando a barra bate no chão ao meu redor.

— Você terá que andar com cuidado. – diz ela com um sorriso. — Embora eu duvide que seja mais difícil do que tentar se equilibrar nos sapatos de salto em que eles estão forçando você.

Ela tem razão aí. Recolho o material da capa na minha frente e dou alguns passos hesitantes. Não é tão ruim, suponho. Certamente gerenciável.

— Tudo bem, qual é o plano então? – Pergunto a eles.

—

O plano - se é que se pode chamar assim - envolve sair do palácio e levar cavalos do estábulo, perto dos portões da frente. É muito menos subterfúgio do que eu estava acostumada, e enquanto caminhamos pela cidade brilhantemente pintada, repleta de vida à tarde, não posso deixar de me sentir nua, mesmo enquanto suo sob a capa grande de Heron.

— Isso não é Astrea. Você não é uma prisioneira. – Blaise diz, vendo meu desconforto.

— O rei Etristo não quer que eu vá para o acampamento. – lembro a ele.

— E ele não saberá. – responde Blaise, balançando um saco de moedas de veludo. — Eu descobri que o dinheiro resolve a maioria dos problemas aqui.

— E eu suponho que você não vai me contar o que você andou fazendo depois que chegamos aqui.

Blaise dá de ombros e me dá um sorriso que me lembra como ele costumava sorrir nos anos anteriores ao cerco. Ele é mais leve aqui, mais feliz do que eu o vejo há muito tempo. Não que eu possa culpá-lo por isso - é mais fácil me sentir mais feliz quando não há um machado pendurado acima do seu pescoço o tempo todo. Sta'Crivero pode não ser ideal, sou a primeira a admitir isso, mas é infinitamente preferível à corte do Kaiser.

Blaise parece estar pensando da mesma maneira. Ele olha para a cidade à nossa volta com uma expressão peculiar no rosto, meio temor e meio medo.

— É realmente alguma coisa, não é? – Diz ele, com a voz baixa. — Toda a cor, arte e pessoas felizes... vejo o apelo.

Eu aceno, olhando em volta também. — Mas você estava certo. Não estamos em casa. – eu digo.

Blaise fica quieto por um momento. — Você é minha casa. – diz ele finalmente, sua voz quase mais alta que um sussurro. — O lugar em que estamos é irrelevante.

Um sorriso surge nos meus lábios e sou tentada a pegar a mão dele, mas com os outros aqui me detenho. Não se trata apenas de Søren - nos três dias em que ele esteve fora da briga, ele não disse nada que possa ser interpretado como romântico - é sobre os outros também. Somos uma equipe. Temos que ser, se vamos salvar Astrea. Se Blaise e eu

formarmos nossa própria equipe, isso nos manchará de alguma forma.

Ainda assim, deixei as costas da minha mão roçarem as costas da mão enquanto caminhamos, e o calor de sua pele envia um tremor através de mim.

—

Blaise estava certo - assim que algumas moedas trocam de mãos, os meninos do estábulo trazem quatro cavalos para nós. Cada um alto, intimidador e gracioso, variando em cores de um marrom avermelhado pálido a preto como o céu noturno. Estou impressionado com o fato de até os cavalos Sta'Criveran serem enfeitados com jóias e fitas trançadas em suas crinas e caudas, como se estivessem se preparando para ir a algum tipo de festa.

Em outra vida, eu teria aprendido a andar a cavalo - eu poderia até ter sido boa nisso como minha mãe era -, mas nesta vida eu não saberia por onde começar. Tenho vagas lembranças de Ampelio me guiando pelo terreno do palácio em seu cavalo, mas não era a mesma coisa.

Blaise, Artemisia e Søren montam seus cavalos enquanto Heron me levanta na sela daquele que vamos compartilhar. Fiquei aliviada quando ele se ofereceu para cavalgar comigo, porque pelo menos com ele não precisaria me preocupar sobre onde colocar as mãos ou o quão perto estamos sentados ou o calor de sua pele. E me sinto muito mais seguro com ele do que com Artemisia, que certamente aproveitará todas as oportunidades para galopar, pular e se exibir.

Heron balança na minha frente e eu aperto minhas mãos em volta da cintura dele, lutando para não olhar para o chão. Embora os cavalos parecessem grandes o suficiente quando

eu estava ao lado deles, sentar nas costas de um deles é outra questão. Parece que estou muito mais longe do chão agora, e as chances de cair... bem, não vou pensar nisso. Em vez disso, mantenho meus olhos firmemente fixos nas costas de Heron e finjo que estou em terreno sólido.

Mas assim que começamos a galopar, é impossível fingir. A cada passo que o cavalo da, eu me empurro até os ossos, e eu aperto mais o Heron, com certeza de que vou sair voando a qualquer momento. O vento quente e seco chicoteia meus cabelos enquanto atravessamos o deserto que circunda a capital, grãos de areia picando minha pele. Consigo colocar minha capa no rosto para cobri-la sem cair. Não consigo imaginar como os outros estão, pois não conseguem cobrir o rosto sem bloquear a visão.

De alguma forma, o tempo passa e eu não caio. Eu acho que nunca poderia me acostumar com o ritmo dos empurrões e com o vento, mas eventualmente se tornou quase calma. A jornada boceja na nossa frente, mas antes que eu perceba, Heron está puxando o cavalo para uma parada.

Ele pula no chão antes de estender os braços para me ajudar. — O Prinkiti diz que será mais fácil entrar no campo se formos a pé.

Eu agarro seus braços e deixo que ele me ajude a descer, apertando os olhos para a distância em que posso apenas distinguir outro muro - este muito diferente daquele da capital. O muro era alto, dourado e majestoso, uma promessa do que esperava lá dentro, mas enquanto o muro ao redor do acampamento é quase tão alto, é uma coisa horrível de pedras irregulares e irregulares que parecem nunca ter sido limpas. Não há um portão grande e ornamentado; em vez disso, uma pequena porta de madeira em um canto, é fácil de ignorar.

O muro da capital foi feito para manter as pessoas afastadas, eu percebo. Este muro foi feito para manter as pessoas dentro.

CAMPO DE REFUGIADOS

Os dois guardas parados em cada lado da porta única acenam para nós sem questionar, o que me parece estranho até eu perceber que aquelas espadas embainhadas nos quadris não são para aqueles que tentam entrar no campo.

— Os visitantes são frequentes. – Heron diz, respondendo à minha pergunta não feita. — Eu estava andando pelo palácio invisivelmente na noite passada e ouvi algumas pessoas falando sobre isso. Os refugiados são mão-de-obra barata, então as pessoas os contratam quando têm algum tipo de tarefa que precisam ser executadas. Trabalhos que ninguém mais quer fazer - trabalhos de construção, costura de roupas baratas, sujeira estável. E eles pagam quase nada para fazer, porque podem.

O medo se enrola no meu coração e aperta.

Quando saímos do outro lado da porta quase perco o estômago. Depois do brilho ornamentado da capital, com suas cores vivas e pináculos elegantes, o decrépito estado do campo de refugiados parece ainda mais medonho. As ruas estão cheias e sujas, com grupos de barracos de ambos os lados, nenhum dos quais pode ser maior que um único quarto. Os telhados de palha parecem prontos para desmoronar e as portas de madeira estão mofadas e penduradas nas dobradiças. O cheiro de sujeira e podridão paira pesado no ar. Fico tentada a enrolar a ponta da capa de Heron em volta da minha boca e nariz, mas resisto.

E as pessoas! Homens e mulheres e um punhado de crianças lotam as ruas e espiam de portas abertas rachadas, todos vestidos com pedaços de roupas sujas que não cobrem muito mais do que o absolutamente necessário. Um casal de

crianças que não pode ter mais de cinco anos está completamente nu e coberto de sujeira. Seus cabelos são emaranhados e cortados curtos ou completamente raspados, até os das mulheres. Mão de obra barata, disse Heron, e isso mostra. Todos têm dedos calejados e pele áspera e queimada pelo sol esticada demais sobre músculos e ossos.

A maneira como eles nos olham me esvazia até que eu não sinta nada, nem mesmo o chão sob meus pés. Seus olhos estão famintos, cautelosos e medrosos, como se não tivessem certeza se estou aqui para alimentá-los ou cuspir neles.

— Deveríamos ter trazido comida. – eu digo, mais para mim do que para qualquer outra pessoa.

Os outros não respondem e percebo que estão tão chocados quanto eu. Eu não esperava encontrar a opulência do palácio aqui, mas não esperava que fosse assim. Assim que penso, percebo o quanto isso esse pensamento era ingênuo. Há uma razão pela qual eles ainda são mantidos em um campo, dez ou mais anos depois de terem chegado. Há uma razão para eles não terem sido levados para a capital ou para as aldeias ao redor. Eles são vistos como inferiores.

Solto o braço de Heron e dou um passo hesitante para a frente, olhando, procurando algum Astreano, embora seja surpreendentemente difícil dizer como alguém se parece com toda essa sujeira. Limpo a garganta e espero que minha voz não vacile.

— Queremos conversar com alguém encarregado. – digo em Astreano, tentando canalizar minha mãe. Ela tinha um jeito de falar que sua voz parecia poder percorrer uma milha, mesmo que nem sequer levantasse a voz.

Há sussurros, murmúrios baixos que eu não consigo entender, apesar de partes dele parecerem astreanos. Finalmente, um homem dá um passo à frente. Ele deve ter

quarenta e poucos anos com a cabeça raspada e o rosto magro. Sob a sujeira, sua pele se parece com a minha, mas um pouco mais escura.

— Você fala bem astreano. – diz ele, na mesma língua, mas mais áspero nas bordas, semelhante à maneira como Heron fala. — O que você quer conosco? – Embora ele esteja falando comigo, seu olhar duro continua piscando atrás de mim. O resto deles não é tão sutil quanto a isso; eles olham por cima do meu ombro com uma intensidade que pode ser descrita como ódio. Com o estômago afundando, viro para ver o que eles estão olhando.

Imediatamente percebo meu erro ao trazer Søren. Como eles podem acreditar que estou aqui como amigo quando trago o inimigo comigo? Mas agora é tarde demais.

Eu volto para o homem e me levanto até minha altura total. — Meu nome é Theodosia Eirene Houzzara. – digo a ele. — Rainha de Astrea. Eu quero... – Eu paro, subitamente perdida. O que eu quero? Eu pensei que queria ver o acampamento, conversar com outros astreanos que não foram escravizados pelo Kaiser. Eu queria conversar com aqueles que tiveram a sorte de escapar, mas sorte não parece ser a palavra certa agora.

— Eu quero ajudar. – digo finalmente, embora minha voz trema em torno da última palavra.

O homem olha para mim por um momento desconfortavelmente longo antes de jogar a cabeça para trás e rir, mostrando uma boca com mais lacunas do que dentes.

O som é rouco e depois de alguns segundos se transforma em uma tosse seca.

— Rainha de Astrea. – ele repete, balançando a cabeça. — Você é pouco mais que uma criança.

Tento pensar em uma resposta, mas não consigo. Ele está certo, afinal. Em Astrea, dezesseis anos ainda era considerado criança, embora eu não me sinta mais assim. Em outra vida, eu seria, mas parei de me sentir criança quando eles cortaram a garganta da minha mãe.

Em vez de dizer isso, dou de ombros. — Talvez. – eu permito. — Mas minha mãe está morta e, portanto, cabe a mim assumir o posto. Quem é Você?

Ele não responde imediatamente; em vez disso, ele me lança um olhar longo que eu reconheci. Ele está me avaliando. — Eu me lembro de você, Theodosia Eirene Houzzara. – diz ele. — Você era um bebê agarrada ao quadril de sua mãe quando ela veio visitar minha aldeia há catorze anos atrás, chupava o dedo e os olhos teimosos desafiando alguém a pedir para você removê-lo.

— Eu não chupo mais o dedo. – digo a ele. — Mas acho que você ainda vai me achar teimosa e desafiadora.

Com isso, ele ri de novo, mas desta vez eu sei que ele não está rindo de mim. — Suponho que você deve ter chegado muito longe. – ele permite. — A última vez que ouvi sobre você, você estava sendo mantida como o brinquedo do Kaiser. Eu perguntaria como você conseguiu escapar, mas temo que essa seja uma história muito longa.

— Talvez com o tempo eu conte isso a você a história completa. – eu digo. — Mas, por enquanto, basta dizer que fugi depois de matar o Theyn, e consegui levar Prinz como refém comigo. – Gesto atrás de mim, em direção a Søren.

Não parece certo receber tanto crédito. Elpis matou o Theyn; Eu só disse a ela para fazer isso. E Søren não percebeu que ele era meu refém até que já tivéssemos partido; não é como se eu mesma fosse conseguir capturá-lo. E eu não poderia ter feito nada sem Blaise, Artemisia e

Heron. Mas não é isso que esse homem quer ouvir, ou o que ele precisa ouvir. Ele precisa me ver como alguém formidável e intimidadora, para que seja quem eu serei.

Ele acena com a cabeça em direção a Søren. — Você o chama de refém? – O homem pergunta.

Eu levanto um ombro em um encolher de ombros. — O Kaiser é um homem mau - duvido que alguém aqui discuta esse ponto, inclusive seu filho. O Prinz era mais valioso do nosso lado do que em correntes.

O homem faz um barulho no fundo da garganta que não tenho certeza de como interpretar, embora seus olhos ainda estejam cautelosos.

— Não me parece justo que você me conheça, mas eu não o conheço. – digo a ele.

Ele me olha por mais alguns segundos antes de cuspir no chão entre nós, não perto o suficiente para ser considerado um insulto, mas a falta de respeito é clara. Eu não sou a rainha dele, sou apenas uma garota com um nome longo.

— Sandrin. – ele diz finalmente. — De Astrea. Nevarin em particular.

Heron limpa a garganta. — Eu cresci a menos de oito quilômetros de Nevarin. – diz ele. — Em Vestra.

Um sorriso aberto se estende pelo rosto de Sandrin. — Eu conhecia uma garota em Vestra. – diz ele. — Acho que teria me casado com ela se os Kalovaxianos não tivessem vindo.

— Acho que poderia ter feito muitas coisas se os Kalovaxianos não tivessem vindo. – responde Heron.

Sandrin assente, junto com a maioria das pessoas na multidão ao seu redor. — Quem é você? – Ele pergunta.

— Heron. – ele responde, antes de gesticular para Blaise e Artemisia e dar seus nomes também. — Ficamos nas minas por anos. – diz ele, provocando suspiros e murmúrios da

multidão. — Até que um homem chamado Ampelio nos resgatou. Ele nos ensinou a usar nossos dons e nos disse que, se algo acontecesse com ele, deveríamos encontrar a rainha, salvá-la e segui-la.

— Fizemos o que Ampelio pediu. – diz Artemisia, sua voz estranhamente fraca. Acho que nunca a ouvi dizer o nome dele. — E ela nos trouxe aqui.

— Vocês são guardiões. – diz Sandrin, olhos brilhando com compreensão repentina.

Eu meio que espero que Blaise negue, mas ele inclina a cabeça. — Nós somos guardiões. – ele concorda. — E ela é nossa rainha.

Sandrin olha entre nós por outro momento, avaliando. Depois do que parece uma eternidade, ele assente. — Vamos, então. – diz ele, a voz cansada. — Vou apresentá-lo aos outros.

ELDERS

Sandrin no leva pelas ruas tortuosas e cobertas de terra, e vejo figuras espectrais assustadoras espreitando pelas portas enquanto passamos, até chegar a uma casa no final de uma das ruas. Parece muito com todas as outras: o telhado de colmo está desmoronando em alguns lugares e as paredes são uma mistura de pedras de sucata que eu imagino que sobraram de outros projetos de construção. A porta de madeira é muito pequena para a moldura, deixando espaços de espaço. Dificilmente uma porta, na verdade, já que não consigo imaginar que isso ocorra muito.

A porta se abre e uma mulher aparece em um vestido esfarrapado que foi rasgado e remendado tantas vezes que é difícil imaginar como era originalmente. Sua pele é de um marrom castanho-avermelhado profundo e seu cabelo foi trançado perto do couro cabeludo, para que eu possa ver linhas de pele entre uma dúzia de tranças. É difícil dizer a idade dela, mas se eu tivesse que arriscar um palpite, diria que ela está na casa dos cinquenta. O rosto dela é formado por ângulos agudos e ela tem os olhos estreitos e desconfiados de uma pessoa que viu demais para esperar qualquer outra coisa da vida.

— Tallah. – diz Sandrin antes de lançar um longo discurso de palavras que mal consigo entender, embora eu consiga pegar algumas peças que soem Astreano. *Visitante. Socorro. Rainha. Criança.* Outras parecem meio familiares - há uma palavra que parece traidora, mas foi distorcida e embelezada

demais para que eu tenha certeza. A maior parte do que ele diz, no entanto, não consegue entender o que quer que seja.

— São cinco idiomas. – diz Søren ao meu lado. — Ouvi Astreano, Gorakiano e Kotano. Eu acho que Tiavano e Lyriano também.

— Seis. – diz Artemisia, um pouco presunçoso. — Você perdeu o Yoxiano. Acho que também ouvi Manadoliano, mas é tão próximo de Kotano que é difícil diferenciá-los quando tudo está sendo misturado dessa maneira.

— Todos esses países foram conquistados pela Kalovaxia. – digo. — Todos os países que teriam refugiados aqui.

Não posso deixar de pensar em quanto Cress adoraria ouvir sobre isso. Ela sempre teve ouvidos para idiomas e poderia aprender um novo em questão de meses. Dissecar e analisar uma linguagem composta por uma variedade de diferenças seria uma festa para ela.

Afasto o pensamento de Cress e me concentro em Sandrin e a mulher - Tallah? Esse era o nome dela ou algo em outro idioma que eu não entendia? - que agora estão envolvidos em uma conversa silenciosa pontuada a cada poucos segundos com um olhar em nossa direção.

— Eu só entendo o Astreano. – eu admito. — Alguém sabe o que estão dizendo?

Artemisia faz um zumbido baixinho. — Eu só tenho um entendimento passageiro da maioria dos idiomas, mas acredito que eles estão discutindo se devem confiar em nós ou roubar qualquer alimento ou objetos de valor que temos e nos expulsar daqui.

— Isso é encorajador. – murmuro baixinho. — Trouxemos comida?

— Apenas almoço. – diz Heron. — Mas posso esperar mais algumas horas para comer.

Meu estômago ronca em protesto, mas eu o ignoro e aceno. — Eu posso também.

Os outros concordam, embora todos saibamos que não será suficiente. O almoço para cinco não fará muito para alimentar os milhares aqui.

Dou um passo em direção a Sandrin e a mulher.

— Temos apenas um pouco de comida, mas vocês podem pegar. – digo em Astreano, fazendo com que os dois parem de discutir e olhem para mim. — Quanto aos objetos de valor, temos algumas moedas e meu vestido, embora eu espero que você não o tire de mim, já que seria difícil explicar sua ausência ao rei Etristo. Se ele descobrir que eu vim aqui, ele me impedirá de voltar. Gostaria de voltar e trazer mais comida.

Os dois me encaram por um tempo desconfortavelmente longo antes que a mulher solte um suspiro alto e irritado e diga algo para Sandrin novamente. A maior parte está perdida para mim, mas ouço novamente a palavra astreana para criança. Abro a boca para protestar, mas ela se volta para dentro de sua casa acenando para que a sigamos.

A casa da mulher é apenas metade de um quarto do tamanho do meu no palácio. Há um pequeno fogão em um canto, quatro colchões surrados no chão e quase nada mais. De alguma forma, porém, há outras seis pessoas amontoadas no espaço, três homens e três mulheres, todos com cabelos tosados ou trançados e roupas esfarrapadas. Nenhum deles está usando sapatos, mesmo que o chão não esteja mais limpo do que lá fora.

A mulher que nos levou para dentro se vira para mim.

— A rainha Theodosia de Astrea, veio para ser a nossa salvadora. – diz ela, seu Astreano aceitável, mas com sotaque acentuado.

Há algumas risadas dos outros, mas tento não deixar que eles me incomodem. Não posso culpá-los por me verem como uma criança ingênua e ambiciosa, posso? Pode até não estar tão longe da verdade.

— O rei Etristo me convidou para ficar no palácio como convidada. – explico. — Ele espera me encontrar um marido com exércitos para nos ajudar a derrotar os Kalovaxianos e recuperar nosso lar.

Há mais risos nisso, embora o mais alto venha de Sandrin.

— Rainhas não se casam. – diz ele. — Você está entre os bárbaros há tanto tempo que se esqueceu disso?

Meu rosto fica quente.

— É difícil manter algumas tradições em tempos de guerra. – digo, escolhendo minhas palavras com cuidado.

Por mais que as palavras sejam verdadeiras, Sandrin ainda zomba. — Alguém pode argumentar que é mais importante manter as tradições em meio a dificuldades.

O aborrecimento pinica minha pele. Também não quero me casar, mas certamente não estou fazendo isso porque é fácil.

— Se você tem um exército que está escondido em algum lugar, ficarei feliz em levá-lo, mas duvido que seja esse o caso. Se você tem outra sugestão, por todos os meios, eu adoraria ouvi-la.

Isso, pelo menos, parece silenciá-los. Até Sandrin parece um pouco intimidado. Infelizmente, ninguém realmente oferece uma sugestão.

— Ouvi falar do campo de refugiados aqui e suponho que tivesse pensado que encontraria astreanos felizes aqui, com a sorte de ter escapado da tirania do Kaiser.

— A tirania está em toda parte, Vossa Majestade. – diz Sandrin calmamente. — Os Kalovaxianos não são donos do conceito.

— Isso é muito filosófico.

Ele encolhe os ombros. — Isso é o que eu também era antes. – ele admite, a voz ficando fina e melancólica. — As pessoas viajavam centenas de quilômetros para me ouvir palestrar sobre filosofia.

— Você é Sandrin, o Sábio. – diz Heron de repente. — Minha mãe ouviu você falar uma vez. Ela disse que sua mente tinha sido dourada pelos deuses.

Sandrin solta um murmúrio. — Ela não era a única. – diz ele. — Agora sou Sandrin, o Ancião de Astrea. – Ele gesticula para as pessoas reunidas atrás dele. — Estes são meus colegas anciãos, um de todos os países daqui. Mantemos a paz e fazemos o possível para facilitar as coisas.

— Não consigo imaginar que seja um trabalho simples. – admito.

— Não é. – diz outro homem, de pele clara e cabelos raspados.

Olho de volta para meus amigos, que parecem todos do mesmo jeito que eu. Abalados, como se o mundo tivesse mudado sob seus pés. E tão cheios de culpa que podaríamos nos afogar. *Não é nossa culpa*, eu me lembro, é do Kaiser. Mas ainda assim, eu deveria saber disso. Eu deveria ter feito alguma coisa. Blaise chama minha atenção e assente, mil palavras passando entre nós, sem que nós expressemos uma em voz alta.

Me volto para os Anciãos.

— O que podemos fazer para ajudar? – Pergunto.

—

A ajuda que o acampamento precisa é bastante simples. Eles precisam de comida, acima de tudo, e nosso almoço escasso é uma gota nessa panela. Os Sta'Criverans entregam rações toda semana, sobras da capital, mas pior do que isso, a comida fica ruim quando chega. Podemos voltar com mais, tirar algumas coisas das cozinhas do palácio que ainda seriam frescas, mas só serão gotas. Nunca é suficiente colocar carne nos ossos ou impedir o estômago de rosnar constantemente. Mas será um começo até que possamos pensar em outra solução.

Eles precisam de roupas limpas, sabão e água limpa - mais coisas que podemos trazer apenas em pequenas quantidades, embora haja um lago nas proximidades e Blaise, Heron e Søren façam meia dúzia de viagens de um lado para o outro nos cavalos, preenchendo o que for improvisado, recipientes que os Anciãos podem encontrar para que os refugiados tenham água suficiente para durar pelo menos alguns dias.

Enquanto eles se vão, Artemisia e eu cobrimos um dos telhados caídos - um processo que é estranho para mim, mas no qual Art parece ter um pouco mais de pratica. Ela sobe na esquina de uma casa, ágil como um gato, e me instrui a passar seus punhados de palha do chão abaixo. Art não tem nenhum prazer em me dominar, mas eu sei que é melhor não levar isso para o lado pessoal agora, e não demorou muito para que caíssemos em uma conversa confortável que atraísse os vizinhos, que estavam todos escondidos de nós desde que chegamos.

As crianças são os mais corajosas, como costumam ser as crianças. Pequenos e fantasmagóricos, eles têm uma quantidade surpreendente de fogo queimando em suas barrigas. Um pequeno aglomerado se atreve cada vez mais perto, como se Artemisia e eu fossemos perigosas. Os mais

jovens nem precisam de ousadia; eles balançam com os pés descalços e sujos e olham para mim e Art com olhos que ocupam a maior parte do rosto.

Artemisia está preocupada demais com a palha para notá-las a princípio, mas eu percebo.

— Olá. – digo a uma das crianças, que não pode ter um dia a mais do que quatro anos, com braços e pernas ósseas, mas com uma barriga redonda. Sua pele dourada e cabelo preto me fazem pensar em Erik, e me pergunto se ele também é de Goraki - ou se seus pais são, pelo menos.

Ele não diz nada em resposta, apenas continua a me encarar com olhos solenes, mãos cerradas ao lado do corpo. Encosto o alqueire de palha que estou segurando e tateio em volta da capa de Heron, na esperança de encontrar algo escondido nos bolsos - um pouco de hardtack, um pedaço de doce, uma moeda - mas não há nada além de um trecho de barbante e poeira. Quando tiro as mãos dos bolsos, ouço um som tilintar e lembro do vestido que estou usando por baixo. Adornado com jóias.

Eu subo a capa e pego a bainha de diamante do vestido. Cada pedra é minúscula. Com um puxão afiado, puxo um deles livre e seguro-o.

Ele olha como se fosse uma arma, o que parte meu coração. Para alguém tão jovem, ele conhece muita crueldade. Mas depois de encará-lo por alguns segundos, ele parece perceber que não vai machucá-lo. Ele pega, dedos sujos e ásperos roçando os meus. Brilha à luz do sol quando ele a segura, enviando arco-íris dançando no chão abaixo. Antes que eu possa detê-lo, ele coloca na boca.

— Não! – Eu digo.

Ele parece perceber que não é comestível sem testar a teoria e cospe de volta na mão, secando a saliva em sua

túnica áspera. Ele olha para mim e sorri amplamente, com os dentes amarelados e lascados, antes de voltar para uma mulher que suponho ser sua mãe. Eu sorrio para ela, e depois de um segundo segurando seu filho nos braços, ela sorri de volta com força, acenando com a cabeça uma vez.

Depois disso, a timidez das outras crianças desaparece completamente. Todo o bando deles pressiona em torno de mim, com rostos ansiosos e mãos e palavras sujas que eu só entendo pedaços de pedaços.

— Uau, vão com calma. – eu digo, embora não possa deixar de rir. Consigo liberar um pouco de espaço entre eles e eu antes de puxar mais algumas jóias da bainha do meu vestido, passando uma para cada criança lá.

— Você terá algumas explicações para dar quando sua empregada encontrar esse vestido. – diz Artemisia, olhando para mim do telhado com uma expressão divertida que parece totalmente fora de lugar para ela. Enquanto ela olha para as crianças, sua diversão desaparece. — Os Sta'Criverans acreditam que os refugiados são amaldiçoados. – diz ela, com nojo por pontuar suas palavras. — Como se o infortúnio fosse de alguma forma contagioso.

— Essa é a coisa mais tola que já ouvi. – eu digo.

— É. – ela concorda. — Mas as pessoas vão acreditar em qualquer coisa se as fizerem pensar que têm mais controle neste mundo. Me passe um pouco mais de palha e então terminamos e você pode voltar para sua legião de devotos.

Eu passo a ela outro punhado de palha antes de voltar para as crianças. Não tenho mais nada para dar, mas eles não parecem se importar. Seus dedos estendem a mão para puxar o material da capa de Heron ou minhas mãos, qualquer coisa que eles possam alcançar para chamar minha atenção. Eu rio, passando de um para outro e de outro e de outro. Não

consigo entender muito do que eles dizem, mas isso não importa. Eles só querem ser ouvidos e fico feliz em ouvir.

— É uma pena que eles sejam jovens demais para manejar armas. – diz Artemisia antes de pular do telhado e pousar levemente ao meu lado. — Mais alguns anos e eles contribuiriam para o início de um exército feroz e dedicado.

Eu sei que ela quer dizer em tom de brincadeira, mas as palavras ainda me mordem. A ideia de que essas crianças crescessem para lutar batalhas, para sentir o sangue de outras pessoas em sua pele, para conhecer o toque de uma espada - não quero isso para eles. Não servindo a mim ou qualquer outra pessoa.

MARIAL

O passeio de volta à cidade é silencioso, mas não é o tipo desconfortável de silêncio. Acho que estamos cansados e com fome demais para conversar muito, mas além disso, sei que meus pensamentos ainda estão de volta ao campo de refugiados e tenho certeza de que os outros sentem o mesmo. Até o rosto de Søren está pálido, embora parte de mim queira dar um tapa nele. Ele não pode se horrorizar com a maneira como os Sta'Criverans tratam essas pessoas quando é culpa dos Kalovaxianos que eles tiveram que procurar refúgio em primeiro lugar.

Não é culpa de Søren, eu sei disso, mas é uma distinção fácil de ignorar as vezes.

Quando voltamos à cidade, devolvemos os cavalos aos estábulos e deslizamos pelas ruas movimentadas o mais silenciosamente possível. O sol está começando a afundar no céu agora - ficamos fora por mais tempo do que pretendíamos - e rezo a todos os deuses que possam ter nos seguido através do Mar Calodeano para que nossa ausência passe despercebida.

E se não tiver?

Eu adoraria dizer ao rei Etristo exatamente onde eu estive e quão vil eu acho que ele é pelo modo como trata os refugiados que vieram à sua terra buscando segurança. Quero dizer a ele que acho que ele é um monstro e que, se ele não lhes enviar comida e água limpa imediatamente, eu irei embora, o casamento se dane. Mas mesmo assim, sei que é algo que não posso fazer. Por mais relutante que seja admitir, preciso da ajuda dele para salvar Astrea, para dar a essas pessoas seu lar de volta.

Mas no segundo em que eu estiver no trono de Astrea novamente, vou garantir que ele saiba exatamente o que eu penso dele.

Não é até que estejamos subindo a caminho do nosso andar que Heron quebra o silêncio.

— Posso roubar comida nos próximos dias se usar meu dom. – ele sussurra, lançando um olhar cauteloso para o operador do elevador, que não parece estar nos ouvindo. — Vou pegar um pouco mais do que poderia de uma vez. Então vamos voltar. Ou eu irei. Você não precisa...

— Eu vou. – eu digo. — Se alguém quiser ficar para trás, seja bem-vindo, mas depois do que vimos hoje, não consigo imaginar que será esse o caso.

Os outros não dizem nada e eu aceito isso como consentimento.

—

Quando deslizo para dentro do meu quarto, penso por um segundo feliz que minha ausência passou despercebida. Tudo parece exatamente como eu deixei - a cama amassada, minha camisola no chão, a porta do guarda-roupa aberta. Mas Marial está tão empoleirada na cadeira perto da lareira que não a noto até que ela se levante.

— Sua garota tola. – diz ela, sua voz baixa e sua expressão furiosa.

Dou um passo atrás em direção à porta, mas não há para onde ir. Não é algo que eu possa fugir.

— Eu me senti melhor. – digo a ela. — Eu pensei que uma caminhada me faria bem.

Ela lança um olhar de descrença para mim, uma sobrancelha perfeitamente arqueada erguendo-se. — Uma caminhada? – Ela diz secamente. — Suponho que é por isso

que você cheira como sarjeta e está coberta de sujeira da cabeça aos pés?

Não consigo encontrar uma resposta para isso com rapidez suficiente.

— Depois de quão bem tratamos você, todas as coisas boas que lhe demos, você decide pagar mentindo e saindo pelas costas do rei? – Ela pergunta, sua voz baixa e perigosa.

Algo dentro de mim estala, e antes que eu possa detê-los, as palavras passam pelos meus lábios.

— Eu não me importo com suas coisas boas. Sou grata pela bondade que o rei me mostrou ao me permitir ficar, mas estou aqui pelo meu povo, os que estão acorrentados em Astrea e os que estão famintos e enjaulados no que você tem coragem de chamar de campo de refugiados. Refúgio significa segurança, e o que vi hoje dificilmente pode ser chamado assim.

Não é até Marial recuar das minhas palavras que eu percebo que falei demais. — Você foi ao campo? – Ela pergunta calmamente, sua voz vacilante. Embora ela sempre pareça tão assustadora, pela primeira vez ela parece ter medo.

Eu quero negar, mas não há como agora. Eu me chuto por deixar isso escapar. — Pedi ao rei que me levasse lá. – digo a ela, decidindo que, se não puder aceitar as palavras de volta, é melhor que eu me comprometa com elas. — Ele recusou. Ele disse que não era lugar para uma garota como eu e ele estava certo. Não é lugar para ninguém.

Marial balança a cabeça. — Eles são amaldiçoados. – diz ela. — Já sentimos bastante pena deles, mas não nos arriscamos com estranhos. Agora você traz a sujeira e a má sorte com você.

Ela diz isso como uma linha que ouviu falar tantas vezes que a memorizou.

— Se você acredita nisso, você é uma tola. – eu digo. — Você pode dizer ao rei se quiser, mas eu imagino que isso lhe causaria mais problemas do que a mim. Afinal, eu saí quando você deveria prestar atenção. E tenho certeza de que ele pode conseguir a criada de outra dama com muito mais facilidade do que ele poderia encontrar uma nova rainha deslocada para se casar para seu próprio lucro.

As palavras não parecem minhas, e quando Marial recua um passo, parecendo que eu a atingi fisicamente, a culpa cresce no meu estômago. Lembro-me do que ela disse sobre os refugiados, ela encontraria uma maneira de me impedir de voltar para o campo se eu não a parasse, mas essa lógica não faz nada para me fazer sentir melhor. Mais uma vez, não posso deixar de ouvir o Kaiser em minha mente, guiando minhas ações. Quero me desculpar, mas não consigo dizer as palavras.

Em vez disso, apenas nos encaramos por um momento dolorosamente longo. A expressão de Marial é inescrutável. Assim que o silêncio começa a se tornar insuportável, ela finalmente fala.

— Você precisa de um banho. – diz ela finalmente. — Não adianta ter as garotas te vendo assim. Eu vou ter que arrumar eu mesma.

CHARME

No elevador com Dragonsbane, a caminho do jantar com alguns dos pretendentes, cometo o erro de bocejar. Não posso evitar: depois da noite passada e das horas que passamos trabalhando ao sol no campo, fico surpresa por ainda estar de pé. Dragonsbane, no entanto, não pode saber disso, e quando ela me vê bocejar, seus olhos se estreitam.

— Esta noite é importante. – Ela diz cada palavra lentamente, como se estivesse conversando com uma criança pequena. Ela está vestida com outro vestido preto, este vestido como uma bainha e bordado com pérolas negras. É um contraste perfeito com o meu próprio vestido de chiffon branco com babados. Em Astrea, o branco é a cor do luto, mas Marial me disse sem rodeios que em Sta'Crivero simboliza a virgindade. O que é dificilmente sutil, mas nada nos Sta'Criverans parece sutil.

— Eu sei que é importante. – eu digo. — Mas você vai me desculpar se eu for devagar. Nos próximos dias, haverá muito mais deles para conhecer todos os pretendentes.

— Esses três primeiros serão nossas melhores opções. – diz ela.

Eu franzo a testa. — O que você quer dizer?

Dragonsbane encolhe os ombros. — Todos os países do mundo foram convidados a tentar sua mão, com exceção de Elcourt, que é muito próximo a Kalovaxia. Etristo está coletando uma quantia de cada pretendente, então ele não estava particularmente motivado para manter fora da lista para aqueles que realmente têm força para enfrentar os Kalovaxianos. Muitos dos países são fracos demais para realmente ajudar, embora eu suponha que a presença deles

só faça você parecer mais desejável. – Ela faz uma pausa, embora isso não me surpreenda exatamente.

— Haptania, Oriana e Etralia são sem dúvida os países mais fortes do mundo, depois de Sta'Crivero. – continua ela. — Qualquer um desses três tem o poder de tomar Astrea de volta. Os outros podem ter o poder, mas não tanto e provavelmente apenas prolongariam nossa inevitável derrota.

— Se Sta'Crivero é o país mais forte do mundo, por que eles não nos ajudam diretamente?

Dragonsbane sorri para mim como se eu fosse um animal de estimação que fez um truque divertido. — Porque ajudando diretamente eles não ganham nada. Eles não querem a mágica de Astrea, você viu como eles vivem, que uso eles teriam? Eles querem dinheiro e assim é mais fácil chegar a algum lugar, com muito menos derramamento de sangue.

Eu engulo minha frustração. Ninguém parece entender que existem astreanos morrendo nas minas. Eles só se preocupam com dinheiro, jóias e sua própria segurança. Se todos deixassem de lado o egoísmo, os Kalovaxianos poderiam ser eliminados tão facilmente quanto uma formiga sob o calcanhar de uma bota, com o mínimo de esforço ou risco. Mas não há dinheiro nisso, então ninguém se incomoda.

—

Espero que o jantar seja realizado na mesma sala de jantar da noite passada, mas, em vez disso, somos levados a um grande pavilhão ao ar livre sem mesa de jantar - apenas sofás e cadeiras macios e mesas baixas carregadas com placas douradas com comida e copos de vinho tinto.

Nós somos os últimos a chegar. O rei Etristo já está sentado em uma cadeira de encosto alto, os ombros frágeis

curvados na que parece ser sua postura habitual, um criado segurando uma taça de vinho ao seu lado. Os três pretendentes estão espalhados pela sala, cada um falando com sua própria comitiva. Reconheço a irmã da chanceler Marzen - Salla Coltania, Søren a chamou assim - e o pai do príncipe Talin, czar Reymer.

Quando me notam, todos se levantam. Com exceção do rei Etristo, que permanece sentado, embora eu não tome isso como um sinal de desrespeito. Eu não acho que ele poderia fazer isso sozinho, se quisesse.

— Eu disse que ela valeria a espera, não disse? – O rei Etristo chama os pretendentes com uma risada, pegando o copo de vinho e dando um gole antes de empurrá-lo de volta para o atendente sem poupá-lo nem um olhar.

— Espero não ter demorado muito. – digo, percebendo que Søren não está aqui. Sua presença foi solicitada em todos os outros eventos oficiais, mas entendo por que ele foi deixado de fora deste. O rei Etristo já mencionou os rumores sobre Søren e eu; a última coisa que ele quer é que a sombra caia sobre nós esta noite, especialmente quando eu recusei o exame de pureza. De repente, o vestido branco parece ainda mais uma manobra óbvia.

— Nem um pouco. Eu pensei que seria melhor para todos vocês se conhecerem em um ambiente mais confortável. Nenhum jantar abafado aqui, apenas uma noite fácil de conversa. Como isso soa?

Parece que será tudo menos fácil ou confortável. — Parece maravilhoso, Alteza. – digo com o que espero que seja um sorriso gracioso. — Obrigada.

Ele inclina a cabeça antes de pegar seu vinho novamente.

Olho ao redor do pavilhão, sentindo os olhares dos pretendentes e de seus convidados se arrastando sobre meus

ombros. O chanceler Marzen e sua irmã estão sentados mais próximos de mim, então eu vou até ele primeiro, Dragonsbane atrás de mim como uma sombra.

— Olá, Chanceler. – eu digo, estendendo a mão para ele. Ele se levanta e se inclina para beijá-la com um floreio gracioso antes de deixá-la cair e gesticular para sua irmã. Hoje à noite, seu cabelo preto brilhante está empilhado em um coque trançado no topo da cabeça. Sua boca é pintada de vermelho vermelhão e seus olhos estão cheios de kohl. Ela se parece com o tipo de mulher que te morderia tão facilmente quanto sorria para você.

— Rainha Theodosia, esta é minha irmã, Coltania. – ele diz em Astreano que é proficiente, mas empolgado.

Sua boca vermelha se curva em uma aproximação fria de um sorriso. — Prazer. – diz ela. — Eu ouvi tantas coisas sobre você. – O Astreano dela é um pouco mais duro que o do irmão, mas não tenho problemas para entendê-la. — Você me tem em desvantagem, então. – digo levemente. — Mas é um prazer conhecê-la também. Esta é minha tia, princesa Kallistrade. – acrescento, apontando para Dragonsbane. Por mais mesquinha que seja, me dá um pouco de prazer vê-la recuar diante de seu título formal.

Dragonsbane e eu nos sentamos quando o Chanceler nos serve um copo de vinho.

— O que está achando de Sta'Crivero? – Ele me pergunta, me passando meu copo.

O pensamento de beber depois da noite passada me dá vontade de vomitar, mas me forço a tomar um pequeno gole. — É linda. – eu digo, sem realmente pensar nisso. Porém, isso pouco importa - uma resposta superficial para uma pergunta superficial é tudo o que é esperado.

— É claro. – diz Coltania, embora na boca isso não pareça um elogio.

O chanceler Marzen zomba. — Os Sta'Criverans são excessivos e... – Ele para, dizendo algo para sua irmã no que eu imagino que deva ser oriânico.

— Brega. – ela termina, mostrando um sorriso completo.

— Brega. – responde o chanceler Marzen com uma risada. — Essa é a palavra.

— Desculpe interromper. – diz uma voz profunda quando uma sombra cai sobre mim, e eu olho para cima e vejo o czar Reymer com o príncipe Talin encolhido ao seu lado, como se estivesse tentando desaparecer no ar. — Vossa Majestade, podemos roubar sua atenção por um momento?

Olho para o chanceler e sua irmã, mas mesmo que pareçam querer protestar, os dois concordam.

— Falaremos novamente em breve, Majestade. – diz o chanceler com um sorriso que só posso descrever como oleoso.

— Estou esperando por isso. – digo a ele antes de segurar a mão estendida do czar Reymer e deixá-lo me ajudar a levantar e me levar - e Dragonsbane - para outro canto da sala.

—

O resto da noite começa, um torpor de ser entregue entre os três pretendentes e tentando o meu melhor para ter uma conversa agradável, para que eles me achem encantadora, o que parece ser mais fácil do que eu pensava.

Logo fica claro que Marzen vê uma união entre nossos países como inevitável - enquanto falo com ele e sua irmã a noite toda, eles fazem parecer que sua proposta já foi feita e aceita, o que acho que não me importo. Grande parte da minha vida aconteceu sem o meu consentimento. Sentir que

não tenho controle nem aqui e agora faz com que meu peito pareça ceder em torno de meu coração e pulmões. Suponho que ele ache sua arrogância encantadora, especialmente quando combinada com seu sorriso oleoso e carisma, mas, em vez disso, me vejo recuando tanto que Dragonsbane finalmente aperta meu braço.

— *Sorria.* – ela sussurra, inclinando-se para mim como se estivesse arrumando meu cabelo. — Parece que você engoliu um sapo. – Por mais repulsivo que seja Marzen, prefiro a companhia dele e de sua irmã à do czar Reymer e do príncipe Talin. Tenho a sensação de que o príncipe e eu podemos nos dar bem decentemente sem a presença do pai dele, mas parece haver poucas chances disso. O czar permanece sobre todas as conversas como o sol, cegando e desorientando nós dois com seus belos sorrisos e ar superconfiante. Começo a sentir pena do príncipe Talin - embora ele deva estar acostumado à presença de seu pai, ele ainda murcha por baixo, um rebento condenado a enfraquecer à sombra de um grande carvalho.

E se ele é intimidado por seu pai, ele está absolutamente aterrorizado comigo. Durante toda a nossa conversa, seus olhos piscam ao redor da sala como se estivesse procurando algum tipo de fuga, e ele se esforça bastante para evitar que eles encontrem os meus.

Se estivéssemos sozinhos, eu deixaria sua mente à vontade e lhe diria que também não desejo me casar com ele, mas se o rei Etristo soubesse disso, temo que sua paciência comigo finalmente chegasse ao fim.

Suponho que o arquiduque Etmond seja o mais agradável do grupo, embora esse título caia sobre ele por padrão. Passamos a maior parte do tempo em um silêncio desconfortável pelo qual realmente sou grato - isso me dá um

momento de paz em um dia muito caótico - mas há alguns momentos em que ele me surpreende, como quando ele muito timidamente pergunta como eu escapei do palácio Astreano e parece realmente se importar com a resposta.

Por isso, conto a história, surpresa quando percebo que ocorreu há duas semanas, embora pareça uma outra vida. Eu deixo de fora as partes sobre Søren, agora muito consciente do que os outros podem pensar do nosso relacionamento, mas digo o resto.

Seus olhos estão arregalados e impressionados, então aproveito a oportunidade para tirar as luvas brancas de cetim que Marial me fez usar e mostrar a ele as leves cicatrizes nas palmas das minhas mãos por abrir as pedras. Heron tentou, mas não conseguiu me curar completamente. Eu as achei feias, mas a maneira como o arquiduque Etmond os olha me faz pensar que há algo de "adorável" neles. Certamente, prefiro-as às cicatrizes nas minhas costas, embora suponha que agora tenham o mesmo significado - passei pelo inferno e sobrevivi para contar a história.

Infelizmente, meu tempo com o arquiduque é muito curto. O czar e o chanceler parecem perceber que ele é fácil de tirar proveito - em situações sociais, senão no campo de batalha - e toda vez que vou falar com ele, são apenas alguns minutos antes que um deles apareça e pede para falar comigo a sós. Na terceira vez que isso acontece, eu quase recuso, mas Dragonsbane ao meu lado é um lembrete claro de que isso seria desaprovado.

Faça com que eles gostem de você, ela me disse, mas não parece haver nenhum problema nessa área. Eles gostam de mim perfeitamente, com pouco esforço da minha parte. Eles gostam de mim porque, quando me olham, veem magia e dinheiro, e isso é o suficiente para que eles desmaiem. O

arquiduque é o único que olha para mim como se ele realmente me visse, embora não haja nada romântico nele. Imagino que seja semelhante à maneira como ele olha para os soldados que comanda - com respeito.

A realização me atinge como um tapa - ele é a única pessoa que conheci em Sta'Crivero que me olha dessa maneira. Todo mundo me trata como uma boneca frágil, para ser mantida no alto de uma prateleira, brincada de vez em quando e protegida a todo custo, mas nunca respeitada como igual.

GORAKI

À medida que a noite se aproxima, meus membros ficam pesados e fica difícil manter os olhos abertos, embora eu tenha sido cuidadosa em tomar apenas pequenos goles de vinho. Sinto-me como um novelo de lã sendo puxado entre um grupo de gatos, desenrolando-se cada vez mais a cada momento que passa. O charme que eu pude reunir no início da noite está se esgotando agora, e eu não sou a única que percebe.

— Recomponha-se. – Dragonsbane sussurra para mim enquanto ela me leva de volta ao czar Reymer e ao príncipe Talin.

— Se o czar me contar sobre sua criação de cavalos novamente, vou dormir aqui mesmo. – aviso.

— Você não vai. – ela retruca. — Você vai sorrir, acenar com a cabeça e dizer a ele o quão fascinante ele é e depois fará o possível para que o filho dele diga mais de duas palavras. Preciso lembrá-lo de que Astrea está em jogo?

Suas palavras semeiam vergonha sob a minha pele. Embora eu não queira nada mais do que tirar meu braço do dela e sair correndo da sala tão rapidamente quanto minhas pernas cansadas me levarão, eu sei que ela está certa. Não sei se posso realmente chamar Dragonsbane de minha aliada, mas ela também não é minha inimiga. Estamos do mesmo lado - do lado de Astrea.

— Tudo bem. – digo a ela, fixando meu sorriso para que fique mais largo e dentado, mesmo que faça minhas bochechas doerem.

Antes que possamos chegar ao czar e ao príncipe, a porta de bronze se abre com um ruído que faz todo mundo pular

de surpresa. A entrada fica do outro lado do pavilhão, com uma dúzia de vasos de plantas no meio, então não vejo quem chegou agora. Outro pretendente, provavelmente, embora a idéia de outra pessoa para encantar e impressionar force um gemido silencioso nos meus lábios. Felizmente, Dragonsbane é a única que percebe, e ela me olha com severidade.

O rei Etristo, que cochilava em sua cadeira, acorda, olhando para a entrada com olhos cansados, mas estreitos.

— O que é isso? – Ele exige, esticando o pescoço para ver qual é a interrupção. — Este é um jantar privado! Quem é Você?

— Minhas desculpas. – diz uma voz. Alguma coisa cutuca minha memória, mas não consigo identificá-la. Franzo a testa, dando um passo mais perto e puxando o Dragonsbane comigo, embora ainda não consiga ver quem é. Um pedaço de brocado violeta e dourado, um pedaço de cabelo preto, mas não consigo dar uma boa olhada no rosto dele. — Eu sei que estamos atrasados, mas me disseram que você estava entretendo alguns pretendentes aqui.

É outro pretendente, afinal, mas tenho certeza de que conheço essa voz. Essa bravata tão alta que distrai a insegurança, o charme pintado de tão espesso que você não percebe a dúvida em baixo dela. Eu conheço essa voz. Solto o braço de Dragonsbane e vou em direção à entrada, tecendo entre vasos de plantas até que finalmente consiga dar uma boa olhada no intruso.

— Erik. – eu digo, o nome um pouco mais alto do que uma expiração. Por um momento, tudo o que posso fazer é olhar para ele e piscar, esperando que ele desapareça diante dos meus olhos. Afinal, deve ser apenas uma ilusão, criada por minha mente exausta e entediada, porque Erik não pode estar aqui, desfilando como um dos meus pretendentes. Mas

ele não desaparece. Em vez disso, ele fica alto e reto na entrada, vestido com roupas tão estranhas que quase o deixam irreconhecível. Eu só o vi usando roupas Kalovaxianas - calças, túnicas e jaquetas de veludo sufocantes -, mas agora ele usa uma túnica de brocado no tornozelo, com mangas largas. Ela é modelada com desenhos complexos de animais e árvores que parecem ter sido pintados à mão. Uma faixa grossa está presa à cintura. Seu cabelo - sempre longo e indisciplinado - foi penteado para trás, preso em um coque na nuca.

Mas quando seus olhos pousam em mim, ele sorri e de repente ele se parece com o Erik que eu lembro.

Ele cai em uma reverência profunda. — Rainha Theodosia.

Não é a primeira vez que ele me chama pelo meu nome. Ele disse isso no jardim também, depois que eu lhe disse para pegar sua mãe - Hoa - e deixar a capital. Claramente, ele ouviu.

— O que você está fazendo aqui? – Eu pergunto, caminhando para o lado dele. Quero abraçá-lo, mas sei que não deveria, considerando a nossa condição atual.

— Eu pensei que isso era óbvio. – diz ele. — Estou aqui para competir por sua mão. – Embora ele diga isso levianamente, eu posso ver a dúvida por trás dos olhos dele, o desconforto persistindo logo abaixo desta superfície polida e confiante. Vislumbre-o do ângulo certo e suas ilusões escapam, deixando um garoto brincando de vestir-se, recitando linhas que lhe foram dadas.

— Senhor. – rosnou o rei Etristo da cadeira. – Quem exatamente é você?

— Oh, onde estão minhas maneiras? – Erik diz, virando-se para o rei e curvando-se novamente e tirando um envelope do bolso. — Eu acabei de chegar de Goraki.

O rei Etristo zomba, mas pega o envelope. — Goraki é uma ruína. – diz ele, rasgando-o, seus olhos examinando o pedaço de pergaminho. — Enviamos um convite para lá apenas como formalidade, mas todo mundo sabe que não havia uma família no poder desde que os Kalovaxianos massacraram o último imperador e seus filhos.

— Isso é o que todos pensavam. – diz Erik, pegando uma taça de vinho tinto de um dos servidores. Eu me pergunto se alguém mais está olhando perto o suficiente para ver como o vidro treme em sua mão, o líquido escuro ondulando como a superfície de uma lagoa quando um cardume de peixes nada abaixo. — Imagine a surpresa deles quando a filha caçula do último imperador voltou para eles depois de ficarem com os Kalovaxianos por duas décadas. E imagine a surpresa de seu filho quando ela passou sua reivindicação ao trono para ele.

Ele faz uma pausa, mas ninguém mais fala. — O filho era eu. – acrescenta. — No caso de não estar claro.

— Você tem meus parabéns. – diz o rei Etristo secamente. — Mas o fato é que Goraki é um terreno baldio, sem dinheiro e sem tropas. Você está brincando com o nosso tempo.

Erik encolhe os ombros, embora seus olhos dancem pela sala. — Sua quantia solicitada foi trazida, Alteza. – diz ele, olhando para o rei Etristo. — Deixei com seu filho quando ele me recebeu com as mesmas perguntas que você está fazendo agora. Ele contou antes de me permitir entrar no palácio. Eu tenho tanto direito de estar aqui quanto qualquer pretendente.

O rei Etristo levanta uma sobrancelha grossa e cinza. — E quanto resta nos seus cofres depois dessa despesa, imperador?

A boca de Erik se contrai. — Chega. – diz ele, mas ele não elabora. Em vez disso, ele se vira para mim e me oferece seu braço livre. — Se eu tiver um momento do seu tempo, rainha Theodosia?

É preciso tudo o que tenho para não parecer muito ansioso quando concordo, embora essa emoção seja rapidamente atenuada quando Dragonsbane nos segue para um canto isolado do pavilhão. Os olhos dos outros pretendentes seguem atrás de nós, mas nenhum dos seus olhares é mais escuro que o do rei Etristo.

— É bom vê-lo de novo, Erik. – digo a ele, olhando para Dragonsbane um passo atrás de nós. Ela não faz nenhum esforço para esconder sua desaprovação. Eu volto para Erik. — Ou devo chamá-lo de imperador agora?

— Você pode me chamar de Erik, se eu puder te chamar de Theodosia. – diz ele com um pequeno sorriso sombrio. — Todo esse negócio de títulos é cansativo, não é?

— Somente quando se trata de amigos. – eu digo. — Você pode me chamar de Theo.

— Infelizmente, não consigo encurtar Erik sem parecer ridículo. – diz ele com um suspiro dramático.

Quando chegamos aos sofás agrupados no canto, solto o braço de Erik e me afundo em um. — Se terminamos os esclarecimentos. – eu digo, — Você gostaria de me dizer o que realmente está fazendo aqui?

A bravata de Erik desliza quando ele se senta à minha frente, inclinando-se para a frente com os cotovelos nos joelhos. Ele olha cautelosamente para Dragonsbane quando ela se senta ao meu lado.

— Ela é confiável? – Ele pergunta.

É uma pergunta complicada, mas não posso imaginar que Erik tivesse algo a dizer que Dragonsbane não deveria ouvir. Além disso, se ela achar que estou confiando nela, será mais fácil manter outras coisas em segredo.

Eu concordo.

— Como está Søren? – Ele pergunta, abaixando a voz. — Imagino que ele não esteja acostumado a ser prisioneiro. – Embora ele mantenha suas palavras indiferentes, há um lampejo de preocupação real por trás delas. Afinal, eles são irmãos e amigos.

— Ele foi um prisioneiro excepcional, na verdade. – digo a ele, recostando-me nas almofadas macias.

— Foi? – Erik pergunta, arregalando os olhos. A fachada descuidada desliza mais um centímetro. — Ele não é-

— Ele não é mais um prisioneiro. – esclareço. Um alívio aparece em seu rosto. — Ele tem seu próprio quarto aqui, sem correntes. Eu não recomendaria que ele tentasse sair, mas acho que ele não quer. — Se as notícias do pivô de Søren surpreendem Erik, ele não mostra. — Vecturia o mudou. – diz ele. — Mudou muitos de nós, mas Søren mais ainda, eu acho. A maioria dos Kalovaxianos não via os Astreanos como pessoas - viam armas. Quando Søren deu a ordem... – Ele interrompe quando me vê recuar. Eu não posso evitar. Não quero saber o que aconteceu a seguir. Não quero ouvir detalhes de quão horrivelmente meu povo foi assassinado. Não quero ouvir como Søren se sentiu mal ao dar a ordem de matar centenas do meu povo e milhares de vecturianos inocentes que estavam apenas protegendo sua casa.

— Como você se sentiu, Erik, quando viu homens e mulheres astreanos forçados a se destruir para protegê-lo? –

Pergunto em vez disso, minha voz saindo como um estalo apenas esperando por uma faísca.

Ele não responde imediatamente.

— Estou feliz por finalmente podermos falar francamente, Theo. – diz ele finalmente, com a voz baixa. — Honestidade não é fácil para mim, depois de tantos anos com os Kalovaxianos, mas vou tentar. – Ele respira fundo. — Quando a Vecturia aconteceu, acho que estava entorpecido com o sofrimento dos outros. Eu tinha nove anos quando saímos de Goraki, quando vi minha casa queimar no chão. Mesmo antes disso, vi os Kalovaxianos tratando meu povo da mesma maneira que agora tratam seus escravos astreanos. O Kaiser bateu na minha mãe na minha frente e, quando ela tentou se rebelar contra ele, ele me fez assistir enquanto um homem costurava sua boca. Não é uma boa resposta, eu estava entorpecido demais, mas é a verdade. Sinto muito pelo que aconteceu, de verdade, e farei tudo ao meu alcance para impedir que isso aconteça novamente.

Estou chocada ao silêncio, mas Dragonsbane não está.

— E que poder é esse? – Ela pergunta. — O rei Etristo está certo, Goraki não tem mais o seu nome. Não há mais sedas caras para vender, nem mais mercadorias até onde eu ouvi. Você também não pode ter muito exército. Estima-se que menos de dois mil gorakianos sobreviveram à invasão Kalovaxiana. Esse número é falso?

Erik, para seu crédito, não murcha sob o olhar de Dragonsbane.

— Eu não os contei. – diz ele. — Mas essa estimativa parece precisa.

— Então como? – Ela pressiona.

Mas Erik não tem uma resposta. — Somos mais fortes juntos. – ele diz, falando comigo. — Nossos países unidos

contra os Kalovaxianos são mais fortes do que estaríamos sozinhos.

— Sim. – eu digo com um sorriso triste. — Mas ainda não forte o suficiente.

PHIREN

De volta ao meu quarto, toco a campainha que chama Marial e ela chega alguns momentos depois. Quando ela me coloca a camisola, ela me lança um olhar de aviso, como se suspeitasse que estou violando as regras mais uma vez. Sorrio inocentemente em troca, mas não acho que isso a engane. Depois do que parece uma eternidade, ela finalmente se despede com uma dura reverência. Espero alguns minutos antes de sair para o corredor, encontro Erik me esperando. Ele se inclina contra a parede oposta à minha porta, os braços cruzados sobre o peito, ainda vestido com a túnica de brocado do jantar, embora pareça um pouco mais desgrenhada agora. Seu cabelo está solto, caindo solto até os ombros.

— Muito à sua frente, Theo. – diz ele com um sorriso. — Pedir ao seu pretendente que te encontre no seu quarto.

— Fora do meu quarto. – eu corrijo. — Eu pensei que você gostaria de ver Søren.

O sorriso arrogante desliza de seu rosto. — Obrigado. – diz ele, mas há uma nota de medo em sua voz.

— O que foi? – Eu pergunto, levando-o pelo corredor em direção ao quarto de Søren.

— Parece que uma vida inteira se passou desde que eu o vi pela última vez, mesmo que tenham passado apenas algumas semanas. Eu poderia muito bem ser uma pessoa completamente diferente. – ele admite.

— Você ainda parece o mesmo para mim. – eu digo. — Além disso, Søren também mudou.

— Isso me preocupa ainda mais. – admite Erik. — Conheço Søren desde o dia em que ele nasceu. Não gosto da ideia de sermos estranhos.

Lembro-me de Blaise aparecendo do nada naquele banquete meses atrás, a primeira vez que eu o via em uma década. Ele era um estranho para mim na época, embora uma vez tivéssemos sido próximos. — Ser estranho é uma coisa fácil de consertar. – eu digo, apertando seu braço. — Mas você tem que começar em algum momento.

Há um guarda do lado de fora da porta de Søren que nem tenta esconder sua desaprovação na minha visita tarde da noite.

— O imperador está aqui para ver Prinz Søren. – digo ao guarda com um sorriso doce. — Eles foram criados juntos, você vê.

O guarda dá um grunhido cético, mas se afasta para passarmos. Eu levanto minha mão e bato.

— Entre. – diz Søren, sua voz abafada pela porta.

Abro a porta e entro primeiro. Søren está deitado em cima da cama com um livro encadernado em couro nas mãos. Quando ele me vê, ele o coloca de lado e senta-se, franzindo a testa em confusão.

— Theo? O que você é ... Ele para quando Erik aparece atrás de mim, passando de meramente confuso a completamente confuso. Ele se esforça para ficar de pé. — Erik? – Sua voz é hesitante, como se ele estivesse imaginando. Erik sorri timidamente, esfregando a parte de trás do pescoço. — Olá, Søren.

— O que você está fazendo aqui? – Søren pergunta, dando um passo em sua direção. Ele não espera uma resposta. Em vez disso, ele aperta Erik em um abraço que parece firme o suficiente para quebrar ossos. Depois de um

momento, Søren recua, segurando Erik no comprimento do braço. — E o que é isso que você está vestindo?

Erik ri. — Essa é uma longa história. – diz ele, mas mesmo assim conta a ele

—

Quando me afasto para deixá-los sozinhos, Erik me segue até a porta.

— Minha mãe quer falar com você. – ele me diz.

— Hoa está aqui? – Eu pergunto, surpresa. — Por que você não disse isso antes?

Ele encolhe os ombros, embora pareça desconfortável. — Eu pensei que o rei Etristo poderia querer conhecê-la, a concubina escapada do Kaiser. Eu não queria sujeitá-la a esse tipo de atenção ainda.

Penso na maneira como o rei Etristo e sua família me trataram no jantar, minha primeira noite aqui.

— Algumas pessoas gostam de se divertir com a miséria dos outros. – eu concordo.

— A maioria das pessoas, eu descobri. Parece ser uma característica humana. – Ele hesita por um momento. — Removemos os pontos, para que ela possa falar novamente. diz ele. — Mas já faz tanto tempo que ela não fala que pode ser difícil entendê-la as vezes. E ela ainda está um pouco... – Ele interrompe, balançando a cabeça.

— Dez anos sob o controle do Kaiser foram um pesadelo que não consigo descrever completamente para ninguém. – digo. — Não consigo imaginar como ela conseguiu vinte.

—

Hoa está esperando no meu quarto quando abro a porta. Ela está empoleirada delicadamente na beira de uma cadeira, perto da lareira de mosaico vazia que eu imagino ser puramente ornamental, com as costas retas e as mãos

cruzadas no colo. Como Erik, ela está vestida com uma túnica longa de brocado, mas a dela é um pêssego pálido, amarrado na cintura com uma faixa de seda vermelha. As mangas largas engolem seus braços finos, para que apenas suas mãos pálidas sejam visíveis. Seu cabelo preto está enrolado em prata, embora ela o solte agora em volta dos ombros, em vez do coque apertado que eu sempre o vi. Os pontos em sua boca se foram, mas os buracos permanecem, três na parte superior e três na inferior. Duvido que eles se fechem completamente.

Ela deve me ouvir entrar, mas não olha para cima, com os olhos fixos na lareira vazia, como se esperasse que um incêndio tome vida a qualquer momento.

— Hoa. – eu digo com cuidado. Ela parece efêmera e eu meio que espero que ela desapareça se eu a assustar.

Ela não desaparece. Em vez disso, ela se vira para mim. Embora ela ainda não tenha quarenta anos, ela parece muito mais velha, como se uma dúzia de vidas tivesse sido sugada dela. A Kaiserin tinha a mesma aparência antes de morrer. Suponho que o Kaiser tenha uma maneira de fazer isso com as mulheres, drenando-as.

É o sorriso de Hoa que me quebra, porque nunca o vi. Eu não acho que ela foi capaz disso quando sua boca estava fechada e, mesmo que tivesse sido, não havia muito pelo que sorrir. É uma pena, porque o sorriso dela é brilhante o suficiente para limpar o céu durante uma tempestade.

— Minha Phiren. – ela murmura, ficando de pé.

A palavra é estranha, mas eu mal a ouço. Meu corpo está congelado, mesmo quando ela cruza para mim e coloca as mãos em ambos os lados do meu rosto. Ela beija uma das minhas bochechas, depois a outra.

Ocorre-me que esperava nunca vê-la novamente. Na minha mente, ela é um fantasma, já morto e enterrado. Só que ela não está - ela está aqui, carne e osso, e eu não sei o que dizer a ela.

— Eu odeio esse idioma. – ela me diz em kalovaxiano. — Tem gosto de terra fúnebre na minha boca, mas é o único que compartilhamos, não é?

— Você não deveria ter vindo aqui, – eu digo. — você deveria ter ido para longe, em algum lugar onde Kaiser não a encontrará.

Ela levanta as sobrancelhas finas. — Se é seguro o suficiente para você, é seguro o suficiente para mim.

— E se não for seguro para mim? – Pergunto. — O Kaiser ofereceu uma recompensa atraente pela minha morte ou pelo meu retorno. O rei Etristo me prometeu segurança, mas não sou tola o suficiente para acreditar que essa promessa é uma garantia. Você pode ir para outro lugar, em algum lugar que o Kaiser nunca vá procurar.

Hoa fica quieta por um momento. — O medo dá poder aos monstros. – diz ela finalmente. — Não tenho medo dele; ele não tem esse poder sobre mim. Não mais, minha Phiren.

Eu franzo a testa. É a segunda vez que ela usa essa palavra que eu não conheço. Erik disse que ela era difícil de entender às vezes. Talvez eu não a esteja ouvindo corretamente. — Phiren. – repito, tentando entender o sentido.

Ela ri, um som gutural que de alguma forma é mais bonito por sua aspereza.

— É como sempre te chamei em minha mente. – explica ela. — Eu esqueço que você nunca me ouviu. Tive tantas conversas com você ao longo desses anos, mas você nunca ouviu nenhuma delas.

Ela me leva de volta para a área de estar e se senta no sofá, me puxando para perto dela.

— Em Goraki, há uma lenda de um pássaro feito de fogo. – diz ela. — Nunca morre, os Phiren. Primeiro, é feito de brasas, brilhando antes de explodirem em chamas. O Phiren queima intensamente por muitos anos, mas nenhum fogo queima para sempre - é sufocado em um pássaro de fumaça, fino e escuro. Permanece assim por um longo período de tempo - às vezes até séculos -, mas sempre chega o dia em que uma brasa brilha e sua vida começa de novo.

— É um pássaro de verdade? – Pergunto.

Ela ri. — Isso eu não posso dizer. – ela admite. — É uma história que contamos às crianças para mantê-las distraídas. *Procure os Phiren enquanto os adultos conversam sobre coisas adultas - se você o espiar, consegue um desejo!* Ou uma maneira de explicar o mau tempo ou a má exibição das culturas. Diríamos que os Phiren haviam se transformado em fumaça, mas logo voltariam a incendiar-se e a sorte de Goraki viria com ele. Às vezes, as pessoas afirmam que viram, mas acho que a maioria não acredita que seja mais do que um mito.

Ela faz uma pausa, olhando para mim, pensativa. — Ainda assim, você me lembrou a lenda. Com seus olhos brilhantes e coroa de cinzas e Rainha do Fogo mãe. Lady Thora, era como todo mundo chamava você, mas eu pensava em você como Lady Smoke. Eu sabia que seria apenas uma questão de tempo até que sua brasa brilhasse novamente, até que você mais uma vez brilhasse o suficiente para escapar dele.

O nó na minha garganta incha e as lágrimas ardem nos meus olhos.

— Às vezes eu senti que te odiava. – eu admito. — Eu queria que você fizesse algo, me ajudasse, me salvasse. Acho

que não percebi o quanto você era prisioneira. Até Erik me dizer, eu não sabia que o Kaiser tinha... - eu paro, incapaz de dizer. Ela entende o que quero dizer, no entanto. — Que eu compartilhei a cama dele. – diz ela antes de balançar a cabeça. — Não, isso não está certo. Parece que eu tive uma escolha, embora suponha que você entende o que quero dizer melhor do que a maioria.

— Ele não me tocou. – digo a ela. — Não assim.

Ela solta um suspiro lento. — Eu sempre serei grata por isso. – diz ela. — Eu temia o dia que aconteceria. Eu gosto de pensar que teria parado de alguma maneira, que eu teria encontrado uma maneira de para-lo antes, mas não tenho certeza se isso é verdade. Não havia saída para nós, não até você abrir o caminho.

Ela descansa a mão em cima da minha e aperta. Os dedos dela são todos de osso, como os da Kaiserin, mas os de Hoa são quentes ao toque. Ela está viva e eu estou viva, e às vezes Kaiserin está certa e isso é o suficiente. — Estou orgulhosa de você, minha Phiren. Você pode ser corajosa - e tola - o suficiente para triunfar.

PIQUENIQUE

A palavra piquenique significa algo diferente em Sta'Crivero do que significa em Astrea. Em Astrea, um piquenique significava um cobertor do lado de fora à sombra de uma árvore; significava uma cesta de petiscos e uma jarra de suco de frutas; significava um dia fácil deitado lânguido ao sol.

Em Sta'Crivero, no entanto, é tão elaborado quanto todo o resto. O fato de estar ao ar livre é a única diferença entre ele e um banquete regular. Há uma pesada mesa dourada com cadeiras macias, montadas em cima de uma duna de areia do lado de fora dos muros da capital. Um grande toldo de pano protege os clientes do sol implacável, e dois criados estão perto de nós, acenando com grandes ventiladores de pano para manter o ar a uma temperatura tolerável. Os pratos e utensílios são dourados e carregados de jóias. A comida é uma refeição completa de cinco pratos completa com um peru inteiro - o que parece excessivo, considerando que somos apenas quatro e três de nós somos mulheres com cinturas tão apertadas nos vestidos de Sta'Criveran que mal podemos respirar, quanto mais comer - O chanceler Marzen organizou comigo esse passeio privado, embora eu me pergunte quanto ele pagou ao rei Etristo por minha companhia. Se não fosse a presença de Dragonsbane e Salla Coltania como acompanhantes, eu me sentiria como uma cortesã cuja companhia pode ser comprada a cada hora.

— Você está magnifica nessa cor, rainha Theodosia. – diz o chanceler, refrescando meu copo de água com limão, mesmo que eu tenha tomado apenas alguns goles.

Olho para o vestido que Marial escolheu para mim hoje, chiffon azul claro. Azul pálido nunca foi a minha cor. Cress costumava dizer que eu era feita de fogo e ela era de gelo, da maneira como nos vestíamos - eu em cores quentes, ela em cores frias.

— Obrigada. – é tudo o que posso pensar em dizer. Dragonsbane me dá uma cotovelada, mais forte do que parece estritamente necessário, e acena significativamente para o Chanceler, que está esperando com expectativa.

— Oh. – eu digo, realização amanhecendo. — Você também está muito elegante, chanceler Marzen.

Mas, é claro, é tarde demais e pouco sincero para parecer genuíno. Eu acho que não importa; o chanceler está encantado o suficiente por sua própria companhia. Ele quase não precisa de mim aqui.

Ele limpa a garganta, olhando para minha tia e sua irmã antes de voltar sua atenção para mim e abaixar a voz. — Estou ansioso para conhecê-la melhor. – diz ele de uma maneira que desliza sobre a minha pele como graxa.

— Eu também. – eu ecoo, mantendo minha voz nivelada. — Não é esse o objetivo desses encontros, chanceler? Para se conhecer melhor?

— É claro. – Coltania interrompe com um sorriso ofuscante, todos os dentes brancos e lábios vermelhos. - Ela passa os dedos bem cuidados sobre a borda da placa de ouro na frente dela. — Sabe, Marzen e eu não tínhamos coisas assim quando estávamos crescendo.

— Coltania. – diz o chanceler, sua voz pesada com aviso.

Ela apenas ri, dando um empurrãozinho no irmão. — Oh, venha agora, o fato de você ser tão relacionável é o que levou nosso povo a elegê-lo. – diz ela antes de se voltar para mim. — Crescemos em uma fazenda, se é que realmente pode ser

chamado assim. Suponho que havia animais, embora a maioria deles fosse velho ou doente demais para ser de muita utilidade.

— Sinto muito. – digo, porque parece ser a única coisa a dizer.

Ela encolhe os ombros afiados. — Era a única vida que conhecíamos. – diz ela. — Foi normal. Minha mãe morreu durante o parto de um terceiro bastardo, o que acabou sendo a melhor coisa que aconteceu conosco.

— Coltania. – o chanceler diz novamente, sua voz afiada.

Ela o ignora. — Não é assim que ele fala em seus discursos sinceros, mas é verdade mesmo assim. – diz ela. — Depois que ela morreu, Marzen e eu - deveríamos ter nove e dez na época - deixamos nossa cabana e fomos para a cidade para tentar a sorte lá. Marzen sempre teve mais charme do que sabia o que fazer. Ele conseguiu trabalhos com aprendizes deixando para trás meninos mais qualificados. O primeiro foi um ferreiro, não foi? – Ela pergunta. — Você costumava voltar para casa coberto de suor e carvão.– O chanceler assente, embora seus olhos estejam distantes. — Então um ourives. – acrescenta.

— Você também não era muito bom. – diz ela rindo. — Mas você fez amigos. Ele sempre foi muito bom em fazer amigos. – ela diz para Dragonsbane e eu. — Eu não. As pessoas tendem a não gostar de mim.

— Você os repele. – diz Marzen, não de maneira cruel. — Você diz o que quer dizer e isso deixa as pessoas desconfortáveis.

Coltania considera isso antes de encolher os ombros. — Bem, – diz ela — não gosto da maioria das outras pessoas porque elas não dizem o que querem dizer. Mas esse não é o

ponto. — E qual é? – Dragonsbane pergunta, parecendo entediada.

Coltania sorri novamente, mas desta vez há algo duro e feroz. Ela nem olha para Dragonsbane - toda a atenção dela está focada em mim. — Os outros governantes daqui tiveram tudo entregue a eles. – diz ela. — Suas coroas são o direito de primogenitura, elas não foram conquistadas. Nenhum deles sofreu como nós e, portanto, ninguém pode entender você como nós.

Eu não me afasto da intensidade de seu olhar, embora eu queira muito. Há uma fome em seus olhos, como se ela me engolisse inteira, como se isso significasse que ela nunca mais precisaria conhecer a fome. Deveria me assustar, mas não. Reconheço esse visual. Tenho certeza de que já o usei muitas vezes para contar.

— Nós somos como irmãs, você não acha? – Ela pergunta.

Considerando que não falamos há mais de cinco minutos no total, a palavra irmãs parece um pouco demais, mas eu respeito a tática. Ela não pode saber que a palavra irrita minha pele, isso me lembra a última garota que me chamou de irmã.

Eu me forço a não pensar em Cress, nem aqui nem agora. Não sinto falta dela, não me sinto culpada. Onde quer que ela esteja, ela certamente não sente minha falta.

— O que seu título significa, Salla Coltania? – Pergunto a ela para mudar de assunto. — Já ouvi outras pessoas usando-o mas receio não saber sua origem.

Coltania sorri. — É simplesmente um termo de endereço, como Lady ou Miss. – explica ela.

— Um pouco mais do que isso. – Dragonsbane ri. — É um honorífico oriânico. Isso significa que ela é especialista em seu campo.

— Oh. – eu digo, surpresa. — Eu não percebi, Salla Coltania.

Ela balança a cabeça, as bochechas ficando vermelhas. — É uma formalidade tola.

— Em que campo você é especialista? – Pergunto.

— Ciência. – diz o chanceler Marzen. — Ela estudou com as melhores mentes do mundo para aprender tudo sobre biologia e química e coisas que não posso pronunciar. – Seu sorriso depreciativo é tão charmoso e praticado quanto tudo sobre ele.

— Admito que não sei muito sobre ciência. – digo, inclinando-me para a frente.

— É tudo muito chato. – ri o chanceler Marzen. — Ela expulsou todos os seus pretendentes com conversas sobre compostos químicos. É um talento, realmente.

— Uma que eu emprego intencionalmente. – ela responde, mas seu sorriso é mais quente desta vez. — Como mulheres, precisamos ter nossas armas neste mundo, sejam elas nossas mentes, punhos, artimanhas ou lágrimas.

Meu próprio sorriso parece mais real quando levanto meu copo de vinho. — Eu não poderia concordar mais. – eu digo.

—

— Não gosto dele. – digo a Søren no final da tarde, enquanto caminhamos juntos pelo jardim do palácio, que Søren diz ser conhecido em todo o mundo. Eu posso ver o porquê - há mais flores aqui do que eu posso citar, em um prisma de cores que eu não sabia que poderia existir na natureza. Trilhas pavimentadas a ouro serpenteiam através de um verdadeiro labirinto de folhagem, enquanto os dedos da luz do sol se filtram através dos galhos das árvores acima. Uma rede complexa de tubulações se estende sobre o jardim como um dossel, liberando um fluxo constante de névoa leve

para negar o ar seco de Sta'Crivero. Não há mais ninguém à vista.

— O chanceler? – Søren pergunta, com a testa franzida. — Ele não parece muito terrível. Ele é certamente ambicioso, mas isso não é uma característica negativa.

— Não ele por si só. – admito, parando para examinar um conjunto de flores brancas em forma de estrelas. Por mais bonitos que sejam, cheiram a nada. Eu me endireito e pego o braço de Søren novamente. — Algo sobre ele e a irmã me incomoda. Eles são um time - ele é suave e bem falado, mas ela é o cão de ataque que age quando o charme dele não é suficiente. Acho que um não sabe como funcionar sem o outro.

— Você acha que há algo desagradável entre eles?

Levo um momento para perceber o que ele está insinuando. Eu torço o nariz. — Deuses não, eu não quis dizer isso. Só que eles são duas metades de uma pessoa, cada uma destilada.

Ele fica quieto por um momento. — Havia rumores em torno da eleição que ele venceu, embora eu tenha certeza que eles foram distorcidos e complicados quando chegaram a mim. – diz ele com cuidado.

— Que tipo de rumores?

Søren encolhe os ombros. — Subornos. Ameaças. Assassinos contratados, em alguns dos contos mais estranhos. Dizem que ela abriu caminho para a chancelaria e o caminho está cheio de sangue e ganância. Duvido da veracidade da maioria das reivindicações - eles têm muitos inimigos em Oriana. Muitas famílias ricas e velhas ainda se irritam com o pensamento de um jovem novato ocupando seu lugar mais alto. Os rumores costumam ter apenas um grão de verdade, se é que existe.

— Acho que sabemos isso melhor do que a maioria, dado o que as pessoas estão dizendo sobre nós. – aponto com uma risada. Por um instante, Søren parece que quer dizer algo, mas apenas balança a cabeça, como se estivesse expulsando o pensamento. — Você já tem algum favorito? – Ele pergunta. Soltei um gemido e ele rapidamente o reformulou. — Existe alguém que não é tão ruim quanto você esperava?

Eu considero isso. — Conheço Erik, confio nele mais do que nos outros, e ele aceitaria uma aliança sem casamento, mas essa aliança não nos daria nada. Goraki está muito fraca após a invasão Kalovaxiana. Eles não podem se proteger, muito menos declarar guerra a outro país.

Embora eu saiba que é a verdade, meu coração afunda quando Søren não me contradiz.

— Dos pretendentes com poder suficiente para me ajudar a tomar Astrea de volta, eu prefiro o arquiduque. – digo a ele, embora dizer as palavras em voz alta me faça querer vomitar. — Haptania tem um exército grande o suficiente para ajudar, e ele me trata com mais respeito do que qualquer um dos outros. Acho que poderíamos ser amigos, a longo prazo. Não consigo nem pensar no que significaria ingressar em nossos países, dar a ele e a seu país um pouco de controle sobre o meu.

Søren considera por um momento, sua testa enrugada profundamente em concentração. É assim que ele se parece em um campo de batalha, eu acho, examinando o terreno e criando estratégias. Quando ele vira a cabeça para me olhar com a mesma intensidade, meu estômago palpita. Por um momento, parece que estamos de volta em Astrea, antes de nos trairmos e salgarmos a terra entre nós.

Era assim que ele parecia na Vectúria, antes de dar a ordem de usar meu povo como armas. Afasto meu olhar.

— Existe uma opção que não inclua o casamento? – Pergunto a ele, embora saiba que, se houvesse, ele já teria dito isso. Ainda assim, espero.

Ele pensa nisso, estendendo a mão para tocar as folhas baixas de uma árvore quando passamos sob a sombra.

— Hipoteticamente, – diz ele — se você levasse os poucos guerreiros que Erik poderia oferecer, mais os talvez sessenta por cento da equipe de Dragonsbane que podem estar convencidos a segui-la - e isso é otimista... Não, não é suficiente. Não pela metade. Nem um quarto.

Esfrego as têmporas e fecho os olhos com força, como se pudesse calar a realidade da situação. — Então suponho que seja o arquiduque, a menos que outra opção apareça.

Ele hesita. — E se... e se eu aparecesse? – Ele pergunta.

Eu ri. — Søren, é sério. – eu digo.

Ele para, me alcançando, dedos calejados segurando meu braço para que eu não tenha escolha a não ser olhar para ele. — Estou falando sério. Esse era o seu plano original quando estávamos em Astrea, não era? Dividir os Kalovaxianos para que alguns me sigam e alguns ainda seguiriam meu pai?

— Era mais complicado do que isso. – eu digo. — E o resto do plano era matá-lo para iniciar uma guerra civil, caso você tenha esquecido. – Ele estremece.

— Não estou muito interessado nessa parte.

Balanço a cabeça. — Metade dos Kalovaxianos pensam que você é um traidor. A outra metade acha que você é fraco o suficiente por ser capturado por uma garota. Você se lembra do que Mattin disse no navio? Ele pensou que eu teria lançado um feitiço em você. Tenho certeza de que ele não é o único a sustentar essa crença.

Ele considera com a mesma intensidade silenciosa gravada em seus traços. — Há homens com quem luto há

anos que ainda podem ser mais leais a mim do que a meu pai. – diz ele. — Não custa nada escrever uma carta.

— Custaria se mostrar aos nossos inimigos onde estamos e o que estamos fazendo aqui. – indico. — Existe um preço pela minha cabeça, Søren, e se o Kaiser descobrir que estou aqui, acho que nem Etristo será capaz de me proteger, especialmente se ele descobrir que estamos planejando roubá-lo do meu dote.

— Podemos trabalhar por outros canais,– diz ele. — Envie as cartas através de vários mensageiros, para que não sejam rastreáveis.

— E ao que todo esse esforço nos levaria? Algumas dezenas de guerreiros? Ainda não será suficiente.

Ele fica quieto por um momento, mas a intensidade não desaparece do seu olhar.

— Eu só não quero que você precise fazer isso. – diz ele finalmente. — Eu não quero que você se case com nenhum deles.

— E eu aqui pensando que você gostasse do arquiduque. – eu digo, mantendo minha voz leve e provocadora. — Você o idolatra.

— Ele é um guerreiro brilhante. – concorda Søren antes de abaixar a voz. — Mas isso não significa que ele te mereça.

Suas palavras tiram o ar dos meus pulmões, me perturbando e me irritando ao mesmo tempo. A raiva vence, porque é muito mais simples.

— Eu não sou um prêmio a ser merecido. – digo a ele bruscamente. — O rei Etristo pode me tratar assim, mas eu esperava mais de você.

— Eu não quis dizer isso. – diz ele antes de suspirar. — Mas tem sido... difícil, vê-los brigar por você, mesmo sabendo que eles estão apenas lutando por um país distante, por

pedras preciosas, por dinheiro. Eu segurei minha língua, Theo, e não vou dizer mais nada depois disso, prometo, mas você precisa saber que isso está me deixando louco.

Por um longo momento, não consigo pensar em uma única coisa a dizer. Eu pensei que estávamos do mesmo lado nisso, que o que havia entre nós estava enterrado tão fundo que agora poderíamos simplesmente ignorar. Não gosto de me lembrar de quão recentemente pensei que estava me apaixonando por ele, e mesmo agora ele tem o poder de acelerar meus batimentos cardíacos, de virar meus pensamentos de cabeça para baixo.

Quando não respondo imediatamente, Søren se aproxima de mim, apertando meu braço. O cheiro de madeira flutuante ainda se apega à sua pele e, apesar de todas as razões que eu sei que não devo, eu me inclino para ele. Sua boca está tão perto que eu posso sentir o cheiro do café em sua respiração, tão perto que, se eu apenas inclinar minha cabeça, seus lábios encontrarão os meus. O desejo de fazer isso é esmagador, mas, em vez disso, coloco minha mão em seu ombro e empurre-o de volta. — Foi atuação, Søren. – digo em voz baixa, embora não consiga encontrar seu olhar. — Tudo isso. Eu vi você, sabia o que você queria e me tornei o que você aquilo. Mas nunca fui eu mesma. Aquela garota era apenas fumaça e espelhos.

Søren estremece antes que sua própria máscara se encaixe. Ele dá outro passo para trás, seus dedos soltando meu braço. A pele muito fria sem o toque dele, mesmo no calor de Sta'Criveran.

— Como eu disse antes, – diz ele, com as palavras nítidas, — voltarei a segurar minha língua.

Ele me deixa em pé sozinha no jardim. A raiva que senti por ele desaparece rapidamente, mas não sei como descrever

o sentimento deixado para trás. É como descer escadas e pensar que há mais um passo do que existe. Meu mundo inteiro parece subitamente descontrolado. Nada do que eu disse foi mentira - pode até ser a coisa mais honesta que já disse a Søren - mas as palavras ainda tinham um gosto errado.

TREINO

A espada balançando na direção do meu rosto está embotada, mas ainda vai doer muito se realmente me atingir. Abaixo a cabeça, jogando o braço para cima para me proteger. A lâmina bate com um baque surdo que, com certeza, deixará um hematoma.

— Ow – eu digo para Artemisia, empurrando sua espada para longe.

Estamos no meu quarto depois do almoço, finalmente tendo uma dessas lições que discutimos no Smoke. É difícil no meu quarto, com todos os seus móveis pesados e superdimensionados, mas conseguimos abrir um espaço grande o suficiente para nós duas nos movimentarmos. Não tinha ilusões sobre minhas habilidades com uma espada, mas esperava que Artemisia pelo menos fosse fácil comigo a princípio. Não tenho tanta sorte. Ela nem queria usar espadas de treino, embora eu esteja feliz por insistir - se nossas espadas fossem afiadas, ela já teria me matado. Estou no chão perto da lareira e ela está de pé sobre mim, uma mão no quadril, a outra ainda segurando sua arma como se fosse uma extensão do braço.

— Seu braço se foi agora. – diz ela, entediada. — Mas não o dominante, então suponho que tecnicamente você ainda tenha uma chance.

Uma chance. Eu poderia ter quatro braços e ainda não teria uma chance.

— Eu me rendo. – digo a ela. — Podemos começar do começo? Como ficar de pé? A maneira correta de empunhar?

Artemisia levanta uma sobrancelha desdenhosa. — Eu suponho que sim. – diz ela, com desdém escorrendo de cada palavra. — Levante-se.

Não é tão fácil quanto parece. Ela já deixou sua marca nas minhas pernas e no meu braço esquerdo, e todos os meus músculos gritam quando eu me levanto. Pelo menos ela trouxe um conjunto de roupas do Smoke para mim; Não tenho certeza de que conseguiria levantar uma espada em um dos meus vestidos rígidos e embelezados de Sta'Crivera. É mais fácil usar leggings e uma túnica, embora seja difícil imaginar que eu poderia lutar pior do que já luto.

— Pernas na largura dos ombros. – diz Artemisia, chutando a parte interna das minhas panturrilhas até que meus pés estejam suficientemente separados. — Um ligeiramente na frente do outro para equilíbrio.

Eu agradeço, embora me sinta um pouco ridícula. Artemisia me examina com um olhar crítico antes de me dar um empurrão firme com a mão livre. Eu balanço, mas consigo me manter firme. Ela assente.

— Bom o suficiente. – diz ela. — Agora levante a espada.

Eu faço e ela agarra minha mão, ajustando meus dedos. Mais uma vez, parece estranho, mas mais firme do que antes. É maior que o meu punhal e muito mais pesado, mas Art diz que é um bom tamanho para começar.

— Quando você estiver se defendendo, desejará cruzar seu corpo com sua espada. Digamos que o ataque vem de cima. – Ela move meu braço para que a espada fique acima da minha cabeça, paralela ao chão. — Então elas vão para a sua perna esquerda, – continua ela movendo a espada pelo meu torso até que esteja na frente da minha perna esquerda e levemente para o lado. — Atacar do lado de fora só

empurrará a arma do seu oponente para você - dificilmente o efeito desejado.

— Você não poderia ter me dito isso antes de me cobrir de hematomas?

Ela sorri. — Eu pensei que eles acrescentariam um pouco mais de peso à lição. Vamos novamente?

— Suponho que precisamos. – digo com um suspiro. — Você não vai me ensinar a revidar?

— Claro que vou. – diz Artemisia com um encolher de ombros. — Assim que você pegar o jeito de se defender. Um passo de cada vez.

Desta vez, eu consigo evitar alguns golpes antes que a espada dela bata no meu cotovelo com força suficiente para enviar uma sacudida de dor por todo o meu corpo. Eu largo minha espada e ela cai no chão.

— Sinto que você está gostando disso. – murmuro, segurando meu cotovelo dolorido.

Artemisia não nega, e seus olhos brilham quando ela pega minha espada para mim, passando-a para mim. — Minha mãe não era exatamente uma professora educada. Foi em grande parte uma questão de aprender com meus próprios erros.

— Bem, se suas habilidades são algum tipo de testamento, funciona. – eu digo. — Você é um dos melhores lutadores que eu já vi.

Pode ser a primeira vez que faço Artemisia sorrir de uma maneira que parece completamente genuína, sem zombaria ou sarcástica ou com o infortúnio de outra pessoa. É um sorriso pequeno e quebradiço, quase tímido, embora essa nunca tenha sido uma palavra que eu usaria para descrever Art.

— Minha mãe nunca soube o que fazer comigo. – ela admite. — Eu pensei que se eu pudesse me tornar boa o suficiente, forte o suficiente, ela ficaria orgulhosa de mim, embora eu ache que essa possibilidade morreu junto com o meu irmão. – O irmão dela, que morreu nas minas. O guarda que o matou foi a primeira pessoa que Artemisia matou, embora certamente não a última.

— Sinto muito. – eu digo.

Ela encolhe os ombros novamente, mas seus ombros estão tensos e o movimento parece afiado e violento. — Naquela época, eu parei de querer a aprovação da minha mãe de qualquer maneira, então chegamos a um impasse. – Ela franze a testa para mim. — Conversar não vai fazer você melhorar, você sabe. Vamos de novo.

Prefiro mantê-la falando, mas levanto minha espada e fixo minha postura, mesmo que meu braço esteja começando a tremer sob o peso.

Desta vez, quando ela bate, parece haver uma dose extra de poder por trás dela, e mesmo que eu a bloqueie, a força me faz dar um passo atrás. Ela não me deu a chance de me recuperar, combinando meu passo e balançando de novo, no meu quadril direito dessa vez. Eu o bloqueio, tropeçando outro passo para trás, mas meu pé se enrola na borda do tapete e eu caio de volta no chão, aterrissando com força nas costas.

— Isso ajuda? – Eu pergunto, voltando aos meus pés. — Bater em alguém em vez de falar? – Ela só olha para mim. — Você gostaria de tentar? Se você lutasse metade do que fala, estaríamos chegando a algum lugar.

Sinto meu rosto esquentar. — As rainhas devem falar melhor do que brigam. – eu indico. — Um dia, Astrea não estará em guerra e precisará de um líder.

— Melhor você do que eu. – diz ela. — Vamos de novo.

Eu gemo. — Eu preciso de uma pausa e um pouco de água. – eu digo. — Dez minutos.

Artemisia contrai os lábios. — Cinco. – diz ela, embora, misericordiosamente, abaixe a espada e se sente no sofá que foi empurrado contra a parede.

Eu ando em direção a minha bacia e despejo um copo de água para cada uma. Depois de passar um para ela, sento ao lado dela.

— Søren está sendo difícil. – As palavras abrem caminho mesmo que eu não pretenda realmente dizê-las. Sua confissão no jardim está pesando tanto em mim, e não há mais ninguém com quem eu possa falar sobre isso. Blaise e Heron estão fora de questão e a idéia de confiar em Dragonsbane é risível.

Tomo outro gole de água e continuo. — Eu pensei que estava tudo bem entre nós, mas ontem ele disse que não queria que eu casasse com outra pessoa porque ele ainda tem sentimentos por mim.

Artemisia toma um longo gole de água, olhando para mim por cima da borda da xícara.

— E? – Ela me pergunta quando termina, limpando as gotas deixadas no lábio superior com a manga. — Você espera que eu pergunte como você se sente sobre isso? Não posso enfatizar quão pouco me importo com seus sentimentos, Theo. – diz ela.

— Eu só estava falando. – eu digo, tentando esconder minha mágoa. — É o que os amigos fazem.

Ela dá uma risada. — Nós não somos esse tipo de amigos. – diz ela antes de olhar para mim, como se ela pudesse ver direto no meu coração. — Eu não sou ela, você sabe. Eu não sou sua amiga Kalovaxiana.

Artemisia sabe o nome de Cress, mas ela não diz isso em voz alta. Estou quase feliz que ela não tenha, porque acho que não seria capaz de manter uma expressão neutra. Mesmo agora, eu vacilo.

— Eu não disse que você era. – digo a ela. — Eu só quis dizer-

— A medida em que eu me importo com Søren é limitada ao seu uso para mim. – diz ela. — Se você quiser falar sobre alianças que ele possa ter com outros países ou informações que ele possa possuir sobre a estratégia de batalha Kalovaxiana, fico feliz em ouvir. Mas se você quer ser poética sobre os músculos ou os olhos dele ou qualquer bobagem que você achar bonito, eu recomendaria encontrar outra pessoa. Ou melhor ainda, guarde para si. Isso faz você parecer uma garota fraca de dezesseis anos de idade, e essa dificilmente é a imagem que você deseja apresentar àqueles que desejam uma liderança em você.

Suas palavras ardem e queimam através de mim. Coloco meu copo de água de volta e pego minha espada.

— Vamos de novo. – digo a ela.

Ela sorri e fica de pé, pegando sua própria espada. Eu ainda perco, mas desta vez eu consigo alguns golpes desleixados antes que ela me bata com força no ombro.

— É mais assim. – ela diz com um aceno satisfeito. — Vou ter que te irritar com mais frequência.

Eu bufo. — Não sei se isso é possível. – digo.

Somos interrompidos por uma batida forte na minha porta. Eu congelo, pânico correndo através de mim, mas Artemisia apenas ri.

— Relaxe. – diz ela. — Nós não estamos em Astrea. Não estamos fazendo nada de errado.

Eu sorrio levemente. — Ainda assim. – digo, — duvido que a luta com espadas seja a idéia de comportamento feminino do rei Etristo.

Ela balança a cabeça. — Deuses, fico feliz por não ter que estar perto dele com tanta frequência quanto você. Eu acho que o mataria.

Ela diz isso casualmente, mas não posso deixar de me perguntar o quanto ela é séria.

— Ele deve estar na casa dos oitenta. – digo a ela, atravessando a sala para atender a porta. — Não seria uma luta justa. – Abro a porta para encontrar uma ajudante esperando, vestida com um uniforme nas cores branca e laranja do rei, o que provavelmente custa mais do que ela faz em um ano. Seus olhos se arregalam quando ela vê minha própria roupa.

— Rainha Theodosia? – Ela pergunta, confusa.

— Sim, sou eu. – digo com um sorriso que espero que a tranqüilize, mas parece ter o efeito oposto.

Ela estende uma carta com mãos trêmulas, os olhos caindo para encarar o chão.

— De Sua Alteza, rei Etristo. – diz ela.

— Obrigada. – eu digo, pegando a carta.

Antes que eu possa perguntar se há mais alguma coisa, ela volta correndo pelo corredor.

— Coisinha assustada. – diz Artemisia atrás de mim. Eu a ignoro, abrindo a carta com minha unha mindinha. — Bem? – Ela pressiona.

Digitalizo a carta rapidamente - é muito curta. - “Querida rainha Theodosya” — ele escreveu meu nome errado – digo.

Ela encolhe os ombros. — Provavelmente não ele; Eu imagino que foi ditado.

Sei que é uma coisa pequena e não deveria me aborrecer, mas meu nome foi tirado de mim por dez anos. Agora que é meu novamente, vê-lo massacrado dói mais do que eu pensava. Eu continuo.

"Outro pretendente chegou na esperança de cortejá-la. Você vai encontrar o chefe Kapil das Ilhas Vecturianas no jantar hoje à noite."

— O chefe da Vectúria? – Artemisia pergunta, franzindo a testa. — Mas ele deve ter mais de cem anos. Talvez um dos filhos dele?

— Não é o que diz aqui. – digo a ela, franzindo o nariz. — Parece que é o próprio chefe.

Artemisia considera por um momento. — Bem. – diz ela finalmente. — Suponho que é um pouco como o garoto príncipe, não é? Duvido que o homem seja capaz de consumar, então você pode ter sorte lá fora. – Ela fala com uma cara séria, mas posso dizer que ela está segurando o riso. Pego um travesseiro pequeno em um dos sofás e o jogo nela. Mas é claro que ela se afasta agilmente, rindo ainda mais.

— Não que isso me faria muito bem de qualquer maneira. – eu digo. — A Vecturia não tem o tipo de recursos para enfrentar os Kalovaxianos. Especialmente depois da batalha, há algumas semanas, eles mal conseguem comprar comida suficiente, sem falar nos exércitos.

— O chefe também deve saber disso. – ressalta Artemisia. — Por que percorrer todo esse caminho e pagar tanto quando ele não tem chance?

— Eu não sei. – eu admito. — Mas acho que vou descobrir.

ASSASSINATO

Marial teve um tempo difícil cobrindo as marcas que meu treino com Artemisia deixou, mas agora elas são pouco visíveis, enterradas sob tantos cremes e pós que minha pele parece antinatural, como a de uma boneca pintada. Também coça terrivelmente.

— Pare de se mexer. – diz Dragonsbane enquanto caminhamos pelo corredor em direção ao pavilhão de refeições. — E pelo amor de Deus, tente se controlar ao redor do Imperador.

Minhas bochechas ficam quentes. — Erik é um amigo.

— Um amigo inútil. – ela responde. — Seria melhor gastar seu tempo fazendo novos.

Eu me forço a engolir uma réplica.

— O que você sabe do chefe vecturiano? – Pergunto a ela, para mudar de assunto. Ela zomba. — Ele é um velho tolo e vacilante. Você não quer se casar com ele.

— Não quero me casar com ninguém. – lembro a ela. — Mas farei o que for necessário para Astrea.

Dragonsbane olha de soslaio para mim, um sorriso surpreso puxando sua boca. — Boa menina. – diz ela antes de abrir a porta do pavilhão.

Ela não vê o efeito dessas duas palavras em mim. Ela não pode saber que eles eram as mesmas que o Kaiser costumava me dizer quando fazia algo que ele aprovava. Não é a mesma coisa, eu sei, mas parece um pouco semelhante.

Afasto a sensação e a sigo para o pavilhão à luz de velas, que parece quase o mesmo da noite anterior, com sofás e cadeiras arranjados com arte, inúmeros travesseiros pequenos, lanternas de papel penduradas no teto de tecido.

Os pretendentes também estão em seus lugares habituais, mas há mais deles agora. A imperatriz Giosetta está aqui hoje à noite, sentada em um canto com uma jovem garota com tranças. Há também alguns reis esstenianos ruivos, brigando sobre quem bebe o último gole de vinho da garrafa e discutindo com tanta ferocidade que eu me preocupo qual será o resultado disso. Erik e Hoa sentam-se juntos do outro lado da sala, ambos vestidos com suas vestes tradicionais de Gorakian, e um velho estranho com pele de cobre, cabeça careca e nariz de falcão sentado sozinho perto deles em um chiton marrom solto que parece semelhante à moda em Astrea, mas muito mais simples, sem a ornamentação ou a cor. Chefe Kapil, eu imagino. Ele é tão velho quanto Artemísia me levou a acreditar, mas ele não usa os anos da mesma maneira que o rei Etristo. Embora ele deva ser pelo menos uma década mais velho, há uma agitação em seus movimentos que o rei não possui.

Todos os pretendentes se levantam quando me veem, até o chefe Kapil, embora ele precise se apoiar fortemente na bengala para fazê-lo. O único que não se sustenta é o rei Etristo, que está cochilando em sua cadeira. Rezo aos deuses para que ele não acorde antes do fim da noite. Se eu tiver que ouvi-lo me chamar de minha querida hoje à noite, talvez eu acerte nele.

— Por favor, sentem-se. – eu digo, sorrindo para cada um deles. — Aqueles de vocês que estiveram aqui ontem à noite sabem que tudo isso é bastante casual - apenas uma oportunidade para nos conhecermos um pouco melhor para garantir que nossos interesses se alinhem. – Faço um gesto para Dragonsbane. — Minha tia e eu vamos passar um tempo com todo mundo, embora existam muitos de vocês e apenas uma de mim, por isso pode demorar um pouco. Felizmente, o

rei Etristo teve a gentileza de oferecer o que parece ser uma deliciosa porção de comida e muito vinho.

O rei Etristo se mexe por um segundo ao som de seu nome antes de voltar a dormir. Há um pouco de riso disso, e Erik levanta seu copo de vinho.

— Saúde – ele diz para mim.

— Vamos cumprimentar o chefe Kapil primeiro? – Pergunto Dragonsbane. — Ele é o único que eu não conheci. — Não, não. – diz ela, acenando com a mão. — Começaremos pelos mais importantes. Venha, digamos olá para a imperatriz.

Eu a sigo sem reclamar. Embora prefira conhecer o chefe e descobrir por que ele veio até aqui, também estou curiosa para falar mais com a imperatriz Giosetta.

Quando seguimos em direção a ela, a imperatriz sorri e se levanta, a jovem fica de pé um segundo depois. Elas estão usando vestidos combinando de seda azul-petróleo que caem elegantemente sobre um ombro, deixando o outro nu em um estilo semelhante ao dos vestidos Astreanos. Mas, embora os vestidos astreanos sejam soltos e leves, estes são mais justos e embelezados com tanta força que se parecem mais com armaduras do que vestidos. O cabelo da imperatriz está solto e solto em ondas marrons que foram enroscadas com jóias.

— Rainha Theodosia. – ela me diz com uma reverência que a garota tenta imitar. Permita-me apresentar-lhe minha filha e herdeira, Fabienne.

Eu sorrio para a garota, que sorri de volta para mim. — Prazer em conhecê-la – digo a ela antes de apresentar minha tia. — Eu estava ansiosa para falar com outra governante do sexo feminino. – digo à Imperatriz quando estamos todas sentadas.

Ela ri. — Sim, é esmagadoramente masculino aqui, não é? – Ela pergunta. — Acho que é isso que nos tornaria uma excelente partida. Ouso dizer que te respeito muito mais do que qualquer outra pessoa aqui.

— Não duvido disso. – digo a ela. — Embora eu tenha perguntas.

A imperatriz sorri. — Você gostaria de saber se a nossa parceria seria de natureza romântica? – Ela adivinha. Concordo com a cabeça, olhando incerta para Fabienne, que não parece perturbada. — Bem, eu sou atraída por homens e mulheres igualmente.

— Oh. – eu digo. — Eu não sou.

— Pena. – diz ela. — Mas nunca tive problemas para encontrar o amor e ficaria mais do que feliz em concordar com uma parceria platônica, se for o caso.

Sorrio e aceno com a cabeça, mesmo que a verdade seja que, mesmo que ela se contentasse em não se deitar comigo, duvido que ela fosse tão compreensiva se eu pedisse para manter o único reinado sobre Astrea. - Dragonsbane se levanta, alegando que precisamos visitar outros, e eu concordo, dizendo adeus educados a Giosetta e Fabienne.

—

Dragonsbane me surpreende. Em vez de me levar em direção ao arquiduque Etmond ou aos reis esstenianos ou ao czar Reymer, como eu espero que ela faça, ela se volta para o chefe Kapil. Ele parece tão surpreso quanto eu quando nos vê vindo em sua direção. Ele faz um esforço para pegar sua bengala, mas eu o paro.

— Realmente, não há necessidade, chefe Kapil. – digo, sentando-me em frente a ele. — Não gosto muito de reverências e posso ficar sem outra.

O alívio é evidente em seus olhos quando ele segura a minha mão, beijando as costas dela.

— É um prazer conhecê-la, rainha Theodosia. Ouvi falar bastante de você, sinto que já nos conhecemos.

Há aquela sensação desconfortável novamente. Ele ouviu muito sobre mim, mas não sei nada sobre ele além de seu nome. Mas, ao contrário dos outros, ele não me olha com pena.

— Você é uma jovem corajosa. – diz ele, me surpreendendo. — E eu entendo que lhe devo minha gratidão.

Demoro um momento para entender pelo que ele está me agradecendo - interferindo quando os Kalovaxianos invadiram a Vectúria.

— Sinto muito por não poder fazer mais. – digo a ele. — Eu ouvi sobre a queima das lojas de alimentos do seu país. Como está o seu povo?

Seu rosto escurece, mas ele balança a cabeça. — A vectúria enfrentou pior que a fome; ela sobreviverá.

Talvez a Vecturia sobreviva, mas nem todo o seu povo sobreviverá. E Søren deu essa ordem. Eu posso ter perdoado muitos dos pecados dele, mas alguns pecados não são meus para perdoar.

— Eu gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer. – digo a ele. — Pah. – diz ele, apoiando-se nas costas do sofá. — Estou mais preocupado com o que posso fazer por você. – Eu engulo, desconfiada de onde isso está indo. Ele tem idade suficiente para ser meu avô, e uma aliança com a Vecturia não seria suficiente para retomar a Astrea.

— Eu não posso casar com você. – digo a ele o mais gentilmente possível.

Ele ri baixinho e dá um tapinha na minha mão com a dele, manchada de fígado. — Eu sei, Majestade. – diz ele. — Nem todos os homens velhos procuram noivas crianças para recuperar a juventude perdida. Minha juventude foi bem gasta, mas já se foi há muito tempo. Não tenho desejo de roubar você.

— Por que você está aqui, então? – Dragonsbane interrompe.

Ele não olha para ela, toda sua atenção está focada em mim.

— Eu precisava conhecer você. – diz ele. — Eu precisava te olhar nos olhos e dizer que sinto muito por a Vecturia não ter ajudado Astrea quando os Kalovaxianos atacaram. Vou gastar o que resta da minha vida expiando esse erro. Sou grato por você ser mais corajosa e gentil do que eu fui.

— Foi a jogada certa, estrategicamente. – digo a ele, desconfortável com a maneira como ele está me olhando, como se eu fosse uma espécie de salvadora. Eu não estou.

— Então foi corajosa, gentil e sábia também. – diz ele com um sorriso. — Não desejo me casar com você, rainha Theodosia, mas você tem uma aliança com a Vecturia, se assim desejar. Você tem nossos exércitos, por mais escassos que sejam.

Não preciso consultar Søren para saber que eles são escassos. Forte o suficiente para derrotar uma facção de guerreiros Kalovaxianos enquanto aproveita o solo Vecturiano, mas não forte o suficiente para encenar um ataque. Ainda assim, o gesto significa mais para mim do que posso expressar em palavras.

—

O chefe Kapil se despede logo depois - seu país não pode se dar ao luxo de passar mais de uma noite em Sta'Crivero.

Lamento que ele tenha gastado qualquer quantia em dinheiro para uma conversa tão curta, mas ele não ouviu nada disso. — Nós entraremos em contato. – ele promete, levantando minha mão aos seus lábios para um breve beijo.

Acho que estou triste por vê-lo partir. Quando ele o faz, vou para o arquiduque Etmond, e Dragonsbane não tenta me levar a outro lugar. Ela aprovaria a partida, tenho certeza. Etralia é um país rico, com uma forte presença militar. O fato de a companhia dele não me sufocar é apenas um bônus, suponho.

— Eu esperava ter a chance de falar com você hoje à noite, Majestade. – diz o arquiduque Etmond, com a voz baixa. — Receio que toda essa provação seja... bem, é cansativa para mim e tenho certeza que é duplamente para você.

Eu sorrio levemente. — É esmagador. – eu admito.

Seu sorriso fica um pouco mais fácil. — Meu irmão me enviou aqui. – ele admite. — E eu acho que ele quis dizer isso mais como uma brincadeira do que qualquer coisa. Eu não sou... nunca fui muito bom em conversar com pessoas, sabe. E as mulheres... - Ele para, balançando a cabeça. — Tenho certeza que ele acredita que voltarei sem graça e rejeitado.

Ele não diz isso como se estivesse procurando por piedade. Ele está apenas declarando um fato simples. Antes que eu possa dizer algo para acalmar sua mente, ele continua.

— Mas... eu estaria certo ao supor que você não está procurando um parceiro romântico? – Ele pergunta.

Ao meu lado, Dragonsbane fica parada. Eu a ignoro. Em vez disso, me aproximo do arquiduque.

— Sim. – eu digo a ele. — Você está certo. Se o casamento for ser a única maneira de tomar Astrea de volta, então farei o que for preciso.

Pela primeira vez desde que o conheci, o arquiduque segura meu olhar, assentindo uma vez antes de desviar o olhar. — Acredito que podemos nos ajudar. – diz ele, abaixando a voz. — Você precisa de um exército para derrotar os Kalovaxianos. Eu tenho um exército.

— Seu irmão tem um exército. – interage Dragonsbane. O arquiduque balança a cabeça. — Meu irmão usa a coroa, mas seu exército me escuta. Ele sabe disso tão bem quanto qualquer um; ele está contente com o arranjo. Afinal, raramente temos necessidade do nosso exército. Não travamos guerras há anos. Eu posso conseguir tropas para lutar por você.

— Quantos? – Eu pergunto a ele.

— O bastante. – diz ele.

Tento manter minhas expectativas sob controle, mas uma esperança estúpida entra no meu peito de qualquer maneira.

— E o que você precisaria em troca? – Pergunto a ele. — Soberania sobre Astrea?

Ele balança a cabeça. — Não não. Nada como isso. A idéia de que eu possa herdar Etralia se meu irmão não produzir um herdeiro já é um horror. Não. Vários anos atrás, o Theyn veio visitar Etralia e meu irmão presenteou-o com meu jogo de xadrez favorito. Séculos de idade, esculpida em ônix e osso.

Lembro-me do jogo de xadrez. Vi isso muitas vezes quando visitei Crescentia; foi mantido em uma prateleira como uma decoração, nunca usado de verdade. — Meu irmão deu a ele para me irritar – continua o arquiduque. —

Mas sempre lamentei a perda disso. Entendo que o Theyn está morto agora.

— Você quer que seu xadrez seja devolvido. – diz Dragonsbane lentamente, descrença pontuando cada palavra.

— Uma herança de família. – diz ele. — É mais precioso para mim do que qualquer coisa. – Ele se endireita, um sorriso tímido puxando o canto da boca. — E além disso, já se passaram muitos anos desde que Etralia travou uma guerra. Parece que isso pode representar um desafio bastante interessante.

Troco um olhar cético com Dragonsbane antes de assentir. — Acho que podemos concordar com essa parceria. – digo a ele.

Ele sorri amplamente e aponta para uma garçonete carregando uma garrafa de vinho. É a mesma garota nervosa que entregou a mensagem do rei antes. Ela está ainda mais à vontade aqui, suas mãos tremendo enquanto ela serve dois copos de líquido vermelho rico. Dragonsbane a acena antes que ela derrame um terço, já que seu copo ainda está meio cheio. Quando o arquiduque me passa um copo, forço um sorriso. Na verdade, eu sei que não posso beber mais nada. Eu não comi a noite toda porque o vestido é muito restritivo e já posso sentir o pouco de vinho que bebi chegando a mente.

— Para novos amigos. – diz o arquiduque Etmond, levantando o copo na minha direção.

Eu levanto meu copo para encontrar o dele, mas quando ele toma um gole, eu apenas finjo. É tudo o que posso fazer para não me levantar e gritar de alegria. Quero jogar meu vinho na cara do rei Etristo e dizer exatamente o que penso dele. Eu quero dançar até meus pés sangrarem. Pela primeira

vez em muito tempo, a esperança em mim não é uma coisa frágil. Está ficando mais firme, mais ousada.

Abro a boca para agradecer ao arquiduque, mas antes que eu possa pronunciar as palavras, uma expressão confusa se instala em seu rosto. Suas mãos se erguem para agarrar sua garganta e seus olhos se arregalam e entram em pânico. Ele se levanta, batendo em nossa mesa e enviando nossos dois copos para o chão, depois cai ao lado deles. Todo mundo está de pé, mas minha mente ainda é um borrão confuso. Dragonsbane agarra meu pulso, seus dedos cavando dolorosamente minha pele enquanto ela me afasta.

— Se afastem! – Uma voz grita, rompendo o murmúrio em pânico. Coltania corre em sua direção, movendo-se surpreendentemente rápido em seu vestido pesado. Ela cai sem graça ao lado dele, rolando-o de costas e sentindo seu peito. — Ele não está respirando, vou ter que fazer isso por ele.

Ela se inclina sobre o arquiduque, fixando os lábios nos dele no que parece a princípio um beijo, mas não é. Suas bochechas incham, depois as dele antes que ela se afaste e faça novamente.

Afasto meu braço das garras de Dragonsbane e me movo em direção a ele, horror correndo através de mim quando a pele do arquiduque assume uma tonalidade roxa. Sinto que estou caminhando através de um sonho, minha mente incapaz de compreender o que está acontecendo diante dos meus olhos.

— Theo. – diz uma voz, cortando a névoa. Erik fica na minha frente, bloqueando o arquiduque da minha vista. Ele agarra meus ombros, me sacudindo de leve, mas eu mal sinto. Eu quase não sinto nada. — Theo, você precisa daqui. É veneno e pode haver mais. O vinho - você bebeu?

Eu encontro minha voz. — Não. – eu digo, embora não pareça comigo mesma. — Eu não bebi nada.

Erik assente, parecendo aliviado. — Precisamos tirar você daqui até que seja seguro.

Eu finalmente arrasto meus olhos para os dele e percebo o que ele não está dizendo. Veneno, mas talvez não seja para o arquiduque. Ele não é o único com um milhão de peças de ouro na cabeça. Ele não é o que o Kaiser quer vivo ou morto. Erik engole, os olhos arregalados. Nós dois sabemos muito bem que o Kaiser sempre consegue o que quer, mais cedo ou mais tarde, e que nenhum decreto do rei Etristo pode impedi-lo.

Sem esperar por uma resposta, Erik me leva para fora da sala e pelo corredor, deixando o clamor de pânico atrás de nós.

PROTEGER

A volta ao meu quarto passa em um borrão de choque. Eu nem me lembro da carona no elevador. Tudo o que estou ciente é do meu batimento cardíaco irregular batendo nos meus ouvidos. Quando chegamos ao meu quarto, minha mente está voltando lentamente para mim, como dedos da luz do sol através de uma floresta densa.

— Ele está morto, não está? – Pergunto a Erik, embora minha voz pareça distante.

Ele permanece incerto na porta. — Talvez a irmã do chanceler o tenha salvado. – diz ele, mas acho que nenhum de nós acredita nisso. Nós dois vimos o rosto do arquiduque ficar roxo, e Coltania disse que ele não estava respirando. Quando vi o Kaiserin cair da janela após o Maskentanz, havia uma parte estúpida e esperançosa de mim que acreditava que ela havia sobrevivido, até que vi o rosto dela. Mas, como confiança, esperança estúpida é algo que não posso mais ter. É só então que percebo como Erik também está abalado. Ele é bom em esconder isso - suponho que já tenha visto a morte com frequência suficiente no campo de batalha. Mas isso é diferente; o palácio deveria estar seguro. Se o Kaiser pode me encontrar aqui, existe algum lugar verdadeiramente seguro, desde que ele respire?

Pode não ser o Kaiser, no entanto. A sala estava cheia de membros da realeza, cada um com seus próprios conflitos e inimigos. O veneno não era necessariamente para mim. Mas, mesmo pensando nisso, o rosto do Kaiser aparece em minha mente e sinto seu hálito quente e bêbado na minha pele. Cinco milhões de peças de ouro para mim vivo, mas um milhão de mortos. Um milhão ainda é suficiente.

— Eu devo ficar um pouco, até sabermos que a ameaça está contida. – diz Erik. De repente me pergunto se ele sabe da recompensa.

Por um instante traiçoeiro, me pergunto se posso confiar nele, mas rapidamente bani o pensamento. Se Erik fosse leal ao Kaiser, ele não teria me levado de volta ao meu quarto. Ele teria aproveitado o caos e me tirado de Sta'Crivero. Ele teria levado as cinco milhões de peças de ouro.

Eu afundo no sofá, o material rígido do meu vestido esmagando debaixo de mim. — Eu gostei dele. – digo a Erik. — Pelo menos gostei mais dele do que dos outros. Ele era ... estranho, mas ele era gentil. Ele não olhou para mim como se eu fosse um assado esculpido na mesa para ele. E ele apenas... ele apenas me ofereceu seu exército. Sem amarras, sem cortes na magia, sem casamento, apenas um jogo de xadrez que eles tinham.

É só depois que digo as palavras que percebo que já estou usando o tempo passado.

Erik balança a cabeça, desviando o olhar de mim. — Com o poder do exército da Haptan, poderíamos ter exterminado os Kalovaxianos em um mês.

Um mês. Meu coração bate no meu peito. Em um mês, eu poderia estar de volta a Astrea, sentada no trono de minha mãe. Em um mês, meu país teria sido libertado e eu teria feito o Kaiser pagar por tudo o que ele havia feito conosco. Tudo o que eu sempre quis estava tão perto de estar ao meu alcance, apenas para ser puxado para longe.

Fecho os olhos, mas não há como esconder as lágrimas que vêm. Pressiono as palmas das mãos nos olhos e deixo os soluços passarem por mim. *Você está chorando por sua própria perda enquanto um homem está morto*, eu me repreendo.

Você é tão egocêntrica quanto o Kaiser. Isso só me faz chorar mais.

Erik está perplexo - imagino que ele não tenha visto muitas mulheres chorando durante o treinamento - mas depois de um momento, ele estende a mão para dar um tapinha nas minhas costas sem jeito. Ainda assim, sou grata por sua tentativa.

Do lado de fora da porta, passos trovejam, seguidos por gritos de pânico. Todo o palácio deve estar em alvoroço.

— Você tem uma arma? – Erik me pergunta, sua voz baixa. Ele não tira os olhos da porta.

Eu aceno, levantando-me e cruzando para a minha cama. Enfiei minha adaga embaixo do colchão, mas agora a puxo para fora, mostrando a Erik, que a observa de maneira avaliadora.

— Muito bonita– diz ele. — Você sabe como usá-la?

Penso nas minhas lições mais cedo com Artemisia, mas de repente tudo isso parece muito distante. Era uma lâmina de tamanho diferente e nem era afiada. O pouco que consegui aprender em uma única lição de repente parece inútil - Erik está perguntando se posso me defender se formos atacados. Isso não é brigar com lâminas longas embotadas, é a vida e a morte.

— Você deveria pegá-la – digo a ele, passando para ele e retomando meu assento no sofá.

Ele vira a lâmina com as mãos, passando os dedos sobre o cabo de filigrana.

— É tão delicado - acho que provavelmente vou cortá-la ao meio se tentar usar.

Meu sorriso balança. — É mais forte do que parece. – eu digo.

Mais passos ecoam no corredor do lado de fora, mas desta vez eles não param. Erik está de pé entre mim e a porta, a lâmina pronta; No momento em que a porta se abre, ele se afasta.

Søren lidera a investida na sala, com Blaise, Heron e Artemisia nos calcanhares. Quando me vêem, todos soltam um suspiro coletivo de alívio.

— Ouvimos dizer que alguém foi envenenado no jantar, – diz Blaise, ofegante. — Nós pensamos…

Ele não termina, mas não precisa.

— Foi o arquiduque Etmond. — digo, recontando tudo o que aconteceu.

Søren engole, seus olhos encontrando os meus. — Isso não faz sentido. — diz ele calmamente. — Haptania não tem muitos inimigos, e mesmo que tivessem, matar Etmond não faria muito bem a ninguém. E se alguém o quisesse morto, seria mais fácil fazê-lo em Haptania, mesmo durante os meses que ele passa no quartel. A segurança de Sta'Crivero é maior.

— Ninguém disse nada sobre ele ser assassinado. — diz Heron, levantando as mãos. — Não devemos tirar conclusões precipitadas: Poderia ter sido de causas naturais.

— Ou o veneno foi feito para Theo. — diz Artemisia. — Ela é a única com um preço na cabeça.

Erik franze a testa, olhando deles de volta para mim. — Quem são essas pessoas? – Ele me pergunta.

— Oh, certo. – eu digo, percebendo que Erik nunca havia conhecido Heron, Art ou Blaise, embora eles o vissem de longe. Faço apresentações rápidas e explico o que Erik está fazendo no Sta'Crivero.

— O veneno é novo para mim. – Erik diz a Heron quando eu terminar. — Mas eu sei o que vi, e não havia nada natural nessa morte.

Os olhos de Heron se arregalam, mas ele dá um aceno solene.

— E não consigo imaginar que ele fosse destinado a Etmond. — diz Søren, olhando para mim. — Artemisia está certa. De todos na sala, você é o alvo mais provável.

— Todos na sala são importantes em seu país, — digo, embora minha voz trema. — Importantes, sim, — diz Artemisia. — Mas ninguém mais teve sérias ameaças contra eles, muito menos uma recompensa em suas cabeças.

— Podemos não saber quem entregou o veneno, mas sabemos quem deu a ordem. — diz Blaise em voz baixa.

Embora eu não tenha comido nada no jantar, meu estômago ainda dá voltas e reviravoltas, minha mente nadando em pensamentos que eu não posso - não posso - divertir. Eu pensei que estava segura aqui, pensei que estava finalmente além do alcance do Kaiser, pensei que ele nunca seria capaz de me tocar de novo. Era uma esperança tola e agora um homem está morto por causa disso. Por minha causa.

—

Não é até depois da meia-noite que uma batida aguda e oficial soa na porta. Todos nós ficamos tensos demais para conversar, embora Artemisia tenha insistido em aproveitar ao máximo esse tempo e praticar um pouco mais. Foi especialmente divertido, com todo mundo assistindo e adicionando suas próprias críticas à minha postura e técnica, mas pelo menos isso distrai meus nervos.

Ao som da batida, todos ficam em alerta, com as armas sacadas. Artemisia troca sua espada de treino pela real.

— Canto dos fundos da sala. – Blaise diz para mim, e corro para me esconder, meu coração batendo forte no peito, embora eu perceba, logicamente, que um assassino não se incomodaria em bater.

Com certeza, quando Heron abre a porta, é apenas um dos guardas do rei. Mesmo ele parece nervoso, porém, os olhos correndo pela sala como se esperassem um ataque a qualquer momento.

— Rainha Theodosia. – diz ele, olhando para mim. Se ele acha estranho eu estar encolhido no canto, ele não mostra. — A ameaça foi garantida. Se você se juntar ao rei Etristo na sala do trono, poderá ver o demônio por si mesmo.

INTERROGATÓRIO

O guarda me leva até a sala do trono; Søren, Erik e minhas sombras seguem meus calcanhares. Devo estar ficando cansada de toda a opulência de Sta'Criveran, porque as paredes com afrescos, o piso de mármore e os lustres de ouro ornamentados da sala mal se registram em minha mente. Tudo o que vejo é o trono no centro, tão grande e volumoso que, a princípio, nem percebo a estrutura frágil do rei Etristo. Ele praticamente desaparece na almofada de veludo.

Eu ando pelo corredor entre as filas de assentos, sentindo os olhos dos pretendentes em mim quando passo. Devemos ser os últimos aqui, porque todos os assentos na câmara de audiência estão ocupados, exceto algumas cadeiras na frente e uma com a delegação gorakiana que Erik ocupa. O que essas pessoas estão procurando? Luto? Medo? Embora eu sinta essas duas coisas, estou praticamente entorpecida. Todos parecem cautelosos e desconfiados, como se quem envenenou o arquiduque estivesse sentado ao lado deles. Um pensamento aterrorizante que eu tento descartar.

O guarda nos leva até a primeira fila de cadeiras e nós nos sentamos, Søren de um lado e Artemisia do outro.

— Aí está você, minha querida. – diz o rei Etristo com seu habitual sorriso condescendente. Ele se senta um pouco mais reto em seu trono. — Fico feliz em dizer que pegamos a pessoa responsável pelo assassinato do arquiduque.

Assassinato. Então ele está morto. Qualquer pedaço de esperança eu tenha me apegado morre. Eu não o conhecia o

suficiente para realmente lamentá-lo, não depois de todo mundo que foi tirado de mim, mas ainda sinto a morte dele como um forte golpe entre minhas costelas. Embora eu me odeie por isso, lamento mais a perda de sua promessa. Eu lamento o quão perto eu cheguei de recuperar Astrea, apenas para que ela fosse arrebatada mais uma vez.

— Quem foi o responsável? – Pergunto. O rei Etristo bate palmas duas vezes. Um guarda diferente entra pela porta atrás do trono, escoltando uma garota algemada. Demora um momento para eu reconhecê-la como a atendente de mais cedo, a pessoa com medo que entregou minha carta apenas esta tarde, que serviu o vinho para o arquiduque e para mim. Seus olhos estão ainda mais aterrorizados agora, vagando rapidamente pela sala, procurando um rosto amigável. Ela não encontra um.

Eu limpo a garganta e olho para o rei Etristo. — É claro que confio em seu julgamento, Alteza, mas que má vontade essa garota poderia carregar em relação ao arquiduque?

O sorriso do rei é sombrio. — Isso, minha querida, é precisamente o que estamos aqui para descobrir. – Ele se vira para onde o Chanceler Marzen e sua irmã estão sentados. — Salla Coltania – diz ele. — Eu soube que você nos trouxe soro da verdade da Oriana.

Coltania se levanta de seu lugar ao lado de seu irmão na fila atrás de mim. Seu rosto está pálido e sua expressão é tensa. — Sim, Alteza. – diz ela, a voz vacilante. — Sempre o mantemos à mão durante a viagem, caso seja necessário descobrir se algum estranho nos causa danos. É claro que nunca esperamos algo assim. — Nenhum de nós esperava, minha querida – ele diz com um suspiro antes de gesticular para a frente. — Vou deixar que você administre, já que você é a profissional.

Coltania dá um passo em direção à garota com um frasco na mão e a garota imediatamente começa a lutar contra o guarda segurando as mãos amarradas - como se houvesse alguma maneira de ela fugir. Penso em Elpis em uma situação semelhante. Elpis não merecia o que estava naquele frasco, e essa garota merece. Não a matará, apenas trará a verdade. Por que ela lutaria tanto se não tem nada a esconder?

Coltania força a poção na garganta e a luta deixa o corpo da garota. Ela se recosta no guarda que a segura, piscando incerta.

— Vai demorar um minuto para funcionar. – diz Coltania ao rei Etristo.

Se realmente é apenas um minuto, prolonga-se pelo que parece uma eternidade. Finalmente, Coltania fala novamente, desta vez com a garota.

— Por favor, diga seu nome. – diz ela.

A garota engole, parecendo que está saindo do transe. — Rania. – diz ela calmamente.

Coltania inspeciona as pupilas da menina e mede o pulso no pulso antes de acenar para o rei Etristo. — Você pode prosseguir. – diz ela.

O rei Etristo se inclina para frente, olhos na menina. — Você envenenou a comida do arquiduque? – Ele pergunta.

— Não. – ela diz, parecendo sonhadora e distante, como se estivesse do outro lado de uma parede de vidro. — Eu envenenei o vinho.

Um murmúrio percorre todos reunidos, até minhas sombras. — Afinal, bebi o vinho - todo mundo bebeu.

— Com o quê? – Pergunta o rei Etristo.

Os olhos da garota disparam pela sala antes de aterrissar no rei mais uma vez, lutando para manter o foco. — Com veneno. – diz ela, parecendo confusa. — Não sei de que tipo,

é o que me foi dado. — Dado por quem? – Pergunta o rei Etristo.

Ela engole. O soro da verdade deixa-a trêmula e ela cambaleia de um lado para o outro, sustentada pelo guarda. — O Kaiser. – diz ela. — O Kaiser enviou, com pagamento.

Mais murmúrios, mas desta vez estou entorpecido com eles. Não é mais do que eu esperava, mas ouvir a confirmação dela parece que todo o ar foi sugado para fora da sala. Quase não ouço o que ela diz a seguir.

— Ele não para. – diz ela, a voz começando a tremer. — Ele não vai parar até que ela esteja morta. – Ela levanta as mãos algemadas e aponta para mim.

O chão cai embaixo de mim e eu quase caio da minha cadeira, mas a mão de Artemisia no meu braço me ancora.

A garota balança mais forte até que o guarda luta para mantê-la de pé. Sua cabeça balança de um lado para o outro.

O rei Etristo olha para Coltania. — Isso é normal? – Ele pergunta. Coltania está confusa. Ela dá um passo em direção à garota e a agarra com força pelo queixo, abrindo o queixo. As palavras que ela murmura baixinho não são as que posso traduzir, embora tenha certeza de que são maldições.

— A língua dela está preta. Cuspa! - ela comanda, sua voz aguda.

A garota pisca em confusão antes de fazer o que mandou e cuspir no chão. O espeto é de alcatrão preto, mas há algo mais lá também. Coltania se agacha, tocando o espeto e esfregando um pouco entre os dedos. Ela segura perto do olho.

— Estilhaços de vidro. – diz Coltania, limpando o espeto na bainha do vestido. Ela olha para o rei Etristo. — Uma pílula de veneno que ela deve ter tomado desde antes de

você a prender. Dado a ela para aceitar se for interrogada. – explica ela.

Então, por que ela apenas pegou? Por que ela não aceitou assim que os guardas a prenderam?

Antes que eu possa seguir essa linha de pensamento, a voz do rei Etristo penetra no ar em um grito de pânico. — O que você está esperando? Salve-a.

Coltania olha para a garota e balança a cabeça tristemente. — Não posso. – diz ela. — Ela estava morta no momento em que quebrou a cápsula. Não há cura. Ela só tem um momento e não ficará lúcida para isso. Não há nada a fazer senão deixá-la.

Espuma preta começa a sair da boca da garota e ela afunda contra o guarda, tremores balançando através dela. Eu gostaria de poder perguntar a ela por que ela fez isso, se era apenas o dinheiro ou se havia malícia lá também. Eu gostaria de entender que novo jogo o Kaiser está jogando do seu trono no oceano. Mas a vida já está deixando seus olhos e não consigo ver outra pessoa morrer.

Faço uma oração silenciosa aos deuses e me levanto, meus conselheiros seguindo um segundo depois. Começo a sair da sala, mas a voz do rei Etristo me impede.

— Só um momento, minha querida. – diz ele, embora não haja doçura enjoativa em sua voz agora. Em vez disso, ele parece zangado e em pânico, como um animal encurralado. Distante, eu sei que é isso que o torna perigoso, mas me forço a voltar para ele.

— Sim, Alteza? – Eu digo.

Em vez de responder, o rei se inclina em direção a seus guardas e murmura algo que não consigo entender, gesticulando em minha direção antes de se levantar. Quando ele sai da sala do trono, os guardas vêm em nossa direção.

Percebo apenas um instante tarde demais que eles sacam suas armas.

— Prinz Søren, pela ordem do rei Etristo, você está preso pelo assassinato do arquiduque Etmond.

Sem pensar nas armas sacadas ou nos pretendentes ainda presentes, passo entre os guardas que se aproximam e um Søren chocado.

— Prinz Søren não foi responsável pelo envenenamento do arquiduque. — digo, enunciando cada palavra com cuidado para que toda a sala do trono possa me ouvir. — Se Søren quis me matar, ele teve muitas oportunidades para fazê-lo. – eu digo. — Ele não usaria algo tão covarde como veneno e, se o tivesse, tenho certeza de que ele teria conseguido me matar adequadamente.

Dificilmente parece uma defesa sólida, mesmo para meus próprios ouvidos.

— Eu vou de bom grado. – diz Søren calmamente, sua mão descansando no meu ombro. — Não fiz nada errado e tenho certeza que o rei Etristo verá isso.

Ele se move em direção aos guardas, com as mãos levantadas e claramente visíveis. Antes que eu saiba o que estou fazendo, estendo a mão e agarro sua mão, forçando-o a voltar-se para mim. Só então lembro que não estamos sozinhos e que há uma dúzia de pretendentes assistindo que lerão demais em um simples toque. Afasto minha mão rapidamente e a deixo cair ao meu lado.

— Vou tirar você de lá. – digo a ele em voz baixa. — Eu fiz uma vez, vou fazer de novo.

O sorriso de Søren é frágil, mas ele pelo menos finge acreditar em mim quando os guardas batem algemas de jóias nos pulsos e o arrastam para longe.

PRISÃO

— Ele faz parte do meu conselho. – digo ao rei Etristo, lutando para passar as palavras pelos meus dentes cerrados. — Quando você me prometeu proteção, tive a impressão de que essa proteção se aplicava a toda a minha parte.

De seu lugar atrás de sua grande mesa de mármore, o rei Etristo mal me olha. Ele dá um suspiro sitiado e revira os olhos para o céu. É pouco respeitoso, mas ele não me vê como igual, mas como corpo feminino que fala muito mais do que o estritamente necessário. Ele nem se encontrou comigo até depois do café da manhã, o que significa que Søren está preso em uma cela de Sta'Criveran por oito horas.

— Como já expliquei várias vezes, minha querida, não posso garantir segurança àqueles que violam as leis de Sta'Crivero. Você não considera assassinato contra a lei em Astrea?

O calor penetra na minha pele até minhas mãos começarem a ficar quentes. Eu os cerro em punhos ao meu lado, embora isso faça pouco para abafar o calor. O calor que corre em minhas veias fica mais quente cada vez que ele diz as palavras, minha querida. Eu me forço a respirar fundo. Nada como os lençóis chamuscados aconteceu desde que saímos do navio - apenas o calor ocasional em minhas mãos e braços - e quase consigo me convencer de que imaginava a coisa toda, mas em momentos como esse sei que não. Sinto o fogo dentro de mim e sei que se sair agora... não posso deixar.

— Claro que sim. – eu digo, forçando minha voz a ficar calma e nivelada. Olho para Heron, Blaise e Artemisia em pé atrás de mim antes de voltar para o rei. — Mas uma acusação

tão séria exige provas e você não forneceu nenhuma além da linhagem dele. Se esse é um motivo suficientemente bom para aprisionar alguém, estou surpreso que suas prisões não estejam transbordando.

O rei Etristo coloca os dedos em cima da mesa e na pilha de papéis que eu suspeito que ele estivesse apenas fingindo ler para me evitar. Enquanto falamos, Salla Coltania está instruindo meus farmacêuticos a fazer outro rascunho do soro da verdade. — Entendo que o processo pode levar algum tempo. – diz ele. — Se isso limpar o nome dele, eu o libertarei com minhas mais humildes desculpas, mas devemos ter muito cuidado com sua segurança, minha querida. Especialmente porque, pelo que entendi, ele estava passando algumas noites no seu quarto.

A implicação em sua voz me faz corar e fico feliz que minhas sombras sejam as únicas que o escutam, embora tenha certeza de que algumas fofocas já tenham se enraizado, sem dúvida ajudadas por minhas próprias ações na sala do trono. Coloquei-me entre Søren e os guardas armados, afinal.

— Duas noites. – digo antes de gesticular para minhas três sombras. — Junto com o resto dos meus conselheiros. Se ele realmente me quisesse morta, não haveria tempo mais fácil para faze-lo do que quando eu estava dormindo.

Os cantos da boca do rei se enchem de expressão e ele finalmente olha para mim. — Bem, a poção de Salla Coltania deve liberá-lo de todas as acusações e ele será liberado em apenas alguns dias. – diz ele, como se estivesse falando com uma criança irritante.

Eu quero gritar, mas forço um sorriso. — Muito bem. – eu digo firmemente. — Mas como Prinz Søren era meu consultor de confiança em assuntos internacionais, não posso, em sã consciência, encontrar nenhum pretendente até

que ele esteja livre para me aconselhar. Você entende, é claro? Eu devo proteger meus interesses.

O rei Etristo parece que gostaria de poder me atacar, mas depois de um segundo, uma máscara agradável se encaixa.

— Se você insiste, minha querida. – diz ele. — Embora eu me preocupe que a sua desconfiança será vista como desprezo.

Os homens que exigiam prova da minha virgindade, desprezavam a minha falta de confiança neles. Eu poderia rir da ironia se não estivesse com tanta raiva.

— Não tenho nenhum intenção de desprezo, é claro. – eu digo docemente. — Eu também gostaria de poder visitar o Prinz Søren na masmorra para me assegurar de que ele esteja sendo tratado de maneira justa.

A expressão do rei Etristo fica gelada mais uma vez.

— Minha querida, agora estou começando a me sentir menosprezado por sua falta de confiança.

Eu mantenho meu sorriso. — Novamente, não é minha intenção, Alteza. Mas acho que é necessário para minha paz de espírito.

O rei Etristo range os dentes, mas depois do que parece uma eternidade, ele assente. — Muito bem.

Mergulho em uma reverência superficial antes de me virar e sair da sala, minhas sombras nos meus calcanhares.

—

Artemisia, Heron, Blaise e eu mal temos tempo de voltar para o meu quarto antes de Dragonsbane entrar, sua expressão uma nuvem de tempestade. Por um momento, acho que ela está com raiva de Søren ser preso, mas é claro que isso é ridículo. Se ela quisesse, ele ainda estaria em uma cela no Smoke.

— Você não deve ir à uma audiência com o rei sem a minha companhia. – ela retruca. — Você tem alguma ideia do quão tola você se fez parecer?

Eu decido ignorar o veneno em sua voz.

— O rei prendeu meu conselheiro e eu lidei com isso, – digo friamente. — Acho que cheguei mais longe do que você teria, já que você faz pouco mais do que pular quando ele manda.

Ela da um passo para trás como se tivesse levado um tapa. Por um momento, parece que ela quer me esfolar viva aqui, mas eu mantenho minha posição.

— Eu tenho os melhores interesses de Astrea no coração. – ela me diz. — E é do interesse de Astrea não insultar o aliado mais poderoso que temos. – Não posso deixar de bufar. — Ele não é um aliado. – eu digo. — Se ele fosse, ele nos daria tropas. Ele apenas fica do lado de quem conseguir mais dinheiro para ele. Se o Kaiser estivesse disposto a pagar o suficiente, ele nos atacaria em um instante. No momento, meu dote matrimonial vale mais, então tenho algum poder. Vou usar isso da melhor maneira possível e, se você não fizer o mesmo, será idiota.

— Theo. – sussurra Artemisia, um aviso que não presto atenção.

Os olhos de Dragonsbane estão cheios de fúria gelada. — Deixem-nos. – diz ela às minhas sombras, sua voz quase mais alta que um assobio.

— Ficamos com a rainha. – Heron diz com firmeza.

Eu encontro o olhar de Dragonsbane sem vacilar. Eu gostaria de nada melhor do que manter minhas Sombras perto agora, mas sinto que o que Dragonsbane tem a dizer não é algo que eu quero que mais alguém ouça.

— Continuem. – eu digo. — Isso não vai demorar.

— Theo... – Blaise adverte.

— Vão. – eu repito. Minhas Sombras trocam olhares cautelosos, mas elas saem, me deixando sozinha com Dragonsbane. Eu mentiria se dissesse que ainda não a temo, mas tomo cuidado para não mostrar isso - ela pode sentir o medo e persegue-o.

— O Kaiser fez uma tentativa contra a minha vida. – eu digo, cruzando os braços sobre o peito. — Aqui, onde o rei Etristo me prometeu segurança. Um homem está morto porque subestimou o alcance do Kaiser e, em vez de procurar o verdadeiro espião do Kaiser, ele prendeu Søren. Enquanto isso, quem realmente deu o veneno a essa garota ainda está lá fora, e é apenas uma questão de tempo antes que eles atinjam novamente. Eu não estou segura aqui.

— Não. – diz ela, no nível da voz. — Você não está segura aqui. Mas você não quer estar segura.

Com isso, não consigo segurar uma risada, mas até fico surpreso com o quão mordedor sai. — Você está dizendo que eu quero ser assassinada?

Sua expressão permanece plácida. — Estou dizendo, – ela diz lentamente, — que você quer ser uma rainha e que esse não é um papel seguro a desempenhar.

— Eu não quero ser uma rainha. Eu sou uma rainha – eu a corrijo. — E esse é um fato que você parece esquecer, a menos que possa usá-lo em seu proveito.

Agora é a vez dela de rir. — Rainha de um país que não existe mais. – diz ela. — Uma rainha sem coroa, sem trono, sem coroação. Do que exatamente você imagina que é rainha? Três sujeitos tolos que seguem você como uma pato-mãe, porque um homem lhes disse que você era especial e que eles eram tolos o suficiente para acreditar?

Eu recuo um passo, mas ela não terminou.

— Estou tentando ajuda-la, mas você é muito teimosa e orgulhosa para entender isso. – diz ela, com a voz subindo. — Deuses, você é como sua mãe.

Não é a primeira vez que alguém me diz isso, mas é a primeira vez que isso é um insulto.

— Não fale da minha mãe! – Não percebo que gritei até ver o olhar de surpresa em seu rosto e seus olhos dispararem cautelosamente para a porta. — Minha mãe era cinquenta vezes a pessoa que você é. – continuo, cuidadosa para manter minha voz baixa.

Ela olha para mim por um longo momento antes de soltar uma gargalhada aguda e cruzar para o armário do vinho. Ela passa um momento quieto escolhendo uma garrafa, destrancando-a e servindo uma taça, cheia até a borda. Ela dá um longo gole, drenando quase um quarto e depois olha de volta para mim.

— Você não é a primeira pessoa a dizer isso, sabe. – diz ela. — Talvez não cinquenta vezes, exatamente, isso é um pouco dramático, mas o mesmo tipo de coisa. “Fique mais ereta, como Eirene.” “Sorria como Eirene.” “Por que você não pode ser mais como Eirene?” Eu não acho que um dia se passou sem que eu ouvisse algo assim pelo menos uma vez. Chegou a um nível no qual apenas o som do nome dela era como alguém martelando um prego na base do meu crânio.

Ela faz uma pausa para tomar outra bebida, mas eu já ouvi o suficiente.

— Não era culpa dela se você estava com ciúmes. – eu digo. – Mas isso só a faz rir de novo. — Claro que fiquei com ciúmes. Mas não mais do que ela tinha de mim. “Kallistrade”, ela dizia, “você tem tanta sorte que não precisa ter aulas de decoro.” E “Gostaria de não ter que acordar ao nascer do sol para cumprimentar os Guardiões com a mãe.” “Por que não

posso passar a tarde andando a cavalo como você?" Ela me pedia para trocar de lugar com ela com bastante frequência, mas eu nunca quis. Eu não queria ser princesa mais do que ela.

— Isso é mentira. – eu digo. — Minha mãe adorava ser rainha.

Dragonsbane encolhe os ombros. — Eu não saberia disso. – diz ela. — Saí antes que ela fosse coroada e nunca voltei, mas ela certamente não se importou com o treinamento. – Ela toma outro gole, um menor desta vez, antes de me olhar pensativa. — Você tem sorte de realmente não a conhecer.

Suas palavras parecem água fria nas minhas costas. — Você acabou de dizer que tenho sorte que minha mãe tenha morrido?

— Eu não disse isso. – diz Dragonsbane, revirando os olhos. — Mas é bom, de certa forma, tê-la preservada tão puramente em sua memória - uma mãe perfeita e uma rainha perfeita, brilhante, gentil e valente. Ela é praticamente uma deusa em sua mente, não é? Suponho que todas as meninas devam se sentir assim em relação às mães em determinado momento. Porém, sempre há um momento em que essa ilusão de perfeição se despedaça e você percebe que sua mãe é apenas uma pessoa, igual a você, com defeitos, com seus próprios vícios e pontos cegos. Você nunca terá essa epifania e, sim, acho que tem sorte por isso. De certa forma.

Por um instante, ela parece tão desolada que não tenho certeza se devo dar um tapa nela ou pedir desculpas, mas tão rapidamente quanto essa faixa de vulnerabilidade aparece, ela desaparece mais uma vez, selada atrás de seus olhos duros e impenetráveis.

— Sua mãe era uma boa rainha, pelo que ouvi. – diz ela. — Ela cumpriu seus deveres sem reclamar e foi muito apreciada, mas sempre será a rainha que perdeu Astrea.

— Isso não foi culpa dela. – protesto. — Ela não sabia que os Kalovaxianos estavam chegando.

Pela primeira vez, Dragonsbane vacila, hesitando apenas o tempo suficiente para que eu possa ver uma escolha pesando atrás de seus olhos, antes que ela se aumente.

— Ela sabia. – diz ela lentamente. — Enviei uma carta meses antes do ataque, avisando de que eles estavam vindo.

— Você está mentindo. – eu digo, mas meu estômago afundando. Não quero ouvir isso, mas também não consigo me afastar.

Ela me ignora e continua. — Ela me chamou de mentirosa. – diz ela. — Disse que eu era uma vergonha, navegando e me chamando de pirata.

Eu tenho um monte de insultos que quero jogar para ela, negações que estou ansiosa para dizer, mas nada chega aos meus lábios. Eu tenho que me lembrar de respirar.

Depois de um momento, sua expressão suaviza apenas um toque. — Talvez eu devesse ter deixado você passar o resto da sua vida com aquela visão pura e não corrompida dela em sua mente.

— Eu não acredito em você. – digo, mesmo que uma pequena parte de mim acredite. Ela não tem motivos para mentir sobre isso, afinal.

Dragonsbane toma outra bebida. — Amei minha irmã ferozmente, deixando de lado todas as ilusões. Ela era o meu completo oposto, e também a outra metade de mim. Mas ela era uma mulher cheia de defeitos.

Ela faz uma pausa, terminando o vinho antes de me olhar com olhos claros, assustadora em sua ferocidade. Não me deixo afastar dela.

— Sua mãe era uma rainha medíocre. – diz Dragonsbane em voz baixa. — Você poderia ser ótima. Se eu não acreditasse nisso, não estaria aqui. Mas não é algo que virá facilmente. Não virá sem sacrifícios e estou cansada de ser tratada como sua inimiga por apontar isso. Se você não desistir de tudo por Astrea, seu orgulho, sua independência, seus amigos, nunca a terá de volta.

Quando não digo nada, ela põe o copo vazio na pia e caminha em direção à porta. Com a mão na maçaneta, ela faz uma pausa.

— Todos os humanos cometem erros, e sua mãe não foi exceção. Ela te amava muito e amava Astrea, e acredito que ela pensou que estava fazendo a coisa certa. Ela era humana, nem mais nem menos.

SONHO

Pela primeira vez desde que deixei Astrea, meus sonhos não são assombrados pelo rosto pálido de Cress. Em vez disso, vejo minha mãe, mas não como me lembro dela. Eu a vejo como ela seria agora, com os mesmos vincos ao redor dos olhos e da boca que Dragonsbane tem. O cabelo dela não é o mesmo ruivo vibrante que costumava ser, embora não fique cinza. Está simplesmente desbotado, puxado por cima do ombro em uma única trança longa. No topo da cabeça dela está a coroa, mas não é realmente a coroa dela - é uma das coroas de cinzas que o Kaiser usou para me fazer usar. Embora ela fique quieta, as cinzas caem sobre seu chiton branco.

Ela olha para mim com olhos tristes e pesados, mas quando fala é com a voz de Dragonsbane. — Sinto muito. – diz ela. Espero que ela diga mais, para me explicar por que ela ignorou o aviso da irmã e deixou os Kalovaxianos nos arrasarem, como - com uma decisão - ela deixou Astrea cair em ruínas. Como ela tão facilmente me entregou a um homem que fez da minha vida um terror por uma década.

Mas é apenas um sonho e ela não pode ter respostas que eu ainda não conheço, então tudo o que ela faz é se desculpar e se desculpar e se desculpar até eu finalmente acordar, minha boca com gosto de cinza.

O céu do lado de fora da minha janela ainda está escuro, iluminado apenas por estrelas e um pedaço de lua, mas sei que não vou conseguir dormir de novo esta noite. Minha mente ainda está zumbindo, repetindo as palavras de Dragonsbane sobre minha mãe uma e outra vez.

Artemisia está dormindo profundamente do outro lado da cama - embora seja tão grande que ela nem se mexa quando eu deslizo para fora, andando na ponta dos pés com cuidado pela forma grande de Heron que não cabe no sofá. Ele recusou quando Art e eu nos oferecemos para trocar com ele. Blaise deve ter ficado inquieto e voltou para o próprio quarto em algum momento.

Lembro-me de adormecer com todos eles ao meu redor. Nunca houve uma conversa sobre se eles deveriam ou não ficar. Quem está trabalhando para o Kaiser ainda está à solta e acho que nenhum de nós confia nos guardas do Sta'Criveran.

Eu deveria acordar um deles, especialmente porque alguém tentou me matar ontem à noite, mas não parece certo forçá-los a essa hora só porque não consigo dormir.

Além disso, não quero nenhum deles quando visitar Søren. Silenciosamente, eu visto um roupão e tiro minha adaga do seu lugar na minha mesa de cabeceira, colocando-a entre o vestido e a faixa em volta da minha cintura. Coloco os chinelos ao lado da minha cama e saio na ponta dos pés pela porta, fechando-a atrás de mim com pouco mais barulho do que uma expiração.

Mesmo assim, mesmo com minha adaga, não devo ir sozinha - especialmente porque duvido que pudesse fazer muito mais com isso do que agitar e tentar parecer ameaçadora. Mesmo andando pelo corredor, me encontro no limite, olhando para trás a cada poucos minutos como se outro assassino surgisse das sombras.

Foi uma ideia estúpida, mas, mesmo reconhecendo esse fato, não consigo me virar. Eu chego ao elevador e entro, aliviada por estar perto de outra pessoa.

Tanto quanto eu sei, ele poderia ser um assassino. Se ele é, não tem pressa. Ele me olha sem expressão, esperando por um destino.

— Quinze, por favor. – digo, nomeando o andar que Erik me indicou antes, onde a delegação gorakiana estava alojada.

Ele assente com a cabeça bruscamente e começa a girar, fazendo-nos deslizar para baixo. Por mais suave que seja a jornada, ainda não consigo deixar de agarrar as barras da parede de elevação atrás de mim. Não importa quantas vezes eu faça isso, acho que nunca vou me acostumar. Felizmente, leva apenas um momento para pararmos e ele abrir a porta.

Assim que saio, ele fecha a porta novamente e o elevador se afasta, deixando-me sozinha em um corredor escuro, iluminado apenas pela luz da lua que entra pelas janelas. À minha frente, o corredor está cheio de portas de ambos os lados, mas não tenho idéia de qual é o de Erik. Embora eu tenha visitado Hoa aqui, era um lugar totalmente diferente, cheio de vida e pessoas que me dirigiam. Agora nem sei como começar a adivinhar qual quarto é qual.

Ando devagar pelo corredor, esperando algum tipo de placa, mas cada porta de carvalho é exatamente a mesma. Até os desenhos gravados nelas e as maçanetas de cristal são idênticas. Ficar sozinha de novo está começando a fazer os cabelos da minha nuca ficarem arrepiados. Se um assassino quisesse atacar, este seria o momento perfeito - eles poderiam fazer o trabalho sem problemas e depois culpar os gorakianos, que parecem não ter muitos amigos em Sta'Crivero para começar.

Inclinando a cabeça, olho para os batentes da porta à procura de luz, um sinal de que alguém lá dentro está acordado. Já passou da meia-noite, então a maioria delas

está escura, mas, eventualmente, encontro uma que não é e bato suavemente.

Há uma longa pausa antes de passos baterem suavemente em minha direção e a porta se abrir. Um homem pequeno e magro gorakiano aparece, com a cabeça careca e brilhante e óculos redondos empoleirados na ponta do nariz adunco. Ele me olha irritado, sua testa fortemente enrugada. Ele pode não estar feliz comigo por interromper o que estava fazendo, mas pelo menos há muito pouca chance dele ser um assassino.

— Eu... desculpe incomodá-lo. – digo a ele. — Estou procurando por Eri- quero dizer, o imperador. Em que quarto ele está hospedado?

Ele franze a testa e percebo que ele não entende Astreano. Abro a boca para me repetir em kalovaxiano, já que ele provavelmente entenderá isso depois de viver a ocupação dos kalovaxianos, mas ele fala primeiro.

— Imperador. – ele repete.

O alívio passa por mim e eu aceno.

O homem se inclina para fora da porta e aponta para o corredor, afastando-o do elevador, mas há muitas portas para eu descobrir qual ele está apontando. Ele deve perceber isso também, porque, com um suspiro ofegante, sai do quarto e me leva até a porta que ele quer dizer, batendo muito mais alto e mais tempo do que eu teria. Suponho que seja uma coisa boa, porque alguns momentos antes de Erik finalmente atender a porta, os olhos semicerrados de sono. Ele pisca turvamente para nós por um momento, como se estivesse tentando entender a imagem diante dele.

— Tho-rainha Theodosia? – Ele pergunta em kalovaxiano. — Master Jurou? O que está acontecendo?

O homem - Master Jurou - franze a testa e se lança em rápido Gorakian, do qual não consigo entender. Eu também não acho que Erik possa, porque tudo o que ele faz é encarar Master Jurou e esperar que ele termine. Quando ele o faz, ele olha para Erik, esperando uma resposta que Erik não tem idéia de como dar. Master Jurou percebe isso e faz um barulho alto antes de voltar para o quarto e fechar a porta com um golpe.

Erik estremece com o barulho alto. — Vejo que você conheceu o Master Jurou. – diz ele.

— Eu não sabia qual era o seu quarto. – admito. — Quem é ele?

Ele abre a boca para responder antes de fechá-la e franzir a testa, considerando a pergunta. — Ele é... um alquimista. – diz ele. — O melhor em Goraki, mesmo antes do cerco. Se estamos sendo honestos, não tenho certeza do que ele faz, mas todos parecem pensar que é muito importante. Como você pode ver, não falo gorakiano, embora minha mãe esteja fazendo o possível para consertar isso. Algo a ver com ouro, eu acho. – Sua carranca se aprofunda e ele balança a cabeça, os olhos se voltando para mim.

— O que você está fazendo aqui, Theo? É o meio da noite.

— Eu não conseguia dormir. – digo a ele.

— E você decidiu compartilhar sua miséria comigo? Muito atencioso, mas eu gostaria que você não tivesse. – ele diz, bocejando as últimas palavras.

— Eu quero ir visitar Søren. – eu digo. — E como o Kaiser tem uma recompensa pela minha cabeça, não acho sensato eu ir até a masmorra sozinha.

— Nem desarmada, no entanto. – observa ele, acenando com a cabeça na direção da adaga no meu quadril.

— Mais para mostrar do que qualquer coisa. – eu admito. — Você me viu ontem - é mais provável que me machuque se tentar empunhá-la.

— Justo. – diz ele com um suspiro. — Deixe-me pegar minha espada e vamos juntos. Eu não me importaria de ver Søren. – Ele volta para dentro, mas antes que a porta se feche atrás dele eu o ouço murmurar. — Embora eu preferisse esperar até a luz do dia para fazer isso.

MASMORRA

A masmorra abaixo do palácio Sta'Criveran é o tipo de lugar que não recebe muitos visitantes - na verdade, tem a sensação de um lugar em que não se entra, esperando sair novamente. O operador do elevador hesitou quando Erik e eu pedimos que ele nos levasse para cá, mas quando eu lhe disse que o rei havia me dado permissão, ele concordou com relutância, embora assim que ele nos deixasse não pudesse sair rápido o suficiente, zunindo para trás à superfície antes mesmo de as portas se fecharem atrás de nós. — Dificilmente inspira confiança. – Erik murmura, olhando ao redor do corredor escuro, iluminado apenas por fileiras de pequenas arandelas. O ar aqui em baixo é abafado e rançoso, me deixando enjoada. Eu não quero colocar um nome no que quer que seja esse cheiro. Não tem cheiro de algo - ou alguém - vivo.

Seguimos o corredor até chegar a um portão de ferro que se estende do teto ao chão, parede a parede. Encostado a ele do nosso lado está um jovem Sta'Criveran que parece meio adormecido. Quando ele nos ouve se aproximar, ele se levanta, os olhos arregalados de surpresa. Ele tem cerca de vinte anos, mas sua pele é pálida e há olheiras sob seus olhos. Eu me pergunto quando foi a última vez que ele esteve na superfície.

— O que você está fazendo aqui? – O homem pergunta, perturbado, antes de engolir e tentar novamente. — Quero dizer, como posso ajudá-los? — Estamos aqui para visitar Prinz Søren. O rei Etristo me deu permissão para visitar quando quisesse.

Ele franze a testa, parecendo confuso. — Mas é o meio da noite. – diz ele.

Eu dou de ombros. — Esse é o meu único tempo livre. – eu digo. — Meu nome é rainha Theodosia e gostaria que o prisioneiro fosse levado para uma sala separada e segura, longe de outros prisioneiros. Ele comeu?

— Eu... sim, Majestade. – ele diz.

— Fico feliz em ouvir isso. – eu digo. — Ele pode ser um pouco teimoso com esse tipo de coisa. Existe uma sala como a que eu descrevi?

— Prinz Søren está sendo mantido em uma célula solitária. – diz ele. — É bastante confortável - para uma célula, quero dizer. Certamente melhor do que qualquer outra coisa aqui embaixo, e longe dos outros prisioneiros.

— Parece que vai dar certo. – digo a ele com um sorriso. — Qual o seu nome?

— Tizoli. – o homem diz antes de se apressar. Quando ele termina, ele se vira para o portão, mexendo no chaveiro preso ao cinto. São necessárias algumas tentativas, mas ele finalmente abre a porta e nos deixa entrar.

—

A cela de Søren é um pouco maior que a brigada de Smoke e pelo menos três vezes o tamanho da cela que eu tinha em Astrea. Ao contrário do Smoke, ele não está algemado, então ele pode ficar de pé e andar e fazer o que quiser dentro das paredes. Infelizmente, o que ele quer fazer é dormir, o que ele faz profundamente, enrolado no canto com o rosto virado para longe de nós.

— Søren! – Grito através das barras da porta pela centésima vez, mas ele ainda não se mexe. Viro-me para Tizoli, que permanece atrás de nós, sem saber se ele deve ficar ou ir embora. — Ele está bem?

— Eu ... er ... acho que sim, Majestade. – diz ele, olhando em volta nervosamente.

— Ele está bem. – diz Erik. — Ele pode dormir assim no meio um furacão. – Ele coloca as mãos em volta da boca e grita o nome de Søren tão alto que eu tenho que cobrir meus ouvidos. Søren, porém, apenas rola, se aproximando da parede.

— Se você pudesse abrir a porta por um momento, poderíamos cutucá-lo, acorda-lo e voltar logo. – digo a Tizoli, mas ele balança a cabeça novamente, como faz desde que chegamos aqui em baixo, há dez minutos - já deve ser pelo menos cinco vezes. - Erik respira fundo, preparando-se para gritar novamente, mas eu o interrompo agarrando o botão na manga de sua capa e arrancando-o fora em um puxão afiado.

— Por que você fez isso? – Erik exige, olhando para o casaco rasgado, incrédulo. — Isso era totalmente novo - minha mãe vai me matar.

Eu o ignoro e passo até as barras e alcanço meu braço, apertando o botão com força na minha mão. Aperto o botão o mais forte que posso na cabeça de Søren, atingindo-o no meio da testa. Era um botão pequeno, mas é o suficiente. A mão de Søren voa para atrasá-lo antes que seus olhos se abram e ele nos olhe sonolento.

— Finalmente. – eu digo. — Você dorme como os mortos.

Søren se levanta para se sentar, ainda parecendo atordoado. — Acho que ainda estou dormindo. – ele admite. — O que você está fazendo aqui? E que horas são?

— Quase manhã, eu acho. – digo antes de me virar para Tizoli. — Você se importaria de nos dar um pouco de privacidade? – Pergunto-lhe. — Vamos buscá-lo quando terminarmos.

Tizoli hesita, mas depois de um momento ele assente e volta pelo corredor. Eu ouço os passos dele desaparecerem antes de falar novamente.

— É exatamente a inversão de fortunas. – digo a Søren, sorrindo, embora não haja nada de engraçado nisso.

Søren sorri de volta, embora pareça desanimado. — Você está aqui para me resgatar, Theo? – Ele pergunta ironicamente.

Balanço a cabeça. — Eles estão fabricando um soro da verdade para você, então, assim que lhe derem isso, tudo deve ficar claro. O rei Etristo disse que pode levar algum tempo, no entanto.

Søren assente, mas ele não parece convencido. — Alguma pista de quem realmente está trabalhando para o meu pai?

— Nenhuma. – diz Erik, sua voz pesada. — Poderia literalmente ser qualquer um. Inferno, se eles soubessem que compartilhamos uma linhagem, eu provavelmente estaria aqui em baixo com você.

— Sim, vamos manter esse segredo. – digo antes de suspirar. — Consegui adiar os encontros com os pretendentes, pelo menos. Eu disse que não poderia me encontrar com ninguém, a menos que você estivesse presente para me aconselhar.

Søren bufa. — Tenho certeza de que sua tia está muito satisfeita com isso. – diz ele.

Ele quis dizer isso como uma piada, mas a menção a Dragonsbane é como uma lixa contra a minha pele e Søren deve me ver estremecer.

— O que foi? – Ele pergunta.

Eu hesito. — Eu tenho uma pergunta sobre o cerco astreano. – Eu respiro fundo e considero não perguntar nada. Talvez eu não queira saber a resposta. — Se tivéssemos sido

avisados de que vocês estavam vindo, o que teria acontecido? Teria sido como Vecturia? Você teriam voltado atrás?

Søren franze a testa, pensando por tanto tempo que começo a me preocupar que ele nunca responda, mas finalmente ele balança a cabeça. — Talvez tivesse durado mais tempo. Talvez isso se transformasse em guerra em vez de cerco, mas ainda assim teríamos superado você. Astrea não estava preparada para um ataque como aquele - eles nunca tiveram que enfrentar um antes. Sinto muito, se essa não é a resposta que você estava procurando.

— É, na verdade. – eu digo. — Mas ainda não me faz sentir melhor.

O que Dragonsbane disse sai de mim e, por seu lado, Erik e Søren ouvem.

Quando termino, minhas palavras são quase mais altas que um sussurro. — Sempre imaginei minha mãe como uma rainha perfeita, mas essa imagem foi arruinada e não sei como recuperá-la.

Erik e Søren trocam um olhar, mas é Erik quem finalmente fala.

— Bem, nosso pai é o Kaiser. – diz ele lentamente. — Não temos muita experiência com ilusões destruídas de figuras parentais.

— Mas houve um momento em que você o admirou? – Eu pergunto, olhando entre eles.

Os dois estão quietos.

— Não. – diz Søren finalmente. — Mesmo antes de entender o que ele estava fazendo com outras pessoas, eu sabia o que ele estava fazendo com a minha mãe. Não me lembro de uma única palavra amável. Eu me lembro dela se encolhendo de medo toda vez que ele se aproximava dela e estremecendo sempre que ele se dirigia a ela, como se ela

tivesse levado um tapa. Eu vi meu pai como um monstro desde o início; eu simplesmente não sabia o quão amplo era o alcance dele.

Erik limpa a garganta. — Acho que houve um tempo em que aspirava ser como ele. – ele admite. — Não durou muito, mas aquilo ainda existiu. Ele nunca me reconheceu como filho nem falou comigo, mas não era segredo. Eu sabia. E quando criança, eu pensava que se eu fosse maior, se eu fosse mais forte, se eu fosse melhor, ele me amaria. Eu te odiei – ele diz a Søren.

Søren franze a testa. — Odiou? Eu não sabia disso.

Erik encolhe os ombros, olhando para longe. A luz é fraca demais para ter certeza, mas acho que suas bochechas ficam vermelhas. — Eu não te conhecia, apenas à distância. Você era o garoto que tinha tudo o que eu queria tão desesperadamente, e você não parecia gostar disso. Claro que te odiei. Mas quando aprendemos juntos e nos tornamos amigos, eu entendi. Acho que foi quando minhas ilusões foram destruídas, embora isso seja um tipo diferente de coisa.

— Não, acho que entendi. – digo a ele. — Obrigado.

Søren solta um suspiro pesado. — Então, você vai voltar ao campo agora que não precisa se preocupar com pretendentes por alguns dias?

— Suponho que sim. – eu digo, embora a idéia me encha de emoção e medo. Eu adorava ajudar por aí e conversar com outros astreanos, mas a culpa era quase insuportável - como posso sentar no palácio do rei Etristo, comendo pratos suntuosos até que meu estômago pareça que vai explodir, usando vestidos que custam uma fortuna cada um, enquanto todos eles estão sujos, famintos e doentes? Mas é claro que tenho que ir. Se não fizer o possível para ajudá-los, nunca me

perdoarei. Eu certamente não poderia me chamar de rainha deles.

Uma ideia me ocorre e eu me viro para Erik. — Você deveria vir também. – eu digo. — Existem gorakianos lá. Você deveria vê-los, se quiser ser o Imperador deles. Eu não acho que eles sabem que Goraki está seguro novamente; eles podem querer voltar.

Erik considera. — Não estou contando com isso. – diz ele, balançando a cabeça. — Seguro é um termo relativo e honestamente eles podem estar melhor aqui.

A ideia me deixa enjoada. — Não diga isso até você ver. – digo a ele, depois olho para Søren. — Existe alguma coisa que você precisa?

Søren considera por um momento. — Apenas que o tempo passe mais rápido. Você tem algum lugar para estar antes do café da manhã?

— Não. – eu digo. — Podemos ficar um pouco.

Søren se estende no chão sujo, encostado na parede de tijolos. — Bem, então. – diz ele. — Que tal uma aula de Astreano?

— Agora? – Eu pergunto, franzindo a testa. — Certamente há hora e lugares melhores.

— Eu sou literalmente um aluno cativo. – ele me diz. — E isso me tirará a cabeça de outras coisas, como o rei Etristo decidindo me executar. – A ideia disso amarra meu estômago em nós. — Eu nunca deixaria isso acontecer. – eu digo.

Søren sorri, apesar de não chegar aos olhos dele. — Acho que você já fez milagres suficientes para mim, Theo. Este pode estar além de você. – Ele se senta. — Mas vê? Estou provando meu argumento, precisamos de uma distração. Erik também poderia aprender algumas palavras.

— Na verdade, acho que tentar aprender dois idiomas ao mesmo tempo só me confunde. – diz Erik com um bocejo. Ele se inclina contra a parede do corredor, cruzando os braços sobre o peito e fechando os olhos. — Apenas me acorde quando estiver pronta para ir, Theo.

Eu o encaro, incrédula. — Honestamente, você não pode simplesmente adormecer assim.

Embora seus olhos fiquem fechados, sua boca se torce em um sorriso. — Sou marinheiro. – diz ele. — Eu posso dormir em qualquer lugar.

E ele é fiel à sua palavra ou faz uma imitação muito boa - roncos e tudo - enquanto ensino Søren algumas palavras básicas do Astreano. *Eu, você, tem, faz, água, pão*.

É difícil dizer quanto tempo passa sem luz solar, mas quando Erik e eu saímos da masmorra, Søren parece estar com um humor um pouco melhor. Prometemos visitar novamente em breve, mas Søren parece não acreditar em nós.

AMOR

Assim que volto para o meu quarto, sou recebida com uma enxurrada de gritos de pânico.

— Nós pensamos que você estava morta. – diz Heron, seus olhos normalmente tranquilos agora queimando um âmbar brilhante. — O que você estava pensando, saindo no meio da noite?

— E você pegou sua adaga? – Artemisia acrescenta. – Você estava tentando ajudar o assassino do Kaiser?

— Você poderia ter sido morta. – diz Blaise. A raiva irradia tão forte que eu posso praticamente vê-la fervendo no ar. Suas mãos tremem, mas ele não parece notar.

Mas eu percebo, assim como Heron e Artemisia. Nesse instante, a raiva e o medo desaparecem, abafados pelos de Blaise. O chão sob meus pés tremia tão levemente que eu poderia atribuí-lo ao zumbido do elevador no corredor - mas não é esse tipo de tremor. É um zumbido, como se as pedras estivessem falando, como se estivessem respondendo.

— Blaise. – eu digo, cuidadosa para manter minha voz suave. Mas mesmo quando seus olhos escuros se fixam nos meus, eles são estranhos e distantes, como se ele não estivesse me vendo.

O tremor no chão fica mais forte, até os copos deixados na mesa começarem a chocalhar. Eu sei que devo fazer alguma coisa, dizer alguma coisa, mas estou congelada no lugar, incapaz de fazer qualquer coisa além de olhar para ele. A poeira cai do teto, caindo sobre nós como as cinzas usadas quando o Kaiser me fez usar aquela coroa.

Artemisia é a primeira a reagir. Em alguns passos rápidos, ela atravessa a sala para Blaise e dá um tapa forte no rosto

dele, o som ecoando acima do estrondo, mas não tem efeito nele.

Eu já vi Blaise perder o controle de seus poderes antes, mas ele sempre lutou para recuperá-lo. Nunca foi assim. Não sei se ele está em seu corpo.

O vaso na minha mesa cai da beirada, quebrando no chão e enviando água e rosas moles por toda parte. Eu tenho que agarrar a parede para me firmar antes de seguir em direção a Blaise, meu coração batendo contra a caixa torácica. De repente me ocorre como isso é perigoso, não apenas para Blaise, mas para todos nós. As torres Sta'Criveran já são precariamente altas. Um terremoto total poderia derrubar esta, e o resto cairia como dominó, esmagando a cidade abaixo. Se não chegarmos a Blaise, ele poderia destruir a cidade e matar milhares.

— Blaise. – eu digo novamente, alcançando seus ombros. Sua pele está queimando quente, mesmo através do material de sua camisa, como fogo contra a minha pele, mas eu seguro firme. Eu tento sacudi-lo, mas ele está enraizado no local. — Por favor, Blaise. Estou bem.

Ele estremece e os tremores diminuem um pouco, embora ainda sejam pronunciados. Eles ainda são perigosos. — Sem pensar nisso, jogo meus braços em volta do pescoço e o seguro o mais forte que posso, mesmo quando o calor do corpo dele se espalha pelo meu. Ponho meus dedos pelos cabelos e, antes que eu saiba o que estou fazendo, estou cantando a canção de ninar Astreana que ele cantou para mim quando eu precisei.

Ande pela neblina comigo,
Meu lindo filho.
Estamos indo para a terra dos sonhos, minha querida,
Onde o mundo fica selvagem.

Hoje terminou, chegou a hora
Para passarinhos a voar.
O amanhã está próximo, é a hora aqui
Para velhos corvos morrerem.
Sonhe um sonho de um mundo desconhecido,
Onde tudo pode estar.
Amanhã você realizará seus sonhos,
Mas hoje à noite, criança, sonhe comigo.

Gradualmente, o mundo à nossa volta para, mas Blaise não. Ele continua tremendo mesmo quando seus braços me envolvem e ele enterra o rosto na dobra do meu pescoço. Só quando sinto lágrimas quentes e úmidas contra a minha pele é que percebo que ele está chorando. Nenhum de nós fala pelo que parece uma eternidade, mas eu conheço os pensamentos deles e os meus.

Blaise não controla o seu dom e está ficando pior. Mais alguns minutos e ele poderia ter matado todos nós e milhares de outros além disso. Não temos como impedir isso.

Lentamente, Blaise se afasta do meu aperto e levanta a cabeça.

— Eu tenho que ir embora. – diz ele, sua voz quase mais alta que um sussurro. — Eu não posso ficar aqui. Eu não posso... – sua voz quebra antes que ele termine a frase.

Parte de mim sabe que ele está certo. Ele é um perigo aqui, para si mesmo e para todos ao seu redor. Mas não suporto a ideia de mandá-lo embora.

— Não. – eu digo, forçando minha voz a não tremer ao redor da palavra. — Isso... você não quer dizer isso.

Artemisia me olha incrédula. — Não importa o que ele quer dizer. – diz ela. — Ele quase... – Ela para, balançando a cabeça. — Eu não sabia o quão ruim estava.

— Nenhum de nós sabia. – diz Heron. — Mas sabíamos que chegaria a isso eventualmente. Não há cura para a loucura da mina.

É a mesma coisa que Søren me disse sobre os Wås. Eu não acreditava nisso, na verdade não. Eu ainda não quero, mesmo com as evidências bem na minha frente.

— Não pode ser minha loucura. – digo, tentando parecer certa, mesmo quando de repente não tenho certeza de nada. — Ele já estaria morto, se fosse verdade. – Eu fecho meus olhos, procurando por alguma explicação. — O dom dele é forte e, por isso, é instável. Você só precisa praticar o controle. – digo a Blaise, mas não consigo convencer ninguém, muito menos a mim mesma.

Blaise engole. — Theo, eu também não quero ir embora, mas-

— Então não vá. – eu digo. — Fique e lute contra isso. Fique comigo. – Não quero dizer a última parte, mas as palavras estão fora antes que eu possa detê-las.

Blaise segura meu olhar por um momento de silêncio. Eu posso ver as emoções batalharem por sua expressão. — Eu nunca senti isso tão forte antes. Meu corpo não parecia meu, eu estava apenas assistindo impotente. – Ele engole e balança a cabeça. Depois do que parece uma eternidade, ele se vira para Artemisia, com os olhos nivelados e resolutos. – Da próxima vez que isso acontecer, Art, você colocará uma adaga no meu coração.

Os olhos de Artemisia se arregalam e, por um segundo, espero que ela recuse. — Se eu achar que você vai machucar as pessoas, eu farei. – diz ela com cuidado.

Blaise assente, embora ele ainda pareça incerto. — Não sei o que está acontecendo comigo. – diz ele.

— Talvez isso tenha acontecido antes. – oferece Heron. — Talvez tenha havido guardiões cujos poderes não são estáveis.

— Eu nunca ouvi nenhuma dessas histórias. – eu digo.

— Nós não teríamos. – diz Heron. — Quem diria esse tipo de coisa para crianças?

É verdade que todos os Guardiões que eu conhecia quando criança tinham o controle de seus dons, mas eles tinham que ter, se não tivessem como poderiam estar tão perto da rainha? A idéia de outros Guardiões - guardiões como Blaise - nunca me ocorreu, mas Heron tem razão. Onde eu teria aprendido sobre eles?

Um pensamento vem à mente e se junta a outro - uma idéia tola e desesperada tomando forma. — Erik e eu fizemos planos para voltar hoje ao campo de refugiados para trazer mais comida – digo. — Era onde eu estava, visitando Søren com Erik. Se houver algum Astreano que possa saber algo sobre a loucura, talvez eles estejam lá.

— Talvez. – diz Artemisia, embora não tenha certeza.

— Quanta comida você juntou, Heron? – pergunto a ele. É difícil falar normalmente com os destroços da explosão de Blaise ao nosso redor, mas eu me forço a fazê-lo. Se eu insistir nisso e no que isso significa, eu vou enlouquecer. É um problema que tenho que resolver, só isso, e posso fazer isso ajudando os refugiados ao mesmo tempo. Eu me concentro nisso - a solução e não o problema - e é a única coisa que me impede de desmoronar.

— Não o suficiente. – diz Heron. — Mas acho que não é possível contrabandear o suficiente para alimentar todos sem que isso seja desperdiçado. Se eu der mais algumas idas até a cozinha, devo conseguir o que podemos carregar conosco.

Eu concordo. — Faça, então. – eu digo. — Erik e Hoa também estão chegando, vamos encontrá-los em uma hora. Art, você vai ver se pode ouvir o que as pessoas dizendo sobre o terremoto? Não imagino que alguém ache que isso não seja natural, mas quero ter certeza.

Ambos acenam com a cabeça e saem correndo, deixando Blaise e eu sozinhos.

Eu torço minhas mãos. Blaise e eu nos esforçamos tanto para evitar falar sobre a piora da instabilidade dele que não tenho certeza de como abordar isso agora. — Não posso ficar no palácio, Theo. – diz ele depois de um momento em silêncio. — Posso montar uma barraca do lado de fora das muralhas da capital, longe o suficiente para não machucar ninguém. Mas estarei perto o suficiente para ajudar se você precisar de mim.

— Você me deixaria aqui em sozinha? – Pergunto.

Ele estremece. — Não faça isso. – diz ele. — Você não estaria sozinha. Você teria Heron e Art.

— Não é o mesmo. Eles não me veem como você. Eles não me conheceram antes de tudo isso. Eu preciso de você, Blaise. – Minha voz quebra e balanço a cabeça. – Vamos primeiro ao campo. Encontraremos informações. Se você ainda quiser sair depois disso, não vou impedi-lo.

Ele balança a cabeça. — Não podemos simplesmente perguntar a estranhos sobre isso. Se mais alguém descobrir...

— Heron e Artemisia sabem e não fizeram nada. – ressalto. — Eles não tratam você de maneira diferente.

— Porque eles são meus amigos. – diz ele. — Mas mesmo Art o fará se acontecer novamente. Estranhos? Eles vão tentar me matar no local.

— Bem, não vamos dizer a eles que é você. Faremos apenas algumas perguntas hipotéticas, reuniremos conhecimentos gerais.

— Não há como não parecer suspeito. – diz ele.

— Então, esconderemos uma pergunta em outra. – digo, uma ideia me chegando. — Vamos ver se alguém sabe alguma coisa sobre o que aconteceu com Cress, por que ela recebeu o dom de Houzzah depois de beber o Encatrio. E então podemos seguir daí.

Blaise dá um suspiro, mas ele não discorda, e isso é alguma coisa.

— Provavelmente, isso não levará a nada. – diz ele depois de um momento, brincando com o bracelete da Pedra da Terra que eu lhe dei há meia vida. Ele o mantém enfiado no bolso normalmente, mas agora ele está rolando entre os dedos distraidamente. — Não há cura para a loucura das minas.

Não é loucura das minas, quero dizer, mas não tenho certeza de que não seja mais. Afinal, o que é a loucura das minas, senão um presente dado a alguém incapaz de lidar com isso? Talvez não seja algo completamente separado de ser abençoado. Talvez eles sejam dois lados da mesma moeda. Percebo com um sobressalto quão pouco sei sobre meu próprio país. Embora eu seja mais adulta do que criança agora, entendo um pouco mais sobre os deuses e as minas do que aos seis anos de idade.

Blaise está segurando o bracelete da Pedra da Terra com tanta força que suas juntas ficaram brancas.

— Talvez você não deva ter isso. – eu digo, acenando com a cabeça. — Talvez isso só esteja piorando.

Ele a aperta ainda mais. — Não, isso ajuda. – diz ele. — Isso o canaliza para algo gerenciável, mais frequentemente do que não.

Mordo o lábio e olho de volta para ele. — Eu não posso te perder, Blaise. – digo a ele em voz baixa. — Se houver a menor chance de podermos ajudá-lo, temos que aproveitar.

Blaise não diz nada por um momento, sua mandíbula apertada. Finalmente, ele assente. — Tudo bem, Theo. – diz ele. — Tentaremos. Mas se não der certo, vou embora. – Um sentimento de mal-estar se espalha pelo estômago com a ideia, mas aceno com a cabeça. Timidamente, dou um passo à frente e o cruzo em meus braços novamente. No começo, seu corpo é rígido e inflexível, mas finalmente ele amolece, me segurando como se eu fosse tão frágil quanto o vaso antes de ele quebrá-lo.

— Eu te amo. – digo a ele, minha voz abafada contra seu ombro. Talvez seja outra manipulação, mais palavras manejadas como a única arma que tenho à minha disposição, mas isso não as torna falsas. É bom dizê-las em voz alta.

A respiração de Blaise engasga e uma parte de mim se sente culpada. Por mais honestas que sejam as palavras, sei que minhas motivações para dizê-las aqui e agora estão confusas. Estou dizendo a ele o que ele precisa ouvir para me dar o que eu quero.

Afasto minha culpa e me concentro em Blaise, parado na minha frente. Blaise que precisa continuar lutando, não importa o quanto. Blaise, quem eu não sei como sobreviver sem. Eu não quero aprender como. Só o quero, saudável e feliz ao meu lado, pronto para recuperar nosso lar, salvar nosso povo e vingar nossos pais.

— Eu também te amo, Theo. – diz ele, sua voz um pouco mais alta que um sussurro.

Embora eu já soubesse disso, suas palavras ainda enviam uma vibração através do meu peito. Afasto-me um pouco para olhar para ele.

— Então não ouse me deixar. Não me importo se a própria Glaidi tentar levá-lo para After. Você diz: 'Hoje não'. Você me ouviu?

Blaise engole, o nó na garganta balançando. — Sim, ouvi você. – diz ele.

As palavras não significam muito; nós dois sabemos que as pessoas não têm escolha quando a morte chega para elas - perdemos muitas pessoas antes da hora. Mas é bom fingir por um momento que temos algum controle sobre isso.

DISFARCE

Uma vez que comemos o café da manhã e nos vestimos, nós quatro vamos encontrar Erik e Hoa na entrada do palácio. A luz do sol é tão brilhante que é ofuscante, e eu tenho que sombrear meus olhos quando saio pela porta da frente do palácio. Artemisia relatou que os danos causados pelo terremoto foram, felizmente, mínimos - principalmente danos apenas cosméticos à torre do palácio. Nada mais do que algumas bugigangas quebradas, algumas arandelas de parede que caíam, alguns pisos de ladrilhos rachados. Nada que o rei Etristo não possa consertar rapidamente.

Nada desta vez, eu penso, mas logo forço o pensamento para fora da mente.

— Rainha Theodosia. – uma voz chama. Quando meus olhos se ajustam ao brilho, percebo que é apenas Coltania, vestida com um vestido de seda vermelho que envolve firmemente a figura dela, destacando a curva de sua cintura e o inchaço de seus quadris e peito.

Embora eu esteja aliviada por ser ela e não uma cortesã Sta'Criveran, a irritação ainda acende. Por que ela está fora de casa quando Søren está trancada em uma masmorra úmida? Ela deveria estar trabalhando no soro da verdade para que ele possa provar sua inocência. Não posso imaginar que ela esteja trabalhando nesse vestido.

— Salla Coltania. – eu digo, forçando um sorriso.

Ela estende as mãos para pegar as minhas antes de se inclinar para beijar cada uma das minhas bochechas duas vezes. Ela ri quando vê minha surpresa.

— Um costume oriânico para cumprimentar amigos. – explica ela. — Um velho hábito, me desculpe.

— Não se preocupe. – eu digo, embora eu possa sentir traços de seu verniz labial vermelho pegajoso deixado para trás nas minhas bochechas. Resisto ao desejo de limpá-los; sei que não é a mesma coisa, mas isso me lembra o Kaiser me marcando com uma marca de mão cinza nos banquetes. — Você sentiu aquele terremoto antes? Muito assustador. Mas está um dia adorável agora. Marzen e eu íamos fazer outro piquenique, você deveria se juntar a nós. – Ela olha para as minhas sombras, reunidas atrás de mim. – Seus... companheiros são bem-vindos também, é claro.

Eu forço um sorriso. — Foi um terremoto terrível, mas eu entendo que eles são comuns na área. – digo, embora não saiba se isso é verdade. Coltania franze a testa, mas antes que ela possa questionar, eu continuo. — É um convite muito gentil mas enquanto o Prinz Søren estiver preso, decidi não me encontrar com nenhum pretendente. Ele é meu contato diplomático, afinal, e eu preciso de sua orientação nesses assuntos. Certamente você entende - esta é uma decisão que não deve ser tomada levianamente.

As sobrancelhas de Coltania se levantam. — Eu não sabia que a orientação dele era tão necessária para você, Majestade. – diz ela.

Eu ri. — Por que mais eu o manteria no meu conselho? – Eu fingi um olhar de surpresa. — Oh, Salla Coltania, você não acreditou nesses rumores, não é? – Pergunto. Ela parece dividida por um momento antes de sua expressão suavizar. — Que rumores? – Ela pergunta com uma piscadela.

Eu mudo de assunto. — Foi você quem ajudou os farmacêuticos do rei Etristo com o soro da verdade?

— Sim, parecia o mínimo que eu poderia fazer para chegar ao fundo dessa bagunça. Depois do que aconteceu com o pobre arquiduque - e o que quase aconteceu com você!

— Trágico. – eu concordo. — Fico feliz que você esteja ajudando. Com todas as suas habilidades científicas, tenho certeza de que o nome de Søren será limpo rapidamente e que poderemos voltar aos negócios.

Ela inclina a cabeça. — Claro, Majestade. Farei o meu melhor, embora possa demorar até uma semana, dependendo da disponibilidade de alguns dos ingredientes mais raros.

Estendo a mão para apertar seu braço. — Eu acredito em seus talentos. Por favor, aproveite o seu piquenique e diga ao seu irmão que eu disse 'olá'. Espero poder passar um tempo com você e o chanceler Marzen novamente em breve. — Quando nos afastamos de Coltania e descemos os degraus do palácio, Artemisia vem andar ao meu lado, deixando Heron e Blaise seguindo alguns passos atrás.

— Sinceramente, não sei dizer se você gosta ou não dela. – observa ela.

— Acho que eu também não sei. – admito. — Eu a respeito, pelo menos.

Quando descemos as escadas, procuro Erik e Hoa na multidão. No brocado de Gorak, eles deveriam se destacar, mas não vejo sinal deles. Quando chegamos ao último degrau, duas figuras se aproximam, cobertas da cabeça aos pés em roupas de cor bege. Com os capuzes levantados sobre a cabeça, seus rostos são lançados na sombra. A princípio, acho que devem ser dois dos padres manadólicos, que sempre usam roupas severas e conservadoras, mesmo com o calor escaldante, mas quando um deles puxa o capuz para trás um pouco, olhando para mim, percebo que é Erik. O que significa que a figura menor ao lado dele deve ser Hoa.

— Um disfarce. – digo a ele em Kalovaxiano. — Embora pareça um pouco desnecessário.

— Fácil para você dizer. – ele murmura. — Os Sta'Criverans não cospem em suas costas e o chamam de Enta crusten.

Eu franzo a testa. — Enta crusten? – Eu repito.

Seu rosto fica vermelho. — Pelo que entendi, é Sta'Criveran para 'os amaldiçoados'. Um termo bastante genérico para os gorakianos. Parece que nossa presença está sendo responsabilizada por esse terremoto. Aparentemente, Sta'Crivero não tem um terremoto há séculos.

Eu luto para manter minha expressão uniforme. — É mesmo? – Pergunto antes de me lembrar de algo. — Søren disse que os Sta'Criverans consideravam os refugiados amaldiçoados, e que os trancavam atrás do muro para impedir que a maldição se espalhasse.

Como se ser conquistado pelo Kaiser e devastado por seus exércitos Kalovaxianos, fosse uma doença que pode ser transmitida de pessoa para pessoa, país para país. Como se fosse assim tão simples.

— Você deve manter o capuz erguido. – Heron diz a Erik, olhando em volta para ver se alguém o notou. — Pelo menos até sairmos da cidade. – Erik suspira, mas puxa o capuz de volta, embora não antes de piscar para Heron. — Parece uma pena esconder esse rosto do mundo, mas suponho que você esteja certo.

Enquanto o grupo de nós passa pelas ruas da cidade, olho para ver que o rosto de Heron é da cor de geléia de morango.

—

Erik, Hoa e eu recuamos para que Blaise, Heron e Artemisia possam trocar cavalos sem se preocupar em sermos reconhecidos. O lado infeliz disso é que só podemos levar três cavalos. Eu estou bem com o arranjo, já que não consigo andar sozinha de qualquer maneira, mas Erik parece um

pouco irritado com a idéia de compartilhar um cavalo com outro cavaleiro.

— Não ando de passageiro desde criança. – diz ele.

— Se você prefere liderar o cavalo, isso não importa para mim. – Heron diz a ele, embora esteja tendo problemas para olhar Erik nos olhos enquanto ele diz. — Quero dizer... se você quiser ir comigo. Você poderia andar com Blaise também, ou Art, suponho, embora duvide que algum deles o deixasse tomar as rédeas.

Erik fica surpreso por um momento, olhando para Heron como se não tivesse muita certeza do que fazer com ele. — Tudo bem. – diz ele finalmente. — Obrigado.

Heron encolhe os ombros e desvia o olhar novamente.

— Vou levar Theo, então. – diz Artemisia em Astreano antes que Blaise possa oferecer. — Blaise, você leva Hoa.

Hoa parece confusa, tendo entendido apenas o nome dela. Eu rapidamente traduzo para ela.

Hoa considera isso por um momento, avaliando Blaise antes de dar um aceno decisivo. — Tudo bem. – ela me diz.

— Por mais doloroso que seja, acho que teremos que falar kalovaxiano para que todos se entendam. – digo. — Caso contrário, teremos que continuar traduzindo para Erik e Hoa.

Artemisia revira os olhos. — Eu odeio falar neste idioma, – diz ela em um Kalovaxiano com sotaque severo, pronunciando erroneamente algumas palavras. — Parece mais uma violação.

Hoa olha para ela como se fosse a primeira vez que a viu. — Sinto muito. – diz ela. Seu Kalovaxiano é mais fluido, mas ainda desigual.

Artemisia fica surpresa com o pedido de desculpas e fica um pouco confusa - um novo visual para ela, mas que não posso deixar de gostar.

— Está tudo bem. – ela diz a Hoa depois de um momento. — Eu só quis dizer... Não foi nada contra você. Eu só estava reclamando.

— Ela faz muito isso. – digo a Hoa. — Você não deve levar para o lado pessoal.

Artemisia olha furiosa para mim, mas não protesta, apenas aperta meu braço.

— E só por isso. – ela me diz. — Vou ir muito rápido.

Meu estômago revira em antecipação.

— Então vou vomitar em cima de você. – respondo.

Hoa ri, um som que nunca ouvi antes. É uma risada melódica que me lembra o canto dos pássaros no início do dia. É lindo.

OJO

Minha ameaça de vômito parece ter funcionado - o cavalo praticamente desliza sobre a extensão plana do deserto, com Artemisia nas rédeas. Ela lidera o grupo todo o caminho até lá, mas acho que não me importo com a velocidade tanto quanto pensei que faria.

Quando chegamos, Heron, Blaise e Erik descarregam os pacotes de comida presos a cada um de nossos cavalos enquanto Hoa, Artemisia e eu partimos para o portão. Não posso deixar de olhar por cima do ombro para Blaise enquanto procuramos sinais de sua explosão apenas algumas horas antes, mas ele está exatamente como sempre e há algo de reconfortante e desconcertante nisso.

Os guardas do lado de fora são os mesmos da última vez, com as faces de pedra e as lâminas curvas embainhadas nos quadris.

Quando nos aproximamos, eles quase não nos dão uma olhada.

— Estamos aqui para... – Eu começo, mas paro. Como foi dito da última vez? — Procurar trabalho. E trouxemos pagamento para trabalhos passados – acrescento, gesticulando atrás de mim para os meninos carregando a comida.

Os guardas trocam olhares céticos, mas aparentemente eles não se importam o suficiente para me chamar de mentirosa. Com um suspiro irritado, um deles abre a porta única, conduzindo-nos através.

Mais uma vez, é como bater em uma parede de ar quente e rançoso que cheira a doenças e podridão. Estou esperando dessa vez, então não reajo, mas Hoa não está preparada. Ao

meu lado, ela tosse e engasga, cobrindo o nariz e a boca com um braço para bloquear o fedor. Seus olhos escuros percorrem o acampamento decrépito - as pequenas casas que estão desmoronando, as ruas sujas, as pessoas em suas roupas rasgadas, algumas das quais são tão magras que seus ossos se projetam sob a pele como se não estivessem totalmente nesse mundo.

Por um momento, há horror, nojo e tristeza em sua expressão, mas tão rapidamente quanto apareceu, ela se fecha atrás de sua máscara de estoicismo plácido.

De repente, entendo - que outra vida que ela viveu antes de eu a conhecer, a filha do imperador, criada para encarar todas as situações com uma cabeça e diplomacia niveladas. Nunca emocional, nunca vulnerável. Não acredito que a vi como qualquer outra coisa.

— Existem refugiados de todos os países que os Kalovaxianos conquistaram aqui. — explico. — Algumas famílias estão aqui há gerações. Eles falam um tipo de língua confusa, palavras e frases tiradas de um país ou de outro. E há um conselho de Anciãos que representa cada comunidade. É com quem nos encontraremos.

Um grupo de crianças - as mesmas da nossa última visita - correm com as mãos estendidas, sorrisos largos esticados sobre os dentes tortos. Não posso deixar de sorrir de volta, tanto quanto a visão deles com suas costelas salientes e rostos sujos parte meu coração. Eu cavo nos bolsos e pego um punhado de jóias que peguei nos vestidos deixados no meu armário. Um por um, eu os passo para as crianças que se agarram à minha saia e puxam meus braços.

— Ojo. – um deles grita, e os outros rapidamente se juntam, cantando a palavra até que suas vozes se misturam.

Ao meu lado, Hoa endurece. Não sei o que a palavra significa, mas ela sabe.

Ela limpa a garganta. — Prinzessin. – ela me diz. — Ojo era nossa palavra para Goraki, o que chamamos de filha do imperador. Era como eles me chamavam então. É o que eles estão chamando agora, embora você seja mais do que uma princesa. Eles ainda não sabem disso, mas você os mostrará.

Ela parece tão certa de mim, mais certa do que eu mesma me já senti. Por tantos anos, sofremos lado a lado. Ela era uma estranha, selada atrás de seu silêncio e da distância que mantinha para proteger nós dois. Mas eu não era uma estranha para ela; Eu era uma garota que ela dava banho, vestia e colocava na cama todas as noites. Ela viu mais de mim do que de seu próprio filho.

Estendo a mão e seguro sua mão, apertando-a firmemente na minha. Seus olhos se enchem de lágrimas, mas ela os pisca antes que eles possam cair. — Ojo Hoa. – diz ela, tão silenciosamente que quase não a ouço. Mas ela não está falando comigo de qualquer maneira; as palavras são apenas para seus próprios ouvidos, um nome que lhe foi tirado da mesma forma que o meu.

— Estamos procurando os anciãos. – digo às crianças em Astreano.

Eles piscam em confusão, trocando um olhar. Eles devem entender apenas uma ou duas palavras.

— Você pode perguntar a eles em Gorakiano onde estão os Anciãos? – Pergunto a Hoa em Kalovaxiano.

Ela assente e traduz. O entendimento surge em alguns rostos enquanto eles o juntam, usando algumas palavras de Astreano e Gorakiano.

Uma das meninas mais velhas, talvez com nove anos, segura minha mão e me leva pelas ruas. Um garoto mais

novo, com cerca de quatro anos, segura minha outra mão e, quando olho para Hoa e Artemisia, vejo as crianças lutando para segurar suas mãos também - até Artemisia amolece um pouco quando um garoto pega a mão dela e a olha com um sorriso que falta um dente da frente.

Eles nos conduzem pelas ruas sujas e eu hesito apenas o tempo suficiente para garantir que Blaise, Heron e Erik entrem sem problemas. Eles estão dentro do portão, descarregando seus pacotes de comida enquanto um grupo de refugiados adultos olha com olhos famintos. Não sei como podemos dividir de maneira justa a comida que trouxemos - mesmo que pudéssemos, ainda não seria suficiente. Um curativo em uma ferida aberta, nada mais.

Olho para as duas crianças que seguram minhas mãos como se estivessem aterrorizadas por me afastar. Deve haver mais que posso fazer, mas não consigo pensar no que é. Acho que nunca me senti tão desamparada na minha vida, nem mesmo quando o Theyn estava em pé sobre mim com o chicote na mão.

—

As crianças nos levam ao mesmo barraco de antes. Quando estamos chegando à porta da frente, ela se abre para revelar Tallah em pé com uma mão no quadril, sua expressão inescrutável.

— Você de novo. – ela me diz em Astreano, com sotaque pesado. Seus olhos disparam para Artemisia, depois para Hoa. — E uma nova amiga desta vez. Não é um parque para você brincar, você sabe.

Sinto minhas bochechas ficarem quentes. — Trouxemos comida, tanto quanto conseguimos. Ainda não é suficiente, mas é ... é tudo o que podemos carregar.

Suas narinas se abrem quando ela me olha com tanta atenção que sinto que vou virar pedra imediatamente.

— Esta é Hoa. – digo quando Tallah permanece quieta, gesticulando para onde ela está à minha direita.

Percebendo que está sendo apresentada, Hoa fica um pouco mais ereta, erguendo o queixo uma polegada. — Ojo Hoa. – diz ela. — Ta Goraki.

Algo brilha nos olhos de Tallah. — Houve um tempo em que eu nunca imaginei que conheceria uma princesa. Agora vocês parecem estar se multiplicando.

— Na verdade, sou uma rainha. – digo, mesmo que eu possa ouvir a voz de Dragonsbane ecoando em minha mente. *Rainha do que exatamente?* Afasto a voz, mas o fantasma dela permanece.

Tallah ri e empurra a porta ainda mais. — Muito bem, rainha. Entrem vocês três – ela diz antes de olhar para as crianças e dizer algo que eu não entendo, acenando com as mãos. Eles riem e fogem e entramos.

Os Anciãos estão todos aqui. Todos devem compartilhar a casa, por menor que seja. Sandrin está sentado em um colchão esfarrapado com um livro nas mãos que parece ter perdido mais da metade de suas páginas. Quando ele nos ouve entrar, ele olha para cima, o espaço entre as sobrancelhas enrugando.

— Sua Majestade. – diz ele, levantando-se. — Eu pensei que tínhamos a visto pela última de vez.

A culpa toma conta de mim, mesmo que eu não tenha certeza de como poderia voltar mais cedo. Talvez eu nunca devesse ter saído. Não importa o quão bom seja o palácio Sta'Criveran, acho que estou mais confortável aqui, onde fazer o bem ao meu povo significa distribuir comida e jóias e cobrir o telhado em vez de me vender a um estranho

governante de um país estrangeiro. Mas contrabandear alimentos e telhados de palha é uma solução temporária. A única maneira de realmente ajudar essas pessoas é dar-lhes um país para chamar de lar.

— Sinto muito. – digo a ele. — É difícil fugir, mas trouxemos comida conosco. Blaise e Heron estão descompactando-o com... outro amigo. Erik.

Ele parece confuso. — O Prinz não quis voltar? Nós o assustamos? – Ele não parece muito arrependido. Na verdade, acho que vejo um sorriso puxando os cantos da boca dele.

— Ele está ocupado hoje. – digo. — Mas esta é Ojo Hoa de Goraki. O filho dela, o Imperador, está ajudando a desempacotar a comida perto do portão. – Sandrin volta sua atenção para Hoa, mas antes que ele possa dizer qualquer coisa, outra voz surge.

— Ojo. – diz um homem, sua voz ofegante. Ele é Gorakiano, com cabelo preto tão curto que é irregular em alguns lugares. Seu rosto é magro e seus olhos um marrom profundo e rico. — Ojo Hoa.

Hoa olha para ele, perplexa, enquanto ele cai no chão aos pés dela. É só quando ele levanta a cabeça para dizer o nome dela novamente que eu percebo que ele está chorando. Por um momento, Hoa está perdida, mas depois de olhar ao redor da sala, ela cai no chão ao lado dele e coloca a mão na bochecha dele antes de falar baixinho em gorakiano, as palavras se unindo tão perfeitamente quanto gotas de água em um riacho. O homem assente com fervor, os olhos fixos nos dela. Depois de um momento, Hoa se levanta, pegando a mão do homem e trazendo-o com ela. Os olhos dela se transformaram em aço.

— Não é o suficiente. – ela me diz em Kalovaxiano. Não entendo o que ela quer dizer até que ela limpe a garganta e tenta novamente. — Não basta trazer comida. Também devemos trazer esperança.

—

Hoa insiste em ver o acampamento na sua totalidade, e tudo o que posso fazer é segui-la. Eu não sei como ela faz isso - como ela pode ver tanta feiúra e dor sem se encolher. Como ela pode pedir para ver ainda mais. Não quero ver mais. Quero me virar e sair e trazer mais comida em alguns dias, se puder, mas não quero entender esse lugar da maneira que ela faz. Eu não aguento.

Eu a sigo de qualquer maneira, enquanto vamos de casa em casa, ando por todas as ruas e tento imitar sua graça, como ela se mantém diante de tanta miséria.

Também devemos trazer esperança a eles, disse ela, como se fosse algo físico que pudéssemos entregar em uma cesta amarrada com fita. Como se fosse fácil compartilhar com os outros quando já é difícil o suficiente para impedir que minha própria esperança morra. Quando digo o mesmo a Artemisia, ela balança a cabeça. — A esperança é contagiosa. – diz ela. — Quando você tem o suficiente, ele se espalha naturalmente.

MINA

De volta à casa dos anciãos, encontro Sandrin com seu livro novamente. Embora ele olhe para mim quando eu me aproximo, ele volta a ler imediatamente depois. Eu quase o acho rude, mas tento não levar isso para o lado pessoal. Se a condição de desgaste do livro é alguma indicação, deve ser uma história cativante. Sento-me cautelosamente ao lado dele no colchão e espero que ele termine. Quando ele o faz, marca seu lugar com um pedaço de papel e deixa o livro de lado.

— Você sabe ler? Ele me pergunta.

Eu pisco. — Claro. – eu digo antes de morder o lábio. — Quero dizer, eu sei ler Kalovaxiano perfeitamente bem. Eu posso ler um Astreano razoável - meu professor me disse que eu era avançada para uma criança de seis anos, mas agora... bem, eu não diria que estou na média de dezesseis anos. Astreano foi proibido no palácio. Fui proibida de falar, escrever, ler.

A boca dele aperta. — Nós teremos que ensiná-la, quando houver tempo.

Não consigo imaginar quando haverá tempo para isso, mas não digo. É uma oferta gentil e aceito com um sorriso.

— Sua amiga é bastante popular. – ele me diz. — Onde ela está agora?

— Hoa está ajudando na distribuição de alimentos. – digo. — Os Anciãos estavam preocupados que isso causasse uma multidão, mas ela está mantendo a multidão calma e organizada.

Ele concorda. — Ela tem um dom com as pessoas. – diz ele. — Em Astrea, teríamos dito que ela era uma storaka.

— Uma filha do sol? – Eu pergunto, separando as raízes da palavra.

— Quem não ama o sol, afinal? Algumas pessoas têm a mesma energia: atraem outras pessoas, fazem amizade com estranhos com um único sorriso. – diz ele. — Você não é uma storaka. – acrescenta. Eu deveria me sentir menosprezada, mas não posso negar que ele está certo. Eu não tenho o dom que Hoa tem. Eu não sou uma pessoa fácil de amar.

Ele olha para mim com olhos avaliadores. — Havia uma história em Astrea que você lembra de ouvir quando criança, sobre o coelho e a raposa?

Pedaços e pedaços voltam para mim - havia uma coelha que queria agradar a todos, então ela rolou na lama para um porco, enfiou penas em si mesma para agradar uma galinha, pintou manchas no pêlo para impressionar uma vaca. Então ele encontrou uma raposa.

— A raposa disse que gostaria mais dela em uma panela de água fervente. – eu digo. — A coelha pulou e a raposa a cozinhou viva e a comeu no jantar.

Sandrin sorri sombriamente. — Não há como agradar todos sem se perder. – diz ele. – E você está cercado por raposas. O que vai fazer você feliz?

— Não é tão simples. – digo, a frustração vazando em minha voz. — Não é apenas sobre mim, é sobre eles. – eu aceno para a porta, para todos os refugiados famintos no campo — é sobre as pessoas que estão em Astrea usando correntes. Minha felicidade é irrelevante se vier à custa deles.

Ele considera isso.

— E o que custará salvá-los? – Ele pergunta.

— O custo é... – começo e então paro. — O custo é casar com um estranho com exércitos fortes o suficiente para enfrentar o Kaiser.

Espero sua advertência, para que ele me diga novamente que as rainhas não se casam, mas ele não diz. Em vez disso, ele dá um tapinha na minha mão. — Essa é uma decisão difícil. – diz ele.

— É. – eu digo, minha garganta apertando. Eu pisco as lágrimas, focando na minha razão de vir falar com ele. — Sandrin, você conhece alguém que conhece os Guardiões?

Sua mão cai da minha e ele se senta um pouco mais reto. — Os Guardiões? – Ele pergunta.

Hesito, uma confissão sobre a explosão anterior de Blaise subindo aos meus lábios. Eu pressiono e escolho minhas palavras com cuidado. — Havia uma garota kalovaxiana de quem me tornei amiga - ou, acho que éramos amigas - Não sei ao certo o que éramos. Antes de sair, envenenei ela e o pai com Encatrio e isso o matou, mas ela sobreviveu.

Sandrin endurece. — Ela sobreviveu. – ele ecoa. — Mas ela não é a mesma.

Balanço a cabeça. — Ela está assustada com isso e tem... ela tem o dom de Houzzah.

Ele absorve isso, sua expressão ilegível.

— É impossível. – digo quando ele fica quieto. — Houzzah nunca abençoaria um Kalovaxiano. Ele deixaria que o veneno a matasse, acabaria com isso.

Seu sorriso é tenso e sombrio. — Tentar entender o raciocínio dos deuses é cortejar a loucura.

— Não. – repito. — Não acredito que seja possível. Eu não acredito... eu paro porque não tenho escolha a não ser acreditar. Eu vi com meus próprios olhos - senti o calor que o toque dela deixou nas barras da cela que nos separavam, quentes o suficiente para queimar.

— O que deve ser feito, então? – Pergunto. — Uma Kalovaxiana com esse tipo de poder... e agora ela é a Kaiserin também.

— Não tenho resposta para isso. – ele admite. — Ninguém que você conhecer terá.

Eu engulo. — Você quer dizer que vou ter que matá-la.

Não é a primeira vez que me dizem isso, mas a última vez, Cress era inocente. Ela era apenas uma garota que gostava de vestidos bonitos e queria se casar com um prinz. Ainda parece um punho fechando em volta do meu coração, mas desta vez é diferente. Sandrin está certo - eu sabia em algum lugar no fundo que matar Cress era a única maneira de detê-la. Todos aqueles pesadelos que me assombram acabaram com ela terminando minha vida, e sonhos ou não, eu sei que há verdade neles.

Afasto o pensamento antes que Sandrin possa ver o quanto isso me afeta. — E... – eu paro novamente, sem saber como formular minha próxima pergunta. Blaise estava certo; se alguém suspeitar que ele é instável, o matarão. Não sou ingênua o suficiente para acreditar que Sandrin é uma exceção a isso.

— Você já ouviu falar de alguém enlouquecendo e sobrevivendo? – Pergunto a ele.

Sandrin faz uma careta. — Isso, por si só, é uma contradição. A loucura das minas, por sua própria definição, resulta na morte. Se não, não é a loucura. – Ele faz uma pausa. — Mas, novamente, suponho que a morte chegue até todos nós no final, então talvez isso não seja justo. Quanto tempo faz?

— Não é... – eu digo a ele. — É hipotético.

Ele não acredita em mim, posso dizer. Por um segundo, espero que ele me pressione para obter detalhes, mas, eventualmente, ele balança a cabeça.

— A loucura das minas não é uma doença, não importa como possamos tratá-la como uma. É a mágica nas minas - algumas pessoas conseguem lidar com isso, outras não. – diz ele.

— Depende das bênçãos dos deuses. – digo, assentindo. Isso eu sei.

Ele inclina a cabeça para um lado, pensativo. — Essa é a explicação mais comum, sim. Sempre foi a que eu escolhi acreditar, mas há outras. Menos poéticas. Alguns acreditam que tudo se resume a outros fatores - o sangue de uma pessoa ou sua constituição. Talvez seja tudo verdade, de certa forma.

— Se isso é filosofia, acho que não ligo para isso. – digo a ele. — Como eles podem ser verdadeiros?

— Sempre pensei que acreditar em algo empresta um tipo de verdade a ele. Nesse caso, talvez nunca tenhamos uma resposta certa, então a crença é a única verdade que temos.

Frustração borbulha dentro de mim. — Isso não é uma resposta, são apenas mais perguntas. – eu digo. — Você já ouviu falar de alguém que ficou louco e sobreviveu?

Ele me olha com cautela por um momento antes de balançar a cabeça. — Não. – ele diz. — Nunca ouvi falar de um caso de loucura que durasse mais de três meses antes do sofredor perecer. – diz ele.

Perecer. É uma palavra bonita, mais bonita do que morrer.

— Como isso acontece? – Pergunto, embora não tenha certeza de que quero saber a resposta. Ele balança a cabeça. — Vi uma vez, com meus próprios olhos. Não em batalha - isso foi anos antes do cerco. Um homem pobre e assustado

fugiu do templo quando percebeu que tinha a loucura das minas. Eles costumavam matá-los, mesmo antes do cerco, apesar de eu imaginar que antes havia mais misericórdia neles. Ainda assim, ele entrou em pânico e correu para uma vila próxima em busca de abrigo. Ninguém se machucou quando ele finalmente perdeu todo o controle, mas era uma visão terrível. Não restava muito dele depois, e a vila foi arrasada. É melhor que você não saiba nada além disso, e espero que você nunca precise ver isso sozinha.

Quero pressioná-lo para obter detalhes, mas seguro minha língua. Não quero essas imagens em minha mente; Não quero que isso aconteça com Blaise, não quero vê-lo assim toda vez que fechar meus olhos. Por mais horríveis que sejam meus pesadelos com Cress, sei que prefiro eles a isso.

— E se durar mais de três meses? – Pergunto a ele. — E se alguém sobreviver à mina, se tiver um dom, como um Guardião teria... mas se às vezes não puder controlar esse dom?

Mais uma vez, ele fica quieto por um momento, seus olhos se afastando enquanto ele vira sua mente para uma resposta. — É perigoso? – Ele pergunta.

Faço uma pausa, apesar de saber a resposta. Foi apenas algumas horas atrás que Blaise quase destruiu toda a capital Sta'Criveran. Quantas pessoas teriam morrido em um desastre como esse? Eu ficaria surpresa se alguém conseguisse ir embora vivo.

— Eles não machucaram ninguém. – eu digo.

Não é uma resposta completa, e Sandrin parece perceber isso. Ele se levanta com um gemido e estende a mão para mim. — Venha. – diz ele. — Eu quero apresentar você a alguém.

—

Sandrin me leva pelo labirinto de ruas tortas. Eles estão vazios, já que todo mundo está esperando por comida nos portões, mas há algo desconcertante no silêncio. Parece, mais do que nunca, um lugar morto. Ao pensar nisso, tenho que reprimir um calafrio e acelerar meu passo para alcançar Sandrin.

Ele finalmente me leva até outra casa com um telhado caído e uma porta que mal cobre a entrada. Em vez de caminhar até a porta, no entanto, ele da a volta em um pequeno pedaço de terra seca, onde algumas plantas irregulares estão crescendo. Há pimentões amarelos brilhantes, berinjelas violetas e globos de melada verde pálido. É um choque de cores bem-vindo.

Perto do jardim, uma mulher com ombros curvados e cabelos pretos curtos tende a um fogo fraco. Pendurado sobre ele, suspenso por uma estrutura de metal enferrujada, há uma panela grande de ferro fundido.

— Mina. – diz Sandrin quando nos aproximamos, e a mulher se vira para nos olhar por cima do ombro. Sua expressão é severa, mas suaviza quando ela vê Sandrin.

— Veio para ser útil? – Ela pergunta, acenando com a cabeça em direção a um saco de aniagem ao lado dela, cheio de batata doce oblonga e laranja. — Eles precisam ser descascados.

— Viemos conversar sobre algo, na verdade. – diz Sandrin antes de pigarrear. — As minas.

Algo pisca na expressão de Mina. — Você pode conversar e descascar. – diz ela. — Me dê um segundo.

Voltando ao fogo, ela segura as mãos na direção dele, torcendo-as no ar ao redor. Quando ela as balança, o pequeno fogo aumenta, até suas chamas lamberem no fundo da panela. Não há ferramentas, fósforos, nada além dela.

— Você é uma guardiã. – eu deixo escapar. Outro guardião! E de antes do cerco, aquele que entende seu poder e os deuses mais do que Heron, Art ou Blaise. E um guardião do fogo! Penso em minhas próprias mãos se aquecendo e formigando; Penso em acordar com marcas de queimadura nos meus lençóis. Talvez ela tenha respostas para isso também.

Mina se volta para nós, desta vez olhando para mim. — Quem é você? – Ela pergunta, com a voz aguda. — Esta é a rainha Theodosia. – Sandrin diz.

Mina zomba. — Não há rainha Theodosia. – diz ela, com os olhos fixos em mim. — Apenas uma princesinha assustada sob o polegar do Kaiser.

— Eu disse que a rainha veio, lembra? – Sandrin pergunta.

— Claro que eu faço. O acampamento inteiro não parava de falar sobre isso. Isso não muda nada. Você não é rainha. – ela me diz. — Você não pode ser rainha de um país que não existe.

É a mesma coisa que Dragonsbane me disse, mais ou menos, mas não há mordida na voz dela. Em vez disso, ela parece triste.

— Sandrin disse que você poderia me ajudar. – digo a ela. — E ele estava certo. Eu não sabia que havia guardiões aqui. Achei que os Kalovaxianos havia os matado depois do cerco.

Mina segura meu olhar por mais um momento antes de desviar o olhar e balançar a cabeça. — Eu não sou uma guardiã, criança. – diz ela.

Eu franzir a testa. — Mas eu vi você-

— Você já viu Guardiões do Fogo antes? – Ela pergunta. — Você os viu criar fogueiras com um estalar de dedos, os viu

segurar uma bola de fogo nas mãos como se fosse um brinquedo, os viu tocá-lo sem nunca se queimar.

Eu concordo. — Vi Ampelio fazer tudo isso e muito mais quando era criança.

Ela assente em direção ao fogo. — É o máximo que posso fazer. E até isso foi uma luta. – diz ela. — O que você sabe sobre a magia do Guardião?

Eu dou de ombros. — Há mágica nas cavernas que corriam sob os antigos templos - nas minas agora. Algumas pessoas que passam um tempo prolongado lá são abençoadas pelos deuses e ganham dons - como o Dom do Fogo. Mas a maioria não é. O poder os deixa loucos por mim. Eles têm pele febril, não dormem, seu dom é instável, até que os mate.

Mina contrai os lábios. — Você está mais ou menos correta, embora tenha uma compreensão muito juvenil - todas as arestas vivas e regras em preto e branco. Nada no mundo é tão simples assim, e mágica certamente não é.

— Como assim? – Pergunto.

Ela considera por um momento, lançando seu olhar até que uma idéia ilumine sua expressão. Ela me chama mais perto. Quando estou em pé na frente dela, ela pega um balde e levanta para que eu possa ver a água escorrendo por dentro. — Algumas das últimas coisas que seus amigos trouxeram quando você veio antes. – explica ela. — Agora, imagine que a água é a mágica nas minas - essa quantidade exata é o que imbui quem fica lá por um longo período de tempo. E agora imagine que a panela é uma pessoa dessas.

Ela derrama o conteúdo do balde na panela e o enche quase três quartos do caminho.

— Nós chamaríamos essa pessoa de abençoada. – diz ela. — A mágica os enche, mas não transborda. Se a pessoa fosse um recipiente menor, por assim dizer, a magia seria demais e,

como chamamos, louca. – Eu franzo a testa. — Mas isso não faz sentido. – eu digo. — Eu tenho uma amiga que é uma Guardiã e ela é do meu tamanho. Certamente pessoas maiores do que aquelas enlouqueceram as minhas.

— Não é ao tamanho físico a que ela está se referindo. – diz Sandrin.

— É algo interno, algo incognoscível que determina isso, não relacionado à genética ou a qualquer outro fator, até onde sabemos. – acrescenta Mina.

— Nós'? — Pergunto.

— Antes do cerco, estudei as cavernas com um grupo de pessoas que estavam curiosas. Eu queria saber o que tinha acontecido comigo. – diz ela.

— E o que aconteceu? – Pergunto a ela.

Mina volta para o pote. — Imagine uma panela maior. – diz ela. — A mágica ainda está lá, mas não enche tanto a pessoa. Não chega a eles tão facilmente. Eu podia sentir a magia, mas trazê-la à superfície era difícil e raramente valia o esforço quando o fazia. Pessoas como eu... não éramos fortes o suficiente para servir como guardiões, então voltamos às nossas vidas normais. Era vergonhoso, de certa forma - não ser escolhido por um deus, nem morto por um, mas apenas esquecido. Ninguém gostava de falar sobre isso. Eu imagino que é o caso de muitos nas minas agora - por que eles não enlouqueceram as minhas, mas por que eles também não apresentam dons. A mágica está neles, mas é uma concentração muito pequena para permitir que eles façam muito, se é que alguma coisa.

Eu luto para entender isso. — Então, para ser abençoado pelos deuses, você deve ser precisamente o vaso do tamanho certo? – Pergunto.

— Alguns acreditam que os deuses ainda escolhem aqueles capazes de carregar o volume da mágica. – diz Sandrin. — Eles ainda são os que abençoam certos indivíduos acima de outros.

— E alguns acreditam que é tudo mais imprevisível e aleatório do que isso. – acrescenta Mina com um encolher de ombros.

— Você não acha que os deuses têm uma mão nisso? – Pergunto surpresa.

Mina não diz nada por um momento. — Eu não sei. – ela admite finalmente. — Mas considerar que eles escolhem aqueles que são abençoados significa que eles também são responsáveis por todos aqueles que não sobrevivem a ele. Não acredito que os deuses sejam capazes desse tipo de crueldade e, se forem, certamente não desejo adorá-los por isso.

Por mais sacrílego que seja, tenho que concordar com esse sentimento.

— Então, o que dizer de alguém que tem um dom, um dom forte, mas que nem sempre pode controlá-lo, especialmente quando está com raiva? E se eles não dormem e sua pele sempre esquenta, mas estão assim há mais de um ano?

Mina olha para Sandrin, que balança a cabeça. — Ela afirma que é hipotético. – explica ele, ao qual Mina dá uma risadinha irônica antes de se aproximar do pote.

— Então, quando se trata de usar magia, imagine que essa chama é a energia que você está exercendo para usar a magia. O que isso faria com a água?

— Isso ferve. – eu digo, um entendimento lentamente tomando forma.

— Sim. Para mim, quanto mais eu esforço para usar minha magia, mais forte ela é. Assim como a água fervente borbulha no topo da panela.

— Para um guardião comum, usar o poder deles para grandes coisas, por longos períodos de tempo, os levaria ao limite. Você diz que seu amigo hipotético é mais poderoso que a maioria, sim? Então, quando eles usam o dom com muita força ou por muito tempo...

— Ferve – eu adivinho.

Ela inclina a cabeça. — Havia textos antigos onde eu lia sobre essas pessoas, mas nunca encontrei um pessoalmente.

Sandrin limpa a garganta. Pelas histórias que li, elas costumavam aparecer em tempos difíceis. Uma seca no Ocidente provocou um Guardião da Água incomumente forte, capaz de produzir água suficiente para saciar uma vila inteira sem se cansar. Um ano, a fome foi compensada por um Guardião da Terra que poderia tornar o solo árido fértil mais uma vez. Os estudiosos observaram que era como se os deuses tivessem respondido suas orações.

— O que aconteceu com esses guardiões? – Pergunto.

Sandrin e Mina trocam olhares. — Eles usaram seu poder e salvaram milhares – diz Sandrin.

— Até que ferverem. – termina Mina.

É muito para pensar agora e ainda há tantas perguntas a fazer, então eu empurro Blaise da minha mente e olho para Sandrin.

— Do que falamos antes, o Encatrio? – Pergunto. — Está relacionado a isso? Eu sei que é a água da Mina de Fogo e as pessoas já sobreviveram antes, mas como?

— Estamos saindo do meu campo. – diz Mina, balançando a cabeça. – Mas, pelo que entendi, o Encatrio é uma dose muito concentrada de mágica. Mais do que a água

que estava no balde - o dobro disso, talvez. Muito poucos conseguem lidar com isso.

— Mas, quando o fazem, são muito talentosos, como se tivessem entrado nas minas. – diz Sandrin.

— Mais talentoso. – Mina corrige. — É difícil saber sem realizar testes, mas imagino que seja possível que esses seus amigos hipotéticos estejam de fato em situações semelhantes. – Por um segundo agudo, não penso em como isso significa que Cres é vulnerável, ou ainda mais perigosa por causa disso. Não penso em quanto poder ela deve ter, quantas pessoas ela poderia machucar. Eu só penso em como ela deve estar sofrendo, assim como Blaise. Eu gostaria de poder ajudá-la, antes que eu lembre que não posso.

— Mais uma pergunta. – eu digo, forçando minha mente a ficar clara. — Como é possível que alguém que nunca tenha pisado nas cavernas - nas minas - ou tenha tomado uma gota de Encatrio... como eles possam ter o dom?

Sandrin parece confuso, mas algo brilha nos olhos de Mina.

— Essa pessoa. – diz ela. — Ela - hipoteticamente, é claro - teria mais ou menos a sua idade?

— Sim. – eu digo. — Por quê? Isso tem a ver com alguma coisa?

— Havia um fenômeno começando, pouco antes do cerco. Rumores e relatos de crianças com dons - pequenos dons, nada como o poder de um Guardião, nem mesmo o meu. Certa vez, uma mãe me disse que a birra do filho fez com que um copo de água caísse. Outra jurou que sua filha chorou as folhas de uma de suas árvores. Era tudo de segunda mão, coisas que poderiam ter sido causadas por outras coisas. Mas havia um padrão se formando. Antes que pudéssemos cavar fundo demais, os Kalovaxianos chegaram.

Pode haver outros como eu. A ideia é cega e reconfortante.

— Você aprendeu mais alguma coisa antes que eles viessem? – Pergunto.

Mina balança a cabeça. — Mas se esse seu amigo hipotético quiser encontrar respostas, talvez eu possa ajudá-lo.

Parte de mim quer pedir ajuda aqui e agora, mas eu seguro minha língua. Não é a preocupação mais urgente. Estou bem e não tive nenhuma explosão real desde o navio. Embora eu saiba que é impossível, não posso deixar de esperar que tudo o que estava acontecendo comigo tenha desaparecido por conta própria.

— Obrigada. – é o que eu digo.

SACRIFÍCIO

O passeio de volta à capital é mais difícil do que a saída do palácio. O sol está alto no céu, tão forte que posso senti-lo queimar minha pele, mesmo através das minhas roupas. Temos que parar no meio do caminho, sob a sombra escassa de um grupo de grandes rochas. Artemisia usa seu dom para produzir um fluxo de água para cada um de nós beber, mas até seus poderes estão vacilando no calor seco e o esforço a deixa sem fôlego. Ela se senta, inclinando-se contra a lateral da pedra.

— Eu só preciso de alguns minutos. – diz ela, mas ela mal consegue terminar a frase antes de cochilar.

Decidimos descansar na sombra e acordá-la em meia hora. Com as palavras de Mina ainda me assombrando, aproveito a oportunidade para seguir Blaise quando ele vai checar os cavalos, mesmo que a ideia de deixar a sombra seja quase insuportável.

— Você precisa de ajuda com alguma coisa? – Eu pergunto a ele enquanto ele dá aos cavalos a última água para beber.

— Não, eu dou conta de tudo. – diz ele, sem olhar para mim. — Você deve ficar na sombra.

— Encontrei alguém no acampamento. – digo a ele, as palavras saindo rapidamente antes que eu possa detê-las. — Alguém que estudou as minas e a magia nelas.

Ele olha para mim, franzindo a testa. — Você contou a eles sobre mim?

— Não. – eu minto. — Eu apenas perguntei sobre Crescentia, como eu disse que faria.

Blaise assente, embora seus olhos ainda estejam perturbados. — E? – Ele pergunta.

Falo sobre Mina e as teorias que ela e Sandrin compartilhavam sobre os deuses e as minas. Conto a ele sobre a água fervente e o que isso significava - que ele não era muito louco e que, se mantivesse a calma e não usasse seu poder, poderia continuar assim. Eu digo a ele que ele não é o primeiro, que houve outros, mas que eles trabalharam até a morte. Blaise fica quieto enquanto eu falo, passando as mãos pelas costas de cada cavalo para espalhar a água extra para esfriá-los.

Coloco minha mão em cima da dele e aperto, sorrindo tão amplamente que meu rosto dói. — Então, tudo o que você precisa fazer é não usar seu dom. – eu digo. — Você ficará bem.Você vai sobreviver.

Mas Blaise não parece compartilhar meu alívio. Em vez disso, sua boca se torce e ele evita olhar para mim. Meus olhos procuram a pulseira que eu lhe dei - a que roubei de Cress com as centenas de minúsculas Pedras da Terra, mas não consigo encontrá-la.

— Onde está a pulseira? – Pergunto a ele.

Ele enfia a mão no bolso da calça e a pega. À luz do sol da tarde, as pedras marrons brilham.

— Você não deveria mais usá-la – eu digo. — Isso aumenta o seu poder. Erik disse que quando eles enviaram os berserkers para a batalha, eles lhes deram uma pedra preciosa para 'empurrá-los para o limite'. Eu não entendia isso antes, mas acho que agora sim.

Eu passo para pegá-la dele, mas ele me para, sua mão envolvendo meu pulso.

— Theo. – diz ele, com a voz baixa. — Eu preciso disso.

— Você não precisa não. – eu digo. — Isso só vai fazer você pior.

Ele balança a cabeça, finalmente olhando para mim. — Isso vai me deixar mais forte. – diz ele, pouco mais alto que um sussurro. — Você não vê? Os guardiões que você mencionou - aqueles que eram como eu - apareceram em tempos difíceis e foram os únicos que puderam ajudar. Você mesma disse.

— E eles morreram. – eu lembro.

— Eles eram heróis que serviram seu país. – ele corrige. — É isso que todos os Guardiões devem fazer.

Eu tiro meu braço fora de seu alcance. — Você me prometeu. – Eu ouço minha voz cada vez mais alta, mas não posso evitar. — Você me prometeu que ficaria bem, que faríamos o que fosse necessário para consertar isso.

— Para me consertar. – ele adiciona calmamente. — É isso que você quer dizer. Para me consertar.

— Para curar o que está matando você – eu o corrijo.

Ele não fala nada há muito tempo, seu olhar se concentra na areia sob seus pés.

— Quem sou eu sem o meu dom? – Ele pergunta finalmente, sua voz tão suave que quase não o ouço. — Porque é disso que você está falando.

— Seu dom. – repito lentamente. — O dom que quase matou todos nós esta manhã?

Ele tem a decência de ignorar isso. — Ampelio disse que eu era mais forte do que qualquer outro Guardião da Terra que ele já conheceu. Ele disse que se eu pudesse controlá-lo, poderia ajudar a mudar o curso desta guerra. Eu poderia ajudar a salvar Astrea.

— Mas você não pode controlá-lo. – digo, mais severamente do que pretendo. Ele se encolhe como eu lhe dei

um tapa. Eu suavizo minha voz e tento novamente. — Seu controle sobre ele está ficando mais fraco, não mais forte, e quem resta para ajudá-lo?

Sua mandíbula endurece e ele se vira para o cavalo, olhando para longe de mim. — Os deuses têm suas razões para fazer o que fazem. Eles tinham suas razões para fazer isso comigo. Você também acreditou nisso uma vez antes de Søren te convencer de que havia algo errado comigo.

Eu dou um passo para longe dele. — Não é disso que se trata e você sabe disso. Você causou um terremoto hoje, Blaise. Você é perigoso - para si mesmo, para mim e para todos ao seu redor. Isso não é um dom.

— Pode não ser um dom para você, Theo, mas será para os Kalovaxianos quando finalmente nos encontrarmos no campo de batalha e quando eu libertar até a última gota de qualquer tipo de poder que seja: dom ou maldição, usarei tudo contra eles.

A proclamação derruba o ar dos meus pulmões. Eu imagino uma panela fervendo. — Isso seria suicídio. – digo a ele. — É isso que você quer? Morrer aos dezessete anos se transformando em uma arma?

Ele fica quieto por um momento, respirando trêmulo. — Eu quero salvar Astrea. – diz ele finalmente. — O que quer que tenha acontecido comigo nessa mina, me fortaleceu. Me deixou mais forte que outros guardiões. Mais forte do que eu jamais poderia ser. Se você tirar isso de mim... eu não tenho nada.

Tento reprimir as palavras, mas elas escapam de qualquer maneira.

— Você me tem. – digo a ele. As palavras são um sussurro, quase perdidas no vento forte do deserto.

Ele balança a cabeça. — Eu te amo, Theo. Eu disse isso e eu quis dizer isso. Mas eu preferiria que você estivesse segura em seu trono sem mim do que ficar com você pelo resto de uma longa vida correndo, encolhida e escondida do Kaiser.

— Não precisa ser um ou outro. – digo a ele, contornando o cavalo para que não haja nada entre nós. — Quero tomar esse trono com você ao meu lado, como Ampelio estava ao lado de minha mãe.

O sorriso dele é amargo. — Acho que você não aprendeu nada com as histórias dos deuses que amamos quando criança – diz ele. — Você nunca percebeu o que todos eles tinham em comum?

Balanço a cabeça. — Monstros e heróis e atos de bravura estúpida? – Pergunto. — Felizes para sempre?

— Sacrifício – ele diz. — O herói nunca vence se não sacrifica aquilo que ama. Você quer tudo e não está disposta a desistir de nada para obtê-lo, a sua liberdade, a mim ou ao Prinkiti. Mas acho que posso sacrificar o suficiente por nós dois, quando chegar a hora.

Blaise finalmente se vira para mim, apesar de seus pensamentos estarem tão bem escondidos atrás dos olhos que parece que estou olhando para um estranho em vez da pessoa que conheço melhor neste mundo.

— Se você não desistir de suas jóias, será um perigo para todos nós. – digo a ele, lutando para manter minha voz firme, mesmo quando me forço a dizer as palavras mais difíceis que já disse. — Você tem que ir embora.

Seu choque e dor duram apenas um instante antes de serem selados novamente atrás de sua expressão plácida. Ele concorda. — Vou levar Hoa de volta à capital, mas depois disso irei. Não será muito longe - eu acamparei uma milha

fora do muro. Se você precisar de mim, pode enviar uma mensagem através de Heron ou Art.

Eu sempre precisarei de você, quero dizer. *Eu não teria escapado do Kaiser sem você planejar seus planos. Eu não seria nenhum tipo de rainha. Eu ainda seria apenas uma garota assustada, encolhida diante do Kaiser. Eu não sei quem eu sou sem você.*

As palavras morrem na minha garganta, sufocadas pelo meu orgulho e minha raiva. *Esta é a sua escolha*, eu me lembro.

Ele não espera a minha resposta de qualquer maneira, em vez disso, se vira e caminha para os outros com o balde vazio, deixando-me sozinha no sol quente com o coração despedaçado.

MÁSCARA

Eu ouvi alguns soldados Kalovaxianos que perderam apêndices em batalhas falarem sobre como eles ainda podiam sentir seus membros, mesmo que não estivessem mais lá. Para mim, é o mesmo com Blaise. Mesmo quando voltamos ao palácio sem ele, ainda sinto sua presença. É um choque toda vez que procuro por ele, apenas para encontrar Heron e Artemisia. Eles parecem sentir a ausência dele também, e quando todos nos retiramos para o meu quarto naquela noite, um cobertor de silêncio nos envolve.

Enquanto me deito na cama, tento não imaginar Blaise, sozinho do lado de fora da muralha da capital, com o calor de Sta'Criveran caindo sobre ele, mesmo no escuro, amplificado pelo calor que queima através dele. Mas é claro que falhei e sei que o sono não chegará tão cedo. No entanto, dormir não é o que eu estava planejando fazer hoje à noite.

Dessa vez, quando deixo Heron e Artemisia dormindo para visitar Søren, escrevo uma nota para que não se preocupem. Eu levo minha adaga comigo. Pouco é bom, mas é nítido, e isso será útil se for necessário. Eu espero.

Erik já está esperando quando eu saio pela porta e a fecho silenciosamente atrás de mim. Ele se encosta na parede oposta com os braços cruzados sobre o peito. Ele ainda não parece confortável com suas roupas gorakianas, mas não posso deixar de pensar que ele parece melhor nelas do que em seu traje Kalovaxiano inadequado.

— Não podemos fazer isso durante o dia? – ele pergunta quando me vê. — Você não pode me dizer que não está exausta, pelo menos dormi ontem à noite. Você não dormiu nada. – Só quando ele diz que eu percebo que ele está certo.

Com tudo o que aconteceu nos últimos dois dias, dormir foi a coisa mais distante da minha mente. — Estou bem – digo a ele. — Eu posso dormir até tarde amanhã. O rei Etristo me deu permissão para visitar Søren sempre que eu quiser, já que ele ainda é meu conselheiro, mas eu me preocupo que, se eu fizer isso quando o rei estiver acordado, ele encontrará uma maneira de me impedir.

Erik ri. — Gostaria de vê-lo tentar. – diz ele antes de fazer uma pausa. — Você não está em Astrea - não deixe ninguém lhe dizer o que fazer aqui, nem mesmo seus amigos.

Dou de ombros e vou em direção ao elevador. Ele rapidamente dá um passo ao meu lado. — Eu sempre levo os pensamentos deles em consideração. – digo. — Mas quando se trata de Søren, suas opiniões são sempre tendenciosas. Eles o toleram e acho que talvez até gostem dele em algum nível, mas no final, ele é um Kalovaxiano. Eles não confiam nele.

— Por que você faz? – Erik pergunta.

É uma pergunta que me fiz inúmeras vezes sem conseguir encontrar uma resposta completa. Desta vez não é diferente, mas eu tento. — Søren me ama. Ou ele acha que sim, pelo menos. Talvez ele ainda esteja me confundindo com Thora, mas isso não importa, porque suas intenções são alimentadas por esse sentimento. – explico. — Não me entenda mal: seu ódio por seu pai é real, sua culpa sobre os bersekers é real, suas convicções são reais. – Penso nisso por um momento. — Mas eu também sei onde ele está. Eu sei o que ele quer, e sei o que ele quer de mim em particular. Por isso, confio nele mais do que no rei Etristo ou em qualquer um dos pretendentes. Confio nele ainda mais do que em Dragonsbane.

Erik considera isso por um momento. — Mais do que você confia em mim? – Ele pergunta.

Olho de soslaio para ele. — Sim. – eu admito. – Eu confio em suas intenções, Erik. Mas ainda não sei o que você espera conseguir estando aqui, e até nisso você ainda é um enigma.

— Eu gosto de ser um enigma. – diz ele com um sorriso, me fazendo rir.

Tocamos a campainha para o elevador e Erik encosta em outra parede para esperar, mesmo que seja apenas um momento. Parece que ele quer me fazer uma pergunta, mas não sabe como. É uma demonstração de incerteza que não estou acostumado a ver de Erik, que geralmente esconde suas dúvidas com camadas de falsa bravata.

— O que foi? – Pergunto a ele.

Ele balança a cabeça, olhando para o chão. — Nada.

— Bem, agora você despertou meu interesse ainda mais. Vamos lá, eu não vou te morder.

Ele hesita mais um momento e, quando olha para mim, todo o seu rosto está rosado. — Você sabe... Heron gosta... ele se interessa por outros caras?

Não sei o que esperava que ele me perguntasse, mas a pergunta é tão inesperada que tudo o que posso fazer é rir, embora não saiba ao certo por que. Afinal, Heron é interessado em meninos - pelo menos, ele estava interessado em um menino, e a maneira como ele olhou para Erik antes me faz pensar que não era um caso singular.

O rosto de Erik fica com um tom de rosa ainda mais profundo. — Eu só estava pensando. Alguns caras... sabe, assim como algumas meninas por outras meninas".

— Eu sei disso. – eu digo, conseguindo me controlar. — Me desculpe, eu não estava rindo de você. Você acabou de me surpreender é tudo. Você gosta de outros meninos?

Ele encolhe os ombros. — Acho que gosto de todo mundo.

— Eu não percebi. – eu digo.

— Eu não saio contando isso por aí. – diz ele. — Algumas pessoas pensam que isso me torna... antinatural.

— Algumas pessoas são tolas. – digo a ele antes de hesitar. — Søren... – Eu paro.

Erik assente. — Eu acho que ele sabe há tanto tempo quanto eu. Eu nem precisei contar a ele.

Eu suspiro. — Desde que eu duvido que você queira que eu conte a estranhos seus assuntos pessoais, não estou dizendo a você sobre os de Hero. Se você quer saber, pode perguntar você mesmo.

Erik considera isso por um momento. — Talvez eu pergunte. – diz ele.

— Aperto meus lábios, pensando em Heron e seu coração partido. Depois de todo mundo que ele amou e perdeu, não sei como ele sobreviveria a outro desgosto.

— Apenas... tenha cuidado. – digo a ele. — Eu gosto de você, Erik, mas se eu tiver que escolher entre você e minhas sombras, eu sempre as escolherei.

Ele olha para mim. — Huh. – diz ele.

— O que?

— Nada. – Ele desencosta da parede no mesmo instante em que o elevador chega. — Acho que vislumbrei a verdadeira Theodosia por baixo de todas aquelas máscaras. E ela é muito mais suave do que eu pensava.

INDEFESA

O mesmo guarda, Tizoli, nos deixa na masmorra novamente, deixando-nos fora da cela de Søren e prometendo voltar assim que pedirmos. Felizmente, desta vez Søren está acordado, sentado contra a parede traseira da cela, parecendo que ele está nos esperando. Embora eu saiba que ele não dirá uma palavra de reclamação, seu tempo aqui em baixo está desgastando ele. Mesmo sob a luz fraca da tocha, sua pele parece pálida e eu consigo ver círculos escuros sob seus olhos. Ele está começando a cheirar mal também.

Mas quando ele nos vê, ele consegue sorrir.

— Eu esperava que você voltasse. – diz ele.

— É claro que voltamos. – eu zombo. — Como eles estão te tratando? Você está recebendo comida e água suficientes?

Assim como eu espero que ele faça, Søren afasta minhas preocupações. — Eles estão me tratando bem. – diz ele. — Comida, água, tudo isso.

— E você está realmente comendo a comida dessa vez?– Pergunto a ele. — Você não está fazendo aquele truque estúpido de novo?

Ele ri disso, mas não é tão alto e cheio quanto eu estou acostumado. — Estou comendo bastante e acho que eles preferem que eu beba um pouco menos de água, honestamente.

Eu franzo a testa. — O que você quer dizer? – Faltar comida, eu entendo. Comida custa dinheiro, comida custa recursos. Mas a água não tem custo.

— Eles estão no meio de uma seca. – diz Søren, surpreso com a pergunta. — Você não sabia? Não chove há anos.

— Mas a cidade foi construída em uma fonte. – digo, lembrando o que Dragonsbane me disse quando chegamos aqui. — É por isso que o ar é mais frio aqui, eles me fazem tomar banho de manhã e à noite.

— As fontes secam. – diz Erik com um encolher de ombros. — Mas acho que eles não gostam que as pessoas saibam. Sta'Crivero deveria ser um paraíso.

— Como você sabe, então? – Eu pergunto a ele.

Erik bufa. — Posso ser convidado do rei, mas ainda sou Gorakiano. Eles sabem que não valho nada para eles. Você acha que eles gastam mais água do que o necessário comigo? Eles medem cada copo que bebemos e cobram por isso. E banhos? Nenhum dos meus lavou-se desde que chegamos e, acredite, alguns de nós estão começando *amadurecer*.

A revelação é uma luva de quatro dedos, falta algo importante.

— Mas os Sta'Criverans usam tanta água. Só o jardim deve usar centenas de litros por dia, sem mencionar o que é preciso para todos beberem e se banharem.

— Os cortesãos usam muita água. – diz Søren. — Mas para as pessoas que vivem aqui, é estritamente racionado. Eu ouvi alguns guardas reclamando disso. Sta'Crivero parece tão exuberante e rico porque é assim que eles querem que apareça, mas de que servem seus vestidos de jóias e torres ornamentadas quando não têm mais água para beber?

— Eu odeio esse lugar. – digo depois de um momento. — Eu odeio o palácio e as pessoas superficiais que agem de maneira tão superior, mesmo quando as pessoas ao seu redor ficam com sede. Eu odeio o rei Etristo e a maneira como ele me chama de 'minha querida' como se eu fosse uma criança ignorante que não pode tomar suas próprias decisões. E eu

odeio esse campo e o que eles fizeram com essas pessoas. Eu... – Eu paro antes que eu possa terminar o pensamento.

Søren me olha incerto. — Theo. – ele diz calmamente. — Partir agora seria um insulto ao rei Etristo e a todo o país. Eles são o únicos aliados que você tem.

— Tecnicamente, isso não é verdade. – diz Erik. — Ela tem eu e Goraki.

— E Vecturia. – acrescento. — O chefe me disse que posso chamá-los na próxima vez que precisar deles.

Søren balança a cabeça. — Grãos de areia ao lado de uma montanha.

— Eu *sei disso* – eu estalo. — Eu sei que não basta, que nunca será suficiente. Eu sei que tenho que me casar com alguém com um exército maior. Eu só... eu gosto de imaginar uma circunstância em que eu poderia me afastar e dizer ao rei Etristo para comer terra.

Por um longo momento, os dois me encaram, bocas abertas. Finalmente, Erik começa a rir e um momento depois Søren se junta.

— Comer terra? – Erik pergunta. — Esse é o pior insulto que você pode inventar?

— Acho que eu não digo a alguém para comer terra desde os seis anos de idade. – acrescenta Søren.

— Tenho certeza de que você me disse isso e eu disse que era infantil. – responde Erik, fazendo os dois rirem ainda mais.

Minhas bochechas esquentam. — Foi a primeira coisa que me veio à mente. – eu digo. — O que você diria?

Søren para de rir o tempo suficiente para pensar sobre isso. — Eu diria ao rei Etristo para comer um prato de esterco. – diz ele, pensativo.

Erik balança a cabeça e clica na língua. — Ainda amador. – diz ele. — Você continua então. – desafia Søren.

Erik pensa muito, acariciando o queixo, pensativo, antes de um sorriso se espalhar pelo rosto. — Eu diria, 'Rei Etristo, posso fazer o convite mais humilde para você comer uma delicadeza fina de escorpiões encharcados de mijo e o ânus de um porco recheado com esterco de besouro'. – acrescenta.

Dobro mais um engasgo, mas Søren ri com gargalhadas até que ele fique vermelho no rosto. Depois de um momento, tenho que rir também. Eu gostaria que Erik pudesse dizer isso ao rei Etristo, se eu pudesse ter prazer em ver o rosto do rei quando ele o fizesse. Quando todos finalmente paramos de rir lágrimas estão saindo de nossos olhos, eu me inclino para frente contra as barras que separam Søren e eu.

— Você sabe que eu não iria embora, certo? Mesmo que eu pudesse, sem conseqüências? – Digo baixinho. — Eu não sairia sem você mesmo se o rei Etristo me prometesse um exército de milhões.

Søren sorri tristemente, olhando para as mãos. — Você poderia. – diz ele. Mesmo quando passamos para a aula de Astreano, suas palavras permanecem comigo e me pergunto se ele está certo. Se tudo aquilo acontecesse, eu poderia deixar Søren para apodrecer aqui? Mesmo que isso significasse salvar Astrea? Não sei ao certo qual é a resposta e não tenho certeza do que quero que seja a resposta.

———

Quando saímos da masmorra horas depois, Erik está estranhamente quieto. No começo, acho que é apenas porque ele está cansado, e não posso culpá-lo - sinto-me meio adormecida - mas quando olho de lado para ele, vejo que ele está profundamente pensativo, com a testa franzida.

— O que você está pensando? – Pergunto a ele quando saímos do elevador. Erik se ofereceu para me levar até a minha porta, e não tenho orgulho o suficiente para recusar, com um assassino ainda espreitando em algum lugar.

Erik age como se eu tivesse acabado de arece de sacudi-lo de um sono profundo. — Nada. – diz ele, mas a mentira é óbvia e ele percebe. Ele suspira. — Estou pensando no campo. Acho que não parei de pensar nisso.

— Eu sei. – eu digo. — Eu também não. Eu odeio me sentir impotente.

Erik assente. — Mas é estranho, porque eles não são impotentes, são? Muitos dos adultos estão fazendo trabalho físico para os Sta'Criverans. Eles são fortes. E eles não teriam sobrevivido se não fossem inteligentes. Eu não acho que eles querem pena ou mesmo caridade. Eles só querem uma chance de lutar por uma vida justa e um lugar para chamar de lar, o mesmo que todos nós.

Eles querem brigar. As palavras ecoam em minha mente repetidamente até que eu paro, ofegante.

— Erik. – eu digo.

Ele para também, voltando-se para me dar um olhar preocupado. — Tudo está certo? Diga-me que não havia nenhum tipo de dardo envenenado ou algo assim. Eu acho que suas sombras realmente me matariam se algo acontecesse com você no meu turno...

Eu o silencio, levantando a mão. Um único pedaço de um plano é acompanhado por outro, e outro, até que comece a fazer sentido. Até que se torne algo sólido.

— Quantos refugiados você acha que existem naquele campo? – Pergunto a ele.

Erik encolhe os ombros. — Três mil. – ele adivinha.

— E se você tirar as crianças e os idosos? E alguém que não pode ou não quer lutar? Quantos existem que poderiam ser guerreiros?

Algo em sua mente clica e ele sorri, vendo para onde estou indo. — Mil, talvez mais. – diz ele. — Não basta, Theo. Nem mesmo com um exército gorakiano e um exército vecturiano.

— Não, não é suficiente para uma guerra. – eu concordo. — Não é suficiente para tomar Astrea de volta. Mas seria suficiente assumir o controle de uma mina?

Ele franze a testa, considerando. — Talvez por um tempo. Se for um ataque surpresa contra apenas os guardas da mina. – diz ele. — Mas, mesmo assim, poderíamos segurar por apenas algumas semanas até que o Kaiser ouvisse a notícia e mandasse mais tropas. Então, qualquer vitória que tivéssemos seria rapidamente cancelada. Ele tem muitos homens, muitos guerreiros treinados. Mesmo com o elemento surpresa do nosso lado, não seria suficiente. Isso nos daria tempo, só isso.

— Tempo. – eu concordo. — E a Mina do Fogo. Outros dois mil e quinhentos astreanos estão lá, aproximadamente. E não ficaríamos muito tempo. Quando o Kaiser enviar mais tropas, já teríamos ido.

— Para outra mina. – diz Erik. — Libertar mais pessoas e recrutar mais guerreiros ao mesmo tempo. Quando pegarmos todas as quatro minas, você poderá ter um exército de verdade.

— Todo mundo tem uma escolha. – acrescento firmemente. — Se eles não quiserem lutar, ainda daremos a eles toda a proteção que pudermos. Mas acho que não será uma escolha difícil, afinal. Eles estão com raiva, vamos dar a eles a chance de usar isso contra as pessoas que tiraram tudo delas.

Erik assente lentamente, os olhos atentos. — Mas se você sair agora, o rei Etristo não terá motivos para manter Søren vivo - a menos que o venda de volta ao Kaiser por despeito. – ressalta.

Apenas alguns minutos atrás, Søren me disse que, se tivesse a chance de salvar Astrea, deveria deixá-lo para trás, mas agora tenho essa chance e sei que não posso.

— Eu posso conseguir mais pessoas. – diz Erik depois de um momento. — Existem outros campos - um em Timmoree, outro em Etralia. Eles podem não ser tão grandes quanto este, mas ainda serão consideráveis. Eu posso ir e tentar recrutar mais pessoas e, pelo menos, garantir que elas não sejam tratadas tão mal quanto aqui. E levará alguns dias para chegar a cada um e retornar à Astrea. Isso lhe dará tempo para tirar Søren daquela masmorra, tempo para enviar uma mensagem ao Chefe Kapil na Vectúria para aceitar sua oferta de ajuda. Isso significa jogar o jogo um pouco mais.

— Acho que posso lidar com isso. – digo secamente. — Depois do Kaiser, deve ser fácil.

— Talvez fosse se não houvesse um assassino para enfrentar. – ele me lembra, o que é um ponto justo. — Eu vou ficar bem. – digo, acenando com a mão. — Quando você pode ir?

— Dentro de horas. – diz ele. — O resto dos gorakianos está pronto para partir desde que chegamos aqui. Eles não gostam de Sta'Crivero.

Depois do que Erik disse sobre a maneira como foram maltratados e cuspidos, não posso culpá-los.

— Como vamos manter contato? – Eu pergunto a ele. — Que os deuses não permitam que algo dê errado, mas seria bom ter algum tipo de plano de comunicação em prática.

Erik assente, com o rosto tenso e pensativo. — Deixe-me falar com o Master Jurou. – diz ele depois de um momento. — Ele tem algumas invenções que está guardando para si mesmo, mas uma delas pode funcionar para isso.

— Que tipo de invenções? – Pergunto, desconfiada. — Você disse que ele era alquimista, não é? Isso não envolve criar ouro?

Com isso, ele sorri. — De uma espécie. – diz ele. — Como você acha que tenho pago ao rei Etristo o privilégio de lutar por sua mão? – Tudo o que posso fazer por um momento é encará-lo. — Master Jurou criou ouro? – Eu pergunto lentamente.

— De certa forma. – ele repete. — É perto o suficiente para enganar o rei, mas a ilusão disso pode não ter durado muito mais tempo.

Balanço a cabeça. — Magia ou ciência? – Pergunto a ele.

Erik encolhe os ombros. — Pelo que entendi - o que é reconhecidamente muito pouco - é um pouco dos dois.

MOLO VARU

Embora eu não queira nada mais do que ficar no meu quarto o dia todo e planejar nossa eventual fuga de Sta'Crivero, eu me pego me preparando para uma caminhada no jardim com Coltania. O convite dela foi bastante insistente e espero convencê-la a apressar o soro da verdade para tirar Søren da prisão o mais rápido possível.

Artemisia está sentada em um canto do meu quarto, polindo sua coleção cada vez maior de punhais, enquanto Heron tenta consertar um dos meus vestidos. Por mais habilidoso que seja, é difícil esconder quantas jóias eu tirei para dar às crianças do acampamento.

Depois do que Søren e Erik disseram sobre a seca de Sta'Crivero, não posso deixar de me preocupar que o Dom da Água de Artemisia possa torná-la um alvo. Mas ela é uma única garota - ela não poderia fazer muito bem a eles a longo prazo - e isso significaria que o rei Etristo mostraria sua fraqueza, o que dificilmente ele faria por uma recompensa tão pequena. Ainda assim, estou feliz por deixarmos este lugar em breve.

— Diga-me novamente o que Blaise disse quando você contou a ele nosso plano. – digo a Artemisia do meu lugar, aos pés da cama, com o travesseiro apertado firmemente no meu colo.

Artemisia revira os olhos. — Eu não sei como você espera que eu o cite mais diretamente do que eu já tenho. Ele disse: 'Tudo bem'.

— Só isso? Nada mais? - pergunto.

— Ele perguntou o que você precisava dele. Eu disse a ele para entregar sua carta a alguém que pudesse entregá-la ao

chefe vecturiano. Ele me agradeceu e pegou a carta mais a comida e a água que eu levei para ele e voltei logo. – disse ela, com a voz cortante e impaciente. É um aviso para não pressioná-la ainda mais, um aviso que eu ignoro. – Mas como ele ficou quando disse isso? Ele achou que era uma boa ideia ou estava relutante em relação a isso?

Ela bate a adaga no chão ao lado dela com um baque agudo que ecoa pela sala. — Ele parecia estar com calor. E com sede.

Para isso eu não sei o que dizer. Parte de mim quer se desculpar, mas suspeito que ela me chamaria de tola se eu o fizesse. Pelo que eu estaria me desculpando? Deixa-lo sair do palácio? Ele é perigoso e não deseja mudar isso. Tudo o que posso fazer é tentar garantir que ele não machuque mais ninguém.

Uma batida soa na porta e Heron e Artemisia estão de pé com as armas sacadas antes que eu possa piscar.

— Duvido que um assassino se incomode em bater. – aponto, mas Artemisia acena para eu ficar quieta e atravessa a porta, abrindo-a da mesma maneira que sempre faz - com a ponta da adaga na cara do hóspede. Desta vez, é um Erik muito alarmado do outro lado de sua lâmina. Quando o vê, Artemisia dá um suspiro alto - como se ele a estivesse incomodando por não tentar me matar - antes de abaixar a adaga com relutância.

— Erik. – eu digo, quando ela se afasta para deixá-lo entrar. — Está tudo certo para a sua viagem?

Ele assente, olhando para Artemisia e Heron. — Eles sabem tudo?

Antes que eu possa responder, Artemisia entra em cena. — Eu acho que é um plano estúpido, mas Heron acha que é corajoso. – diz ela.

Eu franzo a testa para ela. — Você me disse que achava que era um bom plano. – aponto.

— Eu não disse isso. – diz ela com um bufo. — O que eu disse foi que era marginalmente melhor do que casar com alguém sem qualquer interesse pessoal em Astrea além de encher os bolsos.

— Bem, vindo de você isso realmente soa como um endosso. – diz Erik ironicamente.

Para minha surpresa, Artemisia ri. Ela parece surpresa com isso também e franze a testa antes de se sentar na cadeira com encosto alto e voltar a polir sua coleção de punhais.

— Se algum de vocês quiser vir comigo, eu não me importaria com a companhia. – acrescenta Erik, seu olhar persistente em Heron.

Heron encontra o olhar de Erik, e pode ser minha imaginação, mas acho que suas bochechas ficam um pouco rosadas. Há uma pausa suficiente para que, por um momento, eu ache que ele possa concordar, mas ele balança a cabeça. — Nosso lugar é com a rainha. – diz ele finalmente. Por mais egoísta que possa me fazer, fico feliz que ele diga. Não sei o que faria sem ele e Artemisia.

— Aparentemente, você não é o único que se sente assim. – diz Erik com um suspiro antes de se virar para mim. — Minha mãe também decidiu que quer ficar com você, o que estou tentando não levar muito para o lado pessoal.

Eu sorrio. — Fico feliz em ter Hoa comigo. – admito. — Sinto que estou apenas começando a conhecê-la.

Erik revira os olhos. — Sim, sim, ela disse as mesmas coisas sobre você. – diz ele, parecendo um pouco irritado. — Ela também disse que as ajudantes Sta'Criveran estavam

vestindo você de maneira muito extravagante para uma rainha e ela precisava ficar para acabar com isso.

Balanço a cabeça. — Ela não é mais a minha criada ou dama e tem muitas outras preocupações para cuidar agora, tenho certeza, como a mãe do imperador.

Erik encolhe os ombros. — Você poderia pensar isso, mas ela diz que a aparência é importante para uma governante feminina - mais importante do que para um governante masculino, já que é o que ela julgou primeiro. Aparentemente, você precisa mais da ajuda dela. O que realmente está dizendo algo, já que ela era minha tradutora gorakiana.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Como você vai fazer sem ela, então?

Ele franze a testa, franzindo o rosto em concentração. — En kava dimendanat. – diz ele. — Ou era 'eu vou ficar bem' ou 'eu tenho um burro gordo'. Mas eu quis dizer o primeiro. Todos os meus burros são terrivelmente magros.

Eu ri. — Peça a ela que escreva algumas frases antes de você ir? – Eu sugiro. Ele assente, depois diz: — Ah, eu quase esqueci o motivo de eu ter vindo aqui em primeiro lugar. – Ele enfia a mão no bolso, pega duas pepitas de ouro idênticas, cada uma do tamanho do meu polegar, e me passam uma. — Um presente do Master Jurou. É chamado molo varu. – explica ele.

— Isso é um pouco do ouro falso que você mencionou que ele fez? — Eu pergunto, levantando-o no meu olho e olhando com cuidado.

— Não, esse é o material genuíno. Só que tem sido... digamos, adulterado?

Eu mudo meu olhar da peça de ouro e olho para ele. — Adulterado com como?

Erik acena com a mão com desdém. — Ele explicou todo o processo tedioso para mim, através de minha mãe, é claro, mas o que ela traduziu que era bastante ininteligível. A essência disso é que o ouro é um metal maleável. Com pressão suficiente... - ele para e enfia o pedaço de ouro na boca, mordendo com força.

Sob meus dedos, sinto meu próprio pedaço de ouro mudar. Eu quase desisti completamente. Quando a levanto, vejo um conjunto de marcas de dentes recuadas superficialmente na superfície do ouro.

— Como... – começo, mas paro, olhando de todos os ângulos, esperando que desapareça, mas não.

— Em Gorakian, molo varu significa 'imitar pedra'. Elas estão conectadas. O que acontece com um, acontece com o outro.

— Isso é... – Eu olho para a pedra. – ...incrível ou assustador. – termino finalmente.

— Ambos, eu acho. – diz Erik, pegando a pedra de mim e jogando-a para Heron, que a pega habilmente. — Você pode ficar de olho nisso? Você não precisa mordê-lo, é claro. Uma ferramenta quente o suficiente poderia esculpir palavras nela. Mantenha-o no bolso e, se sentir que está quente, saberá que tenho uma mensagem para você. E vice versa.

— É perfeito. – digo a ele.

Erik sorri. — Por mais mal-humorado que Master Jurou possa ser, ele é uma espécie de gênio. – ele admite de má vontade.

— Passe meus agradecimentos. – digo a ele. — E Boa viagem , Erik.

Erik assente, olhando para Artemisia e Heron antes de olhar para mim. — Cuide da minha mãe. Vejo vocês na Mina de Fogo.

ACORDO

O jardim está quase vazio quando encontro Coltania. Apenas alguns aglomerados de Sta'Criverans andam por aí com suas sedas fortemente adornadas em tons de joias que parecem projetadas para competir com as flores exóticas que nos cercam. No meio de tanta cor, Coltania parece uma flor particularmente letal, vestida com um vestido preto de gola alta que abraça sua figura. Seu cabelo escuro está arrumado no topo da cabeça e preso com um único pino de jato. Como sempre, seus lábios estão pintados de vermelho escuro, a única sugestão de cor nela.

Quando ela me vê, aqueles lábios se abrem em um sorriso que revela duas fileiras de dentes brancos e retos.

— Aí está você. – diz ela, vindo em minha direção. — Eu estava começando a me preocupar. — Sinto muito por ter atrasado. – digo a ela. — Eu tive um amigo para visitar inesperadamente.

Ela acena com a mão com desdém. — Você está aqui agora, e é isso que importa. – diz ela, passando o braço pelo meu e começando a andar por um dos muitos caminhos do jardim.

De repente, sinto tanta falta de Crescentia que parece uma faca torcendo no meu intestino. Quantas vezes andamos juntas de braços dados assim através do jardim cinza? Conversávamos sobre tudo e nada, todas as risadas e piadas que ninguém mais entendia. Era fácil, simples e mentiroso, mas há uma parte de mim que daria tudo para voltar a ter isso.

Lembro-me que Coltania não é Crescentia, embora tenha certeza de que Coltania espera dar a impressão de que ela é uma socialite boba, sem preocupações além de ter um vestido novo pronto para a próxima festa. Ela não é muito boa nisso. Ela não sabe que sempre há algo abaixo da superfície com garotas como Cress, seja uma mente estratégica ou um amor à poesia ou um coração bondoso. Não, Coltania cresceu assistindo garotas assim à distância, ressentida e faminta por uma vida como a delas, e por isso conseguiu apenas uma imitação barata do que acreditava ser.

Mas posso brincar com essa ilusão com bastante facilidade.

— Você foi muito gentil em me convidar para passear, Salla Coltania. – digo a ela, apertando seu braço. — Tenho certeza de que você está exausta depois de todo o esforço que está fazendo para limpar o nome de Søren. E pensar - isso deveria ser uma pausa do seu trabalho. Espero que não tenhamos incomodado você demais.

Isso parece pegá-la desprevenida. — Não, de maneira alguma, Vossa Majestade. – diz ela depois de um instante. — Fico feliz em ajudar da melhor maneira possível.

— Isso é muito bondoso da sua parte. – digo a ela com um sorriso tão amplo que é realmente doloroso. — Sei que certamente me sentirei muito mais à vontade quando Søren estiver livre e poderei voltar à questão de escolher um marido. Quanto tempo levará até que o soro esteja pronto?

O sorriso de Coltania acena por apenas um segundo. Ela é muito boa em esconder suas emoções, mas não é boa o suficiente. Não é tão bom quanto seria se tivesse sido preparada para ser observada desde a infância, como Cress era. Do jeito que eu era, de certa forma.

— Esse tipo de poção pode levar tempo, Majestade, e estamos longe do meu laboratório habitual. Estou indo tão bem quanto posso aqui. – diz ela.

— Tenho certeza que sim. – eu digo, dando um tapinha tranquilizador no braço dela. — Existe alguma indicação de quando a poção pode estar pronta?

Coltania é inteligente o suficiente para pensar nas próximas palavras com muito cuidado. — Mais algumas semanas. – diz ela finalmente.

— Você não disse uma semana quando nos falamos pela última vez? – Pergunto a ela.

Ela apenas encolhe os ombros. — O momento pode ser muito complicado. Essas são apenas suposições. No entanto, receio que alguns dos pretendentes fiquem impacientes se você se recusar a se reunir com eles por tanto tempo, dado o dinheiro que devem pagar ao rei Etristo por cada dia em que ficarem aqui.

Ela diz isso com bastante facilidade, mas eu ouço o desafio lá. Ela quer saber qual de nós piscará primeiro. Não serei eu.

— Eu também me preocupo com isso. – digo a ela. — Embora eu suponha que alguém tão impaciente para tomar uma decisão tão monumental não seja a escolha certa, você não concorda?

— Claro, Majestade. Paciência é de suma importância - ela diz, voltando as palavras para mim.

Eu cerro os dentes. — É lamentável, no entanto. – digo a ela com um suspiro alto. — Eu estava dizendo aos meus conselheiros outro dia, antes de toda a maldade acontecer, que eu estava pronta para pôr um fim a tudo isso. É claro que o rei Etristo quer prolongar o tempo que for necessário –

digo, abaixando a voz de maneira conspiratória. — Você sabe como ele é.

Coltania assente. — Em Oriana, temos um ditado: “alegre como um rei Sta'Criveran”.

Desta vez, não preciso fingir rir, e Coltania também ri. — Isso é verdade – digo. — E pensar que eu estava pronta para aceitar a oferta de casamento do chanceler.

As costas de Coltania ficam retas.

— Prinz Søren concordou com a decisão. – acrescento. — Na verdade, eu diria que ele era um dos advogados mais fortes do chanceler.

— É mesmo? – Ela pergunta secamente. — Nunca tive a impressão de que o Prinz se importassem com meu irmão. Eu teria imaginado que seu favor era com o falecido arquiduque, se ele não estivesse planejando se jogar no mêlée, é claro.

Søren disse que o arquiduque era a melhor opção se eu tivesse que escolher, lembro-me, mas acho que ele nunca deu essa impressão publicamente.

— Meu Deus, eu não sei qual ideia é mais ridícula. – digo a ela rindo.

Coltania não ri dessa vez. — Existe um boato de que eu sinto que devo alertá-lo como amiga. – ela me diz, baixando a voz para um sussurro. — Um dos guardas da prisão diz que você visita o Prinz Søren no meio da noite e que fica horas com ele. A maioria das pessoas não acha que isso soa como uma reunião estratégica.

— A maioria das pessoas não deve perceber que, com Prinz Søren na prisão, as reuniões devem ocorrer à noite, quando a prisão não está movimentada e barulhenta, e que, uma vez que grande parte dessas reuniões é gasta para garantir que ele esteja sendo alimentado e bem cuidado, é

claro que elas vão durar mais tempo do que durariam de outra forma – eu respondo antes de forçar um sorriso. — Outra razão pela qual estou ansiosa para tirá-lo dessa prisão - para que possamos perder menos tempo e concluir esse negócio de pretendente. Receio que duas semanas sejam tanto tempo que muita coisa pode mudar, você não acha?

Coltania contrai os lábios. — Você está dizendo que, se a inocência do Prinz fosse comprovada em tempo hábil, você escolheria um marido. – diz ela. — O marido certo.

Aí está, um suborno bem velado. Mas se ela pode jogar, eu também. Olho nos olhos dela e aceno com a cabeça. - Ela faz uma pausa por um momento. — Talvez eu possa apressar a poção para que possamos resolver as coisas oficialmente.

Antes que eu possa responder, somos interrompidos por gritos que destroem a frágil paz do jardim. Uma voz que reconheço imediatamente como a do rei Etristo.

— É inaceitável. – ele ruge, mais alto do que eu acreditava ser possível para ele. — Tínhamos um acordo, Reymer.

Os Sta'Criverans que vagam pelo jardim reconhecem sua voz e imediatamente se dispersam de vista, voltando para dentro de casa para dar espaço a ele. Parte de mim quer fazer o mesmo, mas se ele estiver conversando com o czar Reymer, temo que tenha algo a ver comigo.

— Aqui. – sussurra Coltania, puxando-me para um bosque de árvores com troncos largos e arbustos grossos que nos escondem completamente. Os arbustos cutucam e arranham e rasgam meu vestido, mas meu coração está batendo tão alto em meus ouvidos que eu mal os sinto. Quando olho para Coltania, ela está olhando com olhos alertas, o dedo levantado para os lábios para me silenciar antes que eu possa pensar em falar.

Sigo sua direção e encontro um espaço nos arbustos, onde posso ver a clareira vazia no jardim, apenas alguns segundos antes de o czar Reymer aparecer, seguido pelo rei Etristo a uma velocidade muito mais lenta, curvado sobre uma bengala com joias.

— Não é seguro. – czar Reymer assobia, virando-se para encará-lo. — Primeiro o arquiduque e agora isso - não arriscarei minha vida e a vida de meu filho com a chance remota de que uma rainha se digne para torná-lo seu marido impotente. Nem mesmo um rei! Apenas um consorte. Talin tem outras perspectivas. E muito melhores também.

Os cabelos na parte de trás do meu pescoço aumentam e meu batimento cardíaco cresce mais rápido. O que ele quer dizer com "e agora isso"?

O rei Etristo ri, mas é afiado demais para ser genuíno. — Você está perdendo uma jóia rara, Reymer. – diz ele. — A rainha Theodosia não é um grande prêmio, com certeza, mas o verdadeiro tesouro é a própria Astrea e a mágica lá. Você viu o que essas pedras podem fazer. Com os Kalovaxianos eliminados, você controlaria a venda delas. Além das jóias da água, como discutimos.

As pedras da água. As palavras se encaixam no lugar, a peça que falta no quebra-cabeça. O que Etristo estava ganhando ao me hospedar. Que arranjo ele e Dragonsbane tinham. Nunca foi sobre me ajudar; nem se tratava de dinheiro. Era sobre a água. Antes que meus pensamentos possam demorar muito, a discussão continua.

— Esse é seu problema, Etristo. – zomba o czar Reymer. — Você sempre quer mais, mais, mais, mas quer demais. Etralia é rica o suficiente.

O rei Etristo cospe no chão ao lado de sua cadeira. — Não existe riqueza suficiente. – diz ele.

— Há quando os Kalovaxianos estão envolvidos. – diz ele. — O Kaiser não é alguém para se cruzar o caminho - certamente esses assassinatos são prova suficiente disso.

Assassinatos. Não assassinato, como apenas do arquiduque. O czar disse assassinatos. Meu coração balança e minha mente gira com pensamentos de quem mais poderia ter sido morto em meu lugar desta vez. Penso em Blaise, Artemisia e Heron, muito ocupadas tentando me proteger para cuidar de suas costas. Se um assassino pensasse que eu estava no meu quarto e os encontrasse... não posso terminar esse pensamento.

— O Kaiser está atrás da garota. Ele não tem interesse em machucá-lo ou fazer de Etralia um inimigo. – diz o rei Etristo.

É a vez de Czar Reymer rir, embora pareça vagamente histérico. Ele cobre o rosto com as mãos e balança a cabeça antes de deixá-las cair de lado novamente.

— Certamente você não é cego, Etristo - a garota nunca foi alvo desses ataques. Se o Kaiser a quisesse morta, ela estaria. O Kaiser está mirando pretendentes e enviando uma mensagem para qualquer um que possa se opor a ele. Eu ouço essa mensagem alta e clara, e você faria bem em ouvir também.

O rei Etristo joga os braços para cima. — Tudo bem então. Vá. Volte para Etralia com seu filho idiota como os covardes que vocês são, mas eu não vou reembolsá-lo pelos fundos que você já me deu.

Com isso, o rosto de Czar Reymer fica vermelho e ele dá um passo em direção a Etristo. — Esse é o meu dinheiro. Tínhamos um acordo, Etristo, e você me garantiu que a garota escolheria Talin. Como ela não o fez, esse dinheiro foi gasto de má fé e será devolvido antes de partirmos dentro de uma hora.

O rei Etristo apenas o encara de volta, embora esteja em grande desvantagem, você não saberia disso pela intensidade do olhar dele. — Não faço acordos com covardes. – diz ele, praticamente cuspindo a palavra.

O czar Reymer dá um passo em direção ao rei Etristo, elevando-se sobre ele. — Você passou a vida na sua torre alta, Etristo, cercada por suas paredes e seus desertos. Você não deveria dizer essa palavra com tanta facilidade. Você não sabe como é uma guerra de verdade, mas eu ficaria feliz em mostrar a você.

Com isso, o rei Etristo é silenciado pela primeira vez desde que o conheci. — Quero que o dinheiro seja devolvido em uma hora e depois meu filho e eu vamos deixar este lugar antes de acabarmos mortos também.

Sem esperar por uma resposta, o czar Reymer se vira e se afasta, deixando o rei Etristo sozinho com um tempestade em sua expressão.

———

Coltania e eu esperamos até o rei Etristo sair do jardim antes de sairmos do nosso esconderijo nos arbustos. Embora minha mente esteja em pânico ao pensar em outro assassinato, Coltania permanece bastante calma. Mais do que isso - ela fervilha com uma raiva silenciosa.

— Aquele cachimbo dourado. – ela murmura, os olhos presos onde o rei estava segundos atrás. — Não acredito que ele prometeu sua mão ao czar quando prometeu a Marzen a mesma coisa.

Eu a encaro, a boca aberta. — Você não os ouviu? Houve outro assassinato, Coltania, e o czar fez parecer que era um pretendente. Pode ser seu irmão.

Ela foge de seus pensamentos e olha para mim. — Não. – diz ela. — Não, não poderia ser Marzen. Contratamos

testadores de alimentos e guardas extras depois do arquiduque.

Examino os outros pretendentes em minha mente, mas no meu estômago já sei quem foi envenenado. Afinal, se o assassino está perseguindo pretendentes a quem eu mostrei favor, há uma probabilidade gritante. Antes que eu possa seguir essa linha de pensamento, já estou correndo para fora do jardim, ignorando os gritos de Coltania para eu desacelerar.

VÍTIMA

Pela primeira vez eu realmente anseio pelas escadas, desde que eu pudesse caminhar, porque pelo menos eu não teria que ficar parado e esperar, assistindo incontáveis andares passarem por mim no elevador. Parece que todos os níveis avançam, dando à minha mente eras para me perguntar o que vou encontrar quando finalmente chegarmos.

Erik, morto. Erik, sofrendo o mesmo destino que o arquiduque. Erik envenenado. Por minha causa. Porque o Kaiser não quer me matar; ele quer me machucar, me assustar, brincar comigo como um gato brinca com um rato antes de devorá-lo.

As portas finalmente se abrem no andar dos Gorakianos e eu nem agradeço ao operador do elevador antes de trançar pelo corredor já movimentado. Os cortesãos de Sta'Crivera, com suas roupas brilhantes, estão circulando, especulando sobre o que poderia ter acontecido. Enquanto passo, ouço apenas trechos.

Que tragédia.

Depois de tudo o que eles passaram, eles realmente são amaldiçoados.

O garoto estava muito perto da rainha Theodosia.

Talvez ela também seja amaldiçoada.

Não, não, não, minha mente grita, ignorando aquelas vozes enquanto corro para o quarto de Erik. Quando a porta está à vista, uma mão desce no meu braço.

— Theo. – diz Dragonsbane, sua voz baixa no meu ouvido. — Venha, você não quer fazer uma cena.

Embora as palavras sejam nítidas, há uma subcorrente de algo mais na voz dela que eu não posso nomear, embora distante eu ache que pode ser algo parecido com bondade.

Há mil coisas que quero lhe dizer sobre a nossa última conversa, mas nada disso importa agora. Nenhuma palavra importa agora. Afasto meu braço das mãos dela "e pego meu ritmo até correr, passando por cortesãos de Sta'Criveran e ignorando-a chamando meu nome.

Não paro até estar na entrada do quarto de Erik, onde dois guardas estão em atenção, impedindo que os curiosos se aproximem. Quando finalmente paro na frente deles, eles trocam olhares incertos.

— Deixe-me passar. – digo a eles.

— Rainha Theodosia, o rei deu instruções específicas de que você não... – um dos guardas começa, mas eu não espero que ele termine. Eu os pego de surpresa e empurro entre eles, forçando meu caminho para dentro da sala, apenas para não encontrar nenhum sinal de Erik.

Em vez disso, é Hoa, deitada no chão ao lado de uma mesa segurando uma tigela de uvas. Seu corpo é torcido em um ângulo estranho, com um cacho de uvas deitado ao lado de sua mão direita aberta. Seu rosto está torcido para o outro lado, me encarando com olhos vidrados que não vêem nada e uma gota de sangue preto pingando do canto da boca aberta. Eu tropeço para trás um passo, trazendo minha mão para minha própria boca. Eu vou ficar doente. Eu vou cair em pedaços. Não sei como vou me recompor. Não dessa vez.

De repente, eu tenho sete anos e ela me segura enquanto o Kaiser queima o jardim da minha mãe. Tenho oito anos, acordando de outro pesadelo em que assisto eles matarem minha mãe. Eu acordo chorando, mas Hoa está lá com um copo de água e um lenço - o único conforto que ela poderia

proporcionar à minha observação das sombras. Eu tenho nove, dez, onze, diante, e ela aplica ternamente pomadas e curativos nas vergões dos meus castigos. Por uma década, Hoa permaneceu na periferia da minha vida, mas não há dúvida de que ela me manteve viva da maneira que conseguiu.

E eu não pude fazer o mesmo por ela.

Não percebo que estou no chão chorando até que braços fortes me levantam e me vejo chorando com uma camisa de algodão. Sou levado para fora da sala, longe de Hoa, e quero gritar, fazer essa pessoa me colocar para baixo, para que eu possa voltar para ela, para que eu possa ficar com ela, como ela sempre ficava comigo, mas as palavras morrem na minha garganta, abafadas por mais lágrimas do que eu sabia que tinha deixado em mim.

Blaise me leva de volta ao meu quarto. Uma parte de mim sabe que ele não deveria estar aqui, que é perigoso, mas ele está e é isso que me interessa agora. Nada existe fora das minhas lágrimas e a imagem de Hoa queimou nos olhos da minha mente. Eu não me importo por que ele está aqui, ou como sua pele está quente, desde que ele continue me segurando. Não consigo parar de chorar, não importa como tente forçar minha respiração a desacelerar.

Ele me coloca em pernas instáveis, mas ele mantém um braço em volta dos meus ombros.

— Alguém deveria dar um tapa nela. – ouço Artemisia dizer, não de maneira cruel. — Ela vai desmaiar se continuar respirando assim.

Há um suspiro que soa muito parecido com o de Heron e, com certeza, ele entra na minha frente, preenchendo todo o meu quadro de visão. Ele parece dividido e por um segundo

eu me preocupo que ele realmente siga os conselhos de Artemisia.

— Não. – Blaise diz, olhando para ele em alarme. — Heron, você não ousa...

— Ela vai se machucar ainda mais se você não fizer. – diz Artemisia. — Faça isso agora.

Heron olha entre eles, olhos arregalados, antes de finalmente olhar para mim. Ele se prepara antes de dar um passo em minha direção. Blaise se move para ficar entre nós, mas Artemisia o pega de surpresa, derrubando-o no chão.

Então Heron gentilmente toca minha mão e tudo fica preto.

———

Eu acordo na minha cama, enrolada debaixo das cobertas, e por um momento feliz eu esqueço o que aconteceu antes. Por um momento, Hoa ainda está viva. Mas então esse momento termina e eu quero me afundar mais debaixo das cobertas e afundar em um profundo sono esquecido mais uma vez.

— Você está bem? – A voz de Blaise interrompe meus pensamentos, calma e cautelosa. Olho em volta da sala iluminada pela lua e o vejo me olhando do sofá. Heron está dormindo profundamente no chão e Artemisia está do outro lado da cama, de costas para mim.

Eu me forço a sentar. Parece que alguém me bateu na cabeça com uma pedra e meu corpo todo está latejando. Minha boca parece que eu engoli algodão.

— Você não deveria estar aqui. – eu digo, ignorando a pergunta dele. É estúpido de qualquer maneira - como posso estar bem?

Ele balança a cabeça, levantando-se do sofá e vindo para o meu lado da cama, agachando-se ao meu lado e falando

baixo. — Eu dei a Art minhas jóias por segurança. Só até eu sair novamente amanhã. – diz ele. — Eu estava conseguindo comida na cidade quando soube da notícia. Eu pensei... não sei o que pensei.

— Você pensou que eu precisaria de você. – eu digo baixinho, meu coração doendo. — Estou feliz por você estar aqui. A confissão leva tudo o que tenho. Ele me deixou, eu me lembro, mas de repente isso não importa mais, porque quando eu precisava dele, ele me escolheu no lugar do seu poder. Agora, isso é tudo o que importa.

Blaise pega minha mão na dele e a aperta com força, sua pele queimando quente contra a minha. — Mesmo sem as jóias, ainda há uma chance de eu perder o controle. Se eu começar, mesmo um pouco, Artemisia concordou em me matar antes que eu pudesse machucar alguém. – diz ele.

— Isso foi gentil da parte dela. – eu digo, olhando para onde nossas mãos estão unidas, dedos entrelaçados. As pontas de seus dedos são ásperas e calejadas, mas são um conforto ao mesmo tempo. Eu não quero deixá-lo ir nunca.

Ele respira fundo e eu me preocupo que ele vá falar sobre Hoa. Eu não quero que ele faça. Ainda não posso falar sobre ela ou sei que vou me despedaçar. Como sempre, porém, Blaise parece conhecer minha mente tão bem quanto eu.

— Dragonsbane tentou vir mais cedo; ela disse que queria garantir sua segurança, mas eu disse a ela que você estava a salvo conosco - ele diz. Soltei uma risada triste. — Tenho certeza que ela aceitou bem. – eu digo. — Ela tinha um acordo com Etristo, você sabe. É por isso que ele está nos ajudando, em troca de Pedras da Água.

Ele não disse nada por um momento e soltou um longo suspiro. — Gostaria de poder fingir que estava mais surpreso. — Eu imaginava antes que ela fosse capaz de coisas horríveis.

eu digo. — Mas isso é de alguma forma pior. Ampelio estava certo - sua ajuda tem um custo muito alto, Blaise. Eu não quero mais isso.

Espero que ele discuta comigo, para me lembrar que precisamos dela e de sua frota, que não teríamos chegado tão longe sem a ajuda dela, não importando quantas cordas estivessem presas. Em vez disso, ele me surpreende assentindo.

— Então corte os laços. – diz ele. — Você tem os gorakianos, os vecturianos e os refugiados. A ajuda de Dragonsbane não é suficiente para inclinar a balança de uma maneira ou de outra. Esse plano viverá ou morrerá de qualquer maneira.

Eu engulo. — Falaremos sobre isso com os outros amanhã. Não devemos fazer planos sem eles. Afinal, é a mãe de Art. – digo antes de respirar fundo e fazer as perguntas pelas quais tenho medo de saber a resposta. — O que aconteceu? Como Hoa... – Mas não consigo terminar. Minha voz quebra sobre o nome dela.

Blaise desvia o olhar, entendendo bem o suficiente. — Até onde pudemos supor, as uvas foram feitas para Erik, mas depois que ele saiu, Hoa se mudou para seus quartos e ... – Ele pára, e fico feliz por ele não terminar a frase.

— O Kaiser está matando pretendentes. – digo. — Eu nunca fui o alvo.

— Por que? – Ele pergunta, franzindo a testa. — Isso não faz nenhum sentido. Os marinheiros Kalovaxianos foram muito claros - o Kaiser queria você morta ou vivo. Ele não tem nada a ganhar ao atacá-los.

Balanço a cabeça, que grita em protesto. — Porque ele pode me querer morta, mas ele me quer viva mais. Você se lembra da discrepância nas recompensas. Ele quer que eu

sofra. Ele quer ser a pessoa por trás disso, mesmo que ele não esteja segurando o chicote.

Blaise assente lentamente. — Sinto muito, Theo. – diz ele depois de um momento.

As palavras são uma facada no meu intestino, e novamente vejo Hoa em minha mente como eu fiz pela última vez, sem vida e vazia.

— Como vou contar a Erik? – Pergunto depois de um momento, minha voz embargada. — Ele acabou de tê-la de volta e eu... ele me disse para cuidar dela e eu não pude fazer isso por algumas horas.

— Ele não vai culpar você. – diz Blaise. — Não havia nada que você pudesse ter feito. É o Kaiser... é sempre o Kaiser.

— Ele levou todas as nossas mães, não é? – Pergunto em voz baixa. — A sua, minha, de Heron. Até de Søren. E agora do Erik. Artemisia é a única de nós que ainda tem a mãe.

— Acho que ele a tirou de mim também, de outras maneiras. – diz Artemisia de repente. Gostaria de saber quanto tempo ela está acordada - se ela nos ouviu discutindo sobre sua mãe há um momento - mas antes que eu possa perguntar, ela se vira para me olhar. Soltei a mão de Blaise para que eu pudesse me virar para ela também, nós duas encarando uma a outra como uma espécie de espelho enfeitiçado. Não nos parecemos nada, mas olhando nos olhos dela ao luar, acho que vejo um fantasma de similaridade lá. Nós duas devemos ter os olhos de nossas mães; não é uma semelhança física, mas um reflexo de algo mais profundo. Um incêndio que acho que devemos ter herdado de nossas mães.

— Ela era diferente antes do cerco. Mais suave, suponho, embora eu não ache que ela tenha sido suave. Mais feliz.

Menos fome o tempo todo. Menos zangada com todo mundo que não a saciava. Mas então os Kalovaxianos capturaram meu irmão e eu, e eu fui a única que conseguiu voltar... acho que ela nunca me perdoou por isso.

Por um momento não sei o que dizer. Blaise é igualmente atingido pelo silêncio. Ele se concentra no edredom ao meu lado, pegando a costura à toa para não olhar para ela. Acho que ele está preocupado que se o fizer, abrirá algo entre eles que ele prefere manter fechado. — Não acho que ela esteja brava com você por sobreviver, Art. – digo. — Por mais dura e inflexível que seja Dragonsbane, isso parece cruel de uma maneira que eu não acho que ela seja capaz.

— Não. – ela admite. — Mas fui eu quem foi pega. Fui imprudente e tola e foi minha culpa que acabamos nessa mina. O mínimo que eu poderia ter feito era tirá-lo de lá, mas não o fiz.

É um momento tão raro de vulnerabilidade da Artemisia que não sei muito bem como responder. Até respirar alto demais parece que vai quebrar o feitiço que caiu sobre nós.

— Sinto muito. – digo finalmente.

Ela encolhe os ombros e rola de novo, virando as costas para mim.

— Não preciso da sua pena. – diz ela. — Mas o Kaiser também arruinou minha família, mesmo aqueles que sobreviveram a ele. Ele estragou tudo.

O veneno não é algo novo para Artemisia - ele infunde todas as suas palavras e existe desde que eu a conheço. Ele preenche todos os seus olhares e torna todos os seus movimentos potencialmente letais. Ainda assim, acho que nunca a ouvi tão cheia de ódio antes.

Aproximo-me dela e estendo a mão para tocar seu ombro gentilmente. Espero que ela me afaste, mas em vez disso, ela

amolece e eu envolvo meus braços em torno dela. Ela se vira para mim e enterra o rosto no meu ombro. Não percebo que ela está chorando até sentir suas lágrimas contra a minha pele.

BOLENZA

Devemos ter caído de volta no sono porque a próxima coisa de que estou ciente é de um leve bater na minha porta. Sento-me, piscando a exaustão dos meus olhos. Heron e Artemisia ainda estão dormindo e ignoram o visitante e não há sinal de Blaise - ele deve ter saído novamente, percebo com uma pontada. As batidas começam de novo e eu saio da cama, deslizando meu roupão por cima da camisola e colocando a adaga embaixo dela, para que fique segura no meu quadril.

Ando na ponta dos pés em direção à porta, tomando cuidado para não acordar os outros. Mesmo sabendo que um assassino não iria bater, ainda hesito antes de abrir a porta.

— Quem é? – Eu sussurro.

— Coltania. – uma voz sussurra de volta. Solto um suspiro de alívio, mesmo quando a irritação formigava na parte de trás do meu pescoço. Eu acho que tive o meu limite com Coltania e seus subornos e pechinchas. Já cansei de fingir que quero algo com o irmão bajulador.

Ainda assim, eu posso precisar que ela tire Søren da prisão, então abro a porta.

Coltania fica lá no mesmo vestido preto de gola alta que ela estava usando antes. Nas mãos, ela segura duas canecas de chá.

— Espero não ter acordado você. – diz ela, embora suas palavras sejam nítidas e superficiais.

— Você acordou. – digo a ela, saindo da sala para o corredor e fechando a porta atrás de mim para não acordar minhas sombras. Voltarei para a cama antes que eles possam sentir minha falta.

— Desculpas, então. – diz ela, embora não pareça arrependida. — Eu estava acordada e pensando em como você deve estar chateada depois de ontem. Entendo que você e o Ojo eram íntimas. – O Ojo. Ela quer dizer Hoa. Fico feliz que ela não diga seu nome real - acho que não aguentaria ouvi-lo agora, principalmente dos lábios de alguém que não a conhecia.

E você conhecia? uma voz sussurra em minha mente.

— Eu a conheço a maior parte da minha vida. – digo, e essa pelo menos é a verdade.

A expressão simpática de Coltania vacila com o reconhecimento contundente. — Bem, eu pensei que você gostaria de um chá e um amigo para conversar. Vamos dar um passeio para não acordar seus conselheiros?

Eu tenho amigos para conversar, eu penso. Amigos que não estão tentando tirar algo de mim.

Mas ainda preciso de algo dela. Eu preciso de Søren fora da prisão. Então eu me forço a pegar uma das canecas.

— Isso é muito gentil. Obrigada, Salla Coltania – digo, seguindo-a pelo corredor em direção ao elevador. — Como você e seu irmão estão? Tenho certeza de que vocês dois estão bastante abalados, considerando todas as coisas. —Tem sido difícil – ela admite. — Discutimos seguir a liderança do czar e ir embora, mas Marzen decidiu contra. Ele é muito corajoso.

A última coisa que quero é ouvi-la cantar os louvores do irmão novamente. Estou exausta e com o coração partido demais para fingir que me importo com o chanceler. Em vez disso, tomo um gole do chá, estremecendo porque é muito quente e muito amargo. Mesmo depois de engoli-lo, o sabor permanece. Isso me lembra o cheiro da madeira, mas misturado com grama depois de uma tempestade e com uma

corrente que eu não posso nomear. Pode ser a coisa mais suja que eu já provei.

— Sinto muito. – diz Coltania, vendo minha expressão. — Eu não tinha certeza de qual tipo você gostava, então eu apenas fiz para você o meu favorito. Parece que não temos o mesmo gosto.

— Está tudo bem. – eu digo, mesmo que não esteja. Ela abre a porta do elevador e eu a sigo para dentro, acenando em direção ao operador. — Estou acostumado a tomar café, suponho. A maneira como fazemos chá em Astrea é muito mais doce. Só vai demorar um pouco para me acostumar.

— Os gostos adquiridos são geralmente os mais deliciosos, uma vez que você realmente os adquire. – diz ela. — O jardim, por favor. – acrescenta ela ao operador. A porta se fecha com um ruído metálico e o operador começa a girar a manivela. O elevador começa sua jornada.

Levanto a xícara aos meus lábios novamente, porque seria rude não fazê-lo, mas tomo apenas um pequeno gole de boca fechada.

— Melhor? – Ela me pergunta.

— Melhor. – eu minto. — Houve algum desenvolvimento com o soro da verdade?

— Receio que não. – diz ela, embora novamente não pareça se desculpar. — Com toda a excitação de ontem, não houve tempo para trabalhar nisso.

Excitação. Eu resisto ao desejo de bater nela, mas apenas por pouco.

— É mais importante para mim do que nunca que Søren seja libertada da prisão. – digo, tentando pensar em uma mentira que a atraia. — Søren era muito próximo de Ho... de Ojo. – Não consigo izer o nome de Hoa - ele fica na minha garganta.

— Tenho certeza que ele ficará muito chateado. – ela concorda.

— Não apenas isso. Você sabe por que o Kaiser a manteve viva por tanto tempo? Mesmo depois que ele deixou Goraki para trás?

— Eu ouvi rumores. Dizem que ela era bastante bonita. – diz ela.

Era. O jeito desdenhoso que ela diz me irrita. É verdade que a juventude de Hoa a havia deixado, que ela parecia mais velha do que seus anos, que o Kaiser havia deixado sua marca nela de muitas maneiras para contar, mas penso em como Hoa estava no campo de refugiados e acho que ela era mais bonita que Coltania, com os lábios pintados e a graça felina.

— Não acho que o Kaiser seja capaz de amar, mas a obsessão é outra coisa. – digo, me forçando a continuar. — Quando o Kaiser descobrir que ela foi morta, em vez de seu filho, ele ficará furioso. É importante resolvermos esse negócio de casamento assim que pudermos e partirmos antes que o Kaiser ataque o Sta'Crivero. Sei que aludi a isso mais cedo, mas agora deixe-me bem claro: quando Søren estiver livre, escolherei seu irmão como meu marido e nós - todos nós - podemos sair deste lugar antes que o Kaiser chegue. Eu acho que isso é do nosso interesse.

Coltania considera isso por um momento. — Eu não poderia concordar mais. – diz ela antes de acenar com a cabeça para a xícara ainda em minhas mãos. Você deve terminar seu chá antes que esfrie.

Olho para o líquido verde. O sabor dos meus primeiros goles ainda permanece na minha boca, como galhos e ferrugem. Desta vez, quando levanto o copo aos meus lábios novamente, os fecho contra o líquido amargo.

— Vê? Está crescendo em você, não é? – Coltania pergunta com um sorriso.

O elevador para rapidamente, fazendo com que um pouco do chá escorra sobre a borda da minha xícara. Ele cai no chão, manchando o tapete cor de creme de um amarelo doente. O que eu não daria por uma xícara de café forte, doce e com especiarias. — Venha. – diz Coltania, puxando meu braço livre e me levando para fora do elevador. — Um pouco de ar fresco fará bem ao seu coração.

O jardim está deserto a esta hora da noite, o que faz os cabelos da minha nuca ficarem arrepiados. O perigo à parte, está vazio e escuro, parece saído direto de um sonho febril, cheio de fumaça e cores suaves e fragrâncias tão esmagadoras que eu me sinto bêbada com elas. É o suficiente para me deixar tonta. Eu aperto minha xícara de chá com mais força. Ainda falta metade e não quero mais beber, mas a atenção de Coltania está tão concentrada em mim que não tenho certeza se posso recusar. Ela ainda tem o destino de Søren em suas mãos. Encontro seu olhar e tomo outro gole de fingimento.

— Delicioso. – eu minto, mas isso ganha um sorriso dela.

— As flores são lindas ao luar, não são? – Ela me pergunta enquanto caminhamos. Seus dedos percorrem o topo de um arbusto cheio de botões brancos - que quase parecem brilhar. — A maioria das flores é linda à luz do sol, mas algumas prosperam à noite - como essas. Bolenzas - traduz-se em “flores da noite” em Yoxian. Existe um composto natural que reveste as pétalas e as faz brilhar assim. Não é bonito?

— É adorável. – digo a ela, mesmo que não queira falar sobre flores.

— Adorável. – ela ecoa. — Mas esse mesmo composto pode ser retirado das pétalas e fervido até um líquido concentrado que pode ser letal se ingerido.

Ela diz as palavras casualmente, mas elas me deixam sem fôlego. As peças deslizam no lugar. Uma imagem fica mais clara.

— Você nunca se preocupou com seu irmão. – digo lentamente. — Mesmo quando o czar disse que outro dos pretendentes havia sido morto. Você já sabia quem era o alvo.

Coltania não nega. Ela pisca languidamente para mim como se já estivesse entediada com a conversa. — Mas por quê? – pergunto a ela. — Por que trabalhar para o Kaiser?

Com isso, ela ri, dando um passo em minha direção. Dou um passo para trás, um arbusto arranhando minhas pernas, mesmo através da saia do meu roupão.

— Em Oriana, há uma história que contamos às crianças sobre um monstro grotesco que as arranca de suas camas e as come se elas se comportarem mal - o Kaiser é o seu monstro. Apenas a menção a ele é suficiente para assustá-lo. Eu precisava que você ficasse assustada, porque pensei que isso levaria você a tomar uma decisão mais rapidamente. O Kaiser era apenas uma história para levá-la junto.

— Mas a criada disse que era o Kaiser. – eu digo. — Ela tinha o soro da verdade. Ou isso era falso?

Coltania levanta um ombro em um encolher de ombros. — Ela disse a verdade como ela sabia e só sabia o que tinha sido dito - que o Kaiser estava por trás disso e ela seria bem compensada por ajudá-lo. – ela morreu e eu me sinto doente.

— Por que o arquiduque? – Pergunto, minha voz aumentando em uma esperança vã de que haja alguém neste jardim que ouvirá. Alguém que vai me ajudar.

Ela encolhe os ombros. — Eu ouvi você conversando com Prinz Søren neste mesmo jardim, dizendo que o arquiduque Etmond era sua primeira escolha dos pretendentes. O rei Etristo me prometeu que você escolheria Marzen, mas eu temia que ele não tivesse tanto controle sobre você quanto ele pensava.

Se ela ouviu isso, deve ter ouvido a conversa que seguiu. Aquela em que Søren me dizia que me amava. É por isso que ela tem tanta certeza de que há algo entre nós.

— E é por isso que você escolheu Søren para isso. – eu digo. — É por isso que o soro da verdade está demorando tanto. Você nunca começou a preparar, não é?

Ela balança a cabeça. — Eu não queria que você se distraísse. Eu não queria que você realmente considerasse a proposta dele. – diz ela. Ela dá outro passo em minha direção, mas não há para onde ir desta vez. Minha visão fica embaçada e, de repente, existem duas dela antes que ela se afie de volta em uma única figura com olhos brilhantes e alertas. Um predador. E eu estava cega demais para vê-lo até agora.

Eu preciso mantê-la falando para que eu possa me controlar.

— Mas nós fomos servidos com o mesmo vinho. – digo, forçando-me a focar, mesmo que minha mente seja um borrão. — Como você sabia que não seria envenenado? Foi a taça?

— Não, não a taça. – diz ela. — Muitas coisas podem dar errado dessa maneira; existem tantos servos neste palácio. Eu não conseguia controlar todos eles. Não, não envenenei o vinho, mas amarrei com um toque de suco de morango. Não é perigoso para você, mas o arquiduque era alérgico.

Lembro-me do rosto do arquiduque Etmond inchando e ficando vermelho, ele segurando sua garganta. Coltania respirando em sua boca na tentativa de salvá-lo - ou pelo menos parecia. - Você não estava tentando salvá-lo, estava? - pergunto.

— Eu estava me certificando de que ninguém mais poderia. Ele poderia ter se recuperado por conta própria, se eu deixasse – diz ela.

— O veneno estava em você. – eu acho.

Ela sorri, lábios vermelhos se esticando sobre os dentes brancos. Com a minha visão embaçada, por um instante, juro que ela tem presas.

— Garota esperta. Minha tinta labial é misturada com bolenza destilada - não é a primeira vez que a uso para esse fim. Eu desenvolvi uma tolerância ao longo dos anos.

Lembro-me dos rumores - as misteriosas mortes dos rivais políticos de seu irmão. Seu caminho claro para a chancelaria.

Abro a boca para fazer outra pergunta a ela para ganhar um pouco mais de tempo, mas antes que eu possa, uma dor cega passa pela minha cabeça e eu grito, deixando cair a xícara de chá. Ela se despedaça contra o caminho de pedra, derramando o resto do chá sobre as pedras. Ao luar, o líquido brilha. - Coltania me observa por um momento, curiosa, até que a dor passa tão rapidamente quanto surgiu. Eu suspiro por ar, lutando por um pensamento coerente.

— Desculpe por isso. – diz ela. Mais uma vez, ela não parece arrependida. — Um efeito colateral do veneno. Não se preocupe, no entanto. Uma vez que você estiver inconsciente, a dor cessará.

Outra onda de dor atinge. Parece que minha cabeça está sendo cortada em duas. Dobro com as mãos nos joelhos para

me preparar. Eu me deixei gritar o mais alto que puder. Alguém deve estar aqui, alguém deve me ouvir.

— Por que me envenenar? – Pergunto a ela quando a dor recua novamente para uma pulsação maçante. — O que você poderia ganhar com isso?

— Oh, isso não vai te matar. – ela me garante. — Isso apenas... facilita o manuseio. Agora que sabemos que o acordo de Etristo com Marzen e eu não era exclusivo, não estou arriscando mais. Não será fácil tirar você de Sta'Crivero se você estiver chutando e gritando. *Fora de Sta'Crivero*. Ela não está me matando, mas me sequestrar não é muito melhor. E se ninguém vier depois desse último grito, ninguém virá.

Ainda sinto a adaga no meu quadril, mas se tenho problemas para manejá-la quando estou em perfeita saúde, certamente não posso fazê-lo agora, neste estado.

Outra onda de dor atinge, mais forte desta vez. Tão forte que eu vomitaria se houvesse algo no estômago, mas vazio como está, eu só anseio até que a dor diminua novamente.

— Se você tivesse tomado mais do seu chá como eu lhe disse, já teria tido efeito agora. – diz Coltania com um suspiro pesado, como se minha dor a estivesse incomodando.

Caio no chão, minha visão nadando com manchas pretas. Parte de mim quer ceder à escuridão e deixar a realidade escapar para me salvar de outra onda de dor, mas luto contra ela. Eu me forço a segurar o que está acontecendo ao meu redor. As arestas afiadas das pedras embaixo de mim, o arranhão dos galhos nas minhas costas. O rosto de Coltania paira sobre mim, me observando como se eu fosse um espécime peculiar que ela não consegue entender.

A dor volta e eu cravo minhas unhas nas palmas das mãos para me ancorar aqui - um truque que usei durante os

castigos do Kaiser para evitar desmaiar. Eu grito novamente, tentando gritar ainda mais alto.

— Ninguém vai ouvi-la. – diz-me Coltania, mas, enquanto ela diz, ouço passos vindo em nossa direção. Meu coração dá um pulo, mas qualquer esperança que existe desaparece quando o Chanceler Marzen aparece, olhando em choque entre sua irmã e eu.

— Coltania. – diz ele, perplexo. — Você disse que só iria falar com ela.

— Colocamos muito dinheiro nessa manobra para arriscar que ela falhe por causa da indecisão de uma garota. Favorecendo você um dia, o Prinz no outro, o Imperador outro. Quem sabe quem ela favorecerá amanhã? – Ela diz, nunca tirando os olhos de mim. — Fiz o que tinha que fazer, Marzen, como sempre faço. Quando a afastarmos de seus conselheiros e guardas, ela ficará muito mais receptiva. Mas você estava certa sobre uma coisa, Theodosia - o Kaiser virá quando ele realmente descobrir onde você está - e eu imagino que o Czar o alertará em breve, em uma tentativa vã de pedir favores. Nós já estaremos longe quando ele chegar. Manteremos você em segurança, não é mesmo, Marzen?

O chanceler não olha para ela, no entanto. Seus olhos estão em mim, arregalados de choque enquanto sua boca se abre.

— Não foi isso que planejamos. – diz ele, mais para si do que para qualquer uma de nós.

— Os planos mudam, Marzen. ela retruca. – Você nunca reclamou da maneira como eu lidei com as coisas no passado; Não vejo por que você deve começar agora. A dor terminará em um momento e ela vai apagar. Eu vou ficar com ela; você garante que todos em nossa comitiva estejam prontos para sair imediatamente. Se alguém perceber que ela

está desaparecida enquanto ainda estamos aqui, não haverá escapatória.

Por um momento, Marzen não se mexe. Ele permanece enraizado no lugar, com os olhos presos em mim. Outra onda de dor toma conta de mim, enviando espasmos pelo meu corpo. Eu grito de novo, menos na esperança de que alguém ouça e mais a fim de obter uma certa simpatia dele.

Qualquer simpatia que ele tenha, porém, não é suficiente. Desviando o olhar de mim, ele olha para a irmã e assente.

— Depressa. – diz ele. — Se alguém descobrir isso, não nos deixará sair desta cidade vivos.

E então ele endireita os ombros e se apressa sem olhar para trás.

Minha mente borra pelas bordas. As manchas escuras aumentam. A dor piora. Não aguento mais, mas devo. Eu não serei o prisioneiro de outra pessoa, não serei jogado como o peão de outra pessoa. A próxima vez que a dor atingi, eu corro para frente e grito novamente, pegando meu roupão e o punho da minha adaga. Acho, mas meu aperto é fraco. Eu mal posso segurá-lo, por mais leve que seja. Não sei como vou reunir forças para manejá-la. - Mas preciso. Não há outra escolha. Eu seguro a adaga o mais forte que posso antes de me sentar. Reviro os olhos na minha cabeça e deixo meu corpo ficar mole, afundando no mato.

— Finalmente. – murmura Coltania. Eu ouço seus passos se aproximarem e a sinto agachar-se ao meu lado. Aperto mais a adaga, escondida na dobra do meu roupão. Meu coração dispara no peito, tudo o que está me mantendo acordado e alerta agora. Uma chance é tudo que tenho.

Lembro-me das lições de Artemisia, como segurar a lâmina, para onde mirar. Lembro-me dela alimentando minha raiva, mas não preciso de suas provocações mesquinhas

agora. Coltania matou Hoa. Eu vejo o corpo dela em minha mente como eu vi pela última vez, a imagem dela que nunca vai me deixar. Coltania a matou, e esse conhecimento é todo o fogo que eu preciso.

Quando Coltania alcança meus braços para me içar, aproveito a oportunidade e empurro a adaga em seu estômago.

Não é o melhor lugar para atacar. Não é o coração, a garganta ou a coxa, algo que Artemisia me disse que causaria uma morte rápida. Esses lugares são difíceis de alcançar nesse ângulo, difíceis de penetrar com precisão no meu estado atual. O estômago é fácil, mesmo que seja mais lento. A lâmina desliza, cortando a pele e os músculos como se não fossem nada além de ar.

Coltania ofega no meu ouvido, se afastando de mim. Os olhos dela se arregalam e entram em pânico enquanto procuram no meu rosto, lutando para entender o que eu fiz. Eu olho de volta para ela quando ela cai no chão e eu caio ao lado dela.

Demora muito tempo para a vida deixar os olhos dela, mas eu não olho para longe até que isso aconteça.

CHOQUE

Não sei quanto tempo passa. Estou paralisada, sentada ao lado do corpo de Coltania. O veneno dela permanece nas minhas veias, obscurecendo minha visão e me deixando tonta, mas a dor pelo menos parou. Agradeço aos deuses por não ter bebido mais do que alguns goles. Imagino acordar em Oriana, ou a caminho de lá, sozinha. Minhas Sombras teriam descoberto onde eu estaria? Eu gosto de pensar que sim, mas não tenho certeza. Fico feliz por não ter que descobrir.

Um galho se quebra atrás de mim e eu giro minha cabeça, me deixando tonta no processo. Porém, não há ninguém lá, apenas flores e árvores e - vejo agora, um brilho revelador no ar.

— Heron – digo, trazendo minha mão ao meu coração para diminuir sua batida frenética. Heron entra em foco, os olhos arregalados para mim, meu roupão manchado de sangue e Coltania morta aos meus pés, o punho da minha faca ainda saliente de sua barriga. Eu o vejo juntar o que deve ter acontecido, embora ele não possa entender o porquê.

— Ela era a assassina. – digo a ele. — Mas não trabalhando para o Kaiser, apenas para ela e seu irmão. Para ter certeza de que eu o escolheria. Eles estavam cansados de esperar, então eles iam me sequestrar e me fazer casar com ele. Eu... – eu paro. — Fiz o que precisava.

Os olhos de Heron ainda estão arregalados como a lua no céu, mas ele assente.

— Vamos lá. – diz ele, estendendo a mão para mim, o que eu pego. Sua mão envolve a minha, uma âncora que eu preciso desesperadamente agora. — Isso muda as coisas.

É um eufemismo que me faz quase rir alto. Passei dias olhando por cima do ombro, pensando que o Kaiser havia me encontrado. Que eu nunca estaria a salvo dele. Isso ainda pode ser verdade, mas não é agora. Nunca foi o Kaiser - apenas uma mulher brilhante com mais ambição do que senso. Apenas uma mulher morta. Uma mulher que eu matei. Ainda não tenho certeza de como me sinto sobre isso. Quando penso no que fiz, fico entorpecido. Então, não vou pensar nisso agora.

— O rei Etristo terá que deixar Søren sair, pelo menos. – eu digo. — E então vamos embora, exatamente como planejamos.

Heron me leva de volta para dentro e para o elevador, onde o mesmo atendente está esperando. Ele pega minhas roupas manchadas de sangue e o que tenho certeza deve ser minha expressão meio selvagem, sem uma palavra, embora alguém seja alertado a qualquer momento. Então eles encontrarão o corpo de Coltania e...

— Eles não acreditarão em mim. – digo, mais para mim do que para Heron.

Ele responde de qualquer maneira. — Acho que há muitas evidências para apoiar sua história. – diz ele.

Balanço a cabeça. — Havia muitas evidências para tirar Søren da masmorra também, mas o rei Etristo não as ouviu porque não se encaixava na história que ele precisava contar. Ele precisava de Søren preso para usar como moeda de troca. – digo devagar. — E ele terá muito a ganhar me prendendo também agora, principalmente porque a maioria dos pretendentes fugiu. Ele está perdendo dinheiro.

Estou pensando em voz alta, mas paro por aí, olhando cautelosamente para o atendente. Meu coração troveja no meu peito ainda mais forte agora do que com Coltania em pé

sobre mim. Heron olha para o atendente também e a cor escorre de seu rosto. Seus olhos encontram os meus e eu sei que o mesmo pensamento passa entre nós.

Precisamos de mais tempo do que temos e só há uma maneira de consertar isso.

Heron age com tanta rapidez que quase perco, auxiliada por seu presente aéreo, sem dúvida. mAntes que o atendente possa reagir, Heron tem um braço em volta do pescoço dele, esmagando a traqueia do atendente. Enquanto o homem luta, ele solta a manivela, o que faz com que o elevador pare bruscamente, o que faz meu estômago revirar. O atendente é maior que Heron e ele luta contra ele com força, mas um pouco de paz surge no rosto de Heron e ele se mantém firme até que, finalmente, os olhos do homem se fecham e ele afrouxa nos braços de Heron.

Porém, Heron não comete o mesmo erro que Coltania cometeu comigo - ele não assume que está inconsciente só porque ele está parado.

— Você pode lidar com a manivela? – Ele me pergunta, mantendo o operador. — Deveria ser fácil descer ao invés de subir.

Concordo, não confiando em mim mesma para falar. Em vez disso, concentro-me na manivela. Mesmo caindo, é preciso muita força para move-la. Eu só chego dois andares antes que Heron me diga para parar.

— Vamos sair aqui e subir as escadas. – diz ele, finalmente soltando o corpo do atendente. Ele abre o portão e me leva para fora.

É só então que finalmente falo o pensamento que me incomoda.

— O rei Etristo perdeu muito dinheiro comigo. – digo a Heron. — A única maneira de conseguir voltar é vendendo

Søren e eu para o Kaiser. – Heron deve ter chegado à mesma conclusão, porque ele não parece surpreso. — Temos que sair agora. – diz ele.

Meu coração dispara no peito, mas consigo concordar.

— Sim. – eu digo. — Mas não sem Søren.

———

Artemisia está esperando no meu quarto, sentada em uma cadeira perto da lareira, quando Heron e eu nos apressamos. Ela se vira para mim, aborrecida a princípio, mas depois pega minhas roupas ensanguentadas e minha expressão de pânico.

Antes que ela possa dizer uma palavra, conto-lhe tudo o que aconteceu desde que saí com Coltania apenas uma hora atrás. Fico surpresa com a calma que minha voz soa, mesmo quando não sinto nada além de entrar em pânico por dentro.

— O que faremos, então? – Artemisia pergunta quando eu termino, seu tom rápido. — Pegue Søren. Envie notícias para Blaise. Os refugiados - precisamos encontrar navios suficientes para carregá-los. Comida para alimentá-los. Armas para armar qualquer um que queira lutar. – Ela marca a lista com os dedos e meu estômago afunda mais a cada tarefa.

— Não há tempo para tudo isso. – digo, balançando a cabeça. — Nós não podemos fazer nada disso.

— Não tão rápido. – ela interrompe. Um sorriso se espalha por seu rosto, chegando até os olhos. É um sorriso raro de Artemisia, e tão assustador quanto ela. — Felizmente para nós, o porto de Sta'Criveran mantém muitos navios comerciais grandes cheios de todo tipo de coisas, mas principalmente comida e armas.

— Então, tudo o que precisamos fazer é marchar para o porto e roubar um monte de navios. – Heron diz lentamente, olhando-a como se ela estivesse louca. — Não há como

sermos capazes de fazer isso. Somos apenas três - cinco se chegarmos até Blaise e libertar Søren, e até isso parece uma pequena possibilidade neste momento.

— Seremos cinco de nós, com Søren e Blaise. – concorda Artemisia. — Mas três de nós somos Guardiões e é a calada da noite. – Ela faz uma pausa, olhando entre Heron e eu. É um plano louco, mas pode funcionar.

Eu posso pegar Søren se vocês puderem pegar Blaise e os navios. – digo a eles. — Três mil refugiados. Essa foi a estimativa de Erik. De quantos navios precisaremos?

Heron balança a cabeça. — Precisamos de uma frota, Theo. – diz ele, com voz pesada. — Acho que até Art concordaria que não seria possível.

Artemisia vacila, mas ela franze a testa, e eu sei que ela já tem um plano fantasma.

— E se... – Heron começa. — Eu sei que não queremos conversar sobre isso, mas e se não aceitarmos todos os refugiados. Nós apenas os arrastaríamos para uma guerra que a maioria deles não conseguiria combater. Seria perigoso ...

— Não tão perigoso quanto ficar aqui depois que o rei Etristo perceber que eu fui embora - e roubei uma frota de seus navios e os trabalhadores mais baratos do país no processo. – ressalto. — Ele os matará se não os levarmos. Não deixarei ninguém para trás, quer eles lutem ou não. Art, o que você está pensando?

Ela solta um suspiro baixo, balançando a cabeça. — Existe uma opção, mas é um tiro que pode sair pela culatra. – alerta ela. — Precisamos da ajuda de minha mãe e de sua equipe.

Balanço a cabeça. — Ela pode muito bem me entregar ao rei Etristo. – digo. Com tudo o que aconteceu, quase esqueci o que o ouvi dizer ao czar mais cedo. — Ela ofereceu a ele

pedras da água, de alguma forma. Por isso ele concordou em me hospedar. Sta'Crivero está à beira de uma seca.

Por um instante, Artemisia parece que vai negar. Mas ela não pode. Ela sabe do que sua mãe é capaz melhor do que ninguém. — Precisamos dela, Theo. – diz ela. — Heron está certo. Ou a nossa única chance será deixar dois terços dos refugiados para trás.

A frustração queima através de mim, quente demais. Tudo está desmoronando e não vejo uma saída disso que eu poderia ter feliz. Penso no corpo de Coltania no jardim. Em algumas horas, Sta'Criverans estarão subindo para caminhadas matinais ou tomando café da manhã e eles a encontrarão. Eles encontrarão o guarda no elevador primeiro. Não vai demorar muito para ele acordar e o rei Etristo juntar as peças. Não demorará muito até que eu esteja naquela masmorra ao lado de Søren e o Kaiser esteja a caminho para pegar nós dois.

Eu deveria ter mais tempo, mas não há nada a ser feito sobre isso agora.

— Vamos, Art. – eu digo. — Se estou acordando sua mãe a essa hora, não vou fazer isso sozinha.

Quando Dragonsbane atende a porta, ela parece pronta para assassinar quem estiver do outro lado. Em sua camisola branca, com os cabelos em uma nuvem crespa em volta do rosto enrugado pelo travesseiro, ela não se parece nada com a Dragonsbane que eu conheço e, - se estamos sendo honestos- temo.

Eu quero perguntar a ela sobre as Pedras da Água, mas eu seguro minha língua. Afinal, eu preciso dela agora.

— É melhor que haja uma boa razão para isso. – diz ela, seu olhar afiado mudando entre Artemisia e eu.

Artemisia me dá uma cotovelada e tomo isso como uma sugestão para começar.

— Bem, eu acabei de matar Salla Coltania no jardim depois de descobrir que foi ela quem assassinou o arquiduque e Hoa. – digo a ela. Por menor que seja, não posso deixar de apreciar o olhar de choque que a atinge. — Temos certeza de que, quando o corpo dela for descoberto e o operador de elevador recuperar sua consciência, o rei Etristo me prenderá e depois venderá Søren e eu ao Kaiser para compensar qualquer perda que esteja enfrentando por causa desse desastre de uma busca por pretendentes. Como eu realmente prefiro que isso não aconteça, estamos saindo agora e comandando uma frota de navios mercantes no porto para que possamos levar os refugiados do campo conosco de volta para Astrea para libertar a Mina de Fogo. Ah, e Erik nos encontrará lá com refugiados dos outros campos. Você gostaria de se juntar a nós? Você é muito boa em comandar navios.

Dragonsbane olha para mim por alguns momentos, com a boca aberta. Ela começa a falar, depois se interrompe e tenta novamente. Isso acontece algumas vezes antes que ela finalmente consiga dizer palavras.

– Você está louca? – Ela me pergunta. Não há acusação em sua voz - ela parece genuinamente curiosa.

— Estou desesperada. – eu digo. — Mas suponho que os dois próximos o suficiente um do outro.

Dragonsbane balança a cabeça, piscando para longe o sono ainda deixado em seus olhos. — Tudo bem. – diz ela com um suspiro sitiado. — Eu vou ajudá-la a sair e pegar os navios, mas depois disso você estará por conta própria.

— Mã-Capitã. – diz Artemisia antes de limpar a garganta. — Eu acho... acredito que essa é a escolha errada. Precisamos

que você não apenas pegue os navios, mas também precisamos de você na batalha. Precisamos que você seja capaz de vencer isso.

O desejo na voz de Artemisia parece um soco no meu estômago, mas Dragonsbane é indiferente. Ela olha para a filha da mesma maneira que faria com qualquer outro membro da tripulação que ousasse questionar sua decisão.

— O rei Etristo me trapaceou e, portanto, estou saindo e me compensando na forma de navios. – diz ela.

— Ele trapaceou você? – Eu pergunto antes que eu possa me parar. As palavras correm e eu sei que elas são estúpidas, mesmo quando eu as digo, mas digo todas da mesma forma. — Isso é ridículo. Diga-me, quantas Pedras da água você ofereceu a ele para me vender como em um leilão pelo melhor lance?

Ela segura meu olhar, inflexível. — Eu ofereci a ele a mina. – diz ela.

O calor se acumula na ponta dos meus dedos, mas eu os cerro em punhos ao meu lado. Agora não, eu imploro.

— Não era sua para oferecer. – eu digo. O calor na ponta dos meus dedos começa a se espalhar, subindo pelos meus braços, formigando minha pele. Tento ignorá-lo, apertando meus punhos com mais força e cravando minhas unhas nas palmas das mãos, a dor uma distração bem-vinda.

Ao meu lado, Artemisia me lança um olhar perplexo, olhando para as minhas mãos. — Alguém teve que pensar em Astrea. – diz ela, chamando a atenção de Artemisia de volta. — Eu sabia que você não faria isso, então eu fiz. Uma mina pelo nosso país de volta. Um quarto de nossa energia para ter o resto. Foi uma decisão fácil de tomar.

— Não era sua. – repito com os dentes cerrados. — Você não é uma rainha, não importa o que você gosta de pensar. Eu sou a herdeira da minha mãe. Você é apenas um pirata.

Quero dizer as palavras como um insulto, mas elas apenas deslizam pelas costas de Dragonsbane.

— Etristo não sabe como travar uma batalha. – diz ela, afastando o olhar de mim e olhando para Art. — Levar os navios dele será quase fácil e ele não vai persegui-lo quando sairmos. Mas não jogarei minha equipe no fogo cruzado de uma guerra com a Kalovaxia - uma guerra que não podemos vencer. E você também não deveria, Artemisia. Como Theo disse, afinal somos apenas piratas.

Sua voz é aguda, mas pela primeira vez, Art não se afasta. Em vez disso, ela se levanta um pouco mais reta. — A Mina da Água me destruiu, você sabe, e me construiu novamente do nada. O rei Etristo não merece uma única pedra de suas profundezas. Vale a pena lutar por algumas coisas, mesmo quando a luta parece sem esperança. Mesmo que eu não valha a pena, espero que Astrea valha a pena.

Dragonsbane não responde. Em vez disso, ela olha para mim.

— Eu não quero sua coroa, Theo. Isso me enterraria - ela diz, sua voz calma. — Sempre fiz o que considero melhor para a Astrea, mas isso não inclui travar uma batalha para a qual não estamos prontos. Vou pegar seus navios, mas depois nos separamos.

Não há mais nada a dizer, então apenas aceno e me afasto de Dragonsbane. Artemisia e eu saímos sem dizer mais nada, ouvindo a porta se fechar firmemente atrás de nós. Nós só chegamos na metade do corredor antes que Art agarre meu pulso e force meu punho fechado. No corredor à luz de velas, nós duas olhamos para a pele vermelha da minha palma.

Quero afastá-lo, escondê-lo da vista, mas isso não faria nenhum bem. Art sabe, ela deve ter suspeitado antes. Eu engulo.

— Está acontecendo há um tempo. – digo a ela baixinho. — Pequenas coisas no começo. Chamas cintilantes combinariam com o meu batimento cardíaco, como se as Pedras do Fogo me chamassem. Mas está ficando mais forte. Parece que acontece quando estou com raiva. – Não conto a ela sobre o pior incidente, o que aconteceu depois do meu pesadelo sobre Cress.

Artemisia não responde a princípio. Ela estende a mão para tocar a pele, mas imediatamente se afasta com um silvo. — Está quente. – ela me diz.

— Eu não sinto. – eu admito. Embora eu esteja com medo desse momento, é bom contar para alguém. Fico feliz que seja Art, o que me surpreende.

Ela toca minha palma novamente, mas desta vez seu toque é legal. Parece mergulhar minha mão em uma piscina de água fria, e a sensação se espalha pelo resto de mim. O calor em minhas veias diminui. — Alguém mais sabe? – Ela pergunta.

— Não. – eu digo, a palavra saindo em um sussurro. — Eu não quero que eles saibam disso. – Por um momento, espero que ela discuta, mas ela simplesmente suspira. — Você ainda pode pegar Søren? – Ela pergunta.

Eu concordo. — Eu vou ficar bem.

— Bom. – diz ela, a palavra nítida. — Um problema de cada vez.

QUEBRE

Søren está em sua posição usual, encostado na parede. Ele olha para cima quando me vê, as sombras escuras sob seus olhos contrastam fortemente contra sua pele pálida. Mesmo no calor da luz das velas, ele é muito pálido. Ele não sai desta cela há dias e o que quer que esteja comendo não o está nutrindo.

Quando chegar a hora de uma luta, ele não estará em sua melhor forma. Só estou feliz que Søren em um dia ruim ainda seja um guerreiro melhor do que a maioria em seus melhores dias. Espero que seja suficiente.

Tizoli nos deixa para retornar ao seu cargo, nos dando privacidade.

— Você parece mortal, Theo. – diz Søren, sua voz baixa. — Existe uma razão para você chegar mais tarde hoje à noite do que normalmente?

— Houve algumas... complicações. – digo com cuidado.

Søren deve ouvir algo em minha voz, porque, com uma expiração forçada, ele se levanta. Eu tiro minha capa e puxo a espada de seu lugar presa às minhas costas. A lâmina Kalovaxiana de ferro forjado não é tão ornamentada quanto as lâminas Astreanas, especialmente com as pedras espirituais arrancadas do punho. Lembro-me de Søren pedindo o primeiro para dar aos guardiões que conhecemos na prisão de Astrea, mas alguém da equipe de Dragonsbane deve ter tirado o resto depois que ele foi desarmado.

Quando ele vê, Søren abre um sorriso. — Sturdax. – diz ele, alcançando-a através das grades. — Eu pensei que estava perdido depois que deixamos a Astrea.

Eu passo para ele, incapaz de esconder minha diversão, embora saiba que não é a hora nem o lugar para isso. — Dragonsbane estava com ela, mas Artemisia pegou de volta para você. – explico. — Você... deu nome para a sua espada? – Ele mal olha para mim; toda a atenção dele está na lâmina, que ele balança no ar algumas vezes experimentalmente. Ele olha para a lâmina com tanta ternura que eu meio que espero que ele a beije.

— Ele parece diferente sem as pedras. – diz ele pensativo antes de registrar minha pergunta. — E é claro que eu o nomeei. Passamos por muita coisa juntos ao longo dos anos. Gosto mais do Sturdax do que a maioria dos meus amigos. Talvez eu goste mais do Sturdax do que de você.

— Espero que isso não seja verdade, já que estou prestes a pedir muito de vocês. – digo.

Søren afasta o olhar da espada e olha para mim.

— Por onde começamos? – Ele pergunta.

———

Alguns momentos depois, digo para Tizoli que estou pronta para sair. Quando ele desce o corredor com o anel de chaves já aberto, tenho um momento de dúvida. De tudo o que eu fiz hoje à noite ou farei, essa pode ser a única parte da qual realmente lamento. Porque Tizoli é de longe o Sta'Criveran mais gentil que eu já conheci.

Eu ainda pulo nele assim que ele vira as costas para mim. Eu ainda envolvo meus braços em volta do pescoço, como Heron me ensinou, apertando com toda a minha força. Eu ainda chuto as chaves da mão dele e no celular de Søren.

Eu me sinto um pouco mal quando Tizoli finalmente cai de joelhos e seus olhos finalmente se fecham. Eu o agarro até Søren destrancar sua cela e chegar em nossa direção com a espada desembainhada e pronta. Finalmente, larguei Tizoli e

saí dele, observando Søren o cutucar o mais gentilmente possível no ombro com a ponta da espada. Tizoli não se move, mas seu peito sobe e desce.

— Você não o matou. – Søren me diz, e mesmo que eu possa ver isso, fico feliz em ouvir as palavras em voz alta.

Concordo com a cabeça e puxo minha adaga de seu lugar no meu quadril.

— Está quase amanhecendo e precisamos estar a caminho do campo antes que o palácio acorde. – digo a ele.

— Estou com uma sensação de déjà vu, Theo. – diz Søren. — Parece que ontem eu estava te resgatando de uma masmorra.

— A diferença é que desta vez não conheço nenhum túnel secreto. – admito.

Ele olha para mim cautelosamente. — Qual é o plano então? Nós saímos pela porta da frente? Estamos no meio da noite, mas haverá pessoas acordadas.

— Eu sei. – eu digo, meu batimento cardíaco trovejando mais alto no meu peito. — Os Sta'Criverans adoram um espetáculo; Eu digo que damos um a eles. – Eu aceno em direção ao corpo de Tizoli, vestido com calças simples e uma camisa com uma jaqueta de guarda. — Vocês dois devem estar perto do mesmo tamanho.

Søren olha para mim incrédulo, mas eu posso ver as engrenagens em sua mente girando. Ele concorda. — Vire-se – Reviro os olhos, mas faça o que ele diz. — Modesto de repente? – Pergunto a ele.

— Não particularmente. – diz ele. Eu o ouço arrastando as roupas, o baque dos sapatos sendo removido. — Mas você precisa manter o juízo sobre você, e eu não gostaria de roubá-la de nenhum deles.

Não posso deixar de bufar. — Certamente há um momento melhor para piadas ruins do que agora. – eu digo.

— Não tenho certeza disso. – diz ele. — Correr pela minha vida não é tão assustador quanto deveria ser quando estou fazendo isso com você. Você pode se virar agora.

Sim, e a primeira coisa que percebo é que Tizoli e Søren não são do mesmo tamanho. A camisa e as calças se encaixam no sentido de que elas se fecham sem rasgar, mas no peito largo de Søren, o tecido da camisa fica tenso entre os botões e as mangas e calças são uma polegada muito curta. Søren parece ter percebido esse problema também, embora ele esteja muito mais divertido do que preocupado com isso.

— O que pode ser feito? – Ele pergunta, puxando a camisa em uma tentativa vã de fazê-la se encaixar melhor. — Vai ter que servir. O que vamos fazer com você? Você é bastante reconhecível.

Pego minha capa do chão e a coloco de novo, puxando o capuz para a frente para que meu rosto fique nas sombras. Ele começa a pegar a jaqueta uniforme de Tizoli, mas eu o paro. — Ainda podemos chamar atenção. – admito. — Nós apenas temos que garantir que, quando o fizermos, damos a eles um bom show.

—

Subimos as escadas em vez do elevador, subindo os degraus decrépitos que parecem desmoronar sob nossos pés. Eles estão tão fora de uso agora, com a invenção dos risers, que estão caindo aos pedaços. Mas na calada da noite, não encontramos outro guarda até voltarmos ao nível principal e, nesse ponto, estamos tropeçando e rindo um pouco alto juntos. Inclino a maior parte do meu peso em Søren como se não pudesse me levantar sozinha, e ele se recosta a mim.

Qualquer chance de nossa proximidade despertar sentimentos antigos é rapidamente anulada porque Søren ainda cheira a masmorra, mofo e escuridão e suor antigo. Eu nunca pensei que ficaria agradecido por esse cheiro.

O guarda grita algo para nós em Sta'Criveran que, suponho, deve ser uma "pergunta". Ele está com o rosto vermelho e tempestuoso, gesticulando para a porta da escada aberta atrás de nós, então suponho que essa pergunta deva ser algo como “O que vocês dois idiotas estavam fazendo lá em baixo?”

Søren entende, no entanto, e ele se ergue até sua altura máxima, quase perdendo o equilíbrio no processo. Ele coloca um braço em volta dos meus ombros para se manter em pé. Ele gesticula para mim e diz algo em Sta'Criveran, juntando as palavras como se tivesse bebido demais. Ele levanta as sobrancelhas para o guarda sugestivamente - dando ao guarda uma desculpa muito obscena para a nossa presença na masmorra e para o fato de que ele está coberto de sujeira, tenho certeza.

O guarda franze a testa para mim e eu me afasto ainda mais na segurança do meu capuz. Ele me diz algo que eu não entendo, mas Søren é rápido em interromper com uma risada rouca.

Ele diz algo para o guarda que eu imagino estar na linha de “Ela é muito tímida e tem vergonha de ser pega depois do nosso encontro de masmorras, então se você não se importa, devemos ir.”

O guarda franze a testa e diz outra coisa. A única palavra que eu pego é Etralian. Mas a maneira como ele diz isso me faz perceber que ele acha que Søren é etraliano. Suponho que isso não seja surpreendente, já que os Kalovaxianos e Etralianos são igualmente pálidos. Pode ser um problema,

porém, desde que a delegação etraliana saiu com o czar ontem.

Søren permanece calmo, no entanto, e tagarela no Sta'Criveran arrastado com algumas palavras, tenho certeza de que é etraliano para realmente vendê-lo. Ele me puxa para mais perto dele e gesticula loucamente para mim. Eu gostaria de poder dizer a ele para suavizar um pouco.

O guarda faz um barulho alto e olha zangado para Søren, o que o envia para outro discurso arrastado, mas jovial.

Depois do que parece uma eternidade, o guarda revira os olhos e nos lança com um último aviso gritado, o que tenho certeza é algo como "E não vá se encontrar no calabouço novamente." Um aviso que fico feliz em obedecer. Se eu nunca ver outra masmorra, ainda será muito cedo.

Søren e eu mantemos nossa arrogância bêbada e rimos por todo o corredor principal, chamando a atenção das únicas pessoas de pé tão cedo - criadas, cozinheiras e entregadores, que nos olham e riem da nossa tolice, provavelmente gostando do visão de dois da elite rica que os empregam fazendo jumentos por si mesmos.

Quando finalmente saímos do palácio, eu rio de verdade. Søren ri também, e mesmo não precisando mais fingir, nós dois ainda nos apoiamos.

— Ele perguntou por que eu ainda estava aqui quando os etralianos partiram ontem, então eu disse a ele que decidi ficar e casar com você. – explica ele, rindo. — E ele ficou bravo e disse que estrangeiros estavam roubando mulheres Sta'Criveran. Eu disse a ele que ele era bem-vindo a Etralia e o apresentaria a minhas primas. Eu acho que ele pode realmente tentar me encontrar de novo. – Apesar de tudo, soltei uma risada. — Vamos lá. – eu digo a ele. Sem pensar, pego a mão dele e o puxo pela rua vazia.

— Você gosta disso, não é? – Ele pergunta, me seguindo.

— Correndo por nossas vidas? – Pergunto a ele por cima do ombro. — Claro que não.

— O perigo. – ele esclarece. — O lobo nos seus calcanhares. O objetivo.

Eu considero isso por um momento antes de encolher os ombros. — Acho que gosto de atuar e não esperar que algo aconteça. – digo. — Gosto de ter um plano e de segui-lo, em vez de ficar à mercê das decisões de outra pessoa.

— Mas esse não era o plano original, era? – Ele pergunta. Uma pergunta que eu temia desde que lhe entreguei a espada na masmorra.

— Não. – eu admito. Enquanto percorremos as ruas, conto a ele sobre o plano que travei com Erik, depois sobre a morte de Hoa, sobre Coltania, o veneno e seu corpo deixados no jardim.

— Sinto muito. diz ele quando termino. Olho para ele por cima do ombro. — Pelo quê? – Pergunto.

— Eu estava errado, você não está gostando disso. – ele me diz. — Você está em choque. Eu já vi isso no campo de batalha - soldados que viram seus amigos morrerem ao lado deles ou que fizeram sua primeira matança e viram a vida deixar os olhos de outro homem. Eles continuam a lutar de qualquer maneira, porque precisam. O sangue bombeia mais quente em suas veias. Eles são sempre mais ferozes, mais fortes e mais afiados do que eram antes. Suas mentes parecem focar-se apenas em sobreviver à batalha... mas a batalha sempre termina e o choque termina com ela. Sinto muito por isso.

Eu engulo e olho para longe dele. — Devemos nos apressar. – digo suavemente. — Vamos colocar alguma

distância entre nós e a cidade antes que o rei Etristo envie seus guardas atrás de nós.

FUGIR

SØREN usa o dinheiro que Artemisia nos deu para alugar um cavalo do estábulo, e enquanto o cavalariço o está montando, Søren aproveita a oportunidade para se limpar um pouco com um pano molhado. Ele só pode remover grande parte da sujeira da masmorra de sua pele, mas ajuda de maneira mensurável. Ele muda para um novo conjunto de roupas que comprou no estábulo, que são grandes demais, mas pelo menos mais confortáveis que as de Tizoli.

Temos uma longa jornada pela frente e honestamente não tenho certeza do que eu preferiria - ele cheirando como a masmorra ou ele cheirando como o habitual. Como sal marinho e troncos de uma maneira que me leva de volta aos velhos tempos, é melhor não pensar. — Quando o cavalariço chega, Søren me ajuda a subir no cavalo antes de pular na minha frente. Ele pega as rédeas do homem e, com um sobressalto, partimos. Envolvo meus braços firmemente em volta da cintura de Søren enquanto o vento sopra contra a minha pele. Quando estamos fora da cidade, finalmente empurro o capuz do rosto.

Conseguimos, percebo com emoção. Nós saímos da cidade antes que o corpo de Coltania fosse encontrado e antes que o atendente do elevador pudesse acordar e contar a alguém o que aconteceu. Mesmo que um deles seja descoberto agora, os guardas nunca serão capazes de vir atrás de nós a tempo de alcançá-lo. Quando eles juntam as peças, assumem que saímos da mesma maneira que viemos, através de navios no porto. Eles não pensam em olhar para o campo de refugiados.

Eu aperto mais a cintura de Søren.

— Tudo bem? – Ele me pergunta, sua voz quase perdida pelo vento.

Eu aceno com a cabeça em seu ombro. — Eu não teria deixado você, você sabe. – digo a ele. Ele não diz nada e, por um momento, acho que ele não me ouviu - compreensível, porque o vento é tão alto que mal consigo ouvir meus próprios pensamentos. Apenas quando eu desisti de receber uma resposta, ele deu uma.

— Você nunca me deixa. Mesmo quando isso tornaria as coisas muito mais fáceis para você.

Penso na decisão de salvá-lo da masmorra e em quão mais fácil seria deixá-lo para trás. Eu estaria com minhas sombras em um navio agora, e teríamos sido poupados de muitos problemas e de muitos riscos também. Lembro-me do meu acordo com a Dragonsbane, do sacrifício que fiz para tirar Søren da prisão. Lembro-me de quando estava em uma masmorra, dizendo a Blaise para não me salvar, porque sabia que Søren o faria e sabia que poderíamos usar isso em nosso proveito.

Ter Søren na minha vida faz as coisas complicadas, mas agora percebo que não gostaria que fosse de outra maneira.

No jardim, eu disse a ele que ele não me amava porque ele realmente não me conhecia, e eu ainda acredito nisso. Mas isso não muda o fato de que eu o conheço. Isso não muda o fato de que eu estou apaixonada por ele.

———

Quando o acampamento murado aparece no horizonte, o sol está nascendo, pairando baixo no leste, com o fundo ainda pastando nas dunas de areia. É brilhante o suficiente para ver que não somos os primeiros a chegar - já existe um grupo que se aproxima da entrada com armas sacadas. A

essa distância, o único detalhe que posso distinguir é o choque dos cabelos azuis de Artemisia.

Søren para o cavalo no topo de uma duna de areia com vista para o acampamento, e permanecemos ali, assistindo a luta se desenrolar abaixo de nós. Uma mera meia dúzia de guardas corre em direção à parede, vindo de seus quartéis nas proximidades. Artemisia faz um trabalho rápido contra um deles, mesmo que ele empunhe duas espadas contra sua única lâmina. Primeiro, ela bate uma na mão dele, mas quando ele insiste em segurar a outra, ela responde cortando a mão na sua totalidade. — Desvio o olhar, embora os gritos do homem cheguem ao nosso poleiro.

— Acabará rapidamente - os guardas serão superados. – diz Søren, desmontando e me ajudando a segui-lo.

Eu concordo. — Eles estavam aqui para manter os refugiados dentro dos muros. – digo. — Eles foram acusados de manter milhares de pessoas desarmadas em uma caneta - pouco mais do que pastores, na verdade. Eles nunca sonharam que alguém iria querer atacar do lado de fora.

Søren olha para mim, e ele deve ver meu desconforto quando outro de nossos guerreiros passa uma lâmina pelo estômago de um guarda, cortando direto para o outro lado.

— Você não precisa assistir. – diz ele. — Eu posso lhe dizer quando terminar.

Por um momento, considero ficar para assistir. Eu pedi isso, afinal - mesmo que eu não esteja lá embaixo, todo esse sangue ainda está em minhas mãos. O mínimo que posso fazer é testemunhar isso. Mas, como disse Søren, a batalha terminará rapidamente e ainda há mais preparativos a serem feitos.

— Obrigado. – digo a Søren, caminhando para o outro lado do cavalo e tirando minha capa. Eu aliso meu vestido

vermelho, mas isso ajuda muito pouco a sujeira e as rugas que ele acumularam pelo caminho.

Søren olha para mim com as sobrancelhas levantadas.

— Eu não sabia que estávamos indo para um baile. Teria sido mais prático usar calças.

— Artemisia disse que preciso estar ciente da imagem que estou apresentando. – digo a ele. — Eu preciso que eles me sigam, e é mais provável que eles sigam alguém que se parece com uma rainha do que com um rato sujo da rua.

Søren bufa. — Essas são as palavras dela?

Eu dou de ombros. — Ela tem razão. – eu digo. — Eles já me veem como uma criança sem ter idéia do que estou fazendo.

Seus olhos permanecem nos meus por um momento, mesmo quando outro grito atravessa o ar. — Não sei se isso tem muito a ver com o vestido. – ele me diz. — Talvez isso faça você parecer mais real, mas isso não fará com que eles o sigam.

Meu estômago afunda. — Então o que fará? – Pergunto a ele.

Ele encolhe os ombros, os olhos se afastando dos meus quando ele volta para o acampamento. — Você não precisa parecer uma rainha - você já é uma. Mostre a eles a garota que foi brilhante o suficiente para escapar debaixo do nariz do Kaiser, que é feroz o suficiente para proteger seu povo com sua vida, que é forte o suficiente para se manter em pé, mesmo com o peso do mundo em seus ombros. Você é uma rainha, Theo, e eles seriam loucos por não segui-la.

Ele não me olha enquanto diz, e sou grata por isso. Ele não vê o que as palavras fazem comigo, como elas causam calor nas minhas bochechas. Depois de um momento, eu ando em direção a ele e me endireito. Todos os guardas estão

na areia, mortos ou desarmados, e é hora de ver se Søren está certo.

REFÚGIO

Quando Søren e eu seguimos para a entrada, os outros estão esperando. Entre os corpos dos guardas, Heron e Artemisia estão juntos com suas espadas sangrentas ainda empatadas. Dragonsbane também está lá, o que me surpreende. Eu pensei que ela ficaria no navio e fora do que ela pensava ser um plano tolo, mas aqui está ela. Ela olha para mim quando nos aproximamos, seus olhos estreitando um pouco. Embora a fúria ainda me queime quando penso nela oferecendo a Etristo a Mina de Água, eu me forço a assentir em agradecimento. Não poderíamos ter chegado tão longe sem a ajuda dela.

Eu ando em direção a Heron e Artemisia. Faz apenas algumas horas desde a última vez que os vi, mas parte de mim quer abraçar os dois. O sangue que mancha suas roupas e pele é a única coisa que me impede.

— Muito bem. – eu digo em vez disso. — O que aconteceu no porto? Você conseguiu navios suficientes?

Artemisia assente. — O Bastante. – diz ela. — Comida, armas, tudo isso. Minha mãe ainda está um pouco relutante com a coisa toda, mas sua equipe está muito mais entusiasmada - acho que mais do que alguns deles podem se juntar a nós na mina.

Eu sorrio. — Isso é maravilhoso. –eu digo. — E Blaise?

— Nós o enviamos à frente de nós para nos encontrarmos com os Anciãos. – explica Artemisia. — Ele aceitou sua oferta para que todos pudessem pensar sobre isso e estivessem prontos para ir quando chegássemos aqui.

Concordo, engolindo meus nervos. — Vamos levá-los para os navios, então. Podemos descobrir quem quer lutar e quem não quer quando todos estiverem seguros.

Quando Heron e um dos homens de Dragonsbane abrem a porta, vejo que todo o acampamento já se reuniu nas ruas, aconchegando-se, segurando os entes queridos com eles, com todas as suas posses mundanas agarradas ao peito em pacotes escassos.

Mesmo quando entro com minhas sombras nas costas e Dragonsbane e seus guerreiros atrás deles, nenhum dos refugiados parece terrivelmente tranquilizado. Eles vieram aqui por segurança, afinal, e agora estou trazendo guerra à porta deles.

Mas eles não estão seguros aqui.

Observo os Anciões guiá-los para uma fila que passa por nós e sai do acampamento que tem sido sua única casa há anos. Décadas, na maioria dos casos. Sinto os olhos deles em mim quando eles passam e me levanto um pouco mais reto, quadrando meus ombros um pouco mais. Tento parecer uma rainha antes de me lembrar do que Søren disse - não existe algo como parecer uma rainha.

Sei que estou tentando imitar minha mãe, que sempre foi graciosa e confiante, mas eu não sou ela. Eu seria uma tola por ter confiança e ninguém precisa da minha graça. Eles precisam de abrigo, comida e um caminho a seguir, e essas são todas as coisas que posso lhes dar. Isso terá que ser suficiente.

Sandrin rompe a multidão e vem em nossa direção, curvando-se na cintura. Blaise o segue alguns passos atrás, olhos escuros duros e cautelosos. Os círculos sob seus olhos são mais fortes do que eu me lembro deles, e há uma energia nele que me assusta. Parece vibrar no ar ao seu redor.

— Sua Majestade. – diz Sandrin, chamando minha atenção de volta para ele.

É a primeira vez que ele me chama assim, e o título parece estranho vindo da boca dele. Não parece algo que eu já ganhei.

— Sandrin. – eu digo, inclinando minha cabeça. — Obrigado pela ajuda. Assim que colocarmos todos nos navios, partiremos. Temos poucas razões para acreditar que os Sta'Criverans vão persegui-lo. Eles não são muito de brigar. - Ele assente. — Passei sua mensagem para todos. – diz ele, olhando para Blaise atrás dele. — Muitos ainda estão considerando isso.

— Não é uma escolha a ser feita de sem pensar. – digo. — Haverá tempo para discutir mais sobre o navio. Você ficará a bordo do meu, não é? E todos os Anciãos também. Eu apreciaria toda a sua orientação daqui para frente.

Ele parece surpreso com isso, mas assente. — Eu ficaria feliz. – diz ele. Ele se inclina novamente antes de se juntar aos outros Anciãos, levando os refugiados para fora do campo.

Blaise se aproxima quando ele se vai, os pensamentos claramente pesando logo atrás dos olhos.

Não tenho certeza do que dizer.

— Fiquei feliz por ser útil. – diz ele. — Artemisia achou que a batalha seria perigosa demais para mim.

Foi uma decisão inteligente, mas Blaise não parece feliz com isso.

— Eu precisava de você aqui. – digo a ele. — Como você acha que foi? Eu sei que Sandrin disse que muitos ainda estavam considerando, mas...

Blaise sabe o que estou perguntando e um sorriso sombrio aparece nos cantos da boca dele. — Eu acho que,

para a maioria dos que conseguem lutar, o primeiro impulso foi dizer sim e acho que esse impulso acabará superando suas hesitações.

Eu sorrio, uma brasa de esperança brilhando na minha barriga.

Por um momento, ele reflete sobre suas palavras. — Eu dei a Art minhas jóias. – diz ele. — É muito perigoso para mim ir no navio com eles.

Ele os deu a Art como antes, por segurança. Não é para sempre. Ele ainda os levará de volta; ele ainda tentará fazer algo estúpido e nobre. Mas não hoje. Hoje ele está aqui e ele está seguro e ele é apenas Blaise.

Ele me alcança, seus braços me envolvendo. O abraço é muito quente, especialmente sob o sol de Sta'Criveran, mas eu o seguro com a mesma força. — Nós estamos indo para casa, Theo. – ele murmura no meu ouvido. Na sua voz, a palavra lar é fiada, doce, mas delicada. - Isso ecoa em minha mente muito depois de ele me soltar - uma palavra, uma oração, uma promessa que eu cumprirei.

BARCO

Dias mil pessoas concordam em lutar.

É um ajuste apertado nos quinze navios que a tripulação de Dragonsbane retirou do porto, mas conseguimos levar todo mundo a bordo. Por mais apertado que seja, acho que eles têm mais espaço do que no acampamento. A própria frota de Dragonsbane leva muitos refugiados que não podem ou não querem lutar, embora eu não tenha certeza do que ela fará com eles.

Talvez eu não confie em Dragonsbane com muita coisa - nem sempre confio em suas lealdades, em seu julgamento ou em suas opiniões dos outros -, mas tenho que acreditar que ela fará o que é certo com essas pessoas depois de falhar com tantas delas tão terrivelmente na primeira vez. Nós duas queremos o melhor para a Astrea, mesmo que possamos discordar sobre o que é isso com mais frequência.

Quando seguimos caminhos separados, é difícil não sentir uma pontada de tristeza. Ela também falhou comigo, de maneiras menores. Formas perdoáveis, se ela me desse uma chance de perdoá-la. Mas não seria Dragonsbane. Ela não quer perdão de ninguém. Ela não queria da minha mãe e não queria de mim. Ela nem pede o da filha, embora Art saiba que não deve esperar mais nada.

Ficamos juntos na popa do navio, vendo sua pequena frota desaparecer ao longe. Embora eu continue esperando que eles se virem e venham conosco, afinal, Artemisia apenas parece resignada.

— É o que ela faz de melhor. – diz ela depois de um tempo. É por isso que ela sobreviveu por tanto tempo - ela sabe quando fugir.

Há uma camada sob o tom normal de sua voz, uma camada que eu poderia ter perdido até algumas semanas atrás, quando não a conhecia tão bem quanto agora. Ela nunca esperava que sua mãe ficasse, mas desejava mesmo assim.

— Sinto muito. – digo a ela.

Ela encolhe os ombros, o movimento agudo e sem graça, sem nenhuma das suas costumeiras arrogâncias. A mandíbula dela está apertada com tanta força que estou surpresa que ela consiga expressar as palavras.

— Somente os tolos perdem tempo com desejos e desculpas. – diz ela, mas as palavras não têm sua mordida habitual.

Nós duas somos tolas, então, embora eu não diga isso em voz alta. Isso não é algo que Art quer falar e ela não precisa. Portanto, não a pressiono a compartilhar seus sentimentos; Eu nem tento tocá-la da maneira que acho que gostaria que alguém me tocasse se estivesse na posição dela. Não é disso que ela precisa. Ela precisa de alguém para ficar ao seu lado e fingir não perceber quando suas lágrimas começam a cair. Então é isso que eu faço.

———

Naquela noite, minha cabine está muito quieta. Peguei os aposentos do capitão no navio principal e é considerável, tanto quanto as cabines - ele tem espaço para uma mesa, uma mesa de jantar e uma cama - mas depois do meu quarto no Sta'Crivero, parece apertado. O estilo é simples e minimalista. Encontro conforto na madeira e no cobertor gasto, na mesa rústica e na cadeira dura com pernas desiguais. É um espaço acolhedor e confortável, e acho que é isso que desejo agora, mais do que luxo.

O silêncio deixa espaço para muitos pensamentos, porém, muitos pesadelos começam a aparecer atrás dos meus olhos, mesmo antes que eu tenha a chance de adormecer. Eu poderia estar levando essas pessoas a um massacre. Milhares de pessoas podem acabar mortas e seria por causa de uma escolha que eu fiz. Eu também poderia mergulhar uma adaga entre as costelas.

Certa vez, achei que o sangue nas mãos de Søren era tão espesso que eles "nunca mais ficariam limpos, mas agora os meus não parecem muito mais limpos. Eu mesmo matei Ampelio e Coltania, mas quantos outros perderam a vida por minha causa? Elpis, Hoa, o arquiduque, os guardiões da prisão de Astrea, a serva Coltania alistou cujo nome eu nem sei. Todos aqueles guardas mortos fora do campo de refugiados.

Eu sei que essas mortes eram inevitáveis, mas a culpa me come do mesmo jeito. E aqui estou liderando mais pessoas - milhares de pessoas - em uma batalha que não sei se podemos vencer.

É tolo e irresponsável e é o único caminho a seguir. É o único caminho de casa.

Uma batida soa na minha porta, leve e questionadora.

Grata pela interrupção, eu me arrasto da minha cama estreita e coloco meu roupão sobre minha camisola, amarrando a faixa em volta da minha cintura. Quando abro a porta, fico surpresa ao encontrar Søren do outro lado. Eu não sei quem eu esperava que fosse. Blaise? Ele está brincando com Artemisia, que prometeu matá-lo se ele começar a perder o controle. Ele não se arriscaria a sair do lado dela nem por um momento.

Eu procuro meus sentimentos. Estou aliviado por ser Søren? Havia uma parte de mim que desejava que fosse

Blaise? Eu não sei. Tudo o que tenho certeza é que a presença de Søren parece um relâmpago na minha barriga, me enchendo de um calor perigoso.

Abro mais a porta e faço um gesto para ele entrar. A porta se fecha atrás dele com um clique firme.

— Você está bem? – Ele me pergunta, sua voz baixa. — Com Hoa e Coltania e tudo mais?

Mordo o lábio e me volto para ele. Imagens do corpo sem vida de Hoa e os olhos de Coltania se fixaram nos meus quando ela deu seu último suspiro, preenchendo meus pensamentos. Coltania é mais fácil de se pensar, então enterro Hoa em minha mente e me concentro nela.

— Você se lembra do que me contou depois que matei Ampelio? – Pergunto, sentando-me na beira da minha cama.

Søren fica de pé diante de mim, franzindo a testa. O que ele estava esperando que eu dissesse, não era isso. — Acredito que tentei consolá-la e fiz uma bagunça no processo. – diz ele lentamente.

Eu sorrio firmemente. — Você fez. – eu concordo. — Mas depois, quando você mencionou novamente, você estava certo. Matar nunca é fácil, mesmo quando não é sua primeira vez. Mesmo quando você não tem escolha - quando é uma questão de autodefesa. Deixa uma marca em você.

Søren segura meu olhar. — Você fez o que precisava. – diz ele.

— Eu sei. – digo a ele, olhando para as minhas mãos. Debato minhas próximas palavras, seja mais sábio dizê-las em voz alta ou mantê-las trancadas por dentro, não consigo encontrar a resposta para isso, mas no final me forço a dar voz a eles. — Mas naquele momento, quando forcei a adaga no estômago dela, não estava pensando em me defender. Eu não estava pensando no que aconteceria comigo se falhasse.

Eu estava pensando em Hoa, no que Coltania havia feito com ela - como ela havia tirado outra pessoa de mim. Quando a matei, não fui alimentada apenas pela autodefesa. Fui alimentada pela raiva. Fui alimentada por vingança.

É uma confissão feia, feita aqui em uma cabine tranquila no meio do oceano, mas Søren não se afasta. Ele segura meu olhar, firme, como se pudesse ver diretamente as partes mais profundas de mim, as partes das quais tenho vergonha. As partes que eu tento esconder de todo mundo, até de Blaise. Søren vê as partes mais feias de mim, a covardia e os coniventes e manipuladores. Ele vê tudo e entende. Ele olha para mim como se eu fosse seu livro favorito, um que ele leu todas as páginas muitas vezes. Um cujos segredos ele descobriu, mas ele continua voltando para saber mais.

Ainda não tenho certeza se sou Thora aos olhos dele, ou Theo, ou alguma aquarela misturada das duas juntas, mas, neste momento, somos só nós dois no mundo e não somos Thora e o Prinz. Somos Theo e Søren e parece que ele me conhece tão bem quanto eu o conheço.

Eu levanto e fecho os poucos passos de distância entre nós até estarmos apenas a alguns centímetros de distância. Ele não recua, mas também não se aproxima, embora sua respiração pare. Ele não faz nenhum movimento para me tocar, com as mãos flácidas ao lado do corpo. Percebo que ele não o fez, porque pedi que ele guardasse seus sentimentos para si mesmo.

É mais fácil assim, mais inteligente deixar as coisas como estão. Ele é meu conselheiro e meu amigo, e isso é tudo que ele pode ser. Mas estando tão perto dele, é difícil lembrar por que isso acontece. É difícil lembrar de Blaise, a apenas algumas cabines de distância, dizendo que ele me amava. É difícil lembrar do Kaiser, sentado no trono de minha mãe com

meu amigo mais próximo ao seu lado. É difícil lembrar as milhares de pessoas que concordaram em me seguir para a batalha, pessoas que vêem Søren como seu inimigo.

— Søren... – eu digo, seu nome pouco mais que uma respiração.

Seus olhos encontram os meus - eles têm o mesmo tom de azul dos Kaiser, mas até esse lembrete está escuro agora, um fantasma no fundo da minha mente. - Tentativamente, eu alcanço a mão em seu rosto. Sua barba por fazer é áspera contra a palma da minha mão.

Søren parece querer dizer alguma coisa, mas o que quer que seja, cai quando eu rolo na ponta dos dedos dos pés e escovo meus lábios nos dele. Com esse toque, toda a restrição de Søren desaparece e em um instante ele está me beijando de volta. Uma mão chega para embalar meu rosto enquanto a outra se acomoda na minha cintura, me ancorando a ele. É um beijo gentil, como os que compartilhamos em Astrea, esgueirando-se pelos túneis do palácio, quando ainda éramos estranhos um ao outro, mas não somos mais estranhos. Eu o conheço e ele me conhece e as partes mais sombrias de nossas almas se combinam.

O beijo se aprofunda. Søren tem gosto de pão fresco e vinho temperado que tivemos no jantar. O beijo se torna, devorador, consumindo até não ter certeza de quais respirações são dele e quais são minhas. Nossas arestas se confundem, mãos, pele, lábios e dentes. Quando a boca dele sai da minha, eu quero puxá-lo de volta, mas rapidamente ele está beijando minha mandíbula, minha bochecha, e o lóbulo da minha orelha, enviando um arrepio através de mim que parece fogo.

— Theodosia. – Ele sussurra meu nome como em uma oração. Não parece mais um nome muito grande; isso me

encaixa tão perfeitamente quanto a mão dele se encaixa na curva da minha cintura, tão perfeitamente quanto sua boca contra a minha quando ele me beija novamente.

-

Não preciso pedir a Søren que passe a noite comigo. O convite paira no ar sem palavras, e ele aceita, tirando as botas e rastejando para a minha cama. Nos enrolamos juntos embaixo do meu cobertor puído, minha cabeça em seu peito, seus braços em volta de mim.

— Se eles me encontrarem aqui de manhã, haverá conversas. – diz ele, bocejando.

— Eu sei. – eu digo. Eu ouço a batida do seu coração, firme e segura e em sintonia com a minha. - Seus dedos traçam padrões nas minhas costas através do material fino da minha camisola. — No jardim, você me disse para não mencionar meus sentimentos por você, porque acreditava que eles não eram verdadeiros. – diz ele lentamente.

— Søren... – Eu começo, mas ele interrompe.

— Apenas deixe-me dizer isso, por favor. – diz ele antes de fazer uma pausa. — Em Astrea, quem você era - Thora - eu a queria. Eu queria protegê-la de meu pai, do jeito que nunca pude proteger minha mãe. Eu queria fugir com ela e salvar nós dois. Você estava certa sobre isso. Mas o que senti até então, é uma sombra do que sinto por você, Theo.

Abro a boca para dizer a ele para parar novamente, mas as palavras morrem na minha garganta. Por mais perigosos que sejam, quero ouvi-las tanto que quase me quebra.

— Eu não quero protegê-la. Eu não preciso te proteger. Você tem outros para isso e já fez isso você mesma várias vezes até agora. Eu não quero fugir com você; Eu quero ficar ao seu lado e lutar, lutar por algo que eu nunca pensei que queria, mas quero. Com você eu sou mais forte e mais

corajoso, e nunca mais quero voltar a viver como antes. Eu te amo, e não tem nada a ver com quem você fingiu ser. Eu te amo.

— Eu também te amo. – digo suavemente.

Quando a respiração dele fica lenta e regular, não consigo deixar de pensar em Blaise dizendo essas mesmas três palavras para mim apenas alguns dias atrás. Quando Blaise as disse, eles eram um bálsamo para uma ferida que ele ainda não havia liberado. Quando Søren diz ele está quebrando as correntes que nos unem e esperando que eu fique assim mesmo.

ESTRATÉGIA

O navio segue seu rastro por trás do resto da frota. Embora tenhamos ido de Astrea a Sta'Crivero em uma semana, levamos o dobro para dar uma volta pela costa sudeste de Astrea, onde fica a Mina de Fogo, e não fazemos esforços para nos apressar. Duas semanas passam em uma série de treinamentos e estratégias, tentando transformar nossos dois mil refugiados em dois mil soldados. As armas e armaduras saqueadas de um dos navios de Sta'Crivera que roubamos são suficientes, mas será necessário, porque a costa apareceu no horizonte nesta manhã, a silhueta dos penhascos de Astrea se agitou contra o sol nascente. Não há muito mais tempo para esperar, treinar e planejar.

Embora eu saiba que faria mais mal do que bem se tentasse liderar fisicamente um exército, é difícil não me sentir como uma criança cobiçada em um berço almofadado. Søren deve sentir isso pior do que eu, embora ele nunca tenha reclamado comigo nas noites que passou no meu quarto, nós dois nos escondendo embaixo das cobertas juntos, bloqueando o resto do mundo. Ele lutar seria muito arriscado e potencialmente confuso - Kalovaxiano como ele é, seria muito fácil para uma espada amiga encontrar o caminho para seu coração. Ainda assim, sinto sua decepção permeando o ar ao seu redor.

Ele tenta compensar isso, lançando-se à estratégia. Como ele viu as minas do ponto de vista de um comandante Kalovaxiano, sua contribuição é inestimável. Até minhas sombras, que passaram anos nas próprias minas, ficam surpresas com os detalhes da ilustração que Søren desenha no pergaminho que colocamos em minha mesa. Nós o

cercamos, Søren, Blaise, Heron, Artemisia e eu, nossos ombros se tocando.

— Eu circulei em todos os lugares onde os guardas estarão. – diz Søren. Olho do rosto sombrio para o mapa. Existem mais círculos do que espaço livre.

— Muitos. – ele fala quando nenhum de nós o faz.

— Muito é um eufemismo. – diz Artemisia, apertando os lábios.

— A mina não será tão fácil quanto o campo. – admite Søren. — Mas ainda os superamos em número e eles não esperam isso, o que nos dá uma vantagem.

— O suficiente para neutralizar a vantagem de lutar em terras que eles conhecem, abundante em seus próprios recursos, com mais experiência, força e pedras preciosas para ajudá-los? – Pergunta Blaise.

Søren hesita. — Talvez. – diz ele.

Talvez não é bom o suficiente, mas é o melhor que podemos esperar. Esfrego as têmporas e olho para o mapa, apontando para a costa. — Então, vamos nos aproximar nessa direção?

Søren assente. — Mas seria mais eficaz se também enviarmos alguns dos navios mais rápidos por aqui para vir dessa direção. – diz ele, apontando para a costa do outro lado da Mina de Fogo. — Dessa forma, atacaremos em duas frentes e é menos um canal que eles terão para enviar um aviso ao meu pai.

Eu concordo. — Temos homens suficientes para isso? Pergunto. — Ou a divisão de nossos recursos tornará mais fácil para eles nos escolherem de um lado de cada vez?

Søren olha para o mapa, a testa franzida em concentração. — Devemos ter o suficiente. – diz ele depois de um momento.

Devemos. Havia uma razão pela qual Dragonsbane não queria se juntar a essa luta conosco - é um risco, e há um grande problema nisso.

— Eles não terão navios vigiando a costa sudoeste. – acrescenta Søren. — Mas eles terão alguns navios patrulhando mais ao norte. Temos navios suficientes para eliminá-los, mas provavelmente perderemos alguns deles no processo.

— Navios que não podemos perder. – digo, franzindo a testa. Uma idéia toma conta de mim e eu olho para Heron. — Até onde sua invisibilidade pode se espalhar? – Pergunto. Ele considera a questão. — Não posso dizer que já tentei esconder mais do que alguns outros.

— Você poderia encobrir toda a frota? – Eu pergunto, embora, enquanto eu exprima o pedido, parece uma pergunta sem esperança.

A sobrancelha de Heron dobra. — Não. – ele diz lentamente. — Mas talvez eu possa nos camuflar o suficiente para sermos difíceis de ver, principalmente se eu brincar com o reflexo da água. Não por muito tempo, no entanto. Não há tempo suficiente para passarmos por eles.

Artemisia inclina a cabeça para um lado, os olhos escuros se tornando pensativos. — Se Heron puder camuflar a frota, eu posso manipular as marés, nos empurrar para além da patrulha Kalovaxiana mais rapidamente. Podemos não ser capazes de passar despercebidos antes que ele perca a invisibilidade, mas pelo menos, podemos surpreendê-los o suficiente para minimizar nossas perdas. – Ela faz uma pausa, seus olhos passando rapidamente para Blaise. — Ou – diz ela, com voz cautelosa, — poderíamos rasgar os navios deles sem dar a chance de disparar um único canhão.

Blaise encontra o olhar de Artemisia, arregalando os olhos quando ele entende o que ela não está dizendo. Depois de um momento, ele assente. — Eu posso fazer isso. – diz ele, testando as palavras. — A madeira é da terra.

Meu tempo no Smoke com Blaise volta, como a madeira que compunha o navio começou a zumbir tão erraticamente quanto as batidas de seu coração, como eu estava preocupada que pudesse se partir. Artemisia está certa - se pudermos usar isso contra os navios Kalovaxianos, poderíamos dar um grande golpe antes mesmo de pisar na praia. Mas a um custo íngreme.

— É muito perigoso. – eu digo. — Nós não sabemos o que isso fará com você, não importa nossos navios.

Blaise balança a cabeça. — Meu dom é o mais forte que temos, Theo. – diz ele.

Lembro das palavras de Mina e imagino uma panela fervendo. — Isso poderia te matar. Se pudermos nos aproximar deles usando os dons de Art e Heron, podemos afundar seus navios da maneira não mágica - com canhões - e não correr esse risco.

Artemisia faz um barulho no fundo da garganta. — Nós poderíamos. – diz ela lentamente. — Seria fácil, mas chegaria a um custo ainda. Não importa a vantagem que obtemos ao espreitá-los, ainda sofreremos perdas - guerreiros, até um navio. Perdas que não podemos pagar.

— Também não podemos pagar. – eu digo.

Por um momento, ninguém fala. — Sim, nós podemos. – Blaise diz antes de relutantemente olhar para Søren. — Como Art estará ocupada de outra maneira, o dever é com você, Prinkiti. Se parecer que estou perdendo o controle e me tornando um perigo para nossos navios, você me mata antes que eu possa. Nos entendemos?

Søren olha para mim e depois de volta para Blaise. — Nos entendemos. – diz ele.

— Não. – eu digo, mais alto desta vez. — É muito perigoso. Você poderia morrer, Blaise.

O queixo de Blaise e ele encolhe os ombros. — Eu posso nos dar uma vantagem que precisamos desesperadamente.

Olho em volta para os outros, esperando que mais alguém fale contra esse plano maluco, mas há apenas silêncio, apenas amigos que não me olham nos olhos. Uma ordem dança na ponta da minha língua e sei que poderia usar minha coroa - metafórica como arma novamente. Eu poderia ordenar que ele ficasse fora disso, para ficar seguro, mas engulo o desejo. Algumas escolhas não são minhas para fazer.

— Enviaremos um barco a remo para repassar o plano para os outros navios. – digo em seu lugar. — O que acontece quando chegamos à praia?

— Você era um comandante Kalovaxiano. – diz Heron, olhando para Søren. — Quando atacamos a mina, como eles responderão?

Søren parece um pouco confuso com isso. — Eu nunca fui colocado nas minas, mas, pelo que entendi, eles são treinados de maneira diferente da maioria dos guerreiros, embora ser designado para lá sempre fosse visto como um insulto. Eles não serão os melhores homens, então há algum conforto lá.

— Haveria. – diz Artemisia. — Se nosso exército não fosse formado por refugiados com duas semanas de treinamento.

Søren não tem argumento para isso. Em vez disso, ele olha para mim. — Podemos esperar. – diz ele. — Se esperarmos por Erik e os vecturianos, teremos mais guerreiros e as chances serão maiores a nosso favor.

— Mas esperar também significa o risco de perder o elemento surpresa. – digo. — Se a patrulha Kalovaxiana perceber que a nossa frota não está longe da costa, eles vão nos atacar.

Søren assente antes de se virar para Heron. — Você está mantendo contato com Erik com esse ouro. – diz ele. — Houve mais notícias dele?

Heron balança a cabeça. — Desde a última atualização que dei. Eles estavam saindo de Timmoree e esperamos que cheguem aqui amanhã, mas pode demorar mais alguns dias, dependendo do clima.

Existem tantas variáveis, tantas opções com consequências imprevisíveis, tantas coisas que podem dar errado. Olho para o mapa de Søren, como se houvesse segredos que eu possa encontrar de alguma forma, mas é apenas um mapa e um que não coloca as coisas a nosso favor.

— Qual seria o melhor momento para atacar? – Pergunto a Søren.

Ele faz uma careta. — Eles terão um guarda-esqueleto no turno da noite. – diz ele. — Portanto, haveria menos homens acordados e prontos para lutar, mas a escuridão afetaria nossos guerreiros mais do que os deles. Os Kalovaxianos treinaram no escuro, eles sabem como usá-lo contra seus inimigos. O amanhecer é a nossa melhor chance. Já será claro o suficiente para ver, mas os guardas ainda não teriam mudado de turno. Eles estarão cansados, não prontos para uma luta. É claro, isso nos comprará apenas um pouco de tempo antes que seus substitutos se juntem a eles, totalmente renovados.

— E os escravos? – Pergunto. — Onde eles estariam?

— Alguns estariam nas minas. – diz Heron. — O turno da noite é menor, mas ainda existe. O resto seria no bairro dos

escravos, aqui. – Ele aponta para um lugar no mapa de Søren, logo ao lado da mina.

Eu concordo. — Eu confio na sua opinião sobre isso. – digo a Søren. — Atacaremos ao amanhecer.

Olho em volta para todos. — Deve ser hora do jantar, vão comer. – eu digo. — Haverá mais tempo para planejar quando terminar.

Todo mundo se levanta da mesa, cadeiras arranhando o chão de madeira, mas eu fico sentada. Estou estressado demais para poder engolir comida e não quero que o resto do navio me veja assim, incerto e com medo.

— Blaise. – eu digo quando eles começam a sair. — Fique um minuto, sim?

Ele congela na porta, olhando para mim antes de voltar para dentro. Artemisia também faz uma pausa e assente, saindo da cabine e fechando a porta, embora eu tenha certeza de que ela estará esperando do lado de fora, só por precaução. O pensamento me deixa doente e me sinto ainda mais doente quando percebo que sou grata por sua presença.

Nenhum de nós fala a princípio e o ar está pesado entre nós. Não conversamos muito desde que saímos do Sta'Crivero, embora não tenha certeza de quem está evitando quem ou se isso foi intencional. Há muito o que fazer para se preparar para esta batalha. Mas, apesar de pensar nisso, lembro que houve tempo para Søren entrar no meu quarto todas as noites, tempo para eu adormecer em seus braços. Eu me pergunto se Blaise sabe disso; Tenho certeza que ele deve ter suas suspeitas. Eu limpo minha garganta. — Não gosto desse plano. – digo.

Ele fica quieto por um momento. — Você acha que eu gosto? – Ele pergunta finalmente. — Você acha que eu gosto da idéia de arriscar minha vida assim?

— Eu acho que você gosta da idéia de ser um herói. – As palavras saem de mim antes que eu possa detê-las.

Blaise volta como eu lhe dei um tapa. — Não foi minha idéia, Theo. Você ouviu Artemisia, Heron e Søren - todos acham que é a nossa melhor chance. Você sabe que é também.

— Isso não significa que eu queira que você faça isso. – digo em voz baixa.

Por um momento doloroso, ele só fica lá. — Você acredita que Glaidi me deu esse dom? – Ele pergunta.

— Mina disse—

— Não estou perguntando o que Mina disse, ou Sandrin, ou Heron, ou Art. Estou perguntando no que você acredita.

Eu mordo meu lábio. — Sim. – eu digo depois de um momento. — Acredito que Glaidi te abençoou.

— Então seria um insulto para ela não usar seu dom. – diz ele com um sorriso sombrio. — É isso que eu pretendo. Me deixe fazê-lo.

Balanço a cabeça. — Você não precisa da minha permissão, Blaise. – digo a ele. — Os outros concordaram com você. Eu estava muito em menor número.

— Isso não importa. – diz ele. Ele parece estar lutando contra si mesmo por um momento antes de pegar minhas mãos nas dele, apertando-as com força. Sua pele está febril como sempre, mas eu as aperto de volta. — Se você me pedir para não fazê-lo, eu não o farei.

É uma oferta cruel, e parte de mim o odeia por expressá-la, porque não há resposta certa para eu dar. Não posso dar a ele minha bênção nisso mais do que posso impedi-lo.

— Você se conhece. – digo em vez disso, forçando um sorriso. — Se você acredita que pode fazer isso, eu também acredito.

FANTASMA

A lua fornece toda luz que precisamos. À medida que nosso navio se afasta ainda mais da frota. Eles vão esperar pelo nosso sinal de que é seguro. Na proa, Heron, Artemisia e Blaise estão lado a lado, olhando para o horizonte onde três navios Kalovaxianos patrulham a costa. Søren e eu ficamos para trás, assistindo e esperando o que só pode ser chamado de milagre.

A mão de Søren está no punho de sua espada, seus olhos em Blaise. Não preciso perguntar a ele se ele realmente seguirá a direção de Blaise para matá-lo se perder o controle - sei que ele o fará sem hesitar tão certo quanto sei que, se o fizer, vou impedi-lo da maneira que puder.

Mesmo que isso coloque todos em perigo? uma voz em minha mente sussurra, mas eu a empurro para o lado. Não chegará a isso. Não pode chegar a isso.

Todo mundo no navio que não está de plantão se aglomera atrás de Søren e eu para assistir os três, e parece que estamos segurando uma respiração coletiva, esperando o momento em que finalmente podemos expirar.

Heron começa primeiro, embora o único sinal disso seja seus ombros tensos com esforço. O efeito, no entanto, começa imediatamente, se espalhando pelo navio e por todos nós. Como sempre que ele usou seu presente em mim, minha pele começa a formigar como se meu corpo inteiro tivesse adormecido. Um rápido olhar atrás de mim confirma que os outros também estão sentindo isso - alguns olham para seus corpos com surpresa e perplexidade, apenas para vê-los começar a desaparecer diante de seus olhos.

Mas a sensação não é tão forte quanto quando Heron me deixou invisível. Ele não é forte o suficiente sozinho para fazer todo o navio desaparecer. No entanto, entre o presente dele e a noite de cobertura natural, devemos ser impossíveis de ver. - Artemisia é a próxima, e ela tem um talento dramático que falta a Heron. A multidão reunida atrás de mim ofega quando ela levanta os braços e as marés aumentam imediatamente. A fina névoa de magia voa de seus dedos enquanto ela direciona nossa nave em direção às naves Kalovaxianas no horizonte, mais rápido do que eu pensaria ser possível. Ao luar, todos os seus movimentos parecem líquidos, todos os movimentos de seus braços e movimentos de seus pulsos, executados como se o próprio oceano a tivesse gerado.

É um pouco como vê-la lutar com espadas.

A multidão reunida atrás dela sussurra de admiração - nosso navio voa através do mar, impulsionado por uma maré perfeita. O plano está funcionando - desde que Artemisia possa nos aproximar o suficiente antes que Heron se torne fraco demais para conter nossa invisibilidade. Essa é a questão, a teoria que não poderíamos testar antes de colocá-la em ação. É a isso que tudo se resume. Precisamos chegar perto o suficiente para que Blaise possa implantar seu próprio presente.

Alguma parte pequena e estúpida de mim espera que fracassemos por esse motivo - que Heron falhe em manter nossa invisibilidade e os Kalovaxianos nos vejam e que caiamos em um tipo de batalha menos mágica, mas pelo menos Blaise não. use o presente dele. Ele não arriscaria sua vida assim.

A oração fica sem resposta. As marés de Artemísia nos impelem rapidamente para as naves Kalovaxianas, o presente

de Heron segurando até o momento em que Blaise dá um passo à frente, seu corpo tremendo. Ele pega a pulseira cravejada de pedras preciosas do bolso e a aperta com força no punho.

Apesar de toda a sua bravata anterior, ele está realmente com medo, eu percebo. Sem querer, dou um passo em sua direção, mas Søren agarra meu braço com a mão livre.

— É uma coisa corajosa que ele está fazendo. – diz Søren, sua voz baixa e seus olhos ainda fixos em Blaise. — Não roube isso agora.

Um protesto se instala na minha garganta. Søren está certo - mesmo que eu prefiro Blaise covarde e vivo, em vez de corajoso e morto, essa não é minha escolha. E assim faço a única coisa que posso fazer: assisto. - Heron tropeça para trás, sem energia, e Artemisia abaixa os braços para pegá-lo, mantendo-o na posição vertical. A mágica deles desaparece, mas não é mais necessária. Os navios Kalovaxianos estão próximos o suficiente agora para que eu possa ver as formas dos marinheiros correndo pelos conveses de seus navios, perto o suficiente para ouvir seus gritos de pânico. É tarde demais, embora eles não percebam isso. Eles vão em breve.

Blaise se apoia no parapeito do navio, seu corpo se contraindo como se estivesse sendo despedaçado. Nosso navio está tão quieto que posso ouvir cada respiração da multidão atrás de mim, cada onda batendo contra o nosso casco, cada maldição e ordem Kalovaxiana sendo gritada à distância.

Ele levanta uma mão, estendendo-a para frente em direção à nave central, diretamente à nossa frente. Sob o material fino de sua camisa, os músculos de suas costas se contraem como se algo estivesse tentando sair da pele. Uma rachadura divide o ar como um trovão, seguido por outro e

outro, cada um mais alto que o anterior. Segundos depois, eu "vejo" o casco do navio Kalovaxiano se despedaçando, pranchas de madeira quebrando e espirrando na água. A tripulação começa a gritar quando o navio fragmentado afunda e um sino toca. Um alarme, eu percebo, para alertar os outros navios de problemas.

O navio da esquerda ouve primeiro e eles tentam resgatar o primeiro navio, mas Blaise está pronto para isso. Ele levanta a outra mão na direção deles. O poder que atravessa seu caminho é tão forte que ele precisa inclinar todo o peso de seu corpo para a frente, contra a grade do arco, para permanecer em pé. Mesmo acima do coro da destruição, posso ouvi-lo ofegar e grunhir de dor.

— É demais. – digo a Søren. — Ele não pode mais fazer isso.

Mas, assim que eu digo, o segundo navio começa a se separar, assim como o primeiro, mergulhando os destroços no mar negro de tinta.

Dois navios naufragaram sem uma única vida perdida do nosso lado - basta. Mas não será a de Blaise. Eu sei disso antes mesmo de ele voltar sua atenção para o terceiro navio. Ao contrário de seus irmãos mais nobres, o terceiro navio não está tentando resgatar os outros dois. Em vez disso, eles estão fugindo.

— Podemos deixá-los ir. – digo a Søren, mas ele balança a cabeça, mantendo os olhos em Blaise.

— Eles podem obter ajuda e voltar. – diz ele. — Não podemos correr esse risco.

Blaise também deve saber disso. Ele se afasta dos navios naufragados e concentra o peso de sua atenção naquele que foge. Seus ombros tremem quando ele respira fundo e trêmulo e levanta as mãos mais uma vez. Ele solta um grito

animalesco tão alto que poderia abrir o próprio céu. O poder que flui de suas mãos não é um raio de luz que dispara de nós para elas. Em vez disso, é um tornado, chicoteando no ar sem um alvo - tão sem rumo quanto brutal.

O navio Kalovaxiano em fuga leva a pior, dissolvendo-se em nada além de lascas o mais rápido que posso piscar, mas nosso próprio navio não é poupado. A multidão atrás de mim grita e cai no chão, cobrindo suas cabeças quando pedaços do navio começam a quebrar.

— Blaise! – Eu grito, mas minha voz está perdida na loucura. Um pedaço do mastro acima da minha cabeça se solta e cai em minha direção. Estou congelado no lugar, incapaz de me mover até que um braço serpenteie em volta da minha cintura e me puxe para fora do caminho.

— Leve todos para a popa do navio, para os barcos a remos. – diz Søren, puxando a espada da bainha.

Eu agarro seu braço da espada. — Não. – eu digo, a palavra arrancando-se do meu intestino. — Ele não sabe o que está fazendo, você não pode.

— Theo, olhe em volta. Ele vai matar todos nós. – diz Søren, gesticulando em torno do navio com a mão livre. — Ele pediu isso de mim e eu vou honrar isso.

Eu engulo, lágrimas mordendo meus olhos. — Deixe-me fazer isso, então. – eu digo, minha voz tremendo. — Eu devo isso a ele, Søren.

Os olhos de Søren piscam para Blaise e voltam para mim. Depois de um segundo, ele assente e passa a espada nas minhas mãos. — Lembre-se: golpeie com força e vontade, termine rápido.

Eu concordo. É só quando ele se afasta de mim e começa a escoltar os passageiros assustados para a popa do navio que

eu percebo que é a mesma coisa, mais ou menos, que ele me disse quando eu coloquei uma adaga nas suas costas.

Preparando-me, dou um passo em direção à figura de Blaise, ainda encostada no parapeito do navio enquanto tremores atravessam seu corpo, fazendo seus músculos espasmos e se contorcerem. Heron e Artemisia estão ao seu lado, exaustos demais com seus próprios esforços para fazer muito mais do que olhar e chamar seu nome, embora suas vozes estejam perdidas no barulho da ruína.

A espada é mais longa do que as que pratiquei com Artemisia, e a ponta dela arrasta-se pelo convés ao meu lado. O navio vira para um lado e eu tropeço, apoiando-me na espada como uma bengala para ficar de pé, apenas para fazer o navio balançar para o outro lado. Cada passo que dou em direção a Blaise parece que meu corpo está se movendo na areia movediça, mas mantenho meus olhos nele e coloco um pé na frente do outro.

Distante, ouço Artemisia gritar meu nome, mas ela se sente a milhares de quilômetros de distância. Tudo faz. É como se o mundo consistisse apenas de Blaise, eu e a espada na minha mão.

O ar entre nós crepita com um raio. Estendo a mão e toco em seu ombro, esperando contra a esperança que seja como da última vez e meu toque seja suficiente para libertá-lo da magia ou Glaidi ou o que quer que seja que o segure. Mas quando sua cabeça se volta para mim e seus olhos encontram os meus, não há nada de Blaise deixado para trás. Eles me lembram mais os de Hoa, olhando vidrados e sem vida depois que a alma deixou seu corpo. Ele olha para mim, mas ele não me vê.

— Blaise. – eu digo, o nome dele é um sussurro.

O convés começa a rachar sob meus pés, pedaços de madeira descascando como casca de frutas.

Não foi o que aconteceu no Sta'Crivero. Então, sobrou dele o suficiente para que eu pudesse retirá-lo novamente, mas agora ele é mais mágico que o homem, inacessível, insalubre. Engulo as lágrimas que ameaçam derramar e levanto a espada com as mãos trêmulas.

Parece que estou de pé sobre Ampelio novamente, com a ponta de uma espada pressionada contra suas costas. Eu o matei então para salvá-lo de mais dor, para me salvar, para manter a rebelião viva. Como isso é tão diferente disso?

Meus olhos se fecham com força para que nenhuma lágrima escape. Eu sei o que tenho que fazer - enfiar a lâmina no peito, duro e verdadeiro, exatamente como Søren disse.

Eu respiro firmemente.

Aperto o punho da espada com mais força.

Eu vou em direção a ele.

A espada gira fora do meu alcance, a força me derrubando no chão. Demoro um momento para processar o que está acontecendo, mas quando o faço é como se o tempo diminuísse.

Artemísia com a espada de Søren, segurando a lâmina em vez do punho. Seus dedos cavando a borda afiada, riscando o ferro forjado com riachos de vermelho. Ela acusa Blaise com um grito gutural que eu mal ouço e meu coração aperta no peito, mas em vez de esfaqueá-lo, ela traz o cabo pesado da espada acima de um arco, atingindo-o na cabeça com toda a sua força.

Os dois caem no chão e o navio fica parado.

-

Com Blaise inconsciente e a ameaça contida, avaliamos os danos causados ao navio. Felizmente, estava amplamente

limitado às áreas mais próximas de Blaise - o convés superior, os mastros, as grades. Existem orifícios abaixo dos poços jorrando água, mas eles são fáceis de consertar.

Não podemos ir longe sem velas", diz Artemisia quando relata o progresso feito. Não fui eu mesmo a ver. Quando Heron e Søren trouxeram o corpo inconsciente de Blaise de volta para sua cabine, eu os acompanhei e não saí nas três horas desde então.

— Não precisamos ir longe. – lembro a ela sem desviar o olhar do rosto imóvel de Blaise. – Estamos a apenas uma milha da costa. Nós poderíamos chegar lá. E nós temos os barcos a remo.

Artemisia assente, seus olhos flutuando para Blaise e depois de volta para mim. — Enviamos uma mensagem para os outros navios e eles nos encontrarão lá. Devemos chegar a terra em uma hora.

Quando eu não respondo, ela continua.

— Você deveria tentar descansar um pouco, Theo. Vai ser um longo dia. — ela diz, sua voz surpreendentemente gentil. Ainda assim, as palavras me irritam.

— Você acha que eu poderia dormir enquanto Blaise está assim? Ele pode nunca acordar, Art, e... – Minha voz quebra e eu respiro fundo antes de me forçar a continuar. — E se não fosse por você, não haveria essa possibilidade.

A confissão sai em um sussurro, mas paira pesadamente no ar entre nós. O colchão cede quando ela se senta ao meu lado.

— Eu acho que você está superestimando muito o seu objetivo. – diz ela. Eu sei que ela está tentando aliviar o momento, mas mal registro a piada.

— Como você sabia que derrubá-lo inconsciente o impediria? – Pergunto a ela.

Artemisia suspira. — Eu não sabia. – ela diz. — Foi um palpite - um palpite aleatório e perigoso. Se não desse certo, eu teria feito o que ele pediu e o matado. Apenas... valeu a pena tentar. Eu não queria... – Ela para, parando por um momento. — Eu não queria perder outra pessoa.

— Nem eu. – eu digo, balançando a cabeça. — Isso não me impediu de tentar matá-lo quando se tratava disso.

Artemisia me surpreende tocando meu ombro.

— Havia vidas em risco, Theo. – diz ela, sua voz estranhamente suave. — Você colocou seu país sobre seu coração e isso não é algo para se envergonhar. Blaise teria entendido.

Eu aceno, mesmo que suas palavras se alojem sob a minha pele como uma lasca.

Porque sim, Blaise teria entendido. Mas ele nunca teria feito a mesma escolha se nossas posições fossem revertidas.

-

Os olhos de Blaise se abrem momentos depois, e naquele instante, toda a tensão envolvida em meu coração se desmancha.

Ele pisca duas vezes, olhos castanhos escuros focados em mim.

— Theo. – diz ele, meu nome é uma oração em seus lábios. Eu posso ver as memórias fluindo de volta para ele. Ele deve se lembrar de tudo. Ele disse isso quando perdeu o controle no Sta'Crivero - que ele podia ver tudo, mesmo que ele não estivesse em seu corpo.

— Todos estão bem? – Ele pergunta finalmente.

— Não houve vítimas. – digo a ele, e seus ombros caem de alívio. — Os danos ao navio foram facilmente reparados. Vamos carregar os barcos a remo para ir para a praia a qualquer momento.

Ele assente, lutando para se sentar. Espero que ele pergunte o que aconteceu, como ele ainda está vivo. Se ele se lembra de tudo antes de perder a consciência, ele deve se lembrar de mim, com a espada na minha mão. Eu posso ver o conhecimento refletido em seus olhos, da maneira incerta que ele me olha. Eu posso ver a pergunta se formando em seus lábios antes que ele decida que não quer saber a resposta.

Em vez disso, ele balança a cabeça como se estivesse tentando limpá-la. — Existe alguma atualização dos outros navios que estamos esperando? Os vecturianos e gorakianos? – Ele pergunta, mudando de assunto para coisas mais fáceis e práticas.

— Não. – eu digo. — Mas eles estarão aqui. Mesmo se eles estão atrasados, temos guerreiros suficientes para nos mantermos até que cheguem.

Ele fica quieto por um segundo e depois pergunta: — Por que você confia nele? – A pergunta me pega de surpresa, mas é claro que está na mente de Blaise há algum tempo. — Chefe Kapil, eu entendo. Você fez um favor a ele e ele está pagando. Mas Erik? O que ele quer? Você nem o conhece de verdade, não é?

— Ele quer a mesma coisa que nós. – eu digo. — A mesma coisa que contávamos com os refugiados querendo. Para reconstruir nossos países. Construir um lar e proteger as pessoas que amamos. E vingança, é claro. – Meu peito aperta com o pensamento de Hoa. Erik ainda não sabe. Heron se ofereceu para lhe escrever as notícias através da peça de ouro, mas eu disse para ele não fazer isso. Algumas coisas precisam ser ditas pessoalmente.

Blaise ri, mas não há muito humor no som. Ele estremece como se dói na cabeça. — Vingança. – ele ecoa, recostando-se

na cabeceira da cama estreita. — Não é exatamente a mais pura das motivações, é?

As palavras me espinham. — A pureza das motivações não importa - a força delas importa, e não há motivação mais forte que a vingança. – digo.

Ele olha para mim por um longo momento. — Isso parece uma maneira muito Kalovaxiana de ver as coisas. – diz ele finalmente. — E aí está, o fardo de uma acusação.

Blaise estava pronto para morrer, ele estava pronto para Artemisia ou Søren passarem a espada por ele e acabar com sua vida porque é quem eles são e o que fazem. Mas não eu, nunca deveria ser eu.

Eu dou de ombros e olho para longe. — Talvez seja. – eu digo baixinho. — Talvez seja por isso que Erik, Søren e eu nos entendamos tão bem, todos fomos criados pelo Kaiser de maneiras diferentes. Não é uma educação que eu gostaria de ter, mas acho que você não pode nos chamar de fracos.

Não é um pedido de desculpas, mas depois do que Artemisia disse, não posso dar um.

— Eu pedi para você não arriscar, Blaise. – continuo, incapaz de encontrar seu olhar. — Você insistiu - você e Artemisia, Heron e Søren. Você pensou que valeu a pena, talvez você ainda pense isso. Mas você quase matou a todos nós e eu teria feito o que tinha que fazer para nos salvar.

— Pedi a Søren que fizesse isso por uma razão. – diz ele, com a voz baixa e dura. — Sua alma já é negra; ele já foi matou antes.

— Eu também. – eu interrompo, assustando-o.

— Isso não é a mesma coisa. Ampelio... -

— É exatamente a mesma coisa - digo, minha voz se fortalecendo. – Eu matei Ampelio para me salvar e para salvar a rebelião. A mesma coisa estava em jogo desta vez, só

que em maior número. Centenas de vidas teriam sido perdidas se eu esperasse mais alguns minutos. Tentei trazê-lo de volta como antes, mas você se foi e eu não podia esperar mais. Então eu fiz o que tinha que fazer e, se você continuar insistindo em colocar a si e a todos nós em risco, farei de novo.

Ele fica quieto por um momento, olhando para as mãos. — Você tem medo de mim, Theo? – Ele pergunta, sua voz tão baixa que eu mal posso ouvi-lo, mesmo na cabine silenciosa.

Abro a boca para negar, mas rapidamente a fecho novamente. — Sim. – digo honestamente. — Estou tenho medo de você.

Ele está machucado, mas não surpreso. — Eu sinto Muito. Essa é a última coisa que eu quero.

— Eu sei. – digo a ele. Parte de mim quer estender a mão e pegar sua mão, mas uma parte maior se retém. Tento me desculpar por isso, mas a verdade é que não quero tocá-lo. Eu não quero sentir sua pele quente e olhar em seus olhos e vê-lo como ele era antes, nada além de um rosto vazio e poder assustador. Um estranho com o poder de matar. Eu tenho medo dele e não sei como não ser.

— Estou pedindo para você ficar fora da batalha amanhã. – digo a ele.

Seu corpo inteiro endurece, mas ele não olha para mim.

— Você viu meu poder, Theo. Imagine o que eu poderia fazer naquele campo de batalha. Os deuses me criaram para ser uma arma e você tem que me usar como uma.

Balanço a cabeça. — Você machucará muitas pessoas inocentes no processo.

Quando Blaise fala, é através dos dentes cerrados. — Os deuses não permitiriam isso.

— Eu poderia ter acreditado nisso se não fosse por hoje. – eu digo. — Depois que recuperarmos a Mina de Fogo, iremos para a Mina Terrestre e rezaremos a todos os deuses para que haja alguém lá que saiba o que fazer, como ajudá-lo, como treiná-lo para que você possa usar esse dom sem machucar você ou a nós.

— Você é minha rainha, Theo – ele diz calmamente. — Você poderia me dar uma ordem para não ir.

— Eu sei. – digo a ele. — Eu não vou fazer isso. Mas estou pedindo a você e acredito que você fará a coisa certa.

Ele me olha mais um momento, sua expressão ilegível, antes de dar um aceno agudo.

Quando o deixo sozinho na cabine e fecho a porta atrás de mim, solto um suspiro de alívio.

PRONTA

Barcos a remo nos levam até a costa de Astrea - eles nos levam para casa. Embora tenha sido governado por meus inimigos durante a maior parte da minha vida, ainda aquece meu coração vê-lo. Aquelas praias rochosas, as colinas verdejantes atrás deles, o céu noturno desaparecendo rapidamente no alto - tudo isso faz parte de mim, mais profundo do que ossos, músculos ou sangue. Astrea é minha e eu sou dela.

São necessárias uma dúzia de viagens para descarregar todos os guerreiros, se eles realmente podem ser chamados assim. Embora Søren e Artemisia digam que treinaram bem nas últimas duas semanas, ainda são civis - padeiros, professores e oleiros, etc. Alguns deles têm idade suficiente para serem avós; outros têm apenas quatorze anos - filhos. Pelo menos eles estariam em um mundo diferente, um mundo mais justo. Todos eles pediram para lutar, treinaram muito e todos estão entrando nessa batalha, sabendo muito bem que podem não sobreviver a ela.

Haverá mais sangue em minhas mãos depois que isso for feito, não importa como termine. Eu os matarei enviando-os para esta batalha.

— Como você fez isso? – Pergunto a Søren de onde nos sentamos em um grupo de pedras, observando os guerreiros se alinhando. Ele olha para mim, a testa franzida, e eu esclareço. — Quando você liderou batalhões. Você sabia que nem todos sobreviveriam, mesmo quando os levou a uma batalha, tinha certeza de que venceria. Você sabia que ainda haveria baixas. Como você os enviou para a batalha?

Ele considera isso por um momento, seu olhar inabalável enquanto olha para as tropas reunidas. Sua expressão é ilegível, esculpida em pedra. Houve um tempo em que pensei que era tudo o que ele era - uma concha dura e sem emoção -, mas eu sei melhor agora. Eu sei que a expressão é o seu próprio tipo de armadura, vestida sempre que ele se sente vulnerável.

— Suponho que nunca me considerei o líder deles, mesmo quando estava dando ordens. Meus homens e eu éramos uma equipe e os respeitava o suficiente para acreditar que eles conheciam os riscos e estavam fazendo uma escolha. Eu respeitei essa escolha.

— Você lutou ao lado deles, no entanto. O que você pediu a eles não foi nada que você não estivesse disposto a dar você mesmo. Mas estou ordenando que eles briguem enquanto eu assisto a uma distância segura. – É difícil não manter a amargura fora da minha voz.

Meus olhos encontram Artemisia na multidão, seu choque de cabelos azuis fazendo-a se destacar. Ela grita comandos, organizando todos em linhas e grupos. Em uma vida diferente, eu poderia ter sido tão feroz quanto ela? Eu poderia ter entrado em batalha e abrir caminho através de um mar de inimigos com facilidade e graça?

Esse caminho deve ter existido para mim em algum momento, mas já se foi há muito tempo.

— Eles estão seguindo você, Theo. – diz Søren. — Você pode não lutar ao lado deles mas ainda pode ser o líder que eles precisam e, para fazer isso, é necessário respeitar a escolha que eles estão fazendo. Você precisa enviá-los para a batalha e fazer todo o possível para garantir que o maior número possível deles volte. E então você tem que honrar os

caídos da melhor maneira possível, continuando a lutar por um mundo no qual eles teriam orgulho de viver.

Nós dois ficamos quietos por um momento e acho que ele terminou. Quando estou prestes a agradecer, ele fala novamente.

— Eu realmente nunca fiz isso. – ele admite. — Eu os enviei para a batalha e os respeitei, isso é verdade, mas acho que nunca os honrei do jeito que eu gostaria. No final do dia, nunca brigávamos por nada em que realmente acreditávamos. Lutávamos por meu pai, porque ele ordenou. Eles morreram por sua ganância e sua sede de sangue e eu deixei. Essa culpa é minha e eu a carregarei para sempre, mas não será sua.

Minha garganta aperta. Embora eu aprecie suas palavras, não tenho certeza se elas são verdadeiras. Mesmo se vencermos, mesmo que consigamos recuperar Astrea e destruir os Kalovaxianos, acho que nunca haverá um dia em que não me sinta culpada por toda vida que perdi - Ampelio, Elpis, Hylla, Santino, Olárico, Arquiduque Etmond, Hoa. Eles eram o começo, mas depois de hoje não poderei recitar todos os nomes deles.

É para o bem maior, eu me lembro. A morte de alguns para salvar os muitos. Há tantas pessoas escravizadas em Astrea, tantas pessoas que podemos salvar, mas não sem esse sacrifício.

O pensamento me faz sentir melhor por apenas um momento antes de perceber que "o bem maior" era o que o Kaiser costumava dizer que seus guerreiros também morreram.

Eu me viro para Søren. — Você ainda se preocupa por ser igual ao seu pai?

Ele afasta o olhar dos guerreiros e me olha pensativo.

— Não tanto quanto eu costumava, mas com frequência suficiente. – ele admite. — Por quê?"

Balanço a cabeça, pressionando os lábios como se eu pudesse manter as palavras dentro, mas elas escapam de qualquer maneira. — Às vezes me preocupo que também sou como ele. Ele deixou sua marca em mim, não apenas meu corpo ou minha mente, mas também minha alma. Às vezes me preocupo que ele tenha me moldado.

As sobrancelhas dele arquearam tão alto que quase desapareceram em sua linha do cabelo. — Theo. – diz ele, abaixando a voz. — Nunca conheci alguém tão diferente do meu pai quanto você. O fato de você estar preocupada com isso, sentir-se culpada por enviar seu povo para uma batalha necessária, prova apenas isso.

— Mas-

Ele me para, segurando minha mão, seu aperto forte e urgente. — Você não é quem você é por causa do meu pai. Você é quem você é, apesar de tudo o que ele fez, apesar de tudo o que ele tentou te envolver. Não dê a ele esse tipo de crédito.

Suas palavras pouco ajudam a aliviar o buraco negro que cresce mais profundamente no meu estômago, mas ainda fico feliz em ouvi-las. Eu aperto sua mão.

— Ele também não tem crédito por você, Søren. – digo a ele. Søren me dá um pequeno sorriso que não encontra seus olhos.

Suponho que nenhum de nós realmente acredita no outro.

-

Quando o sol é uma simples lasca no horizonte, eu estou diante das tropas reunidas na praia, me sentindo pequena. No entanto, não posso deixar que isso apareça, então me

levanto a toda a altura e examino meus guerreiros como se eu fosse realmente digna de comandá-los. Reforço minha voz para parecer confiante e real. Como alguém que merece sua lealdade.

— Eu quero ir para casa. – eu começo. — Eu sei que todos vocês querem o mesmo, não importa onde essa casa possa estar. E sei que muitos de vocês não têm casa para onde voltar - ela já foi destruída na esteira dos Kalovaxianos, arrasada ao chão para que a vida seja insustentável. Goraki me dá esperança de que a vida após um cerco seja possível, que seus países possam se reconstruir. E se não for esse o caso, eu ofereceria um novo lar em Astrea. - Faço uma pausa antes de continuar.

— Hoje começamos nosso triunfo sobre os Kalovaxianos. – digo. — Hoje dizemos a eles que eles nos pisotearam por muito tempo, tomaram demais, destruíram demais. Hoje dizemos o suficiente e começamos a nos vingar.

Os aplausos aumentam na multidão e eu fico um pouco mais reto.

— Hoje, mostramos a eles do que somos feitos. Por Astrea - grito. — E para Goraki e Yoxi e Manadol e Tiava e Rajinka e Kota. Juntaremos-nos e mostraremos aos Kalovaxianos como eles estavam errados ao pensar que somos fracos.

Desta vez, os aplausos são tão altos que são ensurdecedores.

BERSEKERS

A batalha começa à medida que o sol sangra no horizonte. Gritos de surpresa, sinos de alarme, metal batendo contra metal, gritos de dor - todos ecoam entre as montanhas que cercam o acampamento, amplificados em dez vezes no penhasco de que assisto, ladeado por Søren e Blaise.

Não podemos chegar muito perto, mas a batalha pode mudar em um instante e precisamos estar próximos o suficiente para ajustar nossa estratégia e enviar mensagens para Artemisia e Heron. Precisamos estar perto o suficiente para podermos pedir um retiro, se precisarmos.

Não subimos muito - nenhum de nós está vestido para escalar montanhas. Eu visto meu vestido vermelho novamente - a roupa mais parecida com uma dama - enquanto Blaise e Søren estão vestidos com armaduras pesadas, caso sejam "necessários na batalha". Não consigo imaginar que sim, mas nenhum deles gosta de ficar parado.

Até eu tenho que admitir que é difícil vigiar e não fazer nada. Temos mais guerreiros do que eles, mais do que eles estão preparados e, à luz do amanhecer, os Kalovaxianos são pegos de surpresa. Por um momento, estamos vencendo, nosso exército em ruínas derrubando guerreiros treinados, empurrando em direção à mina e ao acampamento próximo a ela - mas esse momento acaba antes que o sol se afaste do horizonte.

Søren estava certo: os Kalovaxianos são hábeis o suficiente para compensar a discrepância nos números. Eles lutam com precisão e força que nossos guerreiros não conseguem igualar. Não acho que Søren esteja preparado para a energia de nossos guerreiros - a raiva e o desespero

que impulsionam cada um de seus movimentos, tornando-os mais fortes e mais ferozes do que deveriam.

— Eles lutam como se soubessem que não sobreviverão a isso. – diz Søren do meu lado direito, com uma sensação de reverência em sua voz. — Eles lutam como se não se importassem se sobreviverão. – corrige Blaise do meu outro lado.

Toda vez que um de nossos guerreiros cai, algo dentro de mim gira. Nas primeiras vezes em que acontece, rezo para os deuses, mas logo há muitos deles, muito sangue, muitos corpos. Logo fica difícil dizer quem está lutando por quem.

Estamos avançando, no entanto, a luta avançando cada vez mais perto da mina e dos alojamentos de escravos próximos a ela, ambos cercados por portões de ferro forjado, com quartéis de guarda instalados ao redor do perímetro. Pouca parte dos escravos é visível do nosso ponto de vista, apenas telhados planos e finas espirais de fumaça.

— O objetivo deles será proteger seus bens - a mina e os escravos. – disse Søren quando planejávamos nosso ataque. — Eles saberão que estamos lá para libertá-los. Eles saberão que quando o fizermos, a batalha estará perdida.

Ele tem razão, os Kalovaxianos cercam o perímetro da mina e dos alojamentos dos escravos. Mantendo sua linha ferozmente, mesmo sabendo que perderão. A medida que nosso exército se aproxima deles alguns Kalovaxianos desaparecem em um prédio que eu não percebi a princípio. Pequeno e baixo, fica separado do alojamento dos escravos, quase obscurecido atrás da mina. A cerca ao redor é alta e é espetada no topo, o ferro brilha à luz do sol, um vermelho-alaranjado. Søren segue meu olhar e engole. — Ferro misturado com Pedras do Fogo. – diz ele. — É uma descoberta nova, eu vi isso implementado em algo tão

grande. É extremamente caro de fazer. O que quer que eles mantenham lá, é valioso.

— *Quem quer que seja.* – Corrige Blaise acenando para a entrada do prédio onde os guardas reaparecem, mas não estão sozinhos. Dez astreanos tropeçam em seus próprios paços, correntes ao redor dos tornozelos os unindo. Eles encolhem quando a luz do sol os atinge.

Astreanos valiosos, aqueles que os kalovaxianos gastariam muito dinheiro para proteger. Não, não proteger, não mesmo.

— Berserkers. – eu digo, a palavra mal saindo em um sussurro. Blaise segura minha mão, e desta vez eu mal sinto o quão quente sua mão está contra a minha. Não consigo tirar os olhos dessas pessoas.

— Sabíamos que isso era uma possibilidade, Theo. – ele me diz. — Nós nos preparamos para isso.

Concordo porque não confio em mim para falar. É verdade que sabíamos que os Kalovaxianos provavelmente usariam os bersekers que tinham na mina, e é verdade que temos um plano de como combatê-los. Isso limitará o perigo que eles representam para o nosso exército, mas não os salvará. Embora eu saiba que não há como salvá-los, meu estômago ainda se ata em nós.

— Eu não posso assistir isso. – digo em voz baixa.

— Você não precisa. – diz Blaise. — Pelo canto do olho, vejo que ele próprio ficou um pouco verde.

— Mas você deveria - diz Søren. Ele engole, forçando-se a manter o próprio olhar em cena. Ele é o único de nós que sabe o que estamos vendo, eu percebo. O único que já viu berserkers em ação antes.

— Ela não precisa ver. – Blaise retruca. — Acho que ela pode imaginar isso perfeitamente depois de ouvir sobre o que você fez na Vecturia.

Søren tem a graça de parecer envergonhado. — É importante entender. – diz ele, com a voz clara. — Para ver.

— Isso não vai ajudar em nada. – diz Blaise, mas há uma ponta de medo em sua voz. Sua mão treme na minha; o ar ao seu redor ferve. Aperto sua mão e o ar pára, mas seus olhos permanecem arregalados e com medo.

Ele não quer que eu veja, eu percebo. Ele não quer que eu veja como ele vai morrer se o mesmo destino acontecer. Também não acho que ele queira vê-lo - é fácil ser nobre sobre morrer quando é abstrato, mas tenho certeza de que é muito mais difícil quando o processo se desenrola diante de seus olhos.

— Ela é mais forte do que você pensa que é. – diz Søren. Não há mordida na voz dele, mas Blaise ouve uma. Ele se vira para Søren com olhos de ódio.

— Eu sei o quão forte ela é. – diz ele, sua voz baixa e perigosa. — Eu já sabia quando você acreditava que ela era uma flor fraca que precisava ser protegida.

Søren não diz nada sobre isso, apesar de um músculo em sua mandíbula tremer. Sua mão vaga pela espada no quadril. Eu sei que ele assumiu o dever habitual de Artemisia, que ele tem instruções sobre o que fazer se Blaise se tornar um perigo para nós. O pensamento me deixa doente. Søren deve perceber que Blaise está apenas com raiva, não é perigoso, porque sua mão pára.

— No momento, acredito que ela é alguém que pode tomar suas próprias decisões. – diz ele, com a voz baixa.

Eu engulo, embora eu force meus olhos de volta ao campo de batalha, de volta aos dez astreanos sendo desencadeados. Eles estão delirando, tropeçando a cada poucos passos que dão, balançando em pé. Os joelhos de um

homem dobram e ele cai no chão apenas para ser puxado com força por um guarda.

— Eles estão drogados. – explica Søren em voz baixa. — Isso os mantém gerenciáveis, os torna mais inclinados a seguir as instruções.

Os comandantes kalovaxianos pressionam pedras preciosas nas mãos, que eles aceitam com entusiasmo, como um homem desidratado aceitaria água.

Para empurrá-los além do limite. lembro-me de Erik dizendo quando me contou sobre os bersekers. Mas ele não me disse como isso os afeta. Assim que tocam as gemas, é como se algo dentro delas despertasse vida. Algo selvagem e desumano. O ar ao redor deles afia.

Pedras na mão, os bersekers dão alguns passos hesitantes em direção ao meu exército. Seus movimentos ainda são lentos e drogados, mas há uma energia em seus movimentos agora que não é natural. Eles sacodem como fantoches em cordas sendo empurrados para frente por alguma força que não consigo ver. Meu exército hesita. Não importa que soubéssemos que isso provavelmente aconteceria, que todos tivessem sido instruídos sobre o que fazer quando isso acontecesse. Não importa que algumas dezenas de guerreiros tenham flechas encaixadas e prontas para esse momento. Eles hesitam diante disso, e eu nem posso culpá-los por isso. Os astreanos que se aproximam não são loucos, afinal. Essa é uma palavra Kalovaxiana para uma idéia Kalovaxiana. Eles não são armas; Eles são pessoas. Pessoas doentes que precisam de ajuda não podemos dar. Só podemos oferecer a misericórdia de uma flecha ao coração.

— Atirem. – Blaise murmura baixinho, seu olhar atento. — Atirem agora.

Søren, no entanto, permanece em silêncio, com os olhos pesados na cena.

Finalmente, uma flecha dispara, atingindo um homem furioso no peito. Ele olha para baixo, as drogas em seu sistema tornando sua reação lenta. Ele cai no chão como se estivesse afundando na água e não no ar.

Esse tiro quebra o feitiço e outras flechas seguem, algumas faltando, outras encontrando seu alvo. Os bersekers caem, um após o outro, pedras caindo de suas garras frouxas e rolando inofensivamente. Eu os conto enquanto morrem, meu coração palpitando com cada um. Todos morrem misericordiosamente, até restar apenas um, uma jovem que não pode ter mais de oito anos. Seus passos se arrastam como se ela tivesse esquecido como andar e, embora eu esteja longe demais para dizer com certeza, acho que ela está chorando.

As flechas param, mas ela não. Ela dá outro passo, depois outro, atravessando o campo entre exércitos, uma figura tão pequena que quase desaparece completamente.

Até Blaise está calado agora, embora eu saiba que todos nós estamos esperando por ela, esperando a flecha voar e encontrar seu alvo, esperando alguém terminar com isso, para tirá-la de sua miséria.

Ninguém faz nada. Ninguém pode.

A garota chega às nossas linhas de frente antes de parar. Em frente a milhares de guerreiros armados, ela parece ainda menor. Muito pequena, certamente, para machucar alguém. - Meus exércitos recuam o mais rápido que podem, mas para muitos não é rápido o suficiente.

Algo brilha. Ela brilha. Um momento ela está lá, uma menina chorando e assustada, e no próximo ela é uma bola

de fogo, envolvendo tudo ao seu redor por metros. Eles gritam enquanto queimam, mas ela grita mais alto.

Dou um passo para trás e é preciso tudo o que tenho para não desviar o olhar, para não me afastar da visão horrível até que termine, mas de alguma forma não o faço. Eu continuo assistindo, mesmo quando parece que vai me matar.

O fogo morre tão rapidamente quanto começou, e tudo o que resta é um círculo de quinze metros de grama carbonizada e perto de trinta cadáveres queimados, incluindo um que é pequeno demais.

Eu vou ficar doente. Levanto minha mão à boca e respiro pelo nariz até meu estômago revirar.

— Poderia ter sido pior. – diz Søren em voz baixa. — Poderia ter sido muito pior.

Eu sei que ele está certo, mas ainda tenho que lutar contra o desejo de dar um tapa nele. Erik me contou sobre berserkers, ele me contou o que aconteceu, o que eles se tornaram, mas nenhuma palavra poderia ter me preparado para a realidade disso, para o desumanidade feroz do povo, como eles choraram enquanto caminhavam para a morte.

Meu exército está tão chocado quanto eu e eles demoram a responder. Os Kalovaxianos não. Eles usam nossa hesitação para avançar, ganhando os poucos metros que lutamos tanto antes que meu exército se controle.

Mas quando eles recuam, estão mais irritados do que nunca.

BATALHA

A batalha dura por horas, mas não há mais berserkers e por isso sou grato. Eu sei que vai demorar um pouco até eu fechar meus olhos para dormir sem ver aquela garota chorando nos meus pesadelos. Eu não sou a única abalada - Blaise não disse uma palavra desde que aconteceu, apesar de todas as probabilidades parecermos estar ganhando agora. É um progresso lento, lutando por cada centímetro que ganhamos, mas é progresso.

Quando o sol está diretamente alto, chegamos aos alojamentos dos escravos e algumas dezenas de guerreiros entram para libertar os escravos de lá. Ainda existem Kalovaxianos - talvez algumas centenas brigando com tudo o que têm - mas não consigo imaginar que eles não se rendam a qualquer minuto, especialmente quando os escravos que querem lutar se juntam à briga. Por mais teimosos que sejam os guerreiros Kalovaxianos, eles conhecem uma causa perdida quando a veem.

— Devemos começar a descer? – pergunto, mas Søren levanta a mão, franzindo a testa profundamente.

— Algo não está certo. – diz ele, encarando a batalha ainda sendo travada como se fosse um quebra-cabeça que ele não conseguiu resolver. — Eles deveriam ter se rendido agora. Não faz sentido. – Ele faz uma pausa e a cor sai do rosto. — A menos que eles saibam que a ajuda está chegando.

Balanço a cabeça. — Isso é impossível, Søren. – eu digo. Os soldados mais próximos estão a dias de distância. Eles não poderiam chegar rápido o suficiente.

Sua carranca se aprofunda quando seus olhos percorrem o horizonte, mas é Blaise quem finalmente levanta um dedo para apontar para o leste.

— Pronto. – diz ele, com um sussurro rouco.

Meus olhos seguem para onde ele aponta e meu estômago cai. Lá, serpenteando pelas cordilheiras, existe outro exército todo vestido de vermelho Kalovaxiano. - Não faz sentido - digo mais para mim do que para eles.

A mandíbula de Søren se aperta.

— O rei Etristo falou com meu pai. – diz ele. — É a única explicação que consigo pensar. Ele juntou as peças e descobriu para onde estávamos indo e enviou uma mensagem adiante. Demoramos um pouco para chegar aqui - um único navio rápido poderia chegar à capital na metade do tempo.

Meu intestino afunda mais baixo enquanto eu encaro as tropas que chegam. Uma fita vermelha aparentemente interminável de soldados abrindo caminho através das montanhas.

— Quantos você acha? – Pergunto a Søren.

Ele olha para mim, seu olhar inflexível. — Muitos.

Eu concordo. Eu esperava isso, mas ouvir isso me faz sentir doente de novo.

— Temos que recuar. – eu digo. — Nós libertamos os escravos, é o suficiente. Ainda é uma vitória e não há outra opção. Se ficarmos, seremos massacrados.

Søren assente, mas Blaise é mais rápido, correndo para o lado oposto do penhasco, com vista para o mar. Ele protege os olhos contra o sol.

— Espere um minuto. – diz ele. — Há navios vindo dessa direção também.

Meu estômago afunda mais. — Navios Kalovaxianos? – Eu pergunto, lutando para manter a calma. Se eles estão nos cercando por todos os lados, estamos perdidos. Acabamos de perder uma batalha, teremos perdido tudo.

— Não. – Blaise diz depois de um momento que parece durar para sempre. Sua voz se eleva. — Não, essas são bandeiras de Gorakianas.

Erik. Agradeço a todos os meus deuses e faço uma anotação mental para perguntar a Erik sobre seus deuses para que eu também possa agradecer a eles.

— E... – Blaise diz, olhando em outra direção. — E tem mais. Alguns dos navios têm bandeiras vecturianas e, Theo, eu... acho que também vejo Dragonsbane.

Meus joelhos cederam embaixo de mim e eu caí no chão completamente se Søren não me firmasse com a mão no meu ombro. Leva um momento para perceber que estou rindo. Risadas histéricas delirantes, mas risadas da mesma forma. — Será o suficiente? – pergunto a Søren.

— Dois campos nos darão outros quatro mil ou mais, além dos guerreiros que ainda temos, além dos escravos que acabamos de libertar, além de algumas centenas de vecturianos e a equipe de Dragonsbane. – diz ele, contando os números em sua cabeça. Depois de um momento, ele assente. — Pode dar certo.

— Ainda podemos correr. – diz Blaise. — Todos nós podemos, nos reagrupar e atacar outra mina.

Balanço a cabeça. — É isso que o Kaiser espera que façamos. – digo. — Ele espera que fujamos dele - ele está acostumado com pessoas que fogem dele. Ele garantirá que não tenhamos outra chance de envergonhá-lo assim. É agora ou nunca.

Blaise assente, olhos sombrios. — Entrarei em contato com o nosso exército, atualizá-los sobre o que está acontecendo, pedir-lhes que armem os escravos libertados ou se salvem o mais rápido possível.

Abro a boca para protestar, mas sei que é a melhor escolha. Eu não posso ir, e se Søren aparecer, ele provavelmente acabará morto antes que meu exército perceba que ele não é um inimigo.

— Volte rápido. – digo em vez disso.

Blaise olha longa e duramente para a batalha abaixo.

— Não. – diz ele, a palavra calma e clara, embora ele não olhe para mim. Parece que ecoa na distância entre nós, mas acho que isso está apenas na minha cabeça.

Não. Não. Não. Ocorre-me de repente que Blaise nunca me disse isso. Ele discordou de mim com frequência suficiente e argumentou seu ponto até que eu cheguei ao seu modo de pensar, mas ele nunca me recusou completamente.

— Blaise. – eu digo, dando um passo em sua direção. — Depois do que acabamos de ver...

— Depois do que acabamos de ver, sei mais do que nunca onde preciso estar. – Ele diz em voz baixa, mas há voz em sua voz. — Eu vou ficar perto da Artemisia. Se parece que estou perdendo o controle, confio que ela faça o julgamento - me mate ou deixe-me matar o maior número possível.

Dou um passo mais perto dele, colocando a mão em cada lado do rosto e forçando-o a olhar para mim. — Blaise, você não pode. Você não vai. Eu ordeno - estou ordenando que fique aqui. Como sua rainha, estou lhe ordenando.

Não pareço a rainha de ninguém, percebo que enquanto digo as palavras, mas neste momento não sou. Eu sou apenas uma garota assustada implorando a um garoto que ela ama que não a deixe. Eu odeio isso, mas não consigo parar.

Blaise engole, seus olhos pesados nos meus. — Não. – Parece matá-lo dizer a palavra.

Lágrimas ardem nos meus olhos e eu as pego furiosamente. Ele não me vê chorar por ele.

— Eu nunca vou te perdoar se você fizer isso. – eu digo, mordendo as palavras.

Ele olha para longe de mim.

— Eu sei. – ele diz suavemente, olhando para Søren por cima do meu ombro. — Você sabe o que fazer se parecer que vamos perder, mesmo que haja a menor chance.

A voz de Søren é tensa. — Eu a levarei de volta ao navio. – ele promete. Blaise assente antes de gentilmente se livrar do meu aperto. Ele olha para mim por um momento que parece durar para sempre. — Eu te amo, Theo. – diz ele.

— Se você amasse, não faria isso. – digo, afiando cada palavra ao ponto de um punhal.

Ele recua como minhas palavras o machucam fisicamente, depois se afasta de mim.

Enquanto ele desce a montanha, ele não olha para trás uma vez, mesmo que eu tenha certeza de que ele pode me ouvir chorando seu nome até chegar ao fundo.

—-

Erik e Dragonsbane chegam meros momentos antes dos reforços Kalovaxianos, e quando as tropas se chocam, é uma cacofonia diretamente de um pesadelo. Metal chia contra metal, gritos perfuram o ar, gritos de guerra se misturam e se misturam até não ter certeza de quem é quem. Tudo isso ricocheteia e ecoa nas montanhas para me cercar. A cena diante dos meus olhos é um borrão de corpos e sangue que parece continuar para sempre, mas só assisto uma figura em particular.

Deveria ser difícil encontrar Blaise a essa distância, sem nada para diferenciá-lo da maneira como o cabelo de Artemisia a distingue, mas não é. Mesmo na loucura, eu o encontro facilmente, espada na mão e uma selvageria em cada movimento que é aterrorizante.

Søren não diz nada quando não consigo parar de chorar. Ele parece um pouco assustado comigo, mantendo uma distância cuidadosa e fingindo que não percebe. Percebo à distância que ele não esteve com muitas mulheres chorando. Quando meus soluços finalmente se acalmam, ele se permite falar.

— Blaise é imprudente, mas ele não é estúpido. – diz ele. Embora as palavras sejam cortadas, ele parece estar tentando parecer compassivo. — Ele vai ficar bem.

— Ele não está no controle do que acontece. – digo, enxugando os olhos. Lembro-me do terremoto em Sta'Crivero, quão perto ele estava de perder todo o controle antes de eu puxá-lo de volta. Quem o puxará de volta se isso acontecer agora? Artemisia colocará uma espada nas costas dele se ela achar que ele é mais um perigo para o nosso exército do que os Kalovaxianos. Ela até acha que é uma piedade.

Søren encolhe os ombros. — Ele parece ter mais controle do que qualquer berserker que eu já vi. Alguns deslizes não significam que usar o poder dele o matará.

Eu sei que ele está certo, mas isso não me traz muito conforto.

Blaise me deixou, depois de tudo. Depois de todo mundo que amei e perdi, não posso perdê-lo também.

— Theo. – diz Søren.

— Estou bem. – digo a ele, enxugando os olhos novamente.

— Não é isso. – ele diz, suas palavras hesitantes. — Eu acho... acho que meu pai está aqui.

Isso me tira dos meus pensamentos. — O quê? – Eu pergunto, piscando para afastar as lágrimas não derramadas. — O Kaiser nunca vai para a batalha.

— Ele não está lutando. – diz ele, apertando os olhos ao longe. — Ele está assistindo, como nós. E acho que Crescentia está com ele. – *Cress.* Meu coração bate no peito e corro para o lado de Søren, olhando na mesma direção que ele.

— Ali. – diz ele, apontando. — Essa cordilheira, o penhasco. Você vê?

Eu vejo. Eles são difíceis de perder em suas cadeiras ornamentadas que devem ter levado uma boa parte do exército Kalovaxiano para trazer todo esse caminho. Existe até um dossel de seda vermelho acima de suas cabeças, para protegê-los do sol. Como se fosse algum tipo de festa que eles estão testemunhando em vez de uma batalha. Não consigo ver o rosto deles, mas isso também é bom.

— Por que ele viria até aqui? – Pergunto a ele.

Søren pensa nisso por um momento. — Porque você o envergonhou por escapar. – diz ele. — Porque ele quer ver você destruída.

Meu estômago está doendo. — Bem, ele não vai ter isso. – eu digo. — É uma pena que você não seja um arqueiro mais habilidoso, Søren. Nós poderíamos terminar isso aqui e agora.

Søren balança a cabeça. — Mesmo se eu pudesse dar o tiro, meu pai não é estúpido. Tenho certeza que ele está o mais protegido possível. Porém, não podemos deixar que eles nos vejam. – ele diz, dando um passo para trás na sombra da montanha e me puxando com ele. — Ele enviará homens aqui para nos levar.

Concordo com a cabeça, o coração batendo forte no peito.

— Søren, você pode me prometer uma coisa?

Ele olha para mim, perplexo, mas assente. — O que é isso?

Eu engulo. — Se eles vierem até nós, se parecer que eles vão nos levar, eu quero que você me mate.

Os olhos dele se arregalam. — Theo, não. – diz ele.

— Não serei prisioneira dele novamente, Søren. Você pode fazer isso ou eu me jogarei sobre essas falésias, embora eu imagine que isso seria muito mais doloroso do que se você fizesse isso, então eu estou pedindo a você.

Søren segura meu olhar por um longo momento antes de assentir uma vez. — Se for o caso. – diz ele, embora eu não tenha certeza se acredito nele.

—

Søren e eu nos amontoamos, pressionados contra a montanha por horas, até o campo de batalha ficar em silêncio.

— Acabou? – Eu pergunto.

Søren parece confuso. — Eu não consigo imaginar. – diz ele. — Espere um momento.

Ele desliza de bruços e rasteja até a beira do penhasco, olhando para o campo de batalha abaixo antes de olhar para mim.

— Eles estão agitando uma bandeira, a luta parou. – diz ele, as sobrancelhas unidas.

— Rendição? – Eu pergunto, surpresa. Mesmo nos meus sonhos mais doces, nunca imaginei uma rendição tão fácil.

Søren balança a cabeça. — É amarelo, para um parlay. O Kaiser quer falar com o chefe do nosso exército. Ele quer falar com você.

APOSTA

Søren virá comigo para me encontrar com o Kaiser, embora nenhum de nós diga isso em voz alta. É simplesmente entendido. Søren diz que a reunião ocorrerá em recintos fechados - o quartel do comandante da mina, mais provável - com um único guarda de cada um dos nossos exércitos destacados do lado de fora. Enquanto estivermos nos reunindo, não haverá derramamento de sangue por nenhuma das partes.

Mesmo sabendo o que esperar, porém, não posso abalar o medo profundo do que significa estar no mesmo quarto que o Kaiser novamente - estar em sua presença, ouvir sua voz, olhar para ele.

Não sei se consigo.

Eu tenho que fazer isso. Artemisia será nossa guarda. É possível que o guarda Kalovaxiano a subestime. Espero que sim.

— Você tem sua adaga? – Søren me pergunta, sua voz baixa. Caminhamos juntos pelo campo de batalha ensanguentado, cercado por um grupo de guardas, caso algum Kalovaxiano nos ataque no caminho. Os soldados estão separados de cada lado de nós. Eles não estão mais brigando por causa do cessar-fogo, mas estão longe de ser pacíficos. Tensos como cordas, eles nos assistem passar, olhos odiosos ou esperançosos ou vazios.

Concordo com a cabeça, sentindo o lugar onde a faca está embainhada no meu quadril, debaixo do meu vestido.

— Eles não me deixarão entrar com isso. – eu percebo, o pensamento de estar indefesa na presença do Kaiser dificultando a respiração.

— Não tecnicamente. – diz Søren. — Mas eles não esperam que você esteja armada; eles só me verificarão. Segure-a, mas não a use, a menos que você precise. Se você atacá-lo sem provocar, sua vida é perdida.

Concordo com a cabeça, engolindo meu medo. - Artemisia me olha com um olhar nivelado. — Está na hora. – diz ela. — Você está pronto?

— Não. – eu digo honestamente. — Mas vamos lá.

—

Assim que entramos no quartel do comandante, a presença do Kaiser me sufoca. Seus frios olhos azuis pousam em mim, fazendo minha pele arrepiar sob seu olhar. É tão desconcertante que levo um momento para perceber que ele não está sozinho. Sentada ao seu lado com a mão dela engolida pela dele está Crescentia, exatamente como eu a vi pela última vez, com sua pele pálida e cabelos brancos quebradiços. Uma gargantilha da Pedra de Fogo toca seu pescoço carbonizado, mas não esconde sua desfiguração, apenas a acentua. Uma coroa de ouro preto de chamas rubis repousa sobre sua cabeça.

A coroa da minha mãe, percebo com um sobressalto. A visão é suficiente para queimar as pontas dos meus dedos, e eu os cerro em punhos ao meu lado para sufocá-los.

Paro quando os olhos de Cress encontram os meus, mas a mão de Søren nas minhas costas gentilmente me pede para continuar andando, para não deixá-los me ver vacilar.

Sento-me cautelosamente na cadeira em frente a eles, e Søren se senta ao meu lado.

Um silêncio se estende entre todos nós por alguns momentos. O primeiro a falar, ao que parece, será o primeiro a perder alguma coisa.

Finalmente, Søren limpa a garganta e se dirige ao Kaiser. — Soube das novidades, parabéns, pai, pelas suas núpcias. – diz ele com um sorriso sombrio antes de voltar sua atenção para Cress. — E você, Lady Crescentia, tem minhas mais profundas condolências.

O rosto do Kaiser fica vermelho, mas é Cress quem responde primeiro, sua voz áspera cortando o ar como uma faca com dentes.

— É Kaiserin Crescentia. – diz ela friamente. — Eu não acho que parabéns semelhantes estejam em ordem para vocês dois?

Søren pode ter sido o primeiro a falar, mas Crescentia é a primeira a perder, porque naquele momento, sua fraqueza mostra. Mesmo no meio de uma batalha, com baixas chegando aos milhares, ela ainda é uma garota abandonada com raiva por ter perdido o garoto com quem queria se casar.

Eu posso usar isso. — Ainda não – digo a ela com um sorriso sacarino. — Quando nos casarmos, será no palácio Astreano depois que eu o tomar de volta.

A mandíbula de Cress aperta, mas eu desvio o olhar dela e para o Kaiser, empurrando para baixo o medo e a náusea que sua presença provoca.

— Acredito que estamos aqui para discutir os termos da sua rendição. – digo a ele, tomando cuidado para manter minha voz firme e forte. Eu não vou deixar ele me acobardar.

Ele bufa. — Minha rendição. – ele ecoa, balançando a cabeça.

— Você pediu um parlay; Eu assumi que era para discutir termos. – eu digo. — Nós superamos você, afinal.

— As batalhas não são vencidas apenas com números, certamente você sabe disso, Søren. – diz ele, dirigindo-se apenas ao filho, apesar de eu estar falando. — Estou surpreso

que *você* saiba. – responde Søren uniformemente. — Faz décadas desde que você esteve na sua última batalha, pai. Muita coisa mudou desde então.

O Kaiser sorri com força. — Estou disposto a deixar seus exércitos deixar Astrea em paz. – diz ele, recostando-se na cadeira e nos examinando. — Tudo que eu quero em troca são vocês dois. Parece mais do que justo - duas vidas pela de milhares a mais que perecerão se você recusar.

Ele está tentando jogar em nossa honra, uma jogada inteligente que eu o conheço bem o suficiente para ter previsto.

— Não. – eu digo categoricamente. — Vamos deixar você e seus exércitos irem pacificamente se você e todo o seu povo abandonarem a Astrea agora.

É tão blefe quanto a oferta dele: o Kaiser nunca deixaria meus exércitos sairem vivos, mesmo que eu me rendesse, e certamente não aceitarei uma rendição que não inclua a morte do Kaiser. Nós dois sabemos disso, mas fingimos de qualquer maneira.

O Kaiser ri. — Estamos em um impasse, então. – diz ele antes de olhar para Crescentia. — Você vê, querida? Eu lhe disse que o encontro com eles não resultaria em nada.

Cress solicitou esta reunião?

Olho para Søren, mas ele parece igualmente perplexo. O que Cress teria a ganhar encontrando-se conosco? É possível que fosse mera curiosidade, mas conhecendo Cress tão bem quanto eu, não consigo imaginar que seja esse o caso. O pai dela não a criou para ser governada por algo tão insignificante quanto sua curiosidade. Não, há algo mais em jogo aqui, mas parece que estou olhando para uma janela embaçada, incapaz de ver mais do que formas vagas.

Minha coluna endurece quando Cress se levanta.

— Acho que queria vê-los uma última vez. – diz Cress com um suspiro triste, dando um passo em nossa direção.

Ao meu lado, Søren também fica tenso, como se estivesse esperando um ataque. Ela vê isso e sorri, como um gato circulando um rato.

— Você tem medo de mim, Prinz Søren? – Ela pergunta, inclinando a cabeça para o lado, pensativa. — Eu sou uma criatura bastante assustadora agora, graças a ela. – Ela acena com a cabeça em direção a "mim". — Ofereci a ela amizade e, em troca, ela me envenenou. Ela te contou isso? – Ela pergunta.

— Você me ofereceu uma coleira. – digo a ela, lutando para manter minha voz calma. — Eu não era sua amiga, Cress. Eu era seu animal de estimação.

Ela revira os olhos. — Tão dramática. – ela repreende, andando pela sala com passos lânguidos, passando os dedos sobre a mesa, deixando um caminho de madeira queimada onde ela toca. Sinto meu batimento cardíaco acelerar e é difícil ignorar o desejo de fugir da sala. Quando ela vê minha reação, ela sorri satisfeita consigo mesma.

É o jeito que ela costumava sorrir para mim do outro lado da sala lotada, como se tivéssemos compartilhado um segredo entre nós dois. A memória parece um chute no estômago, mas eu a empurro de lado e foco o presente.

— Suponho que devo agradecer. – ela diz para mim em voz baixa. — É realmente algo, não é? – Ela examina os dedos, pensativa. — Eu poderia queimar vocês dois com apenas um toque, você sabe. No momento em que sua pequena guarda chegasse, vocês não passariam de cinzas. – Ela ri, os olhos brilhando com um tipo malicioso de alegria. — Um final adequado o suficiente para você, Princesa das Cinzas, você não acha?

Eu toco a adaga escondida embaixo da minha saia, embora eu saiba que não faria nenhum bem se chegasse a ela. No momento em que desenhei, seria tarde demais. Meus próprios dedos ainda estão coçando e eu me pergunto o que aconteceria se eu não contivesse minha fúria, se eu deixasse queimar através de mim até que não restasse nada além de chamas, fumaça e cinzas. Iria enfurecer os deuses, eu me lembro; arriscaria derrubar sua ira em Astrea. Isso significaria nunca mais ver minha mãe.

Mas quando vejo Cress controlar o fogo na ponta dos dedos com uma distância fria, sei que ela não hesitaria em usá-lo contra mim. Eu sei que se ela tentasse, eu faria o que fosse necessário para detê-la. Eu sei que não seria suficiente no final das contas - afinal, ela conhece seu poder, entende como controlá-lo. Eu tenho muito medo do meu para fazer o mesmo. - O Kaiser sorri para Cress como se ela fosse a coisa mais linda que ele já viu, como se quisesse possuí-la. Cress sorri de volta para ele, mas há algo doentio naquele sorriso, algo sombrio e pegajoso. Ela anda pelo quarto e fica atrás dele, colocando as mãos nos ombros dele.

— Você está muito quieta agora, não é? – Ela me pergunta. — Nenhuma resposta inteligente? Porque você sabe que eu poderia fazer isso, não é?

Encontro minha voz e seguro o olhar dela, embora não queira nada além de recuar. — Você poderia. Mas eu te conheço, Cress – digo, esperando contra a esperança que seja a verdade. — Você não é um assassino.

Seus olhos estreitam e um arrepio a atravessa. Sem desviar o olhar, ela move as mãos pelos ombros do Kaiser até que estejam ao redor do pescoço dele, seus elegantes dedos brancos como osso se fechando com força sobre a garganta avermelhada do Kaiser. Ela gentilmente inclina a cabeça dele

para trás, forçando-o a olhá-la antes de levar os lábios aos dele no que quase não pode ser chamado de beijo. - O Kaiser percebe o que está acontecendo um instante tarde demais - quando ele luta, seu toque já é puro fogo, queimando sua boca e garganta antes que ele possa sequer gritar. O cheiro de carne queimada permeia a sala, pungente o suficiente para me deixar tonta. Eu assisto horrorizada quando seu corpo se transforma em cinzas sob o abraço dela, sua expressão congelada em silenciosa agonia.

Um grito morre na minha garganta. Não consigo desviar o olhar dele quando a vida deixa seus olhos. Eu esperei anos por isso. Eu sonhei em ver o Kaiser morrer diante dos meus olhos. Eu nunca pensei que isso iria acontecer assim. Eu nunca pensei que, quando acontecesse, teria mais medo do que nunca.

O cheiro de carne queimada fica mais forte, fazendo a bile subir na minha garganta. Søren cobre o nariz com a manga da camisa, o rosto pálido o suficiente para combinar com ele, mas Cress não parece incomodada. Não pelo cheiro ou pelo que ela acabou de fazer. Não pode ser a primeira vida que ela matou, eu percebo, e me pergunto o quão monstruosa ela se tornou desde a última vez que a vi.

— Pronto. – ela me diz quando finalmente afasta as mãos do cadáver do Kaiser. — Agora, por que não revisamos esses termos.

Ela atravessa a mesa do comandante, vasculhando as gavetas até produzir uma garrafa de vinho pela metade. Ela o coloca sobre a mesa, enfiando a mão nos bolsos do vestido e tirando de um pequeno cálice coberto de Pedras de Fogo e do outro um frasco de líquido opalescente.

Meu estômago treme ao vê-lo. Encatrio, o mesmo veneno que usei nela e no pai.

— Onde você conseguiu isso? – Eu pergunto, minha voz quase mais alta que um sussurro.

Ela encolhe os ombros. — Depois do que isso fez comigo, não foi difícil descobrir que devia ter vindo da Mina de Fogo. A partir daí, era uma questão de fazer as perguntas certas e tornar as pessoas mais inclinadas a conversar.

— Você os torturou – eu digo, minha voz embargada. Monstruoso, de fato, mas eu a iniciei nesse caminho, não foi? Eu a modelei nisso.

Cress revira os olhos. — Eu não teria precisado se eles apenas me dissessem o que eu precisava saber. – Destrancando o veneno, ela derrama algumas gotas no cálice. — Isso deve servir – diz ela, embora eu ache que esteja falando principalmente consigo mesma. Ela derrama o vinho em seguida, enchendo a taça até a metade e agitando a bebida. Pegando o cálice, ela vem em minha direção e eu tenho que me forçar a me manter firme.

Søren fica na minha frente. — O que você está fazendo com isso? – Ele pergunta, alarmado.

Cress apenas sorri para ele. — Eu prometo que não vou derramar na garganta dela. Só estou oferecendo a ela - ela mesma bebe, cada gota.

— E por que eu faria isso? – Eu pergunto, minha voz tremendo.

— Porque se você fizer, vou ordenar que meus exércitos recuem. Você pode manter a mina, pode manter os escravos que libertou - bem, você não pode, porque estará morta, mas seu povo viverá.

— Já estamos vivendo. – diz Søren. — A batalha não acabou.

— Ainda não. – diz Cress, olhando rapidamente para ele brevemente. — Mas será em breve. Não importa que você

tenha mais homens. Eles não são treinados, são fracos. Eles não têm gemas espirituais. Mesmo que, de alguma maneira, você consiga vencer essa batalha, seu exército será dizimado e você só seguraria a mina por tempo suficiente para eu buscar mais tropas. Voltaríamos em uma semana e esmagaríamos o que restava do seu exército como um inseto debaixo de um sapato. – Ela faz uma pausa, sorrindo para mim. Ao contrário dos meus pesadelos, seus dentes não são pontudos, mas sua expressão é feroz de qualquer maneira. — É uma troca simples, Thora. Sua morte ou da sua gente.

Eu a encaro, paralisada. Parece uma piada doentia, mas não há nada de engraçado nisso. Ela está falando sério. Ela está me oferecendo a morte e chamando de misericórdia, e ela nem está errada nisso. Se o Kaiser não tivesse aparecido com reforços, teríamos mantido o suficiente do nosso exército para viajar para outra mina e travar outra batalha lá, mas Cress está certa - mesmo se vencermos essa batalha, o número de baixas seria muito alto. Alto. Seria a nossa primeira e última posição.

Mas se eu beber o veneno, haveria esperança. Não sou tola o suficiente para acreditar que Cress deixaria meu exército manter a Mina de Fogo por muito tempo, mas seria tempo o suficiente para fazer outro plano, para encontrar outra maneira de lutar. Confio que na minha ausência Artemisia, Heron, Erik e Blaise continuariam lutando. Eles não precisam de mim - Artemisia disse isso de volta ao palácio Astreano. Se eu cair, a rebelião continuará.

Eu tenho que acreditar nisso.

Seguro o olhar de Cress e passo por Søren, pegando o cálice dela. Por um instante, nossos dedos se tocam. Espero que ela seja quente, mas eles são como os meus.

— Theo, não. – diz Søren, implorando. — Existem outras maneiras. — Não. – eu digo, sem tirar os olhos de Cress. — Não há.

Acho que pode não me matar, um pensamento desesperadamente desesperado. Afinal, não matou Cress. O sangue de Houzzah queima nas minhas veias, eu vi a prova disso. Mas parece ainda mais provável que o fogo que eu já tenha seja amplificado pelo Encatrio, que, como Mina disse, meu pote transbordará.

Eu deveria confiar nos meus deuses, deveria acreditar que eles não deixariam isso acontecer, que eles me protegeriam. Mas eles não protegeram Blaise. Eles não protegeram minha mãe, Ampelio, Elpis ou Astrea como um todo. Não consigo acreditar que eles vão me proteger agora.

Levanto a taça aos meus lábios, mas paro antes de beber. — Cress. – eu digo. Só uma palavra. Apenas o nome dela.

Algo brilha em sua expressão e, por um breve e fugaz momento, acho que cheguei a uma parte dela que pensei estar perdida. Ela sorri para mim da mesma maneira que fez uma vez, quando éramos apenas duas garotas tolas compartilhando fofocas. Mas esse sorriso fica com fome.

— Beba. – diz ela.

Pego a mão de Søren na minha, porque não quero morrer sozinha, depois inclino o cálice para trás e bebo.

O primeiro gole é quente, mas suportável. Os que seguem escaldam. Eu bebo tão rapidamente que o vinho escorre dos cantos da minha boca, chamuscando a pele ali, mas não paro. Eu bebo até que tudo acabe.

A queima começa na minha garganta, uma dor tão forte que me deixa de joelhos, banindo todos os outros pensamentos da minha mente. Não ligo mais para onde estou, ou de quem estou segurando a mão, ou qualquer coisa

que exista fora do meu próprio corpo. A dor se espalha, atravessando-me até eu tremer, o chão como gelo debaixo de mim. Braços me rodeiam, me segurando com força, mas muito rapidamente esses braços se foram e o único conforto que me resta é arrancado.

Um grito atravessa o ar, mas não é meu. Não pode ser meu porque eu não consigo nem abrir minha boca.

Uma porta se abre, figuras entram, muito embaçadas para serem reconhecidas.

Mais gritos. Pânico. O conforto é arrastado, chutando e gritando o tempo todo. Mesmo depois de não poder vê-lo, ainda o ouço. Chamando meu nome. Chamando por Theodosia.

Cabelo azul. Ela se agacha ao meu lado, seu toque frio. Duas mãos na minha pele gostam de água, mas dói muito mais do que o fogo jamais poderia. Se o veneno me transformou em fogo, isso me dissolve em nada além de vapor.

Tudo fica preto.

CONSEQUÊNCIA

Acordo em uma barraca, a luz do sol filtrando através dos pontos que mantêm o teto unido. Minha pele parece ter sido esfregada, todos os nervos pegando fogo, mas a dor não me domina mais. Eu posso pensar sobre isso. Lembro-me de beber o veneno e Cress gritando por sua guarda. Lembro-me do guarda arrastando Søren e Artemisia vindo me ajudar em vez de salvá-lo.

Rolar no colchão esfarrapado irrita minha pele e solto um gemido, fechando os olhos com força.

— Theo? – Uma voz diz, pequena e com medo.

Eu forço meus olhos a abrirem novamente para encontrar Artemisia sentada no chão ao lado da minha cama, olhando para mim com olhos solenes e preocupados. A julgar pelas olheiras embaixo delas, acho que ela não dorme há algum tempo. Tento me sentar, mas isso envia outra onda de dor através de mim e me deito, trazendo minhas mãos para cobrir meu rosto.

Sob as pontas dos dedos, a pele é lisa, mas lisa de suor. Não é como a pele seca e carbonizada de Cress. Verifico meu cabelo também, esperando encontrar pontas chamuscadas, mas é o mesmo de sempre, exceto por uma única peça. Quando coloco na frente dos meus olhos, vejo que está totalmente branco. Eu estremeço.

Eu estou viva, no entanto, eu percebo, e esse pensamento me atordoa e me anima. Estou vivo, embora não devesse estar. Estou vivo, mas não sou o mesmo. A poção pode não ter me estragado como Cress, mas me mudou. Onde antes, o calor se acumulava na ponta dos meus dedos e se espalhava lentamente, agora eu o sinto por toda parte, um calor

constante e constante percorre minhas veias. Mas não me assusta mais. Depois de beber Encatrio, não consigo imaginar que algo realmente me assuste de novo. — Há quanto tempo estou dormindo? – pergunto, embora pareça áspero, minha garganta doendo a cada palavra.

— Dois dias. – diz Art. Os Kalovaxianos recuaram. A Kaiserin deles nos deu um pedaço de papel dizendo que somos donos da mina agora, embora eu não ache que valha muito a pena.

— Não. – eu concordo, embora esteja surpreso que Cress tenha mantido sua palavra. Ela deve pensar que estou morta, eu percebo. — E Søren?

Eu a ouço engolir. — Eles o levaram quando saíram, disseram que ele era um traidor Kalovaxiano e que ele pertencia a eles. Erik tentou detê-los - Heron e Blaise também - mas Søren concordou em ir com eles para impedir que mais alguém se machucasse. Vocês dois são nobres e idiotas. – diz ela, mas não há como confundir o carinho em sua voz.

— Blaise? – Eu pergunto. — Ele entrou em batalha. Ele está...? Paro, incapaz de terminar.

— Ele está vivo. – diz Artemisia. — Ele está por perto, mas ele disse que você não gostaria de vê-lo.

Ele não sabe como está errado. Nosso briga ainda ecoa em minha mente e eu o vejo saindo, não importa como eu implorei para que ele ficasse. Mas estou vivo e ele está vivo e esses dois fatos parecem milagres, então como posso ficar com raiva?

— Você me salvou. – digo a ela, lembrando como ela usou seu Presente da Água em mim. O veneno teria me matado de outra maneira, ou me desfigurado como Cress, se nada mais.

— Você salvou todo mundo. – diz ela com um encolher de ombros. — Foi o mínimo que eu pude fazer. Como você está se sentindo?

Ela faz a pergunta como se não tivesse certeza de que quer saber a resposta. Porque ela não está perguntando sobre a minha dor - ela viu isso claramente em meus estremecimentos, ouviu nos meus gemidos. Ela está perguntando sobre algo mais profundo.

— O mesmo de sempre, principalmente. – digo a ela, sem saber como explicar como me sinto diferente.

Artemisia toca minha bochecha. — Sua pele ainda está quente. – diz ela. — Nós pensamos que era uma febre no começo, mas Heron não poderia curá-la. Ele disse que era outra coisa.

Eu engulo e olho mais forte na minha palma. Eu vi do que Cress era capaz. Se eu vou ficar contra ela, não posso mais ter medo. Convoco fogo, imagine-o saltando para a vida lá, mas algo parece errado. Eu posso sentir o fogo em mim, mas está enterrado profundamente. Eu tenho que cavar, lutar por isso, mas finalmente, com algum esforço, uma pequena chama aparece na minha mão.

Artemisia nem pula, ela apenas olha para o fogo com um tipo vago de curiosidade.

— É diferente do que era antes. — diz ela. — Você pode controlá-lo.

— Sim. – eu concordo, franzindo a testa. — Mas não é como eu imaginava. É mais fraco.

Ela assente. — Bem, você não precisa mais esconder isso. Uma rainha que sacrificou sua vida pelo seu povo apenas para se tornar ainda mais forte como uma espécie de... - ela para, incapaz de pensar no termo certo.

Isso vem a mim imediatamente. — Como algum tipo de Phiren. – eu digo. Ela parece confusa e eu elaboro. — Um pássaro na mitologia de Gorakiano. Hoa me contou sobre isso - passa de cinza a fumaça para chamas e volta novamente. - O pensamento de Hoa me atinge com uma nova agonia. — Como está Erik? – Pergunto a ela.

Antes que Artemísia possa responder, a tenda se abre e o Dragonsbane desliza para dentro. Quando ela me vê, na verdade sorri, embora ainda exista algo feroz que não se parece com o que eu lembro da minha mãe. Parece o sorriso de Art.

— Você acordou. – ela diz com um breve aceno de cabeça. — Como você está?

Em vez de responder, acendo minha mão novamente. Ver os olhos dela se arregalarem de medo e reverência me deixa mais feliz do que deveria. — Eu sei que você não acredita nos deuses, tia. – eu digo. — Mas parece que eles ainda acreditam em nós.

Ela não diz nada por um longo momento. — Dói? – Ela pergunta finalmente.

Fecho minha mão e o fogo se apaga. — Tudo dói. – digo a ela. — Devo-lhe meus agradecimentos. Sem você, teríamos perdido muito mais vidas.

— Foi uma boa batalha. – diz ela. — O que você fez foi admirável. Tolo, mas admirável. – Eu aceno, sabendo que de Dragonsbane, esse é o maior elogio que posso esperar.

Artemisia limpa a garganta. — Estou feliz que você veio também. – diz ela, sua voz surpreendentemente baixa.

A nitidez na expressão de Dragonsbane suaviza um pouco, mas ela não consegue formar palavras. A energia na sala é cheia, delicada como uma teia de aranha, mas quando

Dragonsbane e Artemisia prendem os olhos, mil palavras silenciosas passam entre elas e eu me sinto como um intruso.

Dragonsbane me disse que tive sorte de minha mãe não ter vivido para me decepcionar, mas com um nó na garganta, percebo que isso também significa que nunca vou ter um momento como esse, olhar minha mãe nos olhos e perdoar ela por sua humanidade defeituosa.

—

Erik vem me visitar depois que Artemisia e Dragonsbane partem. De camiseta e calça, com o cabelo solto ao redor dos ombros, ele parece mais jovem do que é. Alguém já contou a ele sobre Hoa, e espero que quem quer que seja tenha feito gentilmente.

— Sinto muito. – digo a ele, embora as palavras sejam lamentáveis.

Ele se senta ao lado da minha cama e pega minha mão na dele. Se ele está surpreso com o calor da minha pele, ele não mostra. Gostaria de saber se a palavra já está se espalhando.

— O Kaiser nunca fará o que ele fez com outra mulher. – Sua voz é de aço frio. — Ele nunca machucará mais ninguém. Eu gostaria que ela pudesse ter vivido neste mundo sem Kaiser por apenas um dia.

— Eu também. – digo a ele antes de respirar fundo. — Eu matei a mulher que a matou. Posso dizer que foi legítima defesa e que não tive escolha e essas coisas são verdadeiras, mas também é verdade que a matei pelo que ela fez com Hoa e nunca vou me arrepender disso.

Ele considera isso por um momento antes de concordar. — Um dia, eu ouvirei sobre isso em detalhes. – diz ele. — Mas tenho visto muita morte ultimamente. Mesmo esse não me trará nenhuma alegria. - Mordo o lábio. — Você acha que Søren está morto?

Os olhos de Erik encontram os meus novamente. — Não. – ele diz depois de um momento. — Ele é um traidor, e os Kalovaxianos não demonstram piedade aos traidores, mas, neste caso, eu imagino que Crescentia o mantenha vivo. A posição dela como Kaiserin é precária - eles nunca tiveram uma governante e nem se interessam pela ideia. Ela precisa se casar com ele para manter o trono.

O pensamento me deixa doente, mas pelo menos isso significa que eles não o matarão. Ainda não. Por mais feliz que isso me faça, não posso deixar de pensar que a morte seria misericordiosa em comparação com o inferno que ele está passando agora.

— Vamos resgata-lo antes que isso aconteça. – digo a Erik, como se fosse simples assim.

Erik deve saber que não, mas ele assente. — Vamos resgata-lo – ele ecoa, apertando minha mão.

———

O corpo do Kaiser já está queimado, mas de qualquer maneira montamos uma pira para ele. Eu estou ao lado agora, perto o suficiente para tocar sua pele carbonizada. Mal tenho força suficiente para aguentar mais do que alguns momentos, mas me forço a administrar. Lembro-me do que disse a Blaise o que parece uma vida atrás.

Quando o Kaiser estiver morto, quero queimar o corpo dele. Eu quero colocar a tocha para ele e quero ficar e vigiar até que não restar nada além de cinzas.

Eu acreditava que, quando o Kaiser estivesse morto, isso me traria paz, mas, mesmo olhando para o corpo morto e os olhos vazios, a paz ainda parece a quilômetros de distância.

Minha mãe era a rainha da paz, acho que quando os homens que constroem a pira terminam e me deixam em paz com o corpo. Mas eu não sou esse tipo de rainha.

Afasto-me do Kaiser para olhar a multidão de refugiados e os libero Astreanos que se reuniram para vê-lo queimar. É um bom momento para outro discurso, talvez, mas eles não vieram aqui para discursos. Blaise se aproxima, tocha na mão, olhos baixos. Ele não me olha desde que acordei e ainda não tenho certeza se quero ou não.

Eu não pego a tocha. Em vez disso, viro-me para o Kaiser e estendo a mão. Novamente, é preciso um pouco de persuasão. Por um momento, há um silêncio silencioso e antecipado antes que a pequena chama apareça, lambendo a palma da minha mão. Por mais fraco que seja, é o suficiente para provocar suspiros e murmúrios da multidão.

Toco a chama no leito de palha embaixo do corpo dele e assisto o fogo pegar.

Atrás de mim, os suspiros da multidão se transformam em aplausos. Artemisia estava certa, eles não detêm esse poder contra mim - eles acreditam que é um novo presente, dado por Houzzah pelo meu sacrifício.

Talvez seja, mas não é suficiente. Vi como Cress exercia seu poder. Ela não precisava cavar; estava sempre lá, tanto uma parte dela quanto sua pele, tendões e ossos.

Eu mal ouço os aplausos. Eu mantenho meus olhos no cadáver do Kaiser e nem sequer me deixo piscar quando a chama pega e lambe seu corpo já enegrecido. É só então que percebo o leve brilho da gema vermelha em sua garganta, coberta por cinzas e fuligem, mas inconfundível. Pingente de Gem Gem de Ampelio. Eu alcanço as chamas, pego a gema e a liberto.

A mão de Blaise pousa no meu ombro, tentando me afastar do fogo crescente, mas não me deixo mexer.

Eu quero ver tudo, no momento em que o Kaiser desaparece em nada além de cinzas. Seguro o pingente de Ampelio com força, sentindo seu poder puxar o meu.

Eu usaria uma coroa daquela cinza, eu acho.

Finalmente, quando as chamas ficam tão grossas que não consigo mais vê-lo, eu me viro e vou embora sem olhar para trás.

———

Encontro Mina em um dos quartéis de Kalovax, com um menino e uma menina um pouco mais jovens do que eu. Os beliches foram empurrados para as bordas da sala, deixando um grande espaço aberto no meio do chão de pedra, onde os três estavam. Permanecendo nas sombras da porta, eu os observo por um momento, invisíveis.

— Mostre-me, Laius. – diz Mina, colocando uma tigela no chão entre eles. Quando ela pousa, um pouco de água escorre pelas laterais.

O garoto engole, mexendo nas mãos atrás das costas. A princípio, acho que ele deve ter sido um dos escravos que libertamos da mina, mas então noto as marcas em seus braços, lugares em que o sangue deve ter sido retirado.

Ele é um guardião. Os Kalovaxianos devem tê-lo estudado antes da batalha. O pensamento me deixa doente, e um rápido olhar para a garota confirma que ela tem as mesmas marcas. Quantos existem?

O garoto - Laius - finalmente levanta as mãos, segurando as palmas das mãos em direção à tigela. Instantaneamente, a água flui para cima, pairando no ar ao nível dos olhos em uma esfera cristalina perfeita. Mina assente. — Você pode transformar em gelo? – Ela pergunta.

As sobrancelhas de Laius franzem quando ele se concentra na esfera. Ele muda, a luz das velas fazendo

brilhar, antes que a superfície fique congelada e dura, espalhando-se até ficar totalmente gelo.

— Bom. – diz Mina. — Solte.

Laius deixa cair as mãos e a esfera cai, quebrando no chão de pedra.

— Desculpe. ele murmura.

— Tudo bem. – diz Mina. — Como você está se sentindo?

Ela dá um passo em direção a ele para sentir sua testa e, quando o faz, ela me vê. — Sua Majestade. – diz ela, inclinando a cabeça na minha direção.

Laius e a garota caem em uma reverência desajeitada e fazem uma reverência quando entro completamente na sala.

— Mina. – eu respondo antes de sorrir para os outros dois. — Você encontrou Guardiões.

A boca dela aperta. — Sim. Havia dez no total. Nove do fogo, incluindo Griselda aqui. Laius foi trazido da mina de água para que eles pudessem ser estudados lado a lado. Laio, Griselda, você permitiria que a rainha Theodosia tocasse em você?

— Por quê? – Pergunto. Franzo o cenho, mas eles parecem entender o que ela está perguntando e acenam com a cabeça. Mina me chama para frente.

— Sinta a testa deles. – ela instrui.

Cautelosamente, estendo a mão para cada um deles: quando toco sua pele, está quente, como a de Blaise. E agora que estou perto o suficiente, posso ver as olheiras sob seus olhos, como se nenhuma dormisse há muito tempo.

Mina vê o entendimento surgir em mim. — Por que vocês não vão almoçar? – Ela sugere para Laius e Griselda. — Continuaremos as lições depois.

As crianças se apressam e espero até que fiquem fora do alcance da voz antes de falar novamente.

— Há mais. – eu digo, sem saber como chamá-los. Berserkers não é impreciso, mas a palavra parece uma sentença de morte.

Mina assente. — Os outros oito são Guardiões no sentido tradicional, mas as habilidades de Laius e Griselda são diferentes das que eu já vi antes. Como o hipotético amigo que você descreveu. Ele ainda é hipotético?

Eu hesito. — É Blaise. Ele é um guardião da terra.

— Eu imaginei isso. Vi o que ele fez com aqueles navios - mais do que qualquer Guardião da Terra deveria ser capaz.

— Quase o matou. – eu digo.

— Mas não matou. – diz ela. — Não dessa vez.

Eu não tenho uma resposta para isso. — Você disse que estava dando aulas a eles. Isso é verdade ou você está os estudando? Pergunto.

— Um pouco de ambos, suponho. – diz ela com um suspiro pesado. As histórias que ouvi diziam que Guardiões como eles eram raros - havia registros de um por século, talvez. Agora, existem três no total e nem vimos as outras minas. Quem sabe quantos existem no total?

— O que isso significa? – Pergunto a ela.

Ela encolhe os ombros, olhando para a porta pela qual o garoto e a garota acabaram de sair. — Se você perguntasse a Sandrin, ele lhe diria que isso faz parte do plano dos deuses, e talvez ele esteja certo. Mas talvez haja uma porcentagem maior de pessoas entrando nessas cavernas, então há mais pessoas que espaço suficiente para a quantidade exata de energia que recebem. Talvez os deuses também tenham uma mão nisso. – Ela vira o olhar para mim. — Você não veio aqui para saber sobre eles, veio?

Hesito antes de balançar a cabeça. Estendo minha mão, palma para cima, e após um momento de concentração, uma

pequena chama aparece, aninhada na palma da minha mão. Mina observa, seus olhos pensativos.

— Não é muito. – diz ela depois de um momento. — É mais do que o meu, eu vou lhe dizer isso, mas se isso fosse antes do cerco, não seria suficiente para fazer de você um guardião.

Fecho minha mão e apago a chama. — Crescentia, a Kaiserin, a que te contei sobre quem bebeu o Encantrio... ela exala poder. Chega a ela tão facilmente quanto a respiração. Ela nem precisa alcançá-lo, está lá.

— Você quer saber se é compatível com ela, mas já sabe a resposta para isso. – diz ela. — Você é um pote meio cheio, e ela está quase cheia.

Eu engulo minha decepção. Não é algo que eu ainda não tenha suspeitado, mas dói ouvir assim mesmo.

— Todas essas pessoas estão me tratando como um Phiren que ressuscitou das cinzas. – digo, minha voz tremendo. — Como se eu fosse o herói que eles estavam esperando. E eu não sou. Não posso protegê-los dela, de nenhum dos Kalovaxianos.

A mandíbula de Mina endurece. — Você sobreviveu a uma posição contra os Kalovaxianos - poucos podem dizer o mesmo. Você nos protegeu até aqui; quem pode dizer que você precisa de um dom para continuar fazendo isso?

Eu sorrio e agradeço a ela, mas no fundo, acho que nós duas sabemos que ela está errada.

Sobrevivemos a essa luta por causa da sorte e pouco mais. Da próxima vez, talvez não.

CAMPO DE BATALHA

Os Kalovaxianos sempre falavam em campos de batalha com mais reverência do que falavam de seus templos. Havia até uma balada popular na quadra, com sua "grama riscada de vermelho com o sangue dos inimigos", que fazia um campo de batalha parecer bonito de maneira violenta.

Andando pela Mina de Fogo e pelas ruínas do templo que antes estavam aqui quando eu era criança, sei que não há nada bonito em um campo de batalha. Erik e minhas sombras também estão quietas, embora eu seja grato pela presença deles. A última coisa que quero é ficar sozinha agora. Minha força está retornando, lenta mas seguramente, e eu aprecio cada momento que passo a sair da cama. Como a balada Kalovaxiana, a grama agora é mais vermelha do que verde, mas a balada não mencionou que a maior parte seria coberta por corpos ou partes deles e que seria impossível dizer quais partes pertencem a quais lado. A balada não mencionou o cheiro de carne em decomposição que pairava no ar, tornando-a pútrida e nauseante. A balada não mencionou esse inimigo ou amigo, todos seriam lamentados por pessoas reais.

— Uma pira. – diz Erik do meu lado, quebrando o silêncio. — É o enterro típico dos guerreiros Kalovaxianos.

— Para os astreanos também. – digo, surpresa que duas culturas tão diferentes quanto a nossa possam ter algo em comum. — E os outros?

Ele hesita antes de balançar a cabeça. — Gorakianos estão enterrados, mas o resto...

Do meu outro lado, Artemisia fala. — Yoxians estão enterrados. – diz ela. — Brakkans também. O costume

vecturiano diz que seus guerreiros devem ser levados ao mar em barcos em chamas. — Nós não podemos fazer isso. – eu digo, meu estômago apertando. — Precisamos de todos os barcos que temos.

Artemisia concorda com a cabeça. — Não conheço os costumes dos outros, mas há vida suficiente para que possamos descobrir.

— Existem tantos. – diz Heron, olhando em volta. Além da pequena seção onde nosso acampamento está montado, os corpos se esticam ao nosso redor, tanto quanto eu posso ver. Centenas, ou talvez milhares. Não sei como seremos capazes de resolver qual órgão pertence a qual país.

Eu engulo. — Eles voltarão e, quando voltarem... – paro, incapaz de colocar em palavras.

— Estaremos prontos. – diz Erik. — Foi uma vitória para nós e isso significa mais do que apenas sobrevivermos. Ficamos contra os Kalovaxianos. Não somos mais um investimento ruim. Podemos pedir ajuda de outros países e, desta vez, podemos obter o suficiente.

— Podemos. – repito. — Os deuses te abençoaram, Theo. – diz Heron, um sorriso puxando os cantos da boca. — E, ao fazer isso, eles abençoaram a todos nós. Eles estão do nosso lado.

Afasto meu olhar dele. Até Heron não sabe há quanto tempo tenho esse presente, há quanto tempo mantive isso em segredo, quão fraco é agora que ele foi arrastado para a superfície. Como a maioria, ele acredita que foi uma recompensa pelo meu sacrifício. É uma história bonita, mas não sou quem eu sou. Olho entre Heron e Artemisia. — Como você se sente? Ser abençoada?

Eles trocam um olhar, mas é Art quem fala primeiro. — Parece um gole gelado de água em calor sufocante. – diz ela.

— Parece ... cheio. – acrescenta Heron. — Como se estivesse em paz com tudo ao meu redor.

Meu estômago está doendo. — Não me parece assim. – digo a eles, minha voz calma. — Não me sinto aliviado ou em paz. Desde que aconteceu, me sinto... vazia.

Meus pensamentos se voltam para Cress com seus olhos de carvão e toque flamejante. Nossos "corações são irmãos", ela me disse no meu pesadelo. "Vamos ver se eles combinam?"

Talvez eles combinem, por baixo de tudo. Talvez sejamos ambas abominações, mas não quero que seja esse o caso. Eu preferiria ser impotente do que ser isso, e essa é a diferença entre nós.

— Eu nasci com isso no meu sangue. – eu digo, minha voz tremendo. — Eu tive isso forçado em mim. Mas nunca escolhi, não como vocês dois fizeram. – Olho para Blaise. — Você também não escolheu. – eu digo. — Isso forçou o seu caminho em você, como um tipo diferente de veneno.

Blaise segura meu olhar e, embora ele não concorde, ele também não protesta.

— O poder me pertence, mas eu não o possuo. – digo, e minha voz não treme mais. De repente, é certo, porque eu tenho certeza.

Andamos um pouco mais até chegarmos à entrada da Mina de Fogo, que foi evacuada e isolada - como se alguém quisesse entrar por conta própria.

Claro, é exatamente isso que estou fazendo. — Quando eu paro em frente à entrada, os outros param também. Eles não dizem nada até eu estender a mão para mover a corda.

A mão de Blaise desce no meu braço, puxando-a para trás. Sua pele está menos quente desde que ele entregou suas

jóias - temporariamente novamente - mas ainda é mais quente que a minha.

— Não. – diz ele, a palavra um sussurro.

— É o único caminho. – digo a ele. — Você sabe disso tão bem quanto eu. Você sente essa desconexão entre quem você é e o poder que possui. Porque nós não controlamos isso. Isso nos controla.

— Entrar nessa mina não vai te curar. – diz ele. — Depois de todo esse veneno em seu sistema, isso poderia empurrá-la para o limite. Isso pode te matar.

— Poderia. – eu concordo, olhando Heron por cima do ombro. — Mas não vai. É a única maneira de escolher esse poder. É a única maneira de exercer algum controle sobre isso, para entendê-lo. A única maneira de ser a rainha que eles precisam.

— Sinto muito por ter partido, Theo. – diz Blaise, com a voz embargada. — Sinto muito por ter quebrado minha promessa e juro que nunca mais deixarei seu lado. Apenas não faça isso. Não me deixe.

Por um instante, eu vacilo. — Você foi à batalha porque é quem você é. – digo a ele. — E foi estúpido, mas você sabia que era a coisa certa a fazer. É a coisa certa a fazer.

Blaise não responde, mas vejo as lágrimas brotando em seus olhos. Coloco minhas mãos em seus ombros e enrolo nas pontas dos meus dedos para roçar meus lábios nos dele. Por um instante, ele está congelado em choque antes que eu o sinta derreter contra mim, seus braços apertados em volta da minha cintura como se ele pudesse me ancorar a ele e me fazer ficar. Mas ele não pode e eu me forço a me afastar e olhar para minhas outras sombras.

— Não sei quanto tempo vou ficar lá. Se os Kalovaxianos voltarem, você vai me deixar e fugir. Certo?

Heron começa a balançar a cabeça, mas Artemisia assente. — Farei o que deve ser feito. – diz ela, cada palavra curta.

Eu olho para Erik. — E quando eu estiver fora, vamos encontrar uma maneira de resgatar Søren. Vou terminar o que comecei com Cress.

Erik parece mais sério do que eu já vi. — Boa sorte, Theo. – ele diz suavemente.

Com um coração trovejante, eu me afasto deles e entro na mina.

EPÍLOGO

A SANIDADE AQUI DENTRO É UMA COISA EFÉMICA, indo e vindo até que eu não tenha certeza de quais pensamentos são sãos e quais não são. Não sei onde estou nem o que estou fazendo aqui. Ouço o riso de Cress, sinto sua respiração como fumaça na parte de trás do meu pescoço, mas ela está sempre fora de alcance.

É minha mãe que finalmente me encontra, encolhida contra uma parede da caverna com mãos ensangüentadas, minha cabeça latejando de sede. Ela parece exatamente como fazia uma década atrás, até o corte violento na garganta. Não corro para ela como sempre imaginei que faria. Ela não parece me esperar.

Eu engulo. Minha garganta está áspera, como se eu estivesse gritando por horas. — É o After? – Pergunto a ela.

Minha mãe balança a cabeça. — Ainda não, meu amor. – diz ela, estendendo a mão para mim. — Venha, há muito o que fazer.

Eu deveria estar aliviada por não estar morta, mas não sinto muita coisa. Eu olho para a mão dela, mas não aceito. — Você poderia ter parado os Kalovaxianos. – digo a ela.

Ela não se encolhe com a acusação ou tenta negá-la.

— Eu morri a rainha da paz e a paz morreu comigo. – diz ela depois de um momento. — Mas você é a rainha do fogo e da fúria, Theodosia, e incendiará o mundo deles.

Pego a mão dela e ela me leva mais fundo na mina.